



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MOÇAMBIQUE**

Faculdade de Ciências Sociais e Políticas de Quelimane

**Programa de Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais**

**PERCURSO NACIONALISTA, PATRIÓTICO E REVOLUCIONÁRIO DO PADRE**

**MATEUS PINHO GWENJERE EM MOÇAMBIQUE (1965-1980)**

Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Católica de Moçambique para obtenção do grau de  
Doutor em Ciência Política e Relações Internacionais

Baptista Comessário Caetano

Quelimane, Fevereiro de 2025



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MOÇAMBIQUE**

**PERCURSO NACIONALISTA, PATRIÓTICO E REVOLUCIONÁRIO DO PADRE  
MATEUS PINHO GWENJERE EM MOÇAMBIQUE (1965-1980)**

Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Católica de Moçambique para obtenção do grau de  
Doutor em Ciência Política e Relações Internacionais

Baptista Comessário Caetano

**Orientador**

---

Prof. Doutor Pedrito Cambrão

Faculdade de Ciências Sociais e Políticas

Quelimane, Fevereiro de 2025

## ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE .....	i
EPÍGRAFE.....	ii
DEDICATÓRIA .....	iii
AGRADECIMENTOS.....	iv
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNOMOS .....	vi
RESUMO .....	ix
ABSTRACT.....	x
CAPÍTULO I. INTRODUÇÃO .....	1
1.1. Problema de pesquisa .....	3
1.2. Questão de pesquisa .....	7
1.3. Delimitação temática, espacial e temporal .....	8
1.4. Localização espacial.....	9
1.5. Justificativa.....	10
1.6. Objectivos da investigação.....	11
1.7. Estrutura e conteúdo da Tese.....	13
PARTE I.....	14
CAPÍTULO II. REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1. Teoria da Ideologia da Libertação.....	15
2.2. Teoria do Nacionalismo Revolucionário.....	16
2.2.1. Teologia da Libertação.....	16
2.2.2. Nacionalismo .....	16
2.2.3. Patriotismo .....	16
2.2.4. Revolucionário .....	17
2.3. Movimentos Nacionalistas e Revolucionários em Moçambique .....	18
2.3.1. Desenvolvimento Ideológico e Organizacional da FRELIMO .....	19
2.3.1.2 Era Pós-Independência .....	19
2.3.2. Papel de Outros Actores e Movimentos Políticos .....	20
2.5. Condições Sociais, Económicas e Políticas que Deram Origem à Luta Armada .....	20
2.5.1. Condições Sociais .....	21
2.5.2. Condições Económicas .....	21
2.5.3. Condições Políticas .....	21
2.6. Radicalização do Movimento Nacionalista .....	22

2.6.1.Consolidando o Poder .....	22
2.6.2.Implementando a Visão Socialista .....	22
2.6.3. Desafios e Impacto.....	23
2.7. Primeiros Movimentos Nacionalistas (1920-1975).....	23
2.8. Quatro politólogos que inspiraram a vida política do padre Mateus Pinho Gwenjere ..	23
2.8.1. Aristoteles (384-322. A.C.).....	24
2.8.2. Nicolau Maquiavel (1469-1527) .....	25
2.8.3. Locke (1632-1704).....	25
2.8.4. Montesquieu (1689-1755).....	26
2.9. Bibliografia principal usado para esta tese .....	27
CATULO III. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	30
3.1. O Nacionalismo Africano.....	30
3.2. As causas do nacionalismo africano.....	31
3.2.1. O abalo da Segunda Guerra Mundial e as suas conseqüências .....	31
3.2.2. Política anticolonial dos EUA.....	32
3.2.3. Política anticolonialista da URSS .....	32
3.2.4. Papel da ONU .....	33
3.3. Visão comum dos nacionalistas africanos .....	33
3.3.1. Ásia como complexo.....	35
3.3.2. Contradições internas do colonialismo .....	36
3.4. História do nacionalismo moçambicano .....	36
3.4.1. Nacionalismo em Moçambique.....	36
3.4.2. Causas do Nacionalismo em Moçambique (1950-1960) .....	39
3.5 Pan Africanismo .....	42
3.6. Conflito.....	44
3.7. Conflito na FRELIMO .....	46
CAPITULO IV. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO .....	50
4.1. Estados moçambicanos pré – imperialistas .....	51
4.2. Etnia e o poder em Moçambique.....	52
4.3. Unidades etnolinguísticas.....	52
4.4. A PIDE e o padre Mateus Pinho Gwenjere .....	54
4.5. Padre Mateus Pinho Gwenjere sondado pela PIDE .....	56
4.5.1. Padre Gwenjere opõe-se ao trabalho forçado na sua terra natal.....	58
4.5.2. A tortura de "Saphanda" Gwenjere .....	59
4.6. Outro incidente patriótico marcante no seu processo de evangelização .....	59

4.6.1. Padre Gwenjere no tribunal da Beira .....	61
4.6.2 Padres Gwenjere e Pollet glorificados pela liderança da FRELIMO .....	63
4.6.3. Fuga do Padre Mateus Pinho Gwenjere para Tanzânia .....	64
4.6.4 Recepção calorosa do Padre Mateus Gwenjere em Tanzânia .....	66
4.6.5 Padre Mateus Pinho Gwenjere no campo de treino militar .....	67
4.6.6 Padre Mateus Pinho Gwenjere no Instituto Moçambicano – Tanzânia .....	68
4.6.7. Janet Rae Johnson Mondlane bendiz a figura do padre Mateus Gwenjere .....	71
4.6.8. Padre Gwenjere na Sede da Organização das Nações Unidas (ONU) .....	72
4.7. Conflito no Instituto Mocambicano .....	78
4.7.1. Encerramento do Instituto Moçambicano em Tanzânia .....	79
4.7.2. Ruptura de relações entre Padre Mateus Pinho Gwenjere e Presidente Eduardo Mondlane	80
4.7.3. Padre Gwenjere é Isolado pela liderança da FRELIMO .....	82
4.7.4 Lendário discurso da unidade nacional .....	84
4.7.5. Pensamento político do padre Mateus Pinho Gwenjere .....	85
4.7.6. Aparecimento de outros movimentos nacionalistas .....	86
4.8. Aliança do padre Mateus Gwenjere com outros movimentos de libertação nacional ...	90
4.8.1. Surgimento da Comité Revolucionário Moçambicano (COREMO) .....	90
4.8.2. Outros Partidos .....	93
4.8.2.1. FUMO/PCDRN .....	94
4.8.2.2. Movimento dos Democratas de Moçambique (MDM) .....	94
4.9. Padre Mateus Pinho Gwenjere na clínica de Dr. João Joaquim Unhay .....	95
4.10. Convivência entre Mateus Pinho Gwenjere e Presidente Samora Moisés Machel .....	97
4.11. Rapto do Padre Mateus Pinho Gwenjere .....	99
4.12. Morte do Padre Mateus Pinho Gwenjere .....	100
Ate hoje ainda não se sabe exacta e oficialmente a data da sua morte, nem o local onde jazem os seus restos mortais. ....	101
PARTE II .....	102
CAPÍTULO V. METODOLOGIA .....	103
5.1. Métodos de procedimentos .....	105
5.2. Tipo de estudo .....	105
5.2.1. Identificação do Tipo de Estudo .....	105
5.3. População alvo .....	106
5.4. Identificação do Objeto de Estudo .....	107
5.5. Técnicas de Recolha de Dados .....	107

5.5.1. Análise documental.....	108
5.5.2. Entrevistas.....	109
5.5.3. Observação.....	112
5.6. Tratamento dos Dados Recolhidos.....	113
5.7. Caracterização do Local da Investigação.....	114
5.7.1. Questões éticas.....	114
<b>CAPÍTULO VI. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>116</b>
6.1. Caracterização e experiência dos Participantes.....	116
6.2. Principais Resultados.....	117
6.2.1. Entrevistas.....	117
a) O primeiro entrevistado (E1) - (72 anos, sexo masculino, Caia, 2018 Chefe tradicional e militar reformado).....	117
b) O segundo entrevistado (E2) – (62 anos 2018 Murraca, Saphanda). .....	121
c) O terceiro entrevistado (E3) – ( 73 anos em 2012, Nharugwe, campones).....	125
d) O quarto entrevistado (E4) – (65 anos, sexo masculino, 2012 Posto Administrativo de Murraca, Antigo combatente).....	126
e) O quinto entrevistado (E5) – (68 anos, 2018, Beira, reformado numa empresa de navegação) 133	
f) O sexto entrevistado (E6) – (70 anos de sexo masculino anos entrevistado em 2018, natural de Caia). .....	136
g) Entrevistados (E7 e 8) – (78 e 82 anos, anos do sexo masculino, naturais da Beira). 139	
h) Depoimento de ex-estudantes de Murraça sobre leituras frequentes do padre. ....	140
6.2.2. Nacionalismo de Gwenjere.....	143
6.2.3. Impacto no Desenvolvimento Político e Social.....	148
6.3. Análise dos Resultados.....	153
6.3.1. Organização dos Dados.....	154
6.3.2. Conscientização e Educação.....	154
6.3.3. Mobilização Comunitária.....	156
6.3.4. Envolvimento com a FRELIMO e Divergências.....	157
6.3.5. Divergências Internas.....	158
6.4. Limitações do Estudo.....	159
6.5. Perspectivas Futuras.....	161
6.6. Visão interventiva do Padre Mateus Pinho Gwenjere em comparação com outros nacionalistas africanos.....	162

6.7. Reflexão Crítica sobre os Dados e Resultados.....	164
6.8. Triangulação dos Resultados.....	166
6.8.1. Alcance dos Objetivos Específicos .....	166
CONCLUSÃO .....	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	184
APÊNDICES.....	191
ANEXOS.....	195

## **DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu Baptista Comissário Caetano portador de Bilhete de Identidade N° 070102687403M, estudante de Programa de Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais, declaro que o conteúdo da presente Tese de Doutoramento é reflexo do meu trabalho pessoal e diante de qualquer notificação de plágio, cópia ou prejuízo a fonte original, sou responsável directo legal, financeira e administrativamente, sem afectar o Orientador do trabalho, a Universidade e as demais instituições que colaboraram neste trabalho, assumindo as consequências derivadas de tais práticas. Tenho consciência que a utilização de elementos alheios sem a sua devida citação constitui grave falta de ética, moral, legal e disciplinar.

Quelimane, Fevereiro de 2025

---

Baptista Comissário Caetano

## **EPIGRAFE**

“Estou pronto para defender a causa do povo negro até ao último suspiro”  
(Pe. Gwenjere nos Arquivos da PIDE- Janeiro 1967) -citado por Laweki

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, José Chico Caetano e Florência Comessário Vijarona (em memória).

À minha esposa Lúcia Francisco João Caetano.

Aos meus filhos Zita, José, Chico, Víctor, Amélia, Teresa Arminda (Madrinha), Joel Jussa e Nsai.

À minha galvanizadora Dra Isabel Damião Domingos Ntefula Torcida.

Ao Dr. Simone de Jesuina Gimo, meu inspirador.

## AGRADECIMENTOS

Tendo em consideração de que uma tese de doutoramento não resulta do trabalho de uma única pessoa, mas sim de muitas, que directa ou indirectamente contribuem para a sua perfeição. E para a concretização desta tese, muitas pessoas destacaram-se pela contribuição, estando presentes desde a projecção, concepção teórica, a pesquisa do campo e a redacção final até a fase da sua apresentação. A cada uma delas pelo incondicional apoio no momento em que eu mais precisava. Deste modo agradeço:

À Deus da Bíblia Sagrada dos Hebreus, Jehovah, pelo dom da vida;

A família Gwenjere, que pela partilha do seu saber e de recordação sobre a trajectória de vida do padre Mateus Pinho Gwenjere;

Aos senhores Manuel António Quembo Gwenjere, Carlos Joaquim Marra, David Charles Nhacanhana, Benjamim Majambe, Tomo, Inácio Antonio, João Njirazava, e outros que em outubro de 2021, com amor e carinho aceitaram deixar aquilo que mais gostam, para ceder o tempo de entrevista, e recordar os acontecimentos ocorridos na sua maioria há mais de cinco décadas. E, na sequência estendo o mesmo agradecimento aos senhores Benjamim Antonio Quembo Ventura Gwenjere, Vasco Campira Momboya, Dina, Nhakwawa Nharugwe, Nkuladzina e o padre Fernando Pérez Prieto, que entrevistei em 2012, aquando da realização da minha dissertação, intitulada “A Violência Política em Moçambique de 1966 a 1988: Caso do Padre Mateus Pinho Gwenjere”.

Seria imperdoável se não sublinhasse e não reconhecesse o enorme brilho com que o Prof. Doutor Pedrito Cambrão exerceu a sua tarefa de orientador, sem limitar a minha autonomia enquanto autor, beneficiei imenso dos seus reparos e sugestões bibliográficas decisivas. Por isso, a minha sincera gratidão por esta orientação, pela cumplicidade intelectual e pelo investimento do seu valioso tempo nesta empreitada.

Incluo nesta lista os meus docentes que com linguagem didática, académica e sábia, conseguiram transmitir o saber que hoje me caracteriza. Um agradecimento eterno vai ao Prof. Doutor Padre Moto (em memória) que depois de transmitir o seu saber, prematuramente nos deixou. Ao Mestre Samuel Simango, meu professor de História da 6ª classe em 1983, que me aconselhou continuar com o tema sobre a trajectória nacionalista e patriótica do Padre Mateus Pinho Gwenjere.

No domínio institucional, cumpre-me expressar o meu reconhecimento à Universidade Católica de Moçambique, porque foi lá onde comecei a frequentar o Ensino Superior, do Bacharelato à Licenciatura.(Concluí a Pós-Graduação e Mestrado, um curso conjunto ministrado pela Universidade Católica de Moçambique em parceria com a Universidade Católica de Portugal. Depois, voltei a frequentar o Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais, do qual esta tese é o seu fruto. Portanto, o mesmo agradecimento vai especialmente para os directores das Faculdades de Educação e Comunicação e das Ciências Sociais e Políticas da UCM).

Seria imperdoável se não sublinhasse e não reconhecesse, nesta lista, o Padre Chamanjira, que me recebeu na Missão de Murraça, mostrou-me a primeira Igreja onde que o padre Mateus Pinho Gwenjere participava e celebrava suas missas e em seguida conduziu-me à sede do posto administrativo de Murraça para minha apresentação posterior dar continuidade da minha investigação.

Uma palavra especial ao Dr. Simone De Jesuina Gimo, actualmente docente da Universidade Adventista de Moçambique, que sempre me deu força para continuar a estudar até este nível de Doutoramento.

Ao meu assessor e digitador F. Baltazar pela colaboração e empenho neste trabalho.

Cabe aqui lembrar os meus netos Adriano ou simplesmente Di, Lúcia, José, Jaqueline, Cleiton e Baptista.Uma palavra especial aos meus irmãos Mana Mariazita, mana Rita e Jhony. Estende os meus agradecimentos aos meus padrinhos Noé Maparandava e Arminda Simango.

Uma palavra especial aos meus afilhados e suas esposas, nomeadamente Dr. Simone Gimo, Dr. Sérgio Mangarela, Dr. Chacanza, Dr. Gabriel, Sábado Tambor e José.

Gostava de agradecer a todos aqueles que colaboraram comigo em Caia, Murraça Marromeu e Beira respondendo a questões, dúvidas e inquietações, sem recompensa material.

Cabe aqui lembrar o dia em que cheguei a Quelimane pela 1ª vez, os que me receberam e acolheram, para as aulas presenciais que eram leccionadas na Faculdade de Ciências Sociais e Políticas da UCM, vai o meu muito obrigado!

Sem a comparticipação destas personalidades mencionadas esta tese dificilmente se concretizaria. Por isso desejo que O Deus dos Hebreus os proteja de todo mal, e, acima de tudo, os abençoe.

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNOMOS**

ACOA – Comissão Americana Para África

ANC – African National Congress. Partido dirigente da luta de libertação da África do Sul.

ANP – Arquivo Nacional de Portugal

AT – Arquivo de Tombo

BCM –Portal de biografia dos Bispos Católicos de Moçambique

CA – Conselho de Acção

CAO – Comunidade da África Oriental

CE – Comité Executivo

CCM-Chama Cha Mapinduzi, antecede a TANU

CMLA – Conferência dos Movimentos de Libertação de África

CONCP- Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas

CPNN Congresso do Povo do Norte da Nigéria

COREMO – Comité Revolucionário Moçambicano, nome que sucedeu ao Moreco

DGS – Direcção Geral de Segurança, nome atribuído a PIDE, Polícia Política quando Marcelo Caetano substituiu os nomes de vários organismos odiosos

EAPA - East African Portuguese, ou seja, em português, Associação Portuguesa da África Oriental

EREPOMO – Exército Revolucionário do Povo de Moçambique, braço armado do COREMO

EUA –Estados Unidos da América

FICO – Frente Nacional de Convergência Ocidental liderado por Máximo Dias

FPLM – Forças Populares de Libertação de Moçambique, mais tarde denominada FADM-Forças Armada de Moçambique

FRECOMO – Frente Comum de Moçambique, liderada pela Dra. Joana Simeão

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

FUMO – Frente Unida de Moçambique

FUNIPAMO – Frente Unida Anti-Imperialista Africano de Moçambique, nome inicial da Moreco, que antecede a COREMO, movimento político fundado por Adelino Gwambe e Paulo Gumane

KGB – Comité de Segurança Estatal, organismo encarregue de serviços de inteligência contra-inteligência do Estado Soviético.

KIEC- Centro Educacional Internacional de Kurasini

MAC – Movimento Anti-Colonial

MAA – Maconde African Association

MANC – Mozambique African National Congress

MANU – Inicialmente Maconde African National Union, depois Mozambique African National Union

MDM – Movimento dos Democratas de Moçambique

MEAA – Mozambique East Association, ou seja, em português, Associação Moçambicana da África Orienta

MEC – Ministério de Educação e Cultura

MNR – Mozambique National Resistance mais tarde RENAMO

MORECO – Mozambique Revolutionary Committee, nome originário da COREMO

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

NAACP – Associação Nacional Para Progresso da População de Côm, originalmente, em inglês National Association for the Advancement for Colored People

NATO – Organização do Tratado do Atlântico Norte

NDP – National Democratic Party, ou seja, em português, Partido Democrático Nacional de Joshua Nkomo de Zimbabwe

ONU – Organização das Nações Unidas, hoje Nações Unidas

OUA – Organização da Unidade Africana, hoje União Africana

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PAPUMO – Partido Popular de Moçambique

PCN – Partido de Coligação Nacional, resultado da fusão do Partido FUMO e GUMO

PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado, Polícia Política do Facismo Português que sucedeu a PVDE e que se tornou DGS

RENAMO – Resistência Nacional Moçambicana.

Séc. – Século

STASI-Ministério Para a Segurança do Estado da República Democrática Alemã – RDA – República Democrática Alemã

TANU – Tanganhica National Union, depois CCM, em inglês Tanganyika African National Union (UNAT)

TMR – Tribunal Militar Revolucionário

TVM – Televisão de Moçambique

UCM – Universidade Católica de Moçambique

UCM – CED – Universidade Católica de Moçambique – Centro de Ensino à Distância

UDENAMO – União Democrática de Moçambique

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNAR – União Nacional Africana da Rombêzia (que pretendia a independência da região que vai desde do rio Rovuma até ao rio Zambeze, peretecente a região norte e centro de Moçambique, ou seja, as províncias de Cabo Delgado, Niassa, Nampula, Tete e Zambézia)

UNEMO – União Nacional dos Estudantes Moçambicanos

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNIPOMO – União por um País do Povo Moçambicano

## RESUMO

A presente tese de doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais, intitulada: *Percorso nacionalista, patriótico e revolucionário do padre Mateus Pinho Gwenjere em Moçambique - (1965-1980)*, tem como objectivo analisar o espírito e a vivência nacionalista, revolucionária e patriota do Reverendo Padre Mateus Pinho Gwenjere, contrariando a narrativa comum e/ou a ideológica que o considera como reaccionário, anti-patriota e anti-nacionalista. Procura-se, por um lado, mostrar a sua valência heroica e a sua contribuição para a libertação e/ou independência de Moçambique; por outro, as razões que fizeram com que fosse mal compreendido e, por conta disso, fosse “silenciado”, a ponto de oficialmente ter sido declarado como reaccionário e inimigo do regime que governa(va) Moçambique, a FRELIMO/Frelimo. Este trabalho tem uma abordagem qualitativa e baseou-se em entrevistas a várias individualidades que testemunharam vida do padre desde da sua infância até as circunstâncias da sua morte. Para além de entrevistas, também se baseou na revisão bibliográfica ou de literatura da história sócio-política e eclesiástica de Moçambique. A conclusão a que se chegou é de que é undubítavel que o sacerdote Mateus Pinho Gwenjere seja nacionalista, patriótico e revolucionário, e que a sua incompreensão, perseguição, isolamento e morte, deve-se ao facto de ele ter sido uma pessoa inteligente, frontal, justa e inclusiva, o que contrariava alguma mentalidade regionalista e tribal que reinava no seio da FRELIMO. Portanto, há que reescrever a história deste país e, mormente, trazer a verdade (ciência) para os anais históricos deste país, sobre a pessoa do clérigo Mateus Pinho Gwenjere como nacionalista, patriótico e revolucionário.

**Palavras-chave:** Padre Gwenjere, nacionalista, revolucionário, patriota, FRELIMO.

## **ABSTRACT**

The present doctoral thesis in Political Science and International Relations, entitled *The nationalist and revolutionary path of Father Mateus Pinho Gwenjere in Mozambique - (1965-1980)*, aims to describe the nationalist, patriotic and revolutionary spirit and experience of Reverend Mateus Pinho Gwenjere, contradicting the common and ideological narrative that has him as a reactionary, anti-patriot and anti-nationalist. It seeks, on the one hand, to show his heroic courage and his contribution to the liberation and/or independence of Mozambique; on the other hand, the reasons that caused it to be misunderstood and, as a result, to be “silenced”, to the point that it was officially declared a reactionary and enemy of the regime that governed (va) Mozambique, FRELIMO/Frelimo. This work has a qualitative approach and was based on interviews with several individuals who witnessed the Father's life from his childhood to the circumstances of his death. In addition to interviews, it was also based on the bibliographic or literature review, which brought important results to Mozambique's socio-political and ecclesial history. The conclusion reached is that it is undoubted that Father Mateus Pinho Gwenjere is a nationalist, patriot and revolutionary and that his misunderstanding, persecution, isolation and death, are because he was an intelligent, frontal, fair and inclusive person, which contradicted some regionalist and tribal mentality that reigned within FRELIMO. Therefore, it is necessary to rewrite the history of this country and, above all, to bring the truth (science) about the person of the clergy Mateus Pinho Gwenjere as a nationalist, and revolutionary.

**Keywords:** Father Gwenjere, nationalist, revolutionary, patriot, FRELIMO

## CAPÍTULO I. INTRODUÇÃO

*“É preciso reconhecer o sentido da história para nela nos sabermos inserir, pois quando aderimos demasiadamente à história que é, deixamos de ser capazes de fazer a história que deve ser. (...) é o processo de todos os conformismos ”*

(Mounier, s/d, citado por Ncomo, 2003)

A Política pode ser entendida como uma actividade humana de tipo competitivo que tem por objectivo a conquista, a manutenção e o exercício do poder no âmbito da sociedade. Assim, enquanto a política é uma actividade de competição, a Ciência Política é uma actividade de reflexão (Carvalho, 2008, p.15).

Conforme o dicionário de História publicado pelo Texto Editor (2005), define Ciência Política – como sendo uma disciplina que tem por objecto de estudo a política e a vida política. Por outro lado o Pequeno dicionário política de Edições “Progresso”, publicado em 1985, define Ciência Política como sendo termo que se impôs para designar a ciência social que estuda o conjunto das relações políticas. E por outro lado, Carvalho (2008), citando Freitas do Amaral, define a Ciência Política como estudo científico da política ou como disciplina que estuda os problemas do poder na actualidade, através da observação dos factos e da sua explicação racional mediante conceitos.

O presente trabalho mostra a dimensão política do padre Mateus Pinho Gwenjere, no âmbito do nacionalismo e patriotismo moçambicano, no período de 1965 – 1980 referente ao tempo da luta armada e depois da independência que culminou com a sua morte e a de outros nacionalistas.

O Padre Mateus Pinho Gwenjere depois de concluir a sua formação sacerdotal foi colocado na sua terra natal, Missão de Murraça, actual distrito de Caia, na província de Sofala, onde encontrou uma situação de exploração pior comparativamente ao período anterior da sua saída para a sua formação clerical. O Sacerdote já tinha informações sobre as independências de outros Estados Africanos e respectivos benefícios como a Etiópia, Libéria, Líbia e Tunísia alcançadas nos anos 1896, 1847, 1951 e 1956, respectivamente. Gana, Guiné e Sudão, também tiveram as suas independências nos anos 1957, 1958 e 1956. Já em 1960, vários países alcançaram as suas independências, tal foram os casos de Benin, Burquina Faso (antigo

Alto Volta), Camarões, Chade, R.D. Congo, Costa de Marfim, Gabão, Gâmbia, Madagáscar, Mali, Mauritânia, Níger, Senegal, Somália e Togo. Nos anos seguintes, foi a vez de outros países terem as suas independências, como aconteceu com a Argélia, Burundi, Quênia, Ruanda, Serra Leoa e Uganda entre os anos 1961 e 1963. E por outro lado, acompanhava os casos de independência em outros países africanos, incluindo os que limitavam Moçambique, tais como Tanzânia, Zâmbia e Malawi. Estes últimos tiveram suas independências 1961 e 1964 respectivamente.

O Padre Gwenjere, mostrou que se opunha a opressão do seu povo, negando os princípios coloniais de exploração dos indígenas e começou a identificar-se com o nacionalismo<sup>1</sup> apoiando o movimento de luta armada por meio de mobilização e, por conta disso, enviou muitos jovens à Tanzânia para se juntarem a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

A preferência do período em estudo inclui a fase anterior da independência – à do colonialismo – e o período pós-colonial – a do regime monopartidário liderado pela Frelimo. Este período (1965-1980) começa com o recrutamento de muitos jovens dos actuais distritos de Caia, Mutarara, Mopeia, Marromeu, Beira e outras regiões das províncias de Sofala, Tete, Zambézia e Manica, onde ele exercia sua influência até o ano da sua provável execução ou assassinato por motivos políticos, em lugar e data até hoje desconhecidos<sup>2</sup>.

O movimento nacionalista e patriótico moçambicano teve apoio de muitos cidadãos que se decidiram unir para a mesma causa, a independência nacional. Mas, nem todos membros estiveram ligados com mesmos ideais. As diferenças de opiniões dentro do movimento de luta de libertação, originaram discussões, expulsões e até mortes.

O Padre não tinha o conhecimento da situação real que se vivia no terreno, na Tanzânia, em relação aos jovens que ele enviava para se juntarem a causa nobre de libertar o Homem e a terra. Quando chega a Tanzânia encontra uma realidade diferente da que ele imaginava e apregoava. Muitos jovens que enviara viviam numa situação humilhante. Na mesma condição, encontravam-se muitos outros que mostravam opinião contrária da direção da FRELIMO.

---

<sup>1</sup>Nacionalismo é uma ideologia que acentua a superioridade de um país e dos seus habitantes em relação a outro ou outros países. Mas, também pode ser definido como sendo a preferência pelo que é próprio da nação a que pertence. É movimento político que reclama o direito de um povo de construir uma nação. (Dicionário de História).

<sup>2</sup>Embora a liderança da Frelimo confirme a morte do Padre Mateus Pinho Gwenjere, ainda não informaram a data e o local da sua morte.

Esperava-se que, com a sua presença em Tanzânia, a situação dos estudantes melhorasse. Como um homem instruído no amor ao próximo com ideias patrióticas devia acomodar-se com esta situação? Foi na base disto, e de outras causas, que levaram o Padre Mateus Pinho Gwenjere a lutar, já dentro da própria FRELIMO, para restabelecer a igualdade e equidade de direitos humanos consagrados universalmente.

Este trabalho justifica-se por dar um contributo aos moçambicanos no sentido de poderem compreender melhor a difícil e humilhante trajetória de um sacerdote moçambicano para a libertação do seu povo do jugo colonial. Durante a luta de libertação muitos políticos, militares e simpatizantes foram mortos e/ou assassinados, outros nunca mais foram vistos no convívio familiar. Simplesmente desapareceram sem explicação. Outros, ainda, foram queimados vivos em alguns campos ou centros de reeducação<sup>3</sup>, e o centro considerado “*piloto*” foi o de Ntelela, na província de Niassa, onde conforme Nkomo (2003) no seu livro “Urias Simango Um Homem Uma causa” descreve a vida difícil e penosa do centro<sup>4</sup>.

### **1.1. Problema de pesquisa**

Numa pesquisa, a problematização visa descrever o contexto do estudo e identificar os elementos da análise geral,(Wiersma1995, p.96). Sem um problema não há pesquisa, mas para formular um problema de pesquisa, urge fazer algumas considerações pertinentes no sentido de evitar equívocos.

---

<sup>3</sup>Sobre os campos ou centros de reeducação, a revista Mulemba, publicada pela UFRJ, em Janeiro de 2018, explica que os campos de reeducação foram instrumentos utilizados no período pós-independência em Moçambique com intuito de retirar e doutrinar aqueles que eram considerados um atraso para a construção da nação e não estivesse aptos para contribuir com o modelo socialista marxista-leninista, padrão de governação seguido por Samora Machel, após a libertação em 1975. A postura do governo marxista moçambicano tinha a intenção de eliminar velhos hábitos associados ao colonialismo português e ao sistema capitalista e, dessa forma, criar uma consciência socialista. Os primeiros anos da independência de Moçambique foram conturbados. Em 1974, Armando Guebuza, na época ministro da administração interna do governo de transição, anunciou a criação de campos de reeducação, seguindo o modelo de outros regimes totalitários socialista como o da antiga União Soviética e China, por exemplo. Além de prostitutas, milhares de outras pessoas, como dissidentes políticos, suspeitos de ligação com o poder colonial português, alcoólicos, autoridades tradicionais ( como régulos e curandeiros) e Testemunhas de Jeová ( grupo cristão que se recusa ao serviço militar obrigatório) foram apanhados nas ruas de Moçambique, em particular, em Maputo, Beira e Inhambane, Segundo relatos na Imprensa Internacional. ( Thomáz,2008). O principal objectivo dos campos de reeducação era poder “ formar o homem novo”, ou seja, se baseavam nos paradigmas utilizados nos regimes totalitário da União Soviética e China, fazendo com que esses indivíduos, até então considerados inapropriados para habitar a nova nação, podessem,com o tempo, atingir a sua dignidade e com isso serem inseridos na sociedade. Segundo a notícia registada no jornal da Tanzânia, Daily News, em Novembro de 1975 foi anunciada a detenção de três mil pessoas por causa de brigas e confrontos ocorridos nas cinco principais províncias de Moçambique. Em 1982 foi anunciada a suspensão de mais de 500 funcionários públicos e a necessidade de enviá-los à reeducação. No entanto, muitos desses “reeducandos” nunca mais retornariam aos seus locais de origem.

<sup>4</sup> Ncomo (2003, p. 25).

Quando se fala de nacionalismo revolucionário, lembramo-nos dos diferentes movimentos nacionais guiados por grupo de pessoas ou indivíduos que se destacaram na mobilização de milhares de compatriotas e de apoios externos, para o combate ou reivindicação das formas de exploração que ocorriam nos seus países. Essas formas de negação que levaram o surgimento de partidos libertadores nem sempre foram consensuais em muitos países devido a divergências de ideais entre elementos percussores dos movimentos nacionais ou revolucionários.

Em nome do nacionalismo surgiam a nível mundial alianças visando preservar a integridade territorial, dentre elas se pode destacar a *Aliança Dual* criada em 1894 que se transformou em *Entente Cordiale* em 1904 constituída por Inglaterra e França, e em 1907 consolida-se a *Triplíce Entente* ou Aliados da qual fizeram parte a Inglaterra, a França e a Rússia e, mais tarde em 1917 os EUA (Fenhane, 1996).

Os ideais nacionalistas para África nasceram em defesa dos territórios invadidos por exploradores coloniais como se pode destacar, a primeira “conferência dos povos de cor” pensada por Henry Silvester Willaiams em 1890, que veio a acontecer em 1900 na Inglaterra, com o objectivo de reivindicar o açambarcamento por parte dos países europeus das terras consuetudinárias das populações africanas (Appiah, 1997).

O pan-africanismo e o nacionalismo africano receberam uma expressão verdadeiramente concreta no V Congresso Pan-africano, que se reuniu em Manchester, em 1945. Pela primeira vez, insistia-se na necessidade da existência de movimentos bem organizados e firmemente unidos, como condição do sucesso da luta pela libertação nacional em África (Nkrumah, 1963).

Dessa reunião saíram as directrizes que nortearam as independências do continente africano. Nessa altura os revolucionários do mundo negro destacaram-se pelo movimento de descolonização e da unificação dos países de África. Portanto, a conquista das independências e a organização das nações era o objectivo almejado por todos países colonizados em África. Essa força nacionalista fez surgir em Moçambique, movimentos como Inicialmente Maconde African National Union, depois Mozambique African National Union(MANU), União Democrática de Moçambique(UDENAMO) e União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI) que posteriormente se unificaram em um único movimento de libertação nacional denominado, Frente de Libertação de Moçambique(FRELIMO).O pan-

africanismo, o nacionalismo africano, o nacionalismo moçambicano e o patriotismo desde o seu surgimento exerceram uma forte influência sobre a luta de libertação de diferentes povos na América do Norte, do Sul, em África e em Moçambique em particular.

As colónias portuguesas ficaram independentes mais tarde, devido o carácter do regime político em Portugal. Qual foi a influência do Padre Mateus Pinho Gwenjere para o nacionalismo moçambicano? Como a Frelimo, era um movimento de libertação, utilizou a influência do padre Mateus Pinho Gwenjere para mobilizar as populações de quase todo o Vale do Zambeze (Tete, Zambézia, Sofala e Manica) para se juntar a causa justa da luta de libertação nacional? Como Padre Mateus Pinho Gwenjere, um sacerdote jovem, deixou toda a consideração e respeito que nutria em Murraça, sua terra natal, para se juntar aos seus (FRELIMO) e, para depois, ser considerado “Persona non grata” ou reaccionário? Por isso, para responder estas questões, e outras, surge o tema “Percurso nacionalista, patriótico e revolucionário do padre Mateus Pinho Gwenjere em Moçambique (1965-1980)”.

O nascimento de três movimentos para a mesma causa (a independência de Moçambique), denunciava os problemas internos de coesão e falta de confiança mútua entre os líderes de tais movimentos nacionalistas. Nessa linha de pensamento e pela existência de discórdias que implicariam na fragilidade dos grupos, surgiram vozes na diáspora e também internas que procuraram aproximar as lideranças sob mesmo objectivo, unir forças e fortificar as posições de indivisibilidade do país. Alguns padres se envolveram clandestinamente para apoiar os movimentos desde a sua formação e ao recrutamento de jovens para engrossar as fileiras, no qual o Padre Mateus Pinho Gwenjere fazia parte intrínseca do núcleo político ideológico desse movimento.

Dentre os apoiantes da luta armada liderada pela FRELIMO, interessa-nos estudar o percurso nacionalista, patriótico e revolucionário do padre Mateus Pinho Gwenjere por ter sido um dos primeiros padres negros (de Moçambique) que se interessou pelo movimento de libertação e tendo iniciado na clandestinidade e posteriormente unindo-se aos combatentes na Tanzânia. Admitindo que era difícil um padre manifestar os seus ideais políticos de forma aberta na sua tarefa sacerdotal, parte-se da hipótese de que a sua influência tenha contribuído para a mobilização de jovens de modo a aderirem a luta armada liderada pela FRELIMO.

Por existirem registos dispersos sobre acções que pressupõem actividades políticas, inicialmente clandestinas do padre Mateus Pinho Gwenjere, procuramos por meio de pesquisa encontrar tais registos e buscar factos que indiquem o posicionamento político-ideológico ou nacionalista do referido padre. Pois, de uma forma geral, sabe-se que mantinha contactos com líderes ou chefes que estavam em países, onde decorriam os treinamentos das forças de libertação nacional, mas pouco se sabe, como esses contactos eram mantidos, que linha ideológica o identificavam e como, essas ideias iam de encontro com as bases políticas dos movimentos que se tinham estabelecidos e recebendo apoio de países que apoiavam a independência nacional. Posteriormente, ao se juntar ao movimento de libertação da FRELIMO, buscamos informações que declarem a sua actividade dentro da organização político-militar e, a sua influência na luta de libertação nacional.

A escolha a essa figura deveu-se, o despertar da consciência que efectuou para quase todo o vale do Zambeze, a coragem desmedida em enfrentar a administração colonial em Caia, homilias proferidas na missão de Murraça, julgamentos nos tribunais da Beira e Caia, a libertação de presos (na sua maioria mulheres) devido o fabrico de bebidas tradicionais e por falta de pagamentos de impostos de palhotas, a mobilização massiva dos jovens para se juntar a FRELIMO, fez, publicou e distribuiu panfletos no auge do seu nacionalismo e patriotismo antes da sua fuga para se juntar a FRELIMO em 1967 que dizia : "Estou pronto para defender a causa do povo negro até o meu suspiro " a confiança que obteve pela direcção da FRELIMO principalmente do seu líder Eduardo Chivambo Mondlane, a sabedoria que mostrava nos tribunais na altura dos seus julgamentos, numa primeira fase foi bem recebido pela liderança da FRELIMO, apresentou excelentemente na ONU, os objectivos da luta armada de libertação nacional de Mocambique, mostrou ao mundo a face verdadeira do colonialismo português. Até agora, pelos escritos e mesmo pelas fontes primárias foi e até é único padre católico em Mocambique que muito deu para a independência de Moçambique.

Contudo, existe outros padres que não se calaram ao verem as injustiças do governo colonial português, como foi o caso do padre belga Charles Mauricio Pollet, que chegou a dizer o seguinte " Meus Lumumbas" referindo aos jovens de Murraça, recordando Patrice Lumumba que foi o primeiro Primeiro ministro do Zaire actual RDC- Republica Democratica de Congo. Laweki (2019), descreve lhe como sendo um padre mostrava abertamente contrário a dominação portuguesa e favorecendo a independência de Moçambique, juntamente com padre Gwenjere, enviou muitos jovens para Tanzania. Devido esta interação com os nativos da missão de Murraça, em 1966, foi transferido para de Gorongosa, e em 1967 Padre Pollet deixou Moçambique com destino à Ruanda e, em 1968, foi transferido para Tanzania.

Conforme o Jornal Savana de 10 de Dezembro de 1999, Padre Estevão Mirasse, do seu púlpito em Cuamba, na província nortenha de Niassa, denunciou o crime cometido no centro de "reeducação" de Mtelela, foi remetido ao mesmo centro de reeducação e nunca mais se ouviu falar dele.

O Bispo Dom Sebastião Soares de Resende, da diocese da Beira, que era um nacionalista e patriota "moçambicano", embora tenha naturalidade portuguesa.

Dom Sebastião Soares de Resende, era o bispo que mais criticava o regime e causava mais problema na Diocese.

A diocese dirigida pelo bispo Dom Sebastião de Resende, padre Gwenjere, considerou-a de igreja católica profética, pois ele (Dom Sebastião), defendia os direitos humanos dos nativos, pois, no seu testamento, já na fase terminal da sua enfermidade, disse: "primeiro pede o perdão a todos colaboradores e habitantes da diocese, cristãos e não cristãos. E sobre o seu funeral, escreveu: "Gostaria que em algum trajecto, os cristãos africanos pegassem ao meu caixão. Desejaria também que fosse mais calcada pelos visitantes, em simples campa rasa e com uma pequena pedra por cima, em que se escreva somente, Sebastião, primeiro bispo da Beira. Ai ficarei e ai esperarei ressurreição da carne, para o juízo final. "

Na diocese da Beira, dirigida por Dom Sebastião, havia também muitos outros padres que opunham o regime, como por exemplo, padres Teles Sampaio, Fernando Mendes, Alberto Asunção Tavares, José Soares Martins, Manuel Barbosa, Martinho Gonçalves Cardoso, e alguns deles foram detidos e até transferidos e ou expulsos de Moçambique.

Nos concentramos para esta tese, a pessoa de padre Mateus Pinho Gwenjere, por ser Moçambicano, lutou de forma clandestina e abertamente, corajoso, várias vezes foi julgado e condenado, treinou militarmente, juntou-se à FRELIMO, sofreu na carne e no espírito para o bem dos "seus", aceitou até ser agredido, zombado, desprezado, passar fome, sol, chuva, ser despedido de casa, ser refugiado noutro país (Quênia), ser condenado injustamente até ser martirizado.

A tese traz de novo sobre o padre Mateus Pinho Gwenjere, apresentamo-lo como nacionalista, patriótico e revolucionário, contrariando a versão oficial que o considera como reacionário, antipatriótico e antirrevolucionário. A tese também propõe que seja considerado de herói, e em sua memória pelos feitos para o alcance da independência e libertação Moçambique, se refaça a História e conste o seu nome pela positiva, informando as novas gerações da sua existência.

## **1.2. Questão de pesquisa**

Diante do contexto e problema delineados, a pesquisa será guiada pela seguinte pergunta de partida:

*Como o engajamento político e ideológico de Padre Mateus Pinho Gwenjere influenciou o desenvolvimento do nacionalismo moçambicano e, quais foram as implicações de suas ações para as relações políticas regionais e internacionais durante e após a luta pela independência?*

Essa pergunta central desdobra-se em questões complementares que orientam a investigação:

- a. *Quais foram as principais estratégias e ideologias adotadas por Gwenjere para mobilizar apoio à causa nacionalista em Moçambique?*
- b. *De que maneira a actuação de Gwenjere moldou as políticas da FRELIMO e influenciou as alianças e relações de Moçambique com outros movimentos de libertação na África Austral?*
- c. *Qual foi o impacto das ações e ideologias de Gwenjere na percepção internacional de Moçambique, especialmente no contexto da Guerra Fria e da política de descolonização africana?*
- d. *Por que Gwenjere não recebeu o mesmo nível de reconhecimento que outras figuras da luta pela independência, e como essa marginalização reflete as dinâmicas de poder pós-independência em Moçambique?*

### **1.3. Delimitação temática, espacial e temporal**

O tema sobre “ Percurso nacionalista, patriótico e revolucionário do Padre Mateus Pinho Gwenjere em Moçambique (1965-1980), reporta a forma do envolvimento do sacerdote (Gwenjere), na luta pela independência desde da sua ordenação como Padre diocesano na igreja de Macuti na Beira, em 1964. (Na sua luta ele defendia o direito do povo negro, incluindo a sua cultura e sua língua como meio identitário para a sua autodeterminação e independência). Para o efeito, usa a teoria de Mahatma Gandhi, de não violência e mobilizando as pessoas para a desobediência civil, à não aderência nas grandes plantações de rendimento tais como de sisal, algodão, girassol. Mobilizava também para não aceitarem abandonar as suas terras férteis à favor dos colonos portugueses. Criticava abertamente ao governo português por ocupar os nativos a trabalhar mais tempo nas culturas de rendimento, envés nas suas próprias machambas para o sustento familiar.

Porque a primeira forma de luta do padre Gwenjere, não surtiu efeitos desejados, inicia o processo de mobilização e recrutamento de jovens, para se juntar à FRELIMO, começando com os alunos da Missão de Murraça, e seguidamente estendeu a sua de actuação para quase todo o vale do rio Zambeze, nomeadamente Caia, Mutarara, Marromeu, Beira, e outras regiões, com o seu slogans“ Fungulani Masso,” que em português é o mesmo dizer abram os olhos. Devido esta actividade de oposição da política portuguesa, várias vezes foi julgado e condenado. Após vários anos de actividade política o Padre Gwenjere juntou se a FRELIMO na Tanzânia em 1967. Oposto com a verdade no seio do movimento, conduziu a campanha para a realização do segundo Congresso da FRELIMO bem como para a materialização de remodelações que ele e outros líderes revolucionários consideravam adequadas.

Por causadas exigências das reformas necessárias e a realização do Congresso, entrou em conflito com a direcção do movimento libertador. Pouco tempo depois da independência de Moçambique celebrada em 25 de Junho de 1975, foi sequestrado em Nairobi, no Quénia, onde vivia exilado, assassinato e oficialmente ainda não foi esclarecido o local, a data e as circunstâncias da sua morte.

#### **1.4. Localização espacial**

No que refere ao espaço, a tese centra-se na Missão de Murraça, pois foi a partir daí que a verdadeira face nacionalista do padre se evidenciou. Murraça é uma localidade pertencente ao actual distrito de Caia, que pertence a província de Sofala e é limitado a norte e leste pelo rio Zambeze, a sul pelo rio Zangue limitando os distritos de Marromeu e Cheringoma, a oeste os distritos de Chema e o de Maringué, a sua superfície é de 3.477 Km<sup>2</sup>.Murraça dista à 20 Km<sup>2</sup> da sede distrital de Caia.

O relevo é plano, elevando se gradualmente para o interior. O clima apresenta duas estações do ano. Quente e chuvosa de Novembro à Abril e fresca relativamente seca de Maio à Outubro, com temperatura máxima média anual de 32,7° e mínima de 19,76° centígrados.

Em relação a flora é diversificada, nas áreas do interior existem muitas florestas havendo nelas grandes variedades de espécies de árvores úteis como: chanfuta, panga-panga, mitondo, jambila, pau-ferro e pau-preto.

Enquanto que para a fauna, nesta região abundam muitos animais carnívoros: Leões, leopardos e hienas, herbívoros: gazelas, nhakhossos, antílopes, zebras, pala-pala, cudos,

javalis, etc. anfíbios: crocodilos e hipopótamos, aves: milhafres, perdizes, rola, galinhas do mato, etc. répteis: tartarugas, cágados, etc. ofídias: cuspideiras, mambas etc. Peixes: existem variedades de peixes.

Por fim a hidrografia do distrito de Caia é atavessado por vários cursos de água. Dos quais os principais rios são: Zambeze, Zangue e Mpuse, possuindo como lagoas: Nhanza Caia e Nhamomba.

No âmbito temporal, a tese descreve o percurso nacionalista, patriótico e revolucionário do padre Mateus Padre Mateus Pinho Gwenjere em Moçambique no período 1965-1980, por ser este período em que o padre Gwenjere, na forma activa e na clandestinamente provou a sua abnegação à causa da liberdade e independência de Moçambique, a partir da Missão de Murraça, onde estava a desempenhar as sua função eclesiástica depois da sua consagração em 1964. Coincidentemente, sua terra natal. Limitamos em 1980, por ser data provável da sua execução, conforme a Ordem de Serviço 5/80.

### **1.5. Justificativa**

O interesse do estudo surge como forma de estudar uma personagem considerada importante no vale do Zambeze, que mudou e abriu a “mente” de muitos, pela causa nacionalista, patriótica e revolucionário, precisamente oriundo do povoado de Nharugwe, em Murraça, pertencente o actual distrito de Caia, que pela sua entrega e abnegação, deixando todo o conforto que tinha, aceitou o sacrifício motivado pela causa da liberdade e independência, deveria constar na História da luta de libertação de Moçambique dos anos 60 do século passado (XX), pelos efeitos positivos por ele realizado.

Esta tese, tem como justificava demonstrar e descrever o espírito e a vivência nacionalista, revolucionária e patriótica do Reverendo Padre Mateus Pinho Gwenjere, contrariando a narrativa comum e/ou a ideológica que o considera como reaccionário, anti-patriota e anti-nacionalista. Procura-se, por um lado, mostrar a sua valência heroica e a sua contribuição para a libertação e/ou independência de Moçambique; por outro, as razões que fizeram com que fosse mal compreendido e, por conta disso, fosse “silenciado”, a ponto de oficialmente ter sido declarado como reaccionário e inimigo do regime que governa(va) Moçambique, a FRELIMO/Frelimo. Este trabalho tem uma abordagem qualitativa e baseou-se em entrevistas

a várias individualidades que testemunharam a vida do padre desde sua infância até as circunstâncias da sua morte.

Diante disso, a conclusão a que se chegou é de que é undubítavel que o sacerdote Mateus Pinho Gwenjere seja nacionalista, patriótico e revolucionário, e que a sua incompreensão, perseguição, isolamento e morte, deve-se ao facto de ele ter sido uma pessoa inteligente, frontal, justa e inclusiva, o que contrariava alguma mentalidade regionalista e tribal que reinava no seio da FRELIMO. Portanto, há que reescrever a história deste país e, mormente, trazer a verdade (científica) para os anais históricos deste país, sobre a pessoa do clérigo Mateus Pinho Gwenjere como nacionalista, patriótico e revolucionário.

## **1.6. Objectivos da investigação**

Toda investigação começa pela explicitação do objecto e de objectivo para os quais se pretende dirigir a investigação. O objecto é a delimitação da problemática a tratar, de forma reflexiva, na qual exista suficiente massa crítica. Neste ponto, deve evitar-se a formulação de grandes temas e os aspectos distantes da experiência pessoal e dos níveis de informações.

O objectivo define as linhas de perspectiva a desenvolver que proporcione valor acrescentado à situação de partida. (Carvalho, 2002). Enquanto que para Marconi e Lakatos definem objectivo como sendo a especificação do objectivo de uma pesquisa responde às questões para quê? E para quem? ( Marconi e Lakatos, 2009).

### **1.6.1. Objectivo Geral:**

- ❖ Analisar o impacto do engajamento político e ideológico do Padre Mateus Pinho Gwenjere no movimento de libertação de Moçambique, destacando sua influência nas dinâmicas do nacionalismo moçambicano e nas relações internacionais da época, e explorar os factores que levaram à sua marginalização na historiografia oficial pós-independência.

### **1.6.2. Objectivos Específicos:**

- ❖ Examinar as estratégias de mobilização e os discursos ideológicos adoptados por Padre Mateus Pinho Gwenjere;
- ❖ Investigar o papel de Gwenjere nas interações entre a FRELIMO e outros movimentos de libertação africanos;

- ❖ Avaliar o impacto das ações de Gwenjere na percepção internacional da luta pela independência de Moçambique;
- ❖ Explorar as razões por trás da marginalização de Gwenjere na historiografia oficial de Moçambique pós-independência;
- ❖ Contribuir para o debate acadêmico sobre o papel de figuras religiosas no nacionalismo africano e na luta anticolonial:

## **1.7. Estrutura e conteúdo da Tese**

O estudo será estruturado em duas partes, com cinco capítulos . A primeira parte envolverá uma revisão completa da literatura, estabelecendo os fundamentos conceituais e teóricos necessários para compreender o papel e o impacto de Gwenzere no contexto mais amplo da luta de libertação de Moçambique e dos esforços de construção da nação pós-independência.

A primeira parte compreenderá uma revisão da literatura, com capítulos que examinam conceitos-chave, quadros teóricos e o contexto histórico do movimento nacionalista de Moçambique.

A segunda parte da tese focará na abordagem metodológica, coleta de dados e análise dos resultados e uma discussão dos resultados da pesquisa. Esta secção descreverá os métodos de pesquisa empregados, a natureza do estudo, as técnicas de coleta de dados e os procedimentos para analisar as informações colectadas. Finalmente, a tese terminará com uma síntese dos principais argumentos, a importância do legado de Gwenzere e recomendações para pesquisas futuras nesta área.

Por fim, apresenta-se a conclusão, onde encontramos o resultado da pesquisa, sobremaneira o enfoque no que o Padre Gwenzere foi: nacionalista, patriótico e revolucionário.

# PARTE I

## CAPÍTULO II. REVISÃO DE LITERATURA

*“A escola a cada ano que passa nos reserva a oportunidade de sermos pessoas melhores, bem instruídas, preparadas para dar continuidade à magia da vida.”*

*(Alison Aparecido Ferreira)*

O presente capítulo procurou estabelecer os fundamentos teóricos que orientam a análise das ideologias e actividades nacionalistas e revolucionárias de Gwenjere. Primeiramente, será explorado o conceito de “teologia da libertação”, que enfatiza o papel da religião na defesa da justiça social, da emancipação política e do empoderamento das comunidades marginalizadas. Este quadro é particularmente relevante para a compreensão do entrelaçamento de crenças religiosas e aspirações nacionalistas/revolucionárias de Gwenjere.

Adicionalmente, foi examinada a noção de “nacionalismo revolucionário”, que reconhece a interligação entre a libertação nacional e a transformação social. Esta perspectiva ajudará a situar as ações de Gwenjere no contexto mais amplo da luta de Moçambique pela independência e pela mudança socioeconômica.

Além disso, o capítulo abordará teorias de “mobilização política”, “liderança carismática” e “o papel da religião nos movimentos políticos” para desenvolver uma lente analítica abrangente para compreender a posição influente de Gwenjere e a dinâmica do seu envolvimento com o nacionalismo e as forças revolucionárias em Moçambique. Estes quadros teóricos fornecerão as ferramentas necessárias para examinar criticamente o desenvolvimento ideológico de Gwenjere, suas estratégias para mobilizar apoio e o impacto de sua liderança nos movimentos nacionalistas e revolucionários em Moçambique.

### **2.1. Teoria da Ideologia da Libertação**

O conceito de “ideologia da libertação” serve como o quadro teórico central deste estudo, pois fornece uma lente através da qual se examinam os objetivos políticos, sociais e económicos de Gwenjere e do programa mais amplo da Libertação em Moçambique (Barnes, 1982; Biggio, 1966). Esta teoria enfatiza a ligação entre a luta pela independência política e a busca de mudanças sociais fundamentais, destacando o potencial transformador dos movimentos nacionalistas e revolucionários.

## **2.2. Teoria do Nacionalismo Revolucionário**

Esta abordagem teórica reconhece a ligação inerente entre o impulso de libertação nacional e o desejo de revolução social, como exemplificado no desenvolvimento ideológico de Gwendere e no seu papel na luta armada (Anti-Colonialism Archives, 2022; Effects of the American & French Revolution Europe Latin America, 2023). Oferece uma compreensão matizada da complexa interação entre forças nacionalistas e revolucionárias no contexto moçambicano.

### **2.2.1. Teologia da Libertação**

O conceito de teologia da libertação, que enfatiza o papel da religião na defesa da emancipação social e política (Moz, 2023), pode lançar luz sobre a evolução ideológica de Gwendere e a sua integração de princípios religiosos na sua prática nacionalista e revolucionária.

### **2.2.2. Nacionalismo**

O nacionalismo é um conceito complexo e multifacetado que foi examinado através de várias lentes teóricas. Os estudiosos exploraram as origens, manifestações e impactos do nacionalismo, particularmente no contexto da descolonização e da construção nacional. As perspectivas primordialistas e modernistas oferecem diferentes explicações para a emergência de sentimentos e movimentos nacionalistas (Kellas, 1983).

O primordialismo vê o nacionalismo como um fenômeno natural e inato, enraizado em laços étnicos, culturais e históricos compartilhados (Coakley, 2017; Giri, 2019; Hroch, 2015; Vézina et al., 2021). Em contraste, as abordagens modernistas consideram o nacionalismo como uma construção ideológica moderna que surgiu em resposta a condições sociopolíticas específicas, como a industrialização e o declínio das formas tradicionais de organização social (Vézina et al., 2021).

### **2.2.3. Patriotismo**

O patriotismo está intimamente relacionado ao nacionalismo, mas enfatiza um sentimento de lealdade, orgulho e apego à pátria ou nação. Historicamente, o patriotismo tem sido associado à tradição republicana clássica, que enfatiza a importância do dever cívico e do bem comum sobre os interesses individuais (Labaree, 2009; Lechtenberg, 2013).

O primeiro conceito e suas diversas interpretações (Labaree, 2009; Kivunja, 2018; Lechtenberg, 2013; Rocco & Plakhotnik, 2009) serão explorados nesta seção, fornecendo uma base teórica para a compreensão do desenvolvimento ideológico de Gwenjere e suas implicações mais amplas (Kivunja, 2018). O segundo conceito e as abordagens associadas serão discutidos, destacando a sua relevância para o estudo dos movimentos nacionalistas e dos seus líderes (Giri, 2019; Coakley, 2017).

Para distinguir a diferença entre Nacionalismo e Patriotismo<sup>5</sup>, vide a nota explicativa 5.

#### **2.2.4. Revolucionário**

O dicionário da Língua portuguesa define como sendo indivíduo que participa em revoluções políticas, grande renovador ou pessoas com ideia inovadoras.

---

<sup>5</sup>A diferença essencial se resume em um ponto: o patriotismo é uma característica de quem ama, defende, respeita e faz o melhor pelo progresso de sua pátria (sua nação ou seu país, como se queira), mas sem nenhuma rejeição ou negação do que vem de outras nações, pelo contrário: o patriotismo é “integracionista” e busca ligar a nação com o resto do mundo para compartilhar, comercializar e importar o que for capaz de ajudar a nação a se desenvolver. O patriotismo implica abrir a nação para o exterior, importar e exportar, estimular a vinda de capitais estrangeiros para o país, importar as inovações e as tecnologias modernas necessárias ao crescimento econômico e facilitar o fluxo de mercadorias, capitais, pessoas e operações econômicas em geral. Assim, o patriotismo é essencialmente integracionista, jamais rejeicionista. Já o nacionalismo passou a constar da literatura política, econômica e sociológica como sendo uma doutrina que prega a defesa da nação, porém rejeitando a abertura ao exterior e fechando o país à integração econômica, financeira, comercial, tecnológica e cultural. Em nome do nacionalismo, há alguns anos chegou-se ao extremo de tentar a proibição do uso de palavras estrangeiras no Brasil, e projetos de lei foram apresentados por deputados federais em momentos diferentes. A Coreia do Norte, país de um comunismo ferrenho, age assim, isto é, rejeitando até mesmo palavras estrangeiras mesmo quando são apenas denominações para máquinas ou tecnologias que o mundo não conhecia. Parece algo sem importância, mas esse tipo de atitude é um dos símbolos do nacionalismo rejeicionista.

Dito isso, enquanto o patriotismo é favorável à integração com o mundo e à abertura internacional, por entender que as políticas feitas com base nesse princípio favorecem o desenvolvimento do país, o nacionalismo é o oposto: rejeita a abertura internacional, limita a integração com o resto do mundo e, por isso, priva o país dos benefícios das inovações e tecnologias inventadas em outras nações. A propósito, a economia brasileira é considerada uma das mais fechadas do mundo e, sob esse aspecto, os governos brasileiros sempre foram nacionalistas, portanto rejeicionistas, especialmente nas décadas de 1950 a 1970, época em que o país poderia ter alcançado o desenvolvimento econômico e social se, depois da Segunda Guerra Mundial, a doutrina abraçada pelos políticos, governo e sociedade fosse o patriotismo sem nacionalismo.

Nos anos 1970, por exemplo, houve uma onda de rejeição e hostilização às empresas multinacionais sob a ação de vários parlamentares federais, principalmente deputados e senadores filiados ao antigo MDB, com viés esquerdista. Essa onda em nada serviu ao Brasil e acabou por afugentar investidores estrangeiros que poderiam ter despejado bilhões de dólares em empresas instaladas no território nacional. A prática rejeicionista já havia prosperado na década de 1950, fazendo que o Brasil, altamente dependente de suprimentos internacionais, seguisse atrasado, com baixo crescimento e perigosamente vulnerável a importações, sem as quais o país entraria em colapso. Tudo isso feito em nome de um suposto “nacionalismo”, palavra bonita usada por governantes e políticos para convencer a população de que eles eram verdadeiros defensores do Brasil, quando sua prática significava dificultar a inserção internacional da economia brasileira e retardar a absorção de tecnologias estrangeiras, políticas que impediram o país de superar o subdesenvolvimento, apesar de suas riquezas naturais abundantes.

Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/patriotismo-e-nacionalismo/>. Acessado em 24/02/2025.

As ideologias nacionalistas e revolucionárias de Gwenzere podem ser compreendidas através das lentes de várias estruturas conceituais (Kivunja, 2018). Um quadro relevante é o conceito de “ideologia de libertação”, que abrange as aspirações políticas, sociais e econômicas dos movimentos anticoloniais. Esta ideologia enfatiza frequentemente a criação de uma identidade nacional unificada, a rejeição da dominação estrangeira e a procura da transformação socioeconômica. Outro conceito crucial é o “nacionalismo revolucionário”, que abrange os objetivos interligados da libertação nacional e da revolução social (Biggio, 1966; Waldt, 2020). Tal abordagem reconhece a ligação inerente entre a luta pela independência política e o desejo de mudanças sociais fundamentais (Meyns, 1981; Waldt, 2020; Biggio, 1966).

Além disso, o conceito de “estruturas culturais” e “ideologias” pode fornecer insights sobre as crenças, valores e narrativas que moldam as visões de mundo tanto das elites quanto da população em geral durante períodos de convulsão política (Giri, 2020; Goldstone, 2001; Gyawali, 2020).

### **2.3. Movimentos Nacionalistas e Revolucionários em Moçambique**

Iremos aprofundar o contexto histórico e o desenvolvimento dos movimentos nacionalistas e revolucionários em Moçambique, proporcionando um quadro mais amplo para situar a vida e as atividades de Gwenzere. A emergência do nacionalismo africano em Moçambique remonta ao início do século XX, com o aumento da resistência organizada contra o domínio colonial. O impacto da Segunda Guerra Mundial e o subsequente processo de descolonização em África aceleraram significativamente o crescimento dos movimentos nacionalistas.

O movimento nacionalista de Moçambique foi influenciado por uma série de fatores, incluindo o legado de resistência contra o colonialismo português, o impacto do pan-africanismo e das ideologias socialistas, e a influência das lutas de libertação vizinhas. A formação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) em 1962 foi o marco crucial no caminho do país rumo à independência, uma vez que a organização procurou coordenar e unificar várias forças anticoloniais sob uma bandeira comum (Tornimbani, 2018).

Iremos examinar mais detalhadamente o desenvolvimento ideológico e organizacional da Frelimo, explorando sua transição de um movimento de libertação nacionalista para um partido governante Marxista-Leninista na era pós-independência.

### **2.3.1. Desenvolvimento Ideológico e Organizacional da FRELIMO**

O desenvolvimento ideológico e organizacional da FRELIMO, um partido político moçambicano, sofreu mudanças significativas desde o seu início como um movimento de libertação nacionalista até à sua transformação num partido governante Marxista-Leninista na era pós-independência. Aqui estão os pontos-chave nesta transformação:

#### **2.3.1.1. Fase Nacionalista Inicial (1960-1975)**

A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) foi formada em 1962 como um movimento nacionalista que procurava a independência do domínio colonial português (Duarte & Figueiredo, 2020). A antiga FRELIMO era uma ampla coligação de vários grupos anticoloniais, incluindo intelectuais, estudantes e camponeses, unidos pelo seu desejo comum de libertação nacional. A liderança inicial do partido, como Eduardo Mondlane, enfatizou o objetivo da libertação nacional e da criação de uma identidade moçambicana unificada, apoiando-se em ideologias pan-africanas e anticoloniais. Inspirou-se no pan-africanismo e nas lutas anticoloniais na região, bem como nas ideologias socialistas (Isaacman, 2020; Barnes, 1982).

#### **2.3.1.2 Era Pós-Independência**

A independência de Moçambique, foi proclamada pelo presidente Samora Machel quando era 0.00 hora do dia 25 de Junho de 1975, depois de dez (10) anos de luta armada. A FRELIMO, estabeleceu a liderança monopartidária, e nos planos da política externa, relacionou-se com a ideologia do mundo socialista, países tais como URSS e a China. Mas também teve ajuda de países ocidentais tais como Suécia, Dinamarca, Noruega e outros (Macqueen, 1984).

#### **2.3.1.3. Período Marxista-Leninista (1975-1989)**

Após a independência, a FRELIMO transformou-se num partido de vanguarda Marxista-Leninista, adotando uma ideologia socialista e enfatizando a aliança operário-camponesa. O partido implementou extensos programas de nacionalização, incluindo a nacionalização de terras, empresas agrícolas, industriais e comerciais. Também se concentrou no desenvolvimento económico, nos cuidados de saúde e na educação, tornando estes serviços gratuitos e universais para todos os moçambicanos (Isaacman, 2020). Além disso, a FRELIMO reconheceu a importância da libertação das mulheres, vendo-a como uma

necessidade fundamental para a revolução e uma garantia da sua continuidade e vitória. O partido incentivou a participação das mulheres na luta armada e nas estruturas econômicas formais.

### **2.3.2. Papel de Outros Actores e Movimentos Políticos**

Nesta secção, analisaremos o papel de outros actores e movimentos políticos, como a Igreja Católica, na formação da paisagem nacionalista e revolucionária de Moçambique.

### **2.3.3. Igreja Católica e Nacionalismo**

A Igreja Católica desempenhou um papel crucial no início do movimento nacionalista em Moçambique, sendo um importante fornecedor de educação e saúde. Isso ajudou a disseminar ideias nacionalistas e promover um sentimento de unidade entre a população. Além disso, a Igreja proporcionou uma plataforma para os líderes nacionalistas organizarem e mobilizarem a população. Por exemplo, esteve envolvida na formação da União Nacional Africana de Moçambique (MANU), precursora da FRELIMO.

### **2.4. Outros Actores e Movimentos Políticos**

Outros actores e movimentos políticos, como a MANU, a FRELIMO e a RENAMO, desempenharam papéis importantes na formação da paisagem nacionalista e revolucionária de Moçambique. Esses movimentos tinham interesses complexos e, por vezes, conflitantes, influenciando o curso dos movimentos nacionalistas e revolucionários no país.

A Igreja Católica e outros actores e movimentos políticos desempenharam papéis significativos na formação da paisagem nacionalista e revolucionária de Moçambique. O envolvimento da Igreja na educação, nos cuidados de saúde e na mobilização ajudou a difundir ideias nacionalistas, enquanto sua relação complexa com a FRELIMO refletia as nuances da ideologia do partido e o tratamento dispensado à Igreja após a independência.

### **2.5. Condições Sociais, Econômicas e Políticas que Deram Origem à Luta Armada**

As condições sociais, econômicas e políticas específicas que deram origem a sentimentos revolucionários na sociedade moçambicana, preparando o terreno para a luta armada contra o domínio colonial português, incluem:

### **2.5.1. Condições Sociais**

**Discriminação e Desigualdade:** O regime colonial português manteve um sistema de segregação e discriminação racial, criando disparidades sociais e económicas significativas entre os colonos portugueses e a população indígena moçambicana.

**Falta de Representação:** Os moçambicanos foram amplamente excluídos dos processos de tomada de decisão política e suas vozes não foram representadas na administração colonial.

**Supressão Cultural:** O regime colonial português suprimiu ativamente a cultura, tradições e línguas moçambicanas, levando a um sentimento de perda de identidade cultural e ressentimento.

### **2.5.2. Condições Económicas**

**Exploração Económica:** O regime colonial português explorou os recursos naturais de Moçambique, principalmente para benefício dos colonos portugueses e da economia portuguesa.

**Oportunidades Económicas Limitadas:** O regime colonial limitou as oportunidades económicas para os moçambicanos, restringindo o acesso à educação, ao emprego e aos recursos económicos.

**Dependência da Ajuda Externa:** Moçambique dependia fortemente da ajuda externa, especialmente de Portugal, exacerbando a desigualdade económica e criando um sentimento de dependência.

### **2.5.3. Condições Políticas**

**Domínio Colonial:** O regime colonial português manteve um controle estrito sobre Moçambique, suprimindo qualquer forma de dissidência ou oposição política.

**Falta de Autonomia:** Moçambique não tinha autonomia em seus assuntos internos, com o regime colonial tomando todas as decisões importantes sem consultar a população local.

Interesses Portugueses: O regime colonial português priorizou seus próprios interesses em detrimento dos do povo moçambicano, levando a um ressentimento generalizado e ao desejo de independência.

## **2.6. Radicalização do Movimento Nacionalista**

Essas condições criaram um terreno fértil para o surgimento de sentimentos revolucionários na sociedade moçambicana. A FRELIMO e outros movimentos nacionalistas capitalizaram essas queixas, mobilizando a população para lutar pela independência e por uma sociedade mais equitativa. A FRELIMO lançou uma campanha de guerrilha contra o domínio português em setembro de 1964, marcando o início da luta armada pela independência.

Em resumo, a discriminação racial, a exploração econômica e a supressão política sob o domínio colonial português radicalizaram o movimento nacionalista em Moçambique, levando à formação da FRELIMO e à luta armada pela independência.

Dinâmica do Período Pós-Independência e Desafios Enfrentados pelo Governo da FRELIMO  
O período pós-independência em Moçambique foi marcado por desafios significativos para o recém-criado governo da FRELIMO na consolidação do seu poder e na implementação da sua visão socialista.

### **2.6.1.Consolidando o Poder**

A FRELIMO buscou anular os poderes das autoridades tradicionais para consolidar o controle sobre a nação recentemente independente.

O governo concentrou-se em estabelecer instituições e regras para o engajamento político, evitando uma recaída na guerra civil e garantindo a sustentabilidade econômica a longo prazo.

### **2.6.2.Implementando a Visão Socialista**

A FRELIMO introduziu a agricultura coletiva em muitas novas aldeias comunais, promovendo a organização cooperativa e os princípios socialistas.

Políticas Marxistas-Leninistas: O governo implementou políticas marxistas-leninistas, incluindo a criação de campos de “reeducação” e a imposição de regras familiares

patrilineares, gerando queixas significativas entre os moçambicanos, especialmente nas áreas rurais.

### **2.6.3. Desafios e Impacto**

A guerra e a subsequente seca conduziram a uma crise humanitária, com mais de um milhão de moçambicanos perdendo a vida e cinco milhões deslocados.

O rendimento nacional bruto per capita do país era de 374 dólares em 1990, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,202, fazendo de Moçambique uma das nações mais pobres do mundo.

## **2.7. Primeiros Movimentos Nacionalistas (1920-1975)**

Os primeiros movimentos nacionalistas em Moçambique baseavam-se em identidades regionais ou linguísticas. O Grêmio Africano de Lourenço Marques, formado na década de 1920, promovia os interesses africanos e desafiava o domínio português. O movimento sindical, liderado por figuras como Mallinga, também teve um papel significativo no início do movimento nacionalista, buscando melhorar as condições de trabalho e desafiar o domínio colonial.

A FRELIMO lançou uma campanha de guerrilha contra o domínio português em setembro de 1964. Este conflito, parte da Guerra Colonial Portuguesa, foi marcado por desafios militares e políticos significativos para ambos os lados. O golpe militar português em abril de 1974 levou a uma mudança no cenário político, permitindo à FRELIMO negociar um cessar-fogo e assumir o poder em um Moçambique independente, que conquistou a independência em 25 de junho de 1975.

## **2.8. Quatro politólogos que inspiraram a vida política do padre Mateus Pinho Gwenjere**

Pela sua utilidade destacaremos quatro politólogos, três dos quais são considerados os pais fundadores da Ciência Política, Aristóteles, Maquiavel e Montesquieu, citando muito resumidamente a importância do seu auxílio para a progresso e estudo da Ciência Política, História das Ideias Políticas e Direito Constitucional.

Optou-se por estes quatro autores, visto que um é considerado o fundador da Ciência Política (Aristóteles), outro é o paradigma que justifica o Estado Absoluto (Maquiavel), enquanto Locke e Montesquieu são fundadores para o advento do constitucionalismo.

### **2.8.1. Aristoteles (384-322. A.C.)**

Podemos considerar Aristoteles como fundador da Ciência Política e o seu primeiro Politólogo. Por conseguinte, podemos afirmar, que a Ciência Política é uma ciência que conta com quase 2.400 anos. De todos os livros que escreveu, a Política é a obra que merece a nossa atenção (Brasilecola, 2024)<sup>6</sup>.

Deste tratado, podemos retirar algumas linhas de força do seu pensamento político, designadamente, a noção de regimes são por oposição aos regimes depravados. Regime são ou serão para este autor, monarquia, a aristocracia e a República. Assim, na monarquia o poder é exercido por um só, mas tem por fim o interesse geral. Na República, é a multidão que governa no sentido do interesse geral. Por outro lado, regimes depravados serão a tirania, a oligarquia e a democracia, pois no que refere Aristóteles, a monarquia pode degenerar em tirania, a aristocracia em oligarquia e a República em democracia. A tirania apresenta-se como degeneração da monarquia, pois o regime apenas tem em conta a utilidade do monarca. Na oligarquia, estaremos perante degeneração da aristocracia, dado que o regime apenas é dirigido ao interesse dos ricos.

Por último, a democracia é a degeneração da República, já que é dirigida unicamente para o interesse dos pobres. Nestes termos, os pobres ficariam ociosos, o Estado cairia sobre o domínio da multidão indigente, e apareceriam os demagogos, tornando-se, nesses casos o povo tirano, visto que sacudiu o jugo da lei, quer governar só e torna-se déspota. O seu governo não difere em nada dos tiranos.

Por seu turno, a demagogia será a forma extrema de democracia. Assim sendo, a tirania ocupa o primeiro lugar entre os governos depravados, a oligarquia, o segundo lugar, ficando, para último, a democracia.

---

<sup>6</sup><https://brasilecola.uol.com.br/politica/politica-definicao.htm>

### **2.8.2. Nicolau Maquiavel (1469-1527)**

A falta da palavra do Príncipe estará sempre justificada, pois que nunca faltaram a um príncipe pretextos legítimos para justificar a sua falta de palavra e seriam infinitos os exemplos demonstrativos de quantas pazes, quantas promessas, foram feitas em o vão e reduzidas a nada pela infidelidade dos príncipes, e demonstrativos também de que as coisas correram melhor aos que melhor souberam representar o papel da raposa. Mas é indispensável saber ocultar este pendor, desfarçá-lo bem.(Carvalho,2008).

Este é o único fim político que Maquiavel toma em contra e considera- conquistar e manter o poder. Tudo o resto para ele é secundário. Por isso se tem dito que “o Príncipe” é um “gramática do poder” (1): pretende ensinar a usá-la como os livros de gramática ensinam os segredos da linguagem (Amaral, 1991).

Assim, no que concerne aos escritos e pensamento político de Maquiavel, o padre, pode não ter entendido bem, no que tange a forma para manter-se no poder. Para ele (padre), o poder devia ser obtido e mantido por formas justas e legais, contrariando o pensamento maquiavélico. Para Maquavel, o príncipe deve ser temido e não amado. Provalvemente para padre o dirigente deve ser amado pelos seus administrados.

### **2.8.3. Locke (1632-1704)**

Na verdade Locke distinguiu no Estado dois principais poderes: O legislativo, competindo ao povo, e o executivo pertecente ao governo.

Além destes poderes, Locke admitia outros, como o confederativo ou das relações internacionais e o discricional, espécie de poder extraordinário, compentindo ao governo nos casos não previsto na lei.(Carvalho, 2008).

Para Locke o poder político é o “direito de fazer leis, para as quais se possa estabelecer como sanção e pena de morte, ou consequentemente quaisquer outras menos graves, para regular e preservar a propriedade, empregar a força da sociedade na execução de tais leis e defender a comunidade dos ataques externos, e tudo isto apenas para assegurar o bem publico”(Amaral, 1991, p.163).

Locke defende que, as maiorias nem sempre têm razão: por isso mesmo, embora possuam o direito de governar, não podem esmagar as minorias só pelo facto de possuírem esse poder.

Esta alegação de Locke impressionou o constitucionalismo do século XIX, no qual nota um enorme esforço no sentido da limitação do poder das maiorias legislativas, através de Constituições escritas – que não podem ser violadas pela legislação ordinária, ainda que admitida ou confirmada pela maioria parlamentar, sob pena de inconstitucionalidade. (Carvalho,2008). Ao mesmo tempo, Locke admite também o direito de insurreição contra a tirania, direito esse que ele designa como "direito de apelar para o céu".

#### **2.8.4. Montesquieu (1689-1755)**

Para Montesquieu, há três espécies de governo: o republicano, o monárquico e o despótico. No governo republicano, o povo é soberano, enquanto no monárquico um só governa mas mediante leis estáveis. Inversamente, no governo despótico, um só, sem lei e sem regras, subordina tudo à sua vontade e aos seus caprichos (Amaral, 1991).

Por outra banda, o poder de julgar deve estar separado do poder legislativo e executivo, uma vez que se estivesse unido ao poder legislativo seria arbitrário o poder sobre a vida e a liberdade dos cidadãos, porquanto o juiz seria legislador, e se estivesse unido ao poder executivo, o juiz poderia ter a força de um opressor.

Jurista, sem dúvida, mas alcançou espontaneamente saltar para fora dos quadros pequenos do mero formalismo jurídico e acabou por se revelar como um admirável politólogo e, também, como um colossal cultor da sociologia jurídica e política.

Este, defendia a separação dos poderes (Magee, 1990). Pode-se dizer ainda que Montesquieu, foi um dos maiores homens da ciência política depois de Aristóteles e Maquiavel.

Através dos ex-estudantes da missão de Murraça, dizem que era frequente ver o padre nos seus momentos considerados livres, com muitos livros litúrgicos, religiosos incluindo de escritos de filosofia política, como é o caso de Aristóteles, Nicolau Maquiavel, Locke, e Montesquieu. Destes (4) quatro, ele (Gwenjere), apoiava (3), nomeadamente, Aristóteles, Locke, e Montesquieu, pois estes defendiam a descentralização do poder em (3) três, nomeadamente, Poder Executivo, Poder Legislativo e Poder Judiciário.

A teoria dos três poderes tem origem na antiguidade, idealizado e proposta por Aristóteles no seu livro intitulado "*A Política*", nesta obra o politólogo Aristóteles procurou estabelecer

uma proposta de governo que fosse capaz a felicidade geral da sociedade. Mas, esta divisão de poderes, foi consolidada por meio de outros politólogos como o inglês John Locke que escreveu "*O Segundo tratado sobre o governo civil*" e o francês Montesquieu na sua obra "*O Espírito das Leis*", todas estas debruçam sobre a necessidade humana na divisão de Poderes.

Por outro lado, padre Gwenjere opunha as ideias políticas de Nicolau Maquiavel, porque este último (Maquiavel), propõe no seu livro "*O Príncipe*" uma ruptura entre a política e a moral, pondo de lado a religião. Para a teoria maquiavélica, a religião não se caracterizaria por qualquer ideal cristão, mas, sim, pela incessante luta pelo poder, onde tudo seria válido, incluindo mentiras, portando, para Maquiavel, se objectivo é o poder, não depende dos meios como consegui-lo (O Poder), mas sim, do fim, que é obter o Poder.

Infelizmente o padre Mateus Pinho Gwenjere, não escreveu livro, mas existem algumas cartas manuais que escreveu para seus amigos, e algumas na sua língua materna que é chisena.

## **2.9. Bibliografia principal usado para esta tese**

Hoje, há pouca literatura escrita sobre a luta armada de libertação nacional de Moçambique. Em 2015, pelo repositório da UCP, foi publicado a dissertação para obtenção do nível de Mestre em Ciência Política: Governação e Relações Internacionais, intitulado "A violência política em Moçambique de 1966-1988: O caso do Padre Mateus Pinho Gwenjere" (de autoria de Baptista Comessario Caetano).

Aquí o autor explica a trajetória sinuosa enfrentada pelo padre, neste primeiro trabalho foi mais usada a fonte primária, pois o autor, trabalhou muito na terra do padre, e obteve muita informação relacionada.

Em 2019, Lawe Laweki, publicou o livro "Mateus Pinho Gwemjere Um padre Revolucionário", em que retrata vida do padre Gwenjere, o seu engajamento na luta de libertação de Moçambique, a sua fuga para a FRELIMO na Tanzânia em 1967, e o seu pensamento religioso, incluindo suas actividades sociais e políticas na clandestinidade.

Bernabé Lucas Ncomo (2003), lança no mercado, o livro *Uria Simango, Um homem, uma causa*, com 445 páginas e o nome de padre Gwenjere foi mencionado mais de (46) quarenta e seis vezes, mostrando abertamente a importância política desta personagem, que até hoje existem pessoas que o recordam pelos seus ensinamentos nacionalistas e patrióticos, com o objectivo que muitos moçambicanos do seu tempo almejavam – a independência.

Na cidade da Beira, em 2017 e 2019, o escritor beirense, Adelino Timóteo, lança dois livros intitulados “Os últimos dias de Uria Simango” e “Afonso Dhlakama a longa luta em defesa da democracia” todas elas não escaparam em alguns trechos mencionar o nome do Padre Mateus Pinho Gwenjere.

Já na grande biblioteca de Lisboa de Torre de Tombo, encontramos mais de (2.000) dois mil documentos secretos e confidenciais da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), mencionando o nome de Padre Mateus Pinho Gwenjere.

Vários artigos publicados sobre o Instituto Moçambicano (fundado em 1964 na Tanzânia, em Dar-es-Salaam, o Instituto Moçambicano sob a chancela da FRELIMO, e com o apoio do governo tanzaniano, com objectivo de promover à educação e saúde dos refugiados da guerra de libertação de Moçambique) e do desenrolar da luta armada de Libertação de Moçambique, dirigida pela FRELIMO, também mencionam o nome do prelado.



## CATULO III. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“A Política é para todos, religião é para quem tem fé, ciência é a busca de explicações, cristianismo é para quem segue e adora Cristo, misture tudo e tenha um mundo sem paz, sem amor, sem felicidade, sem esperança.”

(Israel Lopes)

Apresentamos neste capítulo, as abordagens teóricas sobre como o nacionalismo em Moçambique evoluiu até o alcançada sua independência. Foram estes e outros conhecimentos que influenciaram o padre Gwenjere, para se identificar com a sua pátria e o com o nacionalismo que conduziu para a mobilização de muitos jovens para a causa da revolução.

Por outro 1960, é conhecido como o ano de África. A grande luta dos povos africanos, principalmente a resistência armada, e a independências em assegurar permanentemente a sua dominação sobre os povos, fizeram com que este ano se tornasse no ano africano, o ponto alto do nacionalismo e conseqüente independências. A maioria das colónias francesas e britânicas da África Ocidental conseguiu a sua independência em 1960 ou logo depois (Hofisso, 1997, p.16).

As colónias portuguesas só na década de 70, e depois duma luta armada, é que conquistaram a independência, (Hofisso,1997). E Moçambique, alcançou a independência do dia 25 de junho de 1975, antecedida de luta armada que durou (10)dez anos (1964-1974).

### 3.1. O Nacionalismo Africano

António Sopa no seu livro descreve sobre o desenvolvimento do nacionalismo africano da seguinte forma:

*“Nas povoações, a agitação reformista estendeu-se aos negros e mulatos instruídos, vivendo o drama da discriminação social, económica e política. Estas elites surgiram ainda no século XIX, em resultado dos sistemas escolares ocidentais, em virtude de o colonialismo de necessitar de uma base social para sobreviver. Alguns destes africanos prosseguiram os seus estudos universitários, obtiveram graus académicos e acederam a lugares de destaque na vida pública e empresarial (Sopa, 2017, p. 127)”*

As reivindicações pela autonomia política, pela identidade étnica e territorial propiciaram disputas nas fronteiras a supressão dos direitos das minorias tanto na Europa quanto em África até certo ponto provocaram sangrentos conflitos civis e bélicos.

Nos Estados africanos, o nacionalismo fomentou uma unidade política interna, criou uma direcção política para os grupos dispersos e facilitou aos intelectuais a “reivindicar o direito não apenas à independência cultural, mas também, como consequência, à autonomia política” (Geary, 2005, p. 29). O nacionalismo africano tornou-se fonte da identidade e da unidade política do continente. A identidade política foi assumida por nacionalistas como estratégia na busca da liberdade. Graças à identidade política, foram superadas as contradições étnicas internas em alguns estados africanos e ergueram os projectos do Estado Nacional.

O nacionalismo africano assumiu o carácter político e definiu como objectivo a luta pela independência dos países africanos e pela auto-afirmação da africanidade. Ele foi alimentado pelo pan-africanismo do século XIX que cimentou a filosofia de reabilitar as civilizações africanas, de restaurar a dignidade do negro e de retorno à “mãe pátria” – África. Sylvester William uma das figuras emblemáticas do pan-africanismo apoiando-se nos nativos da Nigéria, da Serra Leoa, do Gabão e das Antilhas inglesas para se impregnar das realidades africanas, organizou a primeira conferência pan-africana, em 1900, na qual se discutia a questão das terras e dos impérios africanos e o destino da África e a possibilidade de recuperar as terras confiscadas pelos ingleses e pelos africânderes (Basílio, 2010).

Em 1905, W. E. B. Du Bois presidiu uma reunião, na qual se inaugurou um programa organizado de agitação pública pelos direitos dos negros. Em 1909, Du Bois, em colaboração com outros intelectuais, fundou a Associação Nacional pelo Avanço da Gente de Cor (NAACP), uma associação que se declara contra a segregação dos negros e luta pela igualdade das oportunidades educacionais e completa concessão de direitos aos negros. Devia declarar-se o direito à terra, à educação e ao trabalho livre para os negros africanos.

### **3.2. As causas do nacionalismo africano**

Ki-Zerbo (1991, pp. 157-58), apresenta-nos como causas do nacionalismo africano, as que se apresentam em seguida:

#### **3.2.1. O abalo da Segunda Guerra Mundial e as suas consequências**

A presença e a participação directa na Segunda Guerra Mundial, de milhares de africanos foi uma oportunidade para muitos deles testemunharem a fraqueza, vulnerabilidade e desumanidade do homem branco. Reconheceu-se que no fundo mais do que a cor da pele o que nos separa uns dos outros é a dignidade humana. Com esta guerra cresce nos africanos o espírito de revolta dado que muitos homens negros tombaram ou voltaram mutilados. Por outro lado, a Europa encontrava-se humana e materialmente destruída pelos milhões de europeus mortos, pelas dívidas públicas elevadíssimas e pela destruição de infra-estruturas, tornando-os incapazes de deter o avanço do nacionalismo emergente. (Assumane, 2011).

### **3.2.2. Política anticolonial dos EUA**

Os americanos no final da guerra vão lutar contra o colonialismo português a partir pelo menos de três razões: A tradição liberal americana encontra-se na origem da sua própria nacionalidade e é por ela que se vão lançar em África;

Os EUA pretendiam manter em África, sobretudo através da Etiópia, a porta sempre aberta, ou seja, a igualdade económica das nações ricas diante de certos mercados africanos. Pretendia com isso antecipar-se à da U.R.S.S. e ocupar o vazio deixado pelas potências europeias em África.(Cumbe, 2013).

### **3.2.3. Política anticolonialista da URSS<sup>7</sup>**

A União Soviética também contribuiu para o nascimento do nacionalismo moderno dos africanos através de ideias de Karl Marx nascidas da convicção do filósofo de que, “ um povo que oprime outros não se pode considerar livre”: a Revolução de Outubro de 1917, ao pôr fim o poder dos Czares, mostra ao mundo o alcance da vontade de libertação dos oprimidos; a influência dos partidos comunistas nos países colonizadores vai ser determinante no apoio aos africanos; Para Estaline, a luta contra o colonialismo também significava uma paz mundial

---

<sup>7</sup>URSS - União Soviética ou União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS) foi uma nação que existiu entre 1922 e 1991. A União Soviética surgiu como resultado directo da Revolução Russa, que aconteceu em 1917 e transformou a Rússia em uma nação Socialista. As transformações nesse país, levaram à sua unificação com outras repúblicas soviéticas no começo da década de 1920. A União Soviética foi o símbolo mundial do Socialismo e liderou o bloco comunista durante os anos da Guerra Fria. Ao final da década de 1970, a União Soviética iniciou uma forte crise económica que levou o país à recessão e a uma crise política, a qual contribuiu para a fragmentação da União Soviética e o seu fim em 1991. A URSS era composta por 15 diferentes repúblicas que conquistaram a sua independência nomeadamente: Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, Estónia, Letónia, Lituânia, Armênia, Geórgia, Moldávia, Azerbaijão, Cazaquistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, e Uzbequistão. As repúblicas soviéticas englobam uma grande diversidade étnica e cultural, e a Rússia era a maior e a mais poderosa nação soviética.

porque teria que implicar uma partilha periódica de matéria-prima e o peso económico de cada potência (Assumane, 2011).

#### **3.2.4. Papel da ONU**

Criada em 1945 em São Francisco (EUA), sob o ideal de desencadear entre as nações relações amigáveis baseadas no respeito da igualdade de direitos dos povos e do seu direito à disporem se de si próprios (Ki-Zerbo, 1991, p. 162). A ONU transformou-se em porta-voz dos fracos através de corpos expedicionários para questões de paz. Apesar de ser uma estrutura imperfeita dos erros de precisão no seio das potências com interesse no Conselho de Segurança, da lentidão pela grandeza das suas estruturas, a ONU, possibilitou a abertura ao mundo para africanos, sobretudo através de inquéritos como de racismo Sul-africano, comissões ad. Hoc, instituições especializadas como a UNESCO, tudo isso como um esforço para o despertar nacional dos povos africanos.

#### **3.3. Visão comum dos nacionalistas africanos**

De acordo com Ki-Zerbo (1991), os jovens e as mulheres desempenharam um papel importantíssimo nas forças políticas. Enquanto os jovens eram treinados para manifestações defendendo teses independentistas e de unidade africana, as mulheres eram animadoras de reuniões e comícios através de danças e propagação das palavras de ordem do partido em aspiração de todo o povo.

O Pan-Africanismo manifestou-se pela realização de conferências com vista a fixação de directrizes comuns para a obtenção da independência dos países ainda sob a dominação colonial. A Negritude foi uma expressão literária que defendia um conjunto de valores da civilização cultural, económica, social e política que caracterizam o povo negro.

Os movimentos defensores da Negritude e do Pan-Africanismo exerceram um papel de extrema importância, pois estes influenciaram os intelectuais e os estudantes a unirem-se e afirmarem-se como africanos. Entre as duas guerras, a África passava pela privação das liberdades políticas e sociais, exploração dos recursos humanos e materiais em benefício de estrangeiros. Foi contra essas situações que se erguem as aspirações nacionalistas, surgindo reivindicações de melhoria da situação económica e social das comunidades, a mão-de-obra

sindicalizou-se progressivamente, reforçando a expressão política anticolonial do nacionalismo africano (Viana, 2017).

Por outro lado, a II Guerra Mundial que iniciou na Europa de 1939-1945, (Fenhane, 1996) com a participação dos africanos na guerra notou-se o crescimento do espírito de revolta e o deteriorar da moral europeia em prosseguir com o avanço dos regimes coloniais devido a grandes perdas humanas e danos das suas infraestruturas.

O plano do padre Mateus Pinho Gwenjere era alcançar a independência sem derrame de muito sangue, visto que esta iria ceifar a vida de muitos combatentes. Nkrumah invoca a discriminação racial e a opressão colonial como um mal específico e aliado ao não acesso a educação, esta era mesma visão do padre Gwenjere, ambos defendiam mobilização em massa dos jovens e uma boa organização para despertar a atenção aos africanos para alcançar a libertação desejada (Nkrumah,1963).

Os dois nacionalistas “Nkrumah e Padre Gwenjere”, eram unânimes em dizer que a luta armada seria a última instância para defender o direito dos povos, mas que esta seria necessária caso houvesse motivação para o efeito. Por isso, que o padre se opôs no discurso de passagem do ano preferido pelo presidente da Frelimo, Dr. Mondlane sobre a guerra prolongada (Laweki, 2019).

Este pensamento do padre sobre o repúdio à guerra prolongada era necessário, pois, a guerra da independência de Moçambique, provocou muitas mortes de combatentes e de civis. Para Walter Opello<sup>8</sup> e Richard Leonard<sup>9</sup> apresentam a composição dos beligerantes e das baixas mortais nos seguintes termos:

*“A guerra de independência de Moçambique, onde participaram 10.000 aos 15.000 soldados por parte da Frelimo, e provocou a morte de cerca de 10.000 combatentes e 50.000 civis, enquanto do lado do inimigo (governo português), até 17 de Maio de 1970, tinham por volta de 50.000 soldados, (sendo alguns negros recrutados internamente) e, tiveram cerca de 3.500 soldados mortos.”*(Opello,1974,p.29).

Em sua tese de doutoramento Nkrumah tenta salvaguardar a liberdade dos negros com seus direitos e bens aquisitivos, a ciência, a cultura e a economia que se perderam diante do regime

---

<sup>8</sup>Walter C. Opello Jr, Issue: A journal of opinion, Vol. 4, nr. 2, 1974, p.29.

<sup>9</sup> Richard W. Leonard Issue: A Journal of. Opinion, Vol 4 .nr,2 , 1974, p. 38.

colonial e que continuam sendo ameaçados pelo neocolonialismo que causa guerras nas fronteiras gerando discursos filantrópicos como base de ajudas unilaterais, pois é nessa filosofia que Nkrumah convida os africanos a terem consciência dos problemas que impedem o desenvolvimento de África.

A revolução de Nkrumah não destaca o uso de armas, mas sim a de consciência nacional capaz de despertar a consciência humana para o bem de todos. Jacques Kwangala Mboma na sua obra intitulada “Consciencismo” afirma que a nossa filosofia deve encontrar suas raízes no âmbito social e não somente em termos de libertação da terra e foi nesta perspectiva que Nkrumah funda o conceito de pan-africanismo no contexto africano em termos filosófico. Isto é, uma libertação que entende a necessidade de emancipação do homem africano no sentido de descolonização mental (Mboma, 2019).

Nkrumah acreditava que o ponto de partida de toda a filosofia é o questionamento, sobretudo o que pode ser visto como ideal ou não. Mas seja qual for a realidade é a mais pertinente que nenhum de nós possa deixar de se questionar. Não podemos fechar os olhos enquanto vivenciamos a dor do mundo que é causada pelas injustiças sociais e políticas.

De acordo com Nkrumah, a ideologia é o veículo da filosofia que fortalece a ideia do pan-africanismo. Ela é necessariamente escrita no papel, mas permanece na memória, ela deve ser lembrada em cada momento da nossa vida e consultada sempre antes de agir de maneira efectiva (Mboma, 2019).

### **3.3.1. Ásia como complexo**

A África encontrou, no continente asiático uma solidariedade que nasce do facto de os dois continentes serem povos de cor, colonizados e subdesenvolvidos. Dos dois gigantes populosos, África retira lições para a sua luta: Da Índia, Mahatma Gandhi ensina a luta pela não-violência e na China de Mao-Tse-Tung, pela revolução popular. Na senda de Karl Marx, a luta contra o capitalismo vai ser uma ajuda constante às economias africanas fragilizadas pela exploração colonial. Salientar que a conferência de Bandung realizada em 1955, declarou apoio a anti-colonialismo, combate ao racismo e imperialismo (Assumane, 2011).

### **3.3.2. Contradições internas do colonialismo**

A África fez um esforço especial para a guerra europeia através de mineiros, borracha, madeira, alimentos, recrutamentos massivos e o trabalho forçado era mais suportável na linha de combate do que na retaguarda (Sopa, 2017).

Com efeito, o académico e historiador, António Sopa explica que nessa altura a França apregoava a igualdade, retirava o sentido ao colonialismo; por outro lado, a Grã-Bretanha, defendia a diferença que fosse real, teria que ser até na política. Estas duas entidades encorajaram aos africanos a uma guerra de separação. Por sua vez, os partidos da esquerda tinham que ser consequentes nas colónias, igualdade da mulher em relação ao homem (metrópole) e igualdade entre brancos e negros (nas colónias).

Nestes conflitos que conduziram a Europa para a 1ª e 2ª Guerra Mundial, os africanos foram impostos a participarem directa ou indirectamente na guerra colonial, que nada lhe beneficiou, mas serviu de ensaio e o despertar da sua consciência nacional africana (Sopa, 2017).

### **3.4. História do nacionalismo moçambicano**

A história do nacionalismo moçambicano começa com as várias resistências dos povos que viviam nesta região que hoje se chama Moçambique, mas, nesta tese, apresentamos com mais ênfase, particularmente, na região centro, em especial no actual distrito de Caia e Posto Administrativo de Murraça na província de Sofala, terra do padre Mateus Pinho Gwenjere, que tanto sofreu as malícias e arrogância da dominação estrangeira e, em particular, contra os portugueses no seu processo de penetração e ocupação efectiva.

#### **3.4.1. Nacionalismo em Moçambique**

O nacionalismo em Moçambique, segundo Eduardo Mondlane, foi produto do sofrimento durante o período da dominação colonial (Fernandes & De Bastos, 2005, p.164). Após a II Guerra Mundial, com a alteração do equilíbrio de forças entre as potências, com a divisão do mundo em áreas de influência dos EUA e da URSS, as principais ameaças à manutenção da soberania de Portugal sobre as suas colónias vieram do comunismo ou do nacionalismo africano. A URSS sempre teve interesse por África para atacar indirectamente as sociedades capitalistas do ocidente e para isso auxiliou os movimentos de “libertação nacional”. Por

outro lado, os EUA, que já apoiavam os movimentos independentistas (desde a Conferência de Berlim) retiraram o seu apoio a Portugal, por intermédio de Kennedy. Depois, com administração republicana de Nixon a posição portuguesa foi melhorando (Cipriano, 2010).

Podemos verificar que os quadros da FRELIMO chegaram a ser seleccionados para frequentar cursos de formação política na China e URSS, e depois ocupavam lugares de destaque no seio do partido, mas o apoio da China era mais direccionado à COREMO.<sup>10</sup> A China fornecia mais formação ideológica, enquanto a Rússia fornecia material. Também a ONU e a OUA tiveram um papel de destaque na luta de libertação moçambicana. Em dezembro de 1969, forneceram ajuda financeira e material necessário ao prosseguimento da luta de libertação, prestavam orientação estratégica e ensinamentos táticos à FRELIMO. E, em 1974, os apoios dessas duas organizações foram aumentando. Tendo em conta outros países, o apoio da FRELIMO durante a luta da libertação veio da Tanzânia, Gana, Argélia, Guiné e do Iraque, Bulgária, Holanda, Checoslováquia, Roménia, Índia, Países Escandinavos e os comités não-governamentais do Canadá e EUA. Os territórios usados pela FRELIMO para as penetrações das suas forças em Moçambique eram a Zâmbia, Tanzânia e o Malawi (Cipriano, 2010).

Em 1961, o governo da Tanzânia, através da TANU<sup>11</sup> já auxiliava os movimentos moçambicanos. Nas suas acções Nyerere realizou comícios incentivando a rebelião contra o governo português, e sempre quis alargar a sua influência até ao rio Lúrio, por meio dos macondes. O apoio da Tanzânia à luta libertação de Moçambique era também fruto de disputa pessoal entre Nyerere e Nkrumah do Gana pelo protagonismo na sua afirmação e na luta

---

<sup>10</sup>Conforme Francisco Miguel Garcia, o Comité Revolucionário de Moçambique (COREMO), novo Partido originado pelos dissidentes da FRELIMO, devido aos conflitos internos antecedido pela Frente Unida Anti-Imperialista Africana de Moçambique (FUNIPAMO), fundado por Adelino Gwambe e Paulo Gumane. O novo partido propunha-se organizar, unir, mobilizar, e instruir militar e politicamente, todo o povo africano do Monomotapa, no país e no estrangeiro. Combater principalmente com a luta armada e aceitar outros métodos progressivos, no sentido de por rapidamente termo ao imperialismo e ao colonialismo moderno e clássico sob disfarce do imperialismo e colonialismo português em Monomotapa, formar um regime republicano democrático do povo, com base na independência total através da constituição de um governo do povo, com a participação de toda a população, incluindo chefes de tribo, representados por uma maioria de operários, camponeses, estudantes, juventude, mulheres e todos os proletários, referindo-se implicitamente, à nacionalização de todos os meios de produção e mercados e a liquidação da cultura imperialista e colonialista. Foi constituída a 31 de Março de 1965. Tinha a sua Sede em Lusaka, capital da Zâmbia.

<sup>11</sup>União Nacional Africana do Tanganica (UNAT) (em inglês: Tanganyika African National Union - TANU), foi um partido político, sendo o principal na luta pela soberania no estado do Tanganica actual Tanzania, depois da sua fusão com Zanzibar, no leste africano. O partido foi formado a partir da Associação Africana do Tanganica, por Julius Nyerere, em julho de 1954, quando ele estava ensinando no Colégio de São Francisco que é agora conhecido como Pugu da High School. A partir de 1964, passou a chamar-se União Nacional Africana da Tanzânia. Em Janeiro de 1977, o partido no poder em Zanzibar, o partido Afro-Shirazi (PASou ASP, em inglês), para formar a corrente revolucionária, Chama Cha Mapinduzi. A política do partido era construir e manter um estado socialista visando à autossuficiência económica e erradicação da corrupção e exploração, com os principais meios de produção e de troca sob controle dos camponeses e trabalhadores.

anticolonial (por trás desta situação encontravam-se o conflito sino-soviético. Nkrumah era pró-soviético e Nyerere pró-chinês. O apoio vital a Moçambique veio, por razões geográficas, da Tanzânia e era garantido por meio da MANU (Cipriano, 2010).

Desde 1962 até ao início da guerra no território moçambicano a Frente, procurou fortalecer as suas ligações no Tanganica (actual Tanzânia), pois nesse país a FRELIMO instalou o seu primeiro acampamento em Bagamoyo (Gomes, 2004). Porém, a FRELIMO estabeleceu grandes santuários nos países vizinhos, que davam refúgio aos seus combatentes quando em fuga.

A Tanzânia, para além de funcionar como um campo onde era ministrada instrução militar, por instrutores argelinos, sul-africanos e egípcios, com o armamento chinês e russo, montaram-se variadas bases militares, a ter em conta, Bagamoyo, Nachinguea, M´Bamba Bay, Mutuwara e muitos outros, possibilitando o desembarque de material.

Por outro lado, a Zâmbia prestou apoio de cariz político-militar, forneceu transporte de material e pessoal e cedia o seu território como base (Gomes, 2004). Segundo Mondlane (1967), “(...) recebemos apoio de toda parte (...). Primeiro da África (...) que nos dá a maior parte do apoio, de ordem material e outra (...) todas as nações que não são aliadas de Portugal nos dão armamento” (s/p).

O nacionalismo moçambicano nasceu da contestação ao colonialismo português e era reflectido pelas associações, imprensa e poesia. A dominação colonial criou bases para uma consciência nacionalista, fundamentada na discriminação, exploração, trabalho forçado e outros aspectos do sistema colonial. O nacionalismo moçambicano assumiu diversas formas tais como greves e sabotagens por parte dos trabalhadores e camponeses, críticas por parte dos intelectuais, artistas e religiosos. Na imprensa destacaram-se alguns jornais como o Africano, o Brado Africano, o Germinal, os Simples, Proletário, o Ferroviário, o Emancipador Amordaçado, o Emancipador dos Humildes e o Emancipador dos Artistas. O desenvolvimento da poesia como a de Rui de Noronha, serviu para despertar a consciência nacionalista. A imprensa e a literatura críticas desempenhavam um papel chave (Viana, 2017).

Poetas e escritores, como, por exemplo, José Craverinha, Kalungano (Marcelino dos Santos), Rui Nogar, Noémia de Sousa, Rui de Noronha, João Dias, Luís Beranardo Howana, Armando Emilio Guebuza, entre outros, deram um grande contributo para o despertar do nacionalismo

em Moçambique. O papel de Kamba Simango, na luta nacionalista, foi importante, uma vez que utilizando a religião, mobilizou os nacionalistas negros a lutarem pela sua dignidade.

Foi no seio dos assimilados que se fundaram e se criaram as diversas organizações nacionalistas, como, por exemplo, o Grémio Africano (presidido por João Albasini, tendo como vice-presidente Estácio Dias e como vogal José Albasini), o Instituto Negrófilo, que mais tarde passou a chamar-se Centro Associativo dos Negros de Moçambique, a Associação dos Naturais de Moçambique. Foram estes que fundaram alguns jornais que propagaram ideais anticolonialistas.

### **3.4.2. Causas do Nacionalismo em Moçambique (1950-1960)**

Tal como noutros países africanos, em Moçambique foi nas cidades que brotaram as primeiras manifestações nacionalistas, tanto no campo da literatura (poesia e jornalismo), como ao nível dos movimentos associativos sempre na linha do pan-africanismo

O desenvolvimento da luta de libertação em Angola<sup>12</sup> e a independência de Tanganika<sup>13</sup> vieram estimular sentimentos patrióticos. Mas é, sobretudo, o processo de evolução de luta no interior de Moçambique que vai desencadear o movimento unificado.

Paralelamente a agitação patriótica no exterior, no interior de Moçambique, em especial nos centros urbanos da Beira e Lourenço Marques, e nas zonas onde se encontravam embriões agrícolas como em Gaza, Cabo Delgado, Manica e Sofala, desenvolveu-se uma acção de socorro mútuo, lançou-se um debate de ideias, é o caso do NESAM<sup>14</sup> e do Centro Associativo dos Negros de Moçambique (Baulene & Assumane, 2010 pp. 100-101).

Embora numericamente fracos e sujeitos a uma repressão constante, esses grupos aparecem como expressão do sentimento patriótico a animar sobretudo massas urbanas. Como foi referido anteriormente, Moçambique neste período, sob a dominação do colonialismo português, caracterizado por um sistema de administração directa. Este facto favoreceu a

---

<sup>12</sup> A 4 de Fevereiro de 1961, patriotas angolanos desencadearam um ataque na cadeia de São Paulo e a Casa de Reclusão de Luanda, dando início a Luta Armada. Esta luta culminou com a proclamação da Independência a 11 de Novembro de 1975. Destacaram-se na acção, entre outros, os nacionalistas Paiva Domingos da Silva, Imperial Santana, Virgílio Sotto Mayor e Neves Bendinha (já falecidos). Estes ajudaram a coordenar o assalto cujos preparativos iniciaram em Outubro de 1960.

<sup>13</sup> Em fim a meia-noite do dia oito de Dezembro de 1961 o país alcançava a independência nacional tendo neste instante içado no monte Kilimanjaro, sobre os picos cobertos de neve, a Bandeira verde, amarela e preta do Tanganika, símbolo sublime do renascimento africano e Julius Nyerere o principal líder desta luta viria a ser no ano seguinte o primeiro Presidente desta nova nação.

<sup>14</sup> NESAM-Núcleo de Estudantes Secundários Africano de Moçambique – fundado em 1949.

formação de muitos outros grupos associativos, entre os quais UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique, formado em 1960), a MANU (Mozambican African National Union, formado em 1959), UNAMI (União Nacional para Moçambique Independente, fundado em 1961) e outros grupos associativos.

O amadurecimento destes movimentos teve lugar em Tanganhica onde a situação política, acompanhada pela proclamação da independência em 1961, favoreceu a sua implementação e posterior união. Recama, diz que:

*É nesta fase crucial de implementação deste movimento que surge vários esforços associados para a criação de um movimento unitário influenciados pelos ideais Pan-africanista tão preparado por N'krumah, como pela conferência da CONCP (Conferência das Organizações Nacionalista das Colónias Portuguesas), que defendia a representação unitária e pelo contexto político que caracterizava a Africa de então (Recama, 2006, P.45).*

O Conselho Consultivo da CONCP<sup>15</sup>, reunido em sessão extraordinária entre 13-15 de Junho de 1962 em Rabat (Marrocos) exprimiu a sua profunda preocupação quanto a gravidade da situação do povo africano de Moçambique, em relação ao verdadeiro desenvolvimento da luta de Libertação Nacional, era, um facto que em Angola, na Guiné (portuguesa) e até nas ilhas de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe onde o isolamento geográfico e político tinha criado dificuldade aos nacionalistas, a luta pela libertação nacional estava contudo, a desenvolver-se rapidamente. Entretanto, 65 milhões de africanos continuavam a ser sujeitos a todos os crimes do jugo colonialista português, existia um notório atraso. Bragança (s/d) citado por (Recama 2006).

É necessário observar os esforços políticos e diplomáticos de Kwame Nkrumah, em particular, a influência decisiva do presidente Julius Nyerere, que exigiu a unidade e a observância da lei.

---

A Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), fundada em 18 de Abril de 1961, em Casablanca no Marrocos, foi uma organização internacional entre determinados movimentos nacionalistas das então colónias portuguesas tendo substituído uma frente pré-existente, a Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional (FRAIN). A CONCP, assentava em organizações nacionais e visava coordenar a acção política de um conjunto de movimentos nacionalistas africanos e goeses na luta contra o colonialismo português. A CONCP engloba, o PAIGC, em representação do Guiné e Cabo Verde, o MPLA, por Angola, a UDENAMO, mais tarde substituída pela FRELIMO, por Moçambique, O MLSTP, por São Tomé e Príncipe. Inicialmente contou também com uma significativa delegação de nacionalistas indianos de Goa. Foi substituído em 1979 pelo (PALOP) Países Africano de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)

A fusão dos movimentos para a formação de uma única frente para a libertação de Moçambique, constituiu, assim, a única saída necessária, independentemente de quem fosse o líder. Esse facto, consumou-se a 25 de Junho de 1962, tendo Eduardo Mondlane sido eleito presidente da Frente. Assim a unificação dos movimentos independentistas então existentes (MANU, UDENAMO, UNAMI) resultou na formação da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Foi esta Frente que desencadeou a luta de libertação nacional que culminou com a proclamação da independência nacional em 25 de junho de 1975, (Ronguane, 2010).

De um modo geral, nota-se que o nacionalismo em Moçambique, enquadra-se na conjuntura política, económica, social e cultural de África e do mundo, em geral, dos finais dos anos 40, depois da segunda guerra mundial. A acção dos aliados (URSS, EUA, Grã-Bretanha, França etc), tinha o objectivo de desenvolvimento e neutralização total do nazismo e do fascismo. Assim, pondo de lado as divergências ideológicas, todos lutaram pela liberdade e democracia; a crescente influência mundial da URSS com uma posição anti-colonial, e pressão dos EUA e o Reino Unido nas reformas sociais.

Este facto, favoreceu formação de muitos outros grupos associativos, entre os quais a UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique, formada em 1960) a MANU (Mozambican African National Union, formada em 1959) e UNAMI (União nacional para Moçambique Independente, formada em 1961) e outros grupos associativos.

Assim, a unificação dos movimentos independentistas então existentes (MANU, UDENAMO E UNAMI) resultou na formação da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Essas acções, associadas a criação em 1945 da Organização das Nações Unidas (ONU), uma instituição que exigia aos países colonizadores a independência dos colonizados, fortaleceu a ideia de descolonização entre os dominados. Foi assim que, inspirando-se nesses factos o nacionalismo moçambicano se tornou uma realidade.<sup>16</sup>

É nesta senda, aliado ao conhecimento do Pan-africanismo, Nacionalismo, Revolução e dos escritos de Henry Sylvester William, Marcus Mosiah Garvey, W.E.B. Du Boy, Nkwame Nkrumah, Patrice Lumumba e outros nacionalistas africanos e até moçambicanos, como o caso de Rui de Noronha, influenciaram bastante, à um padre, pessoa formada intelectualmente, esclarecida sobre o que está ocorrer no mundo e em particular no continente africano, especialmente em Moçambique, seu país, por via disso, consegue mobilizar centenas

---

<sup>16</sup> Assumane (s/d, p. 104).

de seus compatriotas para a libertação da terra que lhe viu nascer, este jovem sacerdote foi o padre Mateus Pinho Gwenjere.

E, em relação a este tema poucos historiadores ousaram em escrever sobre o nacionalismo do padre Mateus Gwenjere, embora Bernabé Nkomo tenha escrito sobre Uria Timóteo Simango, o Vice-presidente da Frelimo desde o primeiro congresso até 1970, ano do seu afastamento e exílio no Egito juntamente com toda a sua família. Recentemente foram publicados três livros de escritores moçambicanos como Lawe Laweki, que publicou em 2019, o livro Mateus Pinho Gwengere um padre Revolucionário, e Adelino Timóteo, radicado na cidade da Beira, na qual escreveu os últimos dias de Uria Simango e Afonso Dhlakama - A longa luta em defesa da democracia. Aqui a tensão política e os conflitos internos na Frelimo são evidenciados.

Há que salientar a pouca bibliografia existente sobre o tema. Muito poucos autores escreveram sobre padre Mateus Pinho Gwenjere.

### **3.5 Pan Africanismo**

O Pan-Africanismo manifestou-se pela realização de conferências com vista a fixação de diretrizes comuns para a obtenção da independência dos países ainda sob a dominação colonial. A Negritude foi uma expressão literária que defendia um conjunto de valores da civilização cultural, económica, social e política que caracterizam o povo negro. Para (Recama, 2006, p.80), o pan-africanismo, tal como a negritude é uma orientação filosófica, política e sócio cultural dos afro-americanos dentro da luta pelas liberdades africanas, versando fazer face às barreiras raciais, sociais e políticas que eles enfrentavam.

Os movimentos defensores da Negritude e do Pan-Africanismo exerceram um papel de extrema importância, pois estes influenciaram os intelectuais e os estudantes a unirem-se e afirmarem-se como africanos. Entre as duas guerras, África passava pela privação das liberdades políticas e sociais, exploração dos recursos humanos e materiais, em benefício de estrangeiros. Foi contra essas situações que se erguem as aspirações nacionalistas, surgindo reivindicações de melhoria da situação económica e social das comunidades, a mão-de-obra sindicalizou-se progressivamente, reforçando a expressão política anticolonial do nacionalismo africano (Viana, 2017).

Segundo Gubernau (1997) realizaram-se em 1953, o VI Congresso em Kumasi e, em 1958, o VII Congresso em Acra, que exigia a autonomia e independência para África. Sob lema da descolonização e da independência, o pan-africanismo movimentou militares intelectuais e políticos africanos, acedeu a chama da unidade partindo da geração dos líderes antigos da África independente, como; Jomo Kenyatta (Quênia), Kenneth Kaunda (Zâmbia), Peter Abrahams (África do Sul), Hailé Sellasié (Etiópia), Julius Nyerere (Tanzânia), Kwame Nkrumah (Gana) e Nandi Azikiwe (Nigéria) aos actuais líderes.

Em Dezembro de 1957, a África portuguesa realizou uma reunião de consulta e de estudo para a luta contra o colonialismo em África, sobretudo da África portuguesa, em Paris. A reunião terminou com a fundação de alguns movimentos de revolta. Na sequência da reunião de Paris fundou-se o Movimento Anti-Colonialista (MAC)<sup>17</sup>, sob liderança de Marcelino dos Santos, Amílcar Cabral e Lúcio Lara, de Moçambique, Guiné, Cabo Verde e Angola, respectivamente. Em 1959, com ajuda de alguns países já independentes, o MAC transformou-se em Frente Nacional Africana para a Independência Nacional das Colónias portuguesas.

O Pan-africanismo, tal como a negritude, é uma orientação filosófica, política e sócio cultural dos afro-americanos dentro da luta pelas liberdades africanas, versando fazer face as barreiras raciais, sociais e políticas que eles enfrentavam (Recama, 2006). O Pan-africanismo visava eliminar a exploração, as brutalidades, as crueldades e as discriminações raciais, a união de todos africanos num só Estado, alcançar as independências de todos os Estados africanos.

Du Bois, foi fundador da National Association for the Advancement of Coloured People (N.A.A.C.P. (Associação Nacional Para o Progresso da População de Cor), faz parte dos mais

---

<sup>17</sup>Movimento Anti-Colonialista (MAC), em dezembro de 1957, em Paris, vários nacionalistas das colónias portuguesas que estudavam na Europa reúnem para analisar a evolução da luta anti-colonial. Desta reunião sairá a fundação do Movimento Anti-Colonialista agrupando activistas ligados sobretudo à Casa dos Estudantes do Império e também ao MUD Juvenil, ao PCP ou ao Clube Marítimo Africano. O MAC tem relações orgânicas com um grupo radicado em Paris (Mário de Andrade, Marcelino dos Santos e Aquino de Bragança) e outros na Alemanha (Viriato da Cruz, Carlos Horta e Luís de Almeida). Para além dos citados, o Movimento contava ainda com a participação de Agostinho Neto, Edmundo Rocha, Lúcio Lara, Amílcar Cabral, Carlos Pestana, Guilherme do Espírito Santo ou Iko Correia.

As actividades do MAC seriam pouco efectivas em Portugal e desenvolver-se-iam sobretudo no estrangeiro. Na II Conferência dos Povos Africanos realizada em Tunes em janeiro de 1960, e finalmente feita a apresentação internacional do MAC. No entanto, é também esta ocasião que marca a sua dissolução, dando lugar a Frente Revolucionária Africana para a independência Nacional das Colónias Portuguesas (FRAIN).

Apesar da sua breve existência, o MAC deu um importante impulso e suporte teórico a luta anticolonial, tendo sido um marco da unidade pan-africanista. O seu Manifesto de 1957, constitui-se como um programa de acção e uma estratégia comum para os movimentos de libertação das Colónias Portuguesas, sendo considerado por Amílcar Cabral “O prefácio da nossa luta, a linha geral da luta que travamos hoje vitoriosamente contra o colonialismo português”.

entusiastas adeptos do regresso dos negros americanos nas suas “Origens” e, portanto, do “repatriamento da população negra norte americana para a África (já no século XIX se tinha feito uma tentativa nesse sentido e de que resultou na criação da Libéria).

A personalidade, Marcus Garvey, ficou célebre por arrastar multidões às suas iniciativas, que iam desde os grandes comícios em enormes estadios, até á fundação de seitas religiosas (com anjos negros e um satanás branco). No entanto, a sua importância está no vigor que imprimiu ao movimento e no modo como o divulgou em contacto directo com as massas de negro norte americanos (Manual de História de Moçambique, s/d, pp.282-284). Segundo Recama (2006), foram realizados cinco congressos, o primeiro realizado em 1919, em Paris, orientado por Du Bois e debateu a questão internacional das antigas colónias alemãs; o segundo realizou-se em 1921, em Londres sob direcção de Du Bois, onde se fez apelo a igualdade das raças; o terceiro e quarto congressos realizaram-se respectivamente, em Londres e Lisboa (1923) e em Nova Iorque (1927). Neste último, as reivindicações, embora sem consequências imediatas, incidiram mais concretamente sobre o direito dos africanos às suas terras e recursos naturais, direito à justiça tradicional, extensão da educação gratuita dos colonizados, participação política e económica, proibição do tráfico do álcool e de escravos. O quinto congresso, realizado em 1945, em Manchester. Nele apareciam novas lideranças ao lado do Du Bois, onde-se pode destacar os nomes de Kwame Nkrumah, George Padmore<sup>18</sup> e Peter Abraham. Novamente insistia-se na luta contra a exploração económica colonial e reclamavam o apoio a independência da Argélia, de Marrocos e outras possessões coloniais da Africa ocidental.

Cansados com a dominação colonial, os africanos uniram suas vozes contra o colonialismo e um dos primeiros projectos, para este fim, foi o do Pan-Africanismo, ou a união de todas as nações africanas, formulado pelo líder negro Jomo Kenyatta,<sup>19</sup>do Quênia. O principal obstáculo do Pan-africanismo era a diversidade étnica e cultural do continente (Nkrumah, 1977).

### **3.6. Conflito**

Conflito, emerge quando há necessidade de escolha entre algumas situações que podem ser consideradas incompatíveis. Todas as situações de conflito são antagónicas e perturbaram a acção ou a tomada de decisão por parte da pessoa ou de grupos. Também podemos dizer que

---

<sup>19</sup>Jomo Kenyatta(20 de Outubro de 1894 - 22 de Agosto de 1978) foi primeiro-ministro do Quênia de 1963 até 1964 e o primeiro presidente do Quênia de 1964até 1978. É considerado o fundador da nação queniana.

conflito é quando há um assunto de interesse comum entre duas ou mais pessoas, que venham a ter opiniões divergentes sobre esse tema e que não conseguem lidar com as diferentes opiniões apresentadas, vindo a gerar uma situação tal que poderá acarretar a necessária gestão do facto em litígio, pois a situação envolve expectativas, por vezes, valores e inspirações próprias. (Nascimento & Rodrigues:2012)

Nkrumah (1964, pp. 57-58) ao falar sobre diferença de ideias numa organização política, diz o seguinte:” a interação entre a modificação das condições sociais, por um lado, e o conteúdo da consciência dos povos, por outro lado, não é unilateral, as condições podem ser modificadas por uma revolução são o facto dos homens, dos homens que pensam nos homens de acção e agem como homens de pensamento. É verdade que a história faz os revolucionários, mas longe de ser a bola ao vento da história, eles tem uma sólida base ideológica”.(Krumah, 1964, pp. 57-58)

Enquanto Salvatore Maddi classifica as teorias da personalidade segundo três modelos, um dos quais o de conflito. Esse modelo supõe que a pessoa esteja permanentemente envolvida pelo choque de duas grandes forças antagônicas, “que podem ser exteriores ao indivíduo (conflito entre indivíduo e sociedade) ou intrapsíquicas (forças conflitantes do interior do indivíduo que se dão, por exemplo, entre os impulsos de separação, individuação e autonomia e os impulsos de integração, comunhão e submissão) “.

O conflito, no entanto, pode ter efeitos negativos como positivos, mas em certos casos e circunstâncias, como factor motivacional da actividade criadora. Em 2016 foi editado, na Austrália, um livro bilíngue (em português e inglês) com um Ensaio recomendável onde também se aborda a problemática da tolerância e, cujo título é “Será paz uma Ilusão?” - um estudo e resumo de uma tese académica sobre Conflitualidade – “Avaliação Matemática da Conflitualidade entre Pré-Beligerantes” de autoria do Politólogo e Jurisconsulto Luís Arriaga, atualmente a viver em Brisbane - Queensland - Austrália.

De acordo com o Dicionário Aulete, o conceito de conflito é “oposição de ideias, sentimentos ou interesses”, ou seja, o conflito é o choque entre forças contrárias ou opiniões divergentes. Onde há um grupo de pessoas, há conflito e oportunidades de mudanças. Por sua vez, Giddens

e Sutton (2016)<sup>20</sup> definem conflito como luta entre grupos sociais pela supremacia, envolvendo tensões, discórdias e choque de interesses.

Portanto, conflito é uma situação que envolve um problema, uma dificuldade e pode resultar posteriormente em confrontos, geralmente entre duas partes ou mais, cujos interesses, valores e pensamentos observam posições absolutamente diferentes e opostas.

Então, este conflito pode provocar a troca de opiniões entre duas pessoas que apresentam interesses opostos dentro de uma discussão, evoluindo para uma resolução do caso ou no pior das hipóteses provocando uma luta armada, algo já visto ultimamente em países que não conseguem resolver seus conflitos antigos.

Existe, também por isto, uma elevada propensão para ocorrência de guerras civis em África, atribuindo-se igualmente à diversidade étnica e factores que dela decorrem (tentativas de subjugação entre membros de etnias diferentes, escalada conseqüentemente do medo do ódio, por outro lado, verificam-se guerra civil no nosso continente, por influencia de potencias estrangeiras interessadas nas terras, minerais, riquezas naturais, como é o caso do petróleo, gaz e outros) uma elevada responsabilidade pela ocorrência dessas guerras. Esta ilação parece evidente se tivermos em conta que os movimentos rebeldes africanos são por norma definidos em termos étnicos (Nascimento & Rodrigues, 2002).

A diversidade étnica e religiosa é, de facto, tida por alguns investigadores como a principal causa para o espoletar de conflitos, principalmente em contextos nos quais o Estado, por um lado, nega a existência de tal diversidade, mas por outro lado, a invoca, a fim de beneficiar este ou aquele grupo na relação sociedade-Estado (Wallenstein, 2007, pp. 12-27).

### **3.7. Conflito na FRELIMO**

A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), movimento fundado em Junho de 1962, após a fusão de três movimentos independentistas, nomeadamente, a União Democrática de Moçambique (UDENAMO), fundada no centro de Moçambique, cujos membros foram muito perseguidos pela policia colonial PIDE-DGS. O escritório desse movimento estava localizado na Rhodesia do Sul em 1960, precisamente na cidade de Bulawayo, liderado por Adelino Chitofu Gwambee, o reverendo pastor Uria Timóteo Simango foi Secretário-geral da

---

<sup>20</sup>Giddens, A. & Sutton, P. W. (2016). *Conceitos Essenciais da Sociologia* (C. Freire, Trad.). Recuperado em [www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br) em Abril de 2021.

agregação (Caetano, 2015). O segundo movimento foi UNAMI (União Nacional de Moçambique Independente), fundado por Baltazar Changonga e Evaristo Gadaga, que tentaram criar o escritório na cidade de Tete e Moatize mas, devido as actividades da PIDE-DGS, instalaram o seu escritório em Nyassaland, actual Malawi. O terceiro movimento foi a MANU (que inicialmente se designava Makonde African National Union e mais tarde passou a designar-se por Mozambique African Natinal Union ou União Nacional Africana de Moçambique). Esse movimento foi fundado por Matew Mmole (Viera, 2010, p. 195).

Segundo Newitt (2012), os apoiantes do movimento independentista MANU, reuniram-se em Mueda, em Junho de 1960, para apresentar uma petição ao administrador local, Contudo foram recebidos a tiros que causou a morte de mais de quinhentas (500) pessoas e milhares de feridos e presos.

Assim, a Frelimo é um movimento resultante da fusão de três organizações políticas, nomeadamente: União Democrática de Moçambique (UDENAMO), criada na sua maioria pelos nativos da região centro de Moçambique, sendo na sua maioria os provenientes das províncias de Manica e Sofala, faziam também parte os oriundos da região sul do país, incluindo o seu chefe, motivados pelas perseguições da PIDE-DGS (Policia Secreta de repressão colonial portuguesa) criaram a sua Sede e respectivo escritório em 1960, na ex-Rodesia do Sul, hoje Zimbabwe, exactamente na actual cidade Zimbabweana de Bulawayo. Tinha o seu líder um jovem natural de Inhambane, chamado Adelino Chitofu Gwambe. Por seu turno, Virgílio Ferrão no seu livro intitulado *Comprender Moçambique*, explica sobre a UDENAMO da seguinte maneira:

“Trabalhadores e exilados sobretudo do Sul e do centro de Moçambique, nomeadamente Lourenço Marques, Gaza, e Manica e Sofala formaram a UDENAMO-União Democratica Nacional de Mocambique, em Bulawayo, Rodesia do Sul (agora Zimabwe) no dia 2 de Outubro de 1960. Os mais activos na sua formação eram Adelino Gwambe (Presidente), Marcelino dos Santos, Urias Simango, Daniel Mabunda, Paulo José Gumane, Alberto Sithole, Fanuel Malhuza, Adelino Bucuane, Mauricio Jaime Khamba, e outros” (Ferrão, 2001, p.25).

Por sua vez, os residentes da região norte de Sofala e do sul da província de Tete liderados pelo enfermeiro Baltazar Changonga e Evaristo Gadaga fundaram e dirigiram a UNAMI, até a sua junção para formar a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique).

Em relação a MANU, Virgílio Ferrão descreve da seguinte maneira:

“Em 1961 foi formado a MANU (União Nacional Africana de Moçambique), nascida da transformação da União Makonde de Moçambique. A sua criação teve

lugar em Mombaça, Kenya. Como se pode denotar a formação deste partido teve lugar após o massacre de Mueda em 16 de Junho de 1960, que resultou em numerosos feridos e mortos entre africanos. Este massacre perpetrado pelos portugueses era um sinal visível de que o regime português e a sua máquina militar haviam iniciado o fortalecimento da política de repressão” (Ferrão, 2001, p.24).

Tristemente, os começadores ou dirigentes dos movimentos que fundaram a Frelimo, foram mortos, e considerados inimigos da pátria que eles próprios almejaram ver o seu povo livre da opressão colonial, nomeadamente, Adelino Hlomulo Gwambe, fundador da UDENAMO, Mathew Mmole, da MANU e, por fim, o enfermeiro Baltazar da Costa Changonga, da UNAMI, e nenhum se beneficiou da independência proclamada em 25 de Junho de 1975. De referir que estas organizações se situavam entre grupos específicos de Moçambique.

Destes três movimentos somente o MANU tentou actuar dentro de Moçambique e foi uma multidão de apoiantes seus que se reuniu para apresentar uma petição ao administrador local em Moeda, em Junho de 1960. O administrador recebeu os manifestantes chamando as tropas que abateram uma parte dos manifestantes que saldou em mais de 500 mortos e milhares de feridos e muitos outros foram presos<sup>21</sup>.

É no seio deste ambiente conturbado do mundo, começando pelos conflitos interdinásticos, agudizados pela presença europeia e, em particular, portuguesa em Moçambique, que surge um homem Mateus Pinho Gwenjere, com características peculiares e com objectivos muito claros para o seu país e o seu povo, de se libertar da ditadura fascista de Salazar.

Este Homem, nascido num ambiente conflituoso e no meio duma exploração sem precedente do homem pelo homem, decide conhecer primeiro o mundo que lhe rodeava. Para o efeito a primeira via era estudar e estudar mais, pois, somente assim, podia tomar decisões sábias e prudentes sobre o seu país. Fez o ensino primário, secundário, liceal e entrou no Sacerdócio, para compreender o mundo que rodeia e acima de tudo, conhecer o homem que faz acontecer as coisas. Ele tenta compreender primeiro o homem que se encontrava ao seu redor e depois o “branco português fascista” incluindo as suas necessidades básicas, o mundo e as transformações em sua volta, para depois agir com prudência.

Esta situação, aliada ao regime que se vivia em Murraça ou em Caia, sua terra natal e em Moçambique no geral, despertou ainda mais a sua consciência nacionalista, patriótica e revolucionária no interior do aspirante à função de sacerdote chamado Mateus Pinho Gwenjere.

---

<sup>21</sup> Newitt (2012, p. 450).

Ngoenha, no seu livro MONDLANE Regresso ao Futuro, explica que “Desde a sua génese, a Frelimo enfrentou conflitos internos, inerentes que às diferentes teorias sobre a estratégia e, igualmente, sobre as táticas e os modelos que poderiam conduzir à libertação. Não se pode esconder, aliás, eram por demais, evidentes de acordo com a literatura, os conflitos de ambição pessoal de personalidade, as suspeitas que se levantaram entre os líderes oriundo dos movimentos, as constantes infiltrações da PIDE e as roturas que eram próprias de um movimento desta natureza e que provocaram desgaste e a interacção de posições conflituosas. Eduardo Mondlane precisava, então, de saber criar os equilíbrios e ter a necessária perícia para conciliar estas diferentes estratégias e assegurar essa unidade interna na FRELIMO” (Ngoenha:2019).

## CAPITULO IV. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas.  
Pessoas mudam o mundo”

(Paulo Freire)

Neste capítulo, descrevemos o contexto histórico de Moçambique pré-imperialista, imperialista ou colonial português e o resumo dos Estados que governavam antes da presença portuguesa no nosso país. O mesmo explica o conceito Estado, na visão de vários políticos e ou mesmo politólogos contemporâneos, e com alguns exemplos, descrevendo a sua fundação e respectivas causas de decadência, de forma resumida, que resistiram contra a presença europeia principalmente portuguesa, no norte, centro e sul de Moçambique Destaca-se o Estado de Bárué por ser o último baluarte da resistência contra o colonialismo português em 1917, no auge da I Guerra Mundial.

Um dos objectivos deste capítulo, é demonstrarmos que Moçambique apesar de ser uma nação independente tem vivido situações de instabilidade política com características de regionalismo, talvez, foi por esta causa que padre Mateus Pinho Gwenjere, sonhava que o melhor sistema de governação, depois de alcançada a independência nacional, seria o Federalismo<sup>22</sup>, que conduziria eleições multipartidárias, e provavelmente evitaria vários conflitos que hoje vivemos.

---

<sup>22</sup>O Pequeno dicionário político, define Federação como sendo agrupamento de vários Estados que conservam juridicamente uma certa autonomia política a um único Estado Federal. O território da federação compõe-se dos territórios dos Estados Membros, cada um dos quais goza de direito de ter a sua própria *constituição*. Os Estados federados conservam os seus sistemas jurídicos e judiciais próprios. Por sua vez, O Dicionário de História Universal de Texto Editores explica o Federalismo como sendo o sistema de governo no qual dois ou mais Estados diferentes se unem numa federação sob um governo central comum, mantendo, contudo, a sua integridade política fundamental. Apesar de se verificarem diferenças entre os diversos Estados federados, existem certas características e princípios comuns a todos. A relação que se estabelece entre os membros de um Estado federado tem expressão num convénio de união, o qual se encontra normalmente consagrado na constituição desse mesmo Estado. Através desta, são delineados os termos em que o poder é dividido ou partilhado, assim como a forma de governo da federação. Os Estados membros retêm a capacidade de legislar em determinados assuntos e na sua forma de governo interna. O federalismo, enquanto sistema de governo, assenta na distribuição do poder por diversos centros, dando origem ao fenómeno de descentralização. Os EUA, a Suíça, o Canadá, a Austrália e Malásia possuem governos federais. Também incluem nesta lista a Argentina, a Alemanha, a Bélgica, O Brasil, o Comores, a Etiópia, os Emirados Árabes a Índia, a Nigéria, o Nepal, a Venezuela e a Rússia. E por fim o Dicionário da Língua Portuguesa do Porto Editora define Federalismo na política, como sendo sistema governativo que consiste na reunião de vários Estados numa só nação, conservando cada um deles a sua autonomia em negócios que não pertencem ao interesse comum.

#### **4.1. Estados moçambicanos pré – imperialistas**

O Dicionário de História (2005), define Estado como sendo uma comunidade politicamente organizada, com poderes soberanos sobre um dado território. Enquanto o dicionário Básico da Língua Portuguesa do (2008), revela o Estado como sendo uma nação organizada politicamente. O Pequeno dicionário Político (1985) esclarece o termo Estado como sendo uma organização do poder político numa sociedade de classes. Para Lenine, o Estado é o produto e a manifestação do carácter irreconciliável das contradições de classe (Nhapulo, 2017). Para os marxistas, o Estado é uma organização do poder político numa sociedade de classes. O Estado é uma máquina reguladora destinada a manter o domínio de uma classe social sobre outra (Nhapulo, 2017).

Por sua vez, os pensadores e cientistas políticos, Karl Marx e F. Engels defenderam a ideia de que o Estado é sempre o exercício de funções sociais que está na base da supremacia política. Com efeito, na interpretação marxista, uma das vias que leva ao aparecimento do poder de Estado consiste na especialização de um pequeno número de indivíduos em determinadas funções não directamente produtivas (Manual de História 1981,p.11).

Com o incremento das forças produtivas e a crescente divisão social do trabalho, gera-se a necessidade de dispor de uma equipa de pessoas capazes de administrar e de organizar a sociedade no seu conjunto. Nasce, assim, a função técnica – administrativa, a qual, progressivamente, é absorvida pela dominação política.

Assim, verificou-se, em Moçambique, a existência de Estados no período pré-imperialista em muitas regiões.

Na Zona Norte de Moçambique que, actualmente, são as províncias de Cabo Delgado, Niassa e Nampula, existiam no período antes da presença europeia, vários Estados, mas, podemos elencar alguns tais como: Os Estados Ajaua, os Estados Makua, os reinos afro Islâmicos da costa (Xeicado de Quitangonha, Xeicado de Sangage, Xeicado de Sancul, Xeicado de Tungue) (Nhapulo, 2013).

Na Região Centro de Moçambique, que hoje abarca as províncias de Sofala, Manica, Tete e Zambézia, havia vários Estados, que resistiram heroicamente contra a penetração europeia, principalmente portuguesa, destacando o Estado do Zimbabwe, o Estado de Mwenemutapa, o Estado Marave, o Estado de Barue, o Estado Undi e o Estado Makanga, Serra (1982).

E, por fim, temos a região Sul de Moçambique, destacando o Estado de Gaza, (Liesegang 1982).

Todos estes Estados ou reinos tinham a sua organização, suas culturas, suas tradições, suas ideologias e suas formas de administração política, económica e social.

#### **4.2. Etnia e o poder em Moçambique**

A etnia é o conjunto de indivíduos que, independentemente da raça e da nação a que pertencem, estão unidos por uma civilização e uma língua comum. Fenon (2003), no seu livro *Etnicidade*, define étnico como adjectivo pertencente a nações não cristãs, pertencente a uma raça ou nação, que possui características raciais, culturais religiosas ou linguísticas comuns.

A etnicidade é um termo abrangente que denota essas dimensões da descendência e da cultura e como elas são mobilizadas para sustentar definições públicas de grupos e as fronteiras entre eles. Não constitui, por si só, explicação do nada. Assim, o étnico (adjectivo) é um termo pertencente a nações não cristãs, pertencente a uma raça ou nação, que possui características linguísticas comuns, especialmente designando um grupo racial ou outro no interior de um sistema mais vasto (Fenon, 2003, p.26).

O aditamento significativo ao segundo volume de Glazer e Moynihan é a ideia de que os interesses étnicos podem ser perseguidos relativamente ao Estado. Uma vez que o Estado toma parte na utilização de categorias étnicas para distribuir recursos, ele cria ou confirma categorias étnicas e faz da etnicidade um princípio instrumental político. Steve Fenton, no seu livro *Etnicidade*, explica que canções de Estado na definição de grupos étnicos e na regulamentação de direitos, privilégios e proibições, segundo linhas étnicas, são pelo menos tão importantes como as relações entre indivíduos e colectividades segundo linhas étnicas (Fenton, 2003, p.122).

#### **4.3. Unidades etnolinguísticas**

Conforme explicam Fernandes e De Bastos (2005), as unidades etnolinguísticas surgiram em períodos diferentes, como resultado da miscigenação e diferenciações dos imigrantes Bantu dos anos 200 d.C. entre o norte e o sul de Moçambique, até ao séc. XVI, altura em que se cristalizou uma nova cultura e identidade, destacando-se os Macuas, os Rongas, os Loló ou

Lomué. Com o desaparecimento do Estado Marave, surgiram designações etnolinguísticas como Nianja, Yao Mwani e Maconde.

Conforme o Manual de História das instituições Políticas III da UCM-CED:

*"[...] após a independência, o complexo mosaico cultural moçambicano refletiu no processo da construção da identidade nacional, particularmente no processo educativo, para garantir a integração dos moçambicanos dentro dos 16 grupos étnicos e 24 línguas existentes e vários dialetos, conforme o censo de 1980. (p. 117)".*

A partir daqui, sustentamos que a nação moçambicana ainda está por ser construída. A verdade é que a região que hoje se chama Moçambique é habitada por vários povos. Em Moçambique, do rio Rovuma ao rio Maputo, do Zumbo até ao oceano Índico, encontramos vários conjuntos de indivíduos dotados de liberdades naturais, unidos por interesses e idiomas comuns de cada grupo.

Assim, podemos concluir que, cada conjunto ou grupo tem a sua ideologia, seus princípios, seus ideais, seus conceitos, princípios, doutrinas políticas e socio - económicas próprias de um grupo social. A reestruturação das autoridades tradicionais tinha que observar a concomitância de valores tradicionais e modernos de modo a garantir uma transição progressiva nas comunidades.

Apresentamos alguns reinos e origem de etnias moçambicanas referente a fase pré-colonial, colonial e até ao período da luta pela independência, para mostrarmos que os conflitos etno-linguísticos e regionais, mesmo depois da fundação da FRELIMO, continuaram, e não foram resolvidos, pois, a população moçambicana é formada por vários povos, e cada um com suas particularidades, e essas deveriam ser consideradas no percurso da luta de libertação, se assim fosse, pensamos que evitaríamos muitos conflitos no seio da organização libertadora, por isso, alguns entrevistados disseram que Padre Gwenjere defendia no mínimo o multiparidismo, mas, para ele (Gwenjere), o melhor seria o Federalismo, onde alguns costumes e tradições dos povos nativos de cada região deveriam ser respeitados e conservados, permitindo desta forma, mesmo em ambiente de luta armada a manutenção da diversidade cultural, e evitar o aparecimento de um povo ( ou tribo ) elitista dominando as outras.

Actualmente, os reinos antigos e a etnicidade, influencia a politica e tendência governativa moçambicana.

Podemos ter como exemplo os Partidos que fundaram a FRELIMO, surgiram em regiões diferentes e mais tarde percebemos que embora todos tinham objectivo de lutar e para o derrube do sistema colonialismo português em Moçambique , internamente ( dentro de cada partido e ou dirigente fundador tinha objectivos particulares da sua região), hoje cada movimento ou dirigente que surge no cenário politico moçambicano tem na sua maioria apoiantes da sua região de origem.

Podemos ter como exemplos as primeiras, segundas, terceiras e quartas eleições gerais, incluindo das autarquias, a Frelimo teve maiores votos e apoiantes na zona sul, porque Alberto Joaquim Chissano e Armando Emilio Guebuza, seus candidatos presidenciais são originários do sul, Enquanto a RENAMO de Afonso Macacho Marceta Dlakama e MDM, de Davis Mpepo Simango, eram originários da Provincia de Sofala, centro de Mocambique, obtiveram maiores votos incluindo assentos parlamentares nas regiões centro e norte devido a origem dos seus fundadores.

#### **4.4. A PIDE e o padre Mateus Pinho Gwenjere**

O Padre Gwenjere em notas datadas de 16 de novembro de 1972, escreveu que a polícia secreta portuguesa, a PIDE, frequentemente recrutava irmãs e padres católicos portugueses para espionar padres estrangeiros em Moçambique. Segundo ele, a PIDE queria também o recrutar para espionar os “padres brancos” na missão de Murraça. De acordo com o padre Gwenjere, em 2 de Maio de 1964, ele foi convocado pelo governo e convidado a participar do grupo de padres que eram espiões. A sua tarefa seria de espionar os “padres branco” na Missão de Murraça, tendo sido prometido que os “padres brancos” seriam expulsos e ele seria promovido para ser o padre Superior da Missão de Murraça. A PIDE prometeu que lhe compraria uma motorizada e depois um carro. O padre recusou a oferta, tendo informado os “padres brancos” sobre o sucedido. Ao aperceber-se da sua traição, a administração colonial ficou muito irritada.

Conforme Laweki (2019), a situação penosa que se vivia no actual distrito de Caia, quando Ramiro dos Santos Paiva um oficial português que foi apelidado de “Matope” (palavra da língua Sena que traduzida para português significa lama,) pela população local, tornou-se o administrador de Caia, as mulheres locais eram muitas vezes presas por não cultivarem o

algodão. Outras eram presas porque seus maridos que não conseguiam pagar o imposto andavam fugitivos. Logo depois que o padre Gwenjere se estabeleceu na Missão de Murraça, ele começou a protestar contra os mau-tratos de que seus irmãos africanos eram vítimas, conforme revelado a baixo<sup>23</sup>:

*Um dia, uma mulher que vinha de uma moagem foi vista pelos controladores ferroviários andando pela rodovia. Sem nada dizer, os controladores pegaram no seu saco cheio de farinha de milho e deitaram fora. O padre Gwenjere, que passava de motorizada vindo de Caia, encontrou a mulher a chorar e de ouvir as suas reclamações, ele levou-a na sua motorizada até a vila de Caia, onde ele obrigou os funcionários da ferrovia a compensa-la pela farinha de milho que os controladores deitaram fora durante um período de fome. Os funcionários da ferrovia compraram e entregaram a mulher um saco de farinha, peixe seco, e óleo de cozinha.*

No documento da PIDE de 16 de março de 1965, a polícia de segurança alertou que dado a sua categoria como padre, nativo desta província (Moçambique) e dada a sua grande influência sobre os negros, o padre Mateus poderia tornar-se um elemento “muito pernicioso”. O alerta da PIDE veio a materializar-se mais cedo do que esperado. Depois do incedente dos catequistas que foi esbofetiado pelo capataz da Trans Zambézia Railway (TZR), o padre Gwenjere dizia para o povo local para desconsiderar ordens que os proibiram de andar pela ferrovia. Ele lhes dizia que já que os portugueses não conseguiam arranjar e reparar estradas; os negros tinham todo o direito de andar pela via-férrea<sup>24</sup>.

Na estação ferroviária de Caia, em 31 de abril de 1965, o padre Mateus insultou o homem branco que estava a vender os bilhetes de caminhos-de-ferro, chamando-lhe de gatuno, por estar a levar mais um (1) escudo do que o normal. Não aceitando as explicações dadas pelo factor, ele incitou os passageiros indignados ali presentes, e que aguardavam a partida do comboio para Murraça, a devolverem os bilhetes ao factor, dizendo-lhes que “os brancos só sabiam roubar”. Foi-lhe instaurado um processo-crime pelas calúnias àquele factor, que respondeu no tribunal da Beira, sendo condenado a 10 dias de prisão, 500 escudos de indemnização ao ofendido e pena suspensa por dois anos. Quanto ao incitamento e restantes injúrias contra os brancos foi-lhes levantado processo-crime, que posteriormente foi arquivado. O relatório também revelou que, em agosto de 1965, o padre Gwenjere havia escrito ao Bispo da Beira, Dom Sebastião Soares de Resende, pedindo-lhe que comunicasse

---

<sup>23</sup> Laweki (2019)

<sup>24</sup>PIDE, Delegação da Beira, ofício nº 456/65-SR. 12.3.65. confidencial, pp. 402-403. Transcreve BI nº 8/65 de 6.3.65 do post adm. de Sena.

superiormente, não poderem as populações nativas continuar a viver como estão, cheias de fome, e aparecerem constatemente cadáveres no rio Zambeze, por mortes provocada pelas tropas portuguesas.

#### **4.5. Padre Mateus Pinho Gwenjere sondado pela PIDE**

A PIDE decidiu sondar o padre Mateus Gwenjere em março de 1967. Um relatório da PIDE na Beira endereçado ao Director Adjunto da PIDE em Lourenço Marques datado de 14 de março de 1967, citado por Laweki, revelava que o padre Gwenjere foi investigado em Vila Fontes. O relatório forneceu o seguinte resumo do interrogatório<sup>25</sup>:

1. Convidado a esclarecer se alguma vez intercedeu pela restituição à liberdade de rapazes negros, junto do administrador do Posto de Inharuca: O padre Gwenjere disse que em Dezembro de 1966, pediu àquela autoridade a soltura de três rapazes, nomeadamente Carlos Sakinche, Mário Bento e José Fernandes, que haviam sido detidos em Dona Ana, Mutarara, por se encontrarem indocumentados. O Padre Gwenjere referiu que os tais rapazes eram alunos da Missão de Murraça que se tinham deslocado à Missão de Charre para obterem documentos de que necessitavam, esclareceu depois nunca mais os ter encontrado, constando-lhe que haviam seguido para a Tanzânia.

2. Convidado a esclarecer se, além dos três rapazes acima, ele havia intercedido pela libertação de outras pessoas, o padre respondeu negativamente.

3. Convidado a esclarecer se os alunos da Missão de Murraça que têm seguido para a Tanzânia, costumavam despedir-se dele e dos outros sacerdotes, ele disse que por vezes lá iam para se despedirem dele, dizendo iam à Tanzânia. Sobre a segunda pergunta, disse que não sabia se esses jovens procediam da mesma forma para com os restantes padres.

Perguntado se sabia a finalidade com que tais indivíduos emigravam para Tanzânia, o padre Gwenjere disse que, em conversa com eles, os mesmos ter-lhe-iam dito que se sentiam revoltados pelas injustiças de que eram vítimas por parte dos brancos. Outros diziam que fugiam por serem procurados pela polícia, enquanto outros ainda diziam

---

<sup>25</sup>PIDE, Subdelegação da Beira. Ofício nº 159/67 (14 de Março de 1967), pp. 335-359.

que iam treinar a fim de voltarem depois a Moçambique “para lutarem contra a injustica e expulsar os brancos injustos”.

4. Convidado a esclarecer se vem aconselhando rapazes negros a seguirem para Tanzânia, pois consta que mandou para lá cinco individuos em fevereiro último: ele disse que nunca aconselhou quem quer que a fosse seguir para aquele país, mas também não tem procurado dissuadir os rapazes que vão apresentar despedidas. O padre Gwenjere disse que em princípios de fevereiro de 1967, dois rapazes, nomeadamente Damião Celestino, residente em Inhamítua e Jorge António, residente em Matacuane, ambos trabalhadores nos CFB (Caminho de Ferro da Beira), pediram para que ele os desse 100 escudos para cada um, a para servir passagem para viajarem até à Tanzânia, na companhia de mais 3 amigos, que aguardavam lá fora. Tendo recusado a dar-lhe a quantia, eles saíram dizendo que iriam obter o dinheiro através de outras fontes.

5. Convidado a esclarecer se vinha auxiliando monetariamente os que iam a Tanzânia, o padre Gwenjere disse que nem ele, nem os outros padres prestam qualquer auxílio a tais indivíduos.

6. Solicitado a dizer o nome dos rapazes da Missão de Murraça que já seguiram para a Tanzânia, bem como os dois actualmente pretende fazer-lo: ele disse que, do momento, não lhe ocorria mais nenhum nome além dos que já referiu... (...).

7. Convidado a esclarecer se tencionou ou ainda tenciona emigrar para a Tanzânia e, em caso afirmativo, com que finalidade. Ele respondeu que nunca tencionou seguir para aquele país. No entanto, em presença das injustiças que vê cometerem em Moçambique, pensou e pensa ainda emigrar para Roma ou Bruxelas a fim de se formar em liturgia.

8. Convidado a esclarecer se costuma gravar emissões da Rádio Tanzânia e se tais gravações são depois estudadas por si só ou em conjunto com mais alguém: ele respondeu que ouvia frequentemente a “Rádio Tanzânia”, “Radio Malawi”, “Radio Pax”, “Radio Brazaville” e a BBC, gravando, por vezes as emissões, da rádio Tanzânia em que se fazia crítica a Administracao Portuguesa e a política Ultramarina de Portugal, desmagnetizando depois as respectivas fitas. De acordo com ele, em regra escutava sozinho essas gravações em outras ocasiões, na companhia dos restantes

padres da Missão. Todavia com essas escutas se processava tanto no seu escritório como durante as visitas as escolas da Missão, admitiu a hipótese de que outros professores ou mesmo alunos se tenham apercebido das mesmas e as tenham ouvido também.

9. Convidado a esclarecer se alguma vez comunicou as autoridades competentes sobre a fuga de autóctones para a Tanzânia respondeu que, embora tivesse conhecimento de tais saídas para aquele país, nunca dela deu conhecimento as respeitivas autoridades. E não o faz ´por entender que a sua qualidade de sacerdote o impedia de prestar uma denúncia. Diz padre Mateus que a população local, não sabendo distinguir se as tais denúncias eram feitas como padre ou como cidadão português, passaria depois a vê-lo com maus olhos e deixariam de ter confiança nele, criando-se assim um clima de desprestígio para a própria Igreja.

10. Convidado a esclarecer o que achava da FRELIMO, o Padre Gwenjere respondeu: “Como padre, repudio o que seja violência. Como homem, encararia a FRELIMO com bons olhos, desde que ela não tivesse o apoio do comunismo ateu”.

Em conclusão, o relatório observou que o padre Gwenjere, “que vê os seus deveres do sacerdócio contrários aos deveres do cidadão português”, não conseguiu impedir que as pessoas que fossem para a Tanzânia aderir a FRELIMO, dando-lhe “uma aprovação tácita com seu silêncio implícito”. Como Murraça é um lugar de fácil infiltração a partir de fora e permeável a subversão, o relatório perguntou-se se o padre Gwenjere era um elemento confiável na Missão de Murraça. É de notar que após este interrogatório feito pela PIDE, a Diocese da Beira decidiu transferir o padre Gwenjere para a Paróquia de Macuti na Cidade da Beira, local onde foi consagrado.

#### **4.5.1. Padre Gwenjere opõe-se ao trabalho forçado na sua terra natal**

O governo colonial forçava os negros a cultivarem o algodão, o tabaco, o sisal e a castanha de cajú e outras culturas de rendimento as quais não beneficiavam directamente aos nativos negros. O padre Gwenjere opunha-se a plantação de culturas de rendimento impostas pelo regime colonial português em detrimento da produção de culturas alimentares. Outra política do regime colonial português na época era de que todas as terras baixas, independentemente de serem ou não habitadas, poderiam ser apropriadas por colonos portugueses para cultivarem algodão. Como forma de apresentar o seu sentimento pelo confisco das terras produtivas e

fertéis, O Padre Gwenjere instava aos colonos a ocuparem as terras desocupadas e a não remover pessoas das suas áreas de origem.

À medida que crescia o número de colonos brancos que ocupavam terras férteis, o padre Gwenjere ia de casa em casa mobilizando o povo para não aceitar ser evacuado das suas terras. Confirmando as informações acima, um relatório da PIDE datado de 1966, dizia que o padre Gwenjere, “além de dizer aos africanos que o governo estava a roubar as suas terras para dar aos brancos, ele aconselhava-os a não cultivar o algodão”<sup>26</sup>.

Em relação a terra que padre defendia, Nkrumah sobre o mesmo assunto diz que:” a alienação da terra e dos seus recursos naturais, ou seja, dos meios de produção, provocou o surgimento de dois sectores económicos: os sectores africano e europeu, sendo o primeiro submetido à exploração do segundo (Kwame, 1975,p.20).

#### **4.5.2. A tortura de Saphanda Gwenjere**

Conforme o régulo Nharwgwe (2012), contemporâneo e ex-amigo do padre Gwenjere, explica um facto, demonstrativo da coragem nos seguintes termos:”Um dia, o seu pai, Pinho Gwenjere, que era um líder tradicional, foi agredido violentamente pelos oficiais administrativos portugueses à palmatoada em Caia porque ele não lhes revelou os nomes das pessoas que tinham deixado a sua zona para a Tanzânia com objectivo de se aliarem à FRELIMO. Tendo sido informado desse incidente, o padre Gwenjere viajou para Caia, onde enfrentou o administrador, mais conhecido como “Matope”. Não satisfeito com a sua explicação, o padre Gwenjere intensificou as suas actividades subversivas enviando mais jovens para se juntarem a FRELIMO”, (Caetano, 2012).

#### **4.6. Outro incidente patriótico marcante no seu processo de evangelização**

O padre Mateus, não descansava, vendo os seus compatriotas vivendo sob o jugo colonial português. A sua formação, como Sacerdote, tinha por objectivo libertar o homem das garras de Satanás, conduzindo-o para a vida eterna e também livrar o seu povo da situação exploradora a que estava submetido, situação que perpetuava a fome, desgraça e miséria para a maioria dos seus contemporâneos, que eram submetidos à trabalhos forçados nas grandes

---

<sup>26</sup>Laweki (2019).

plantações de algodão, sisal, e outras de rendimentos. As muitas horas de trabalho, afectavam bastante, chegando ao extremo de muitos não terem tempo de produzirem para o consumo familiar. Os elevados impostos, na sua maioria, nada reflectiam na vida da população, pois as estradas, muitas delas, encontravam-se esburacadas.

Face a essa situação, nada restava ao prelado, a não ser procurar formas de salvar e libertar o seu povo. Conta um dos nossos entrevistados que, o padre a semelhança de algumas personalidades bíblicas, tais como Moisés que libertou o seu povo (povo Hebreu) do jugo faraónico no Egipto Antigo, conforme os escritos no livro Sagrado dos hebeus-Bíblia Sagrada, nas passagens de Êxodo nos capítulos 6 à 12, que explicam a saída sinuosa do povo hebreu das mãos do tirano faraó, que esqueceu dos beneplácito efectuado pelo José, que salvou o Egipto da fome, e naquela altura, elevou o Egipto a nação mais respeitada, e Noé, que tentou livrar o seu povo do pecado, sua História sendo transcrita no mesmo livro dos Hebreus, nas páginas do Génesis, entre os capítulos 6 até 8. O padre lança-se para a evangelização, numa espécie de Educação Política, cedo de manhã, depois da sua oração ou meditação matinal e, muitas vezes, sem tomar o pequeno almoço ou matabicho, deslocava-se de aldeia em aldeia, de regulado a regulado com objectivo de colocar na mente de muitos a ideia da libertação.

Padre "Kamphawi" ou padre Mateus Pinho Gwenjere, com a sua Bíblia na mão, Catecismo na pasta e terço no pescoço, primeiramente deslocava-se de bicicleta e, mais tarde de motorizada, de marca Frollet de cor vermelha, para mobilizar os seus contemporâneos e patriotas. A palavra de ordem era "*fungulani maso ou simplesmente*" abram os olhos por favor! Os seus discursos contra a exploração portuguesa expandiram-se com muita velocidade, tendo em consideração o estatuto que ele gozava, filho de um chefe tradicional, e o primeiro padre originário de Murraça (Caetano, 2015 p. 98).

Em entrevista com este autor, o Saphanda Gwenjere (Benjamim Gwenjere) no posto administrativo de Murraca em (Caia, 12.11.2012) explica um facto marcante da seguinte forma:

*"Um dia, no seu quotidiano de evangelização, foi à casa dos pais e descobriu mais de cinquenta pessoas privadas de liberdade por falta de pagamento de tributos de palhota. Tendo questionado ao pai sobre as razões da presença daquela multidão, o padre não aprovou a resposta. Em seguida implorou ao pai para que livrasse os presos e ele próprio comprometeu em pagar o imposto para todos. E isto*

*sucedeu, precedido por um encontro com os presos e, depois, foram libertados para as suas casas. E explicou as razões que o motivaram a libertá-los. Assim estava a assinalar uma nova página da história de libertação do seu povo, começando da própria casa onde ele nasceu, arriscando provar ao seu próprio pai, que era chefe tradicional ao serviço do governo colonial, para não eternizar a exploração pois éramos todos irmãos”.*

Assim, devido a sua propaganda de libertação, o chefe do posto ou o administrador de Caia chamou o Saphanda Gwenjere (pai do padre) e deu-lhe vinte palmatórias e, por conseguinte, chegou à missão com mãos inchadas, mostrou ao padre, e acusou-o de estar a sofrer por sua causa. Face a esta situação, o jovem padre deslocou-se com o pai até a administração de Caia, e lá pediu para falar com o administrador e informando-o de não ter gostado do sucedido com o seu pai, mostrando abertamente uma instabilidade política entre o padre, apoiado pela maioria da população, contra a administração, exploradora e colonizadora portuguesa da época, apoiada pela minoria -e os seus sequazes: os régulos, os cipaios, os saphandas e até os nfumos (Caetano, 2015).

Feito isto, o padre já havia iniciado o envio de muitos jovens da sua época para a Tanzânia, que era a retaguarda segura da FRELIMO, movimento que ele tanto contribuiu para filiar mais membros na luta contra a dominação fascista portuguesa.

A partir daqui o padre começa a enfrentar dois perigos:

*Do governo português, que considerava na altura que o civilizou, estava contra a sua presença na zona, pois “envenenava” os seus compatriotas, e era acusado de mobilizar pessoas para as fileiras dos Turras, assim eram chamados os guerrelheiros da FRELIMO. Com a ajuda do padre Pollet, e de outros da congregação dos padres brancos, criaram condições para ele ir se juntar a FRELIMO, na vizinha Tanzânia, país que ficou independente do jugo colonial inglês, em 1961, na altura dirigido por Julius Nyerere (Caetano, 2015, p. 99).*

#### **4.6.1. Padre Gwenjere no tribunal da Beira**

Era início de mais um dia, numa manhã de junho de 1966, o padre no seu processo de evangelização, acompanhado e rodeado de multidão, (homens, mulheres e crianças), que prestava muita atenção as suas palavras e seus ensinamentos. Na sua “marcha messiânica” passou pela estação de Caia, onde muita gente estava a despachar as suas mercadorias (cabritos, milho, mapira, mexoeira) e outras bagagens para se deslocarem à Beira, com

objectivo de irem visitar os seus familiares, procurar emprego ou mesmo fazer pequenos negócios, venda de milho, cabritos, mapira e mexoeira (Caetano, 2015).

Foi aqui que ocorreu mais um episódio marcante do padre. Um dos passageiros de origem africana vulgarmente conhecido por “negro”, fica aflito e urina no urinário destinado ao europeu “branco”<sup>27</sup>. Logo após a sua satisfação biológica, estava no portão, um português que o questionou: “Porque foste sujar esta casa de banho, não sabes que vocês pretos devem urinar lá fora no capim?”.

O homem, trémulo, não teve resposta. A única coisa que restava era de pedir que fosse perdoado, em virtude de ter usado a casa - de - banho destinada às pessoas de origem europeia. O chefe da estação não aceitou o pedido, tendo obrigado o homem a lamber a sua própria urina e, posteriormente, chamou o cipaio que era guarda em serviço naquele dia e, torturou-lhe fortemente. O padre encontra o homem a ser batido e a sangrar nas narinas e nos ouvidos, e ele questiona as causas dessa desumana tortura. Foi ter com o cipaio torturador. A resposta não tardou: “Porque foi sujar a casa de banho do branco”. Mateus teve que reagir usando uma força bruta (uma porrada) contra o chefe da estação que ordenou tamanha tortura. Dessa reacção, passado uma semana, notificaram ao padre e prenderam-no até a administração de Caia. Daí foi transportado e acompanhado com o mesmo cipaio para o tribunal da cidade da Beira, pois, por ser padre, não podia ser julgado na circunscrição, mas, se isso acontecer, os magistrados deveriam sair da Beira ou Lourenço Marques (actual cidade de Maputo) ou mesmo de Portugal tendo em consideração concordata o acordo celebrado em 1940 entre a Igreja Católica Romana e o governo português.

O bispo português, Dom Sebastião Soares de Resende prontificou-se em acompanhar o padre à sala de audiência do tribunal judicial da Beira. Mas o padre Mateus aconselhou o bispo que ficasse. E a petição foi aceite. Já na sala de audiência, em pleno julgamento, o padre solicita a casa de banho para urinar. E, em resposta à petição foi-lhe autorizado a usar o quarto de banho do tribunal.

---

<sup>27</sup>Em Caia, ou mesmo todo o vale do grande Zambeze, os “negros” nativos ou os indígenas, não tinham acesso a lugares reservados aos “brancos” excepto os “negros assimilados” que ostentavam caderneta para o efeito, mas, os assimilados contavam se aos dedos. Urinar nos locais reservados aos brancos sentiam-se ofendidos. O racismo e as desigualdades sociais nesta região eram visíveis. O nativo somente podia fazer as suas necessidades biológicas no capim. Também não existia as políticas de saneamento nem de construção de latrinas naquela zona.

O juiz mandou o cipaio torturador acompanhá-lo, mas voltou com o arguido sem ter satisfeito as suas necessidades biológicas. E o padre implorou ao juiz, dizendo, “Meritíssimo, ali não tem capim”. E continuou:

*Preciso urinar aí no capim, apontando o riacho de Chiveve da Beira que se localiza a uns 20 metros do tribunal, pois este Julgamento é resultado dessa desobediência, de urinar no lugar somente autorizado para pessoas da raça branca europeia. E é por isso que estou aqui a ser julgado. Eu, sendo negro, também não posso urinar aí no quarto de banho, porque senão estarei a violar a lei, mesmo aqui no tribunal e estarei agudizar a minha pena”. - Rematou o padre de pés juntos com as mãos cruzadas.(Entrevista com Saphanda Gwengere, Caia, 2012).*

#### **4.6.2 Padres Gwenjere e Pollet glorificados pela liderança da FRELIMO**

Lawek (2019) descreve o elogio da seguinte visita forma : Quando Uria Timoteo Simango, visitou Malawi na qualidade de vice-presidente da FRELIMO, eleito no seu 1º Congresso em 1962 na Tanzânia, elogia o sacrifício, abnegação e coragem prestado por estes dois clérigos católicos, Padres Gwenjere e Pollet, no trabalho de recrutamento e mobilização de militantes para engrossarem as fileiras da FRELIMO, numa altura em que a PIDE, aumenta o seu efectivo, contra aquilo que chamavam de ideias subversivas. De acordo com informações da PIDE, datadas de março de 1967, Simango permaneceu na pousada de Zomba e realizou reuniões com militantes da FRELIMO, bem como com as autoridades do “Partido do Congresso de Malawi”. Na sede do “Departamento de Segurança e Defesa em Bangwe dirigindo-se a militantes da FRELIMO na casa do representante da FRELIMO, Benediti Camangira, em 12 de março de 1967, Simango disse que o Governo do Malawi havia autorizado aos militantes da FRELIMO a entrar no Malawi com as suas armas e munições. No final do seu discurso, Uria Simango elogiou o trabalho realizado pelos padres Mateus Gwenjere e Charles Pollet em apoio da FRELIMO em Moçambique<sup>28</sup>:

*“Dois padres estão a realizar um bom trabalho para nós em Moçambique: eles são o padre Mateus que está estacionado Missão de Murraça e o padre Pollet que está actualmente estacionado na Missão de Gorongosa. Ambos nos mandam rapazes. Em Moçambique, o padre Mateus tem mobilizado jovens para apoiarem e juntarem-se a FRELIMO,”(Lawki,2019 P.157),*

Padre Gwenjere identificou-se com a “Igreja Católica Romana”, liderada pelo Bispo da Beira Dom Sebastião Soares de Resende e depois por Dom Manuel Vieira Pinto, e a Igreja Católica

---

<sup>28</sup>PIDE, Informação nº 289-SC/CI (2) de 22/3/67. Data de origem, 8 de Março 1967, pp. 330-331.

“Salazarista”, liderada pelo Cardeal-Arcebispo Dom Teodósio Clemente de Gouveia, da Arquidiocese de Lourenço Marques e do seu sucessor, Dom Custodio Alvim Pereira. Concordando com o padre Gwenjere sobre a existência de uma Igreja Católica dividida em Moçambique está o conhecido escritor português Luís Salgado de Matos, que escreveu o seguinte, “A guerra Colonial dividiu a Igreja em Moçambique, que foi o único episcopado de matriz portuguesa que não manteve a regra da unidade pública” (Matos, 2011).

Continuando, Luís Salgado de Matos escreveu que uma parte da Igreja Católica, “cujo elemento mais vocal era o Arcebispo de Lourenço Marques, Dom Custódio Alvim Pereira, defendia expressamente a soberania portuguesa, enquanto a outra parte “atacava abertamente a identificação da Igreja com Portugal e preparava-se para defender o direito à independência”<sup>29</sup>.

Apesar desta realidade, pouco depois de Moçambique atingir a independência em 25 de junho de 1975, a direcção da FRELIMO, ignorando o bom trabalho realizado pela “Igreja Profética” de Dom Sebastião Soares de Resende e Dom Manuel Vieira Pinto, fez um ataque generalizado a Igreja Católica, acusando-a de ter-se aliado ao regime colonial português. Surpreendentemente, nas conversações com o Vaticano, a mesma direcção da FRELIMO desejou para si o que não desejava para o regime colonial português: pediu que a concordata “continuasse como dantes”, exigindo que a Igreja pedisse, *inter alia*, “a concordância da FRELIMO para qualquer nomeação de bispo”. No entanto, o bom Papa Paulo VI, adoptando uma postura independente, livre de relações de submissão aos governos, tomou uma decisão firme e anulou a Concordata de Salazar. Uma nova Concordata foi assinada, reconhecendo a independência de cada parte, especialmente o direito da Santa Sé é nomear bispos sem interferência política (Morier-Genoud, 2005).

#### **4.6.3. Fuga do Padre Mateus Pinho Gwenjere para Tanzânia**

O pensador e filósofo Thomas Hobbes, ao explicar sobre a natureza humana, disse:

*“ A principal paixão dos homens é o medo, sobretudo o medo da morte, é esta a principal paixão que move os homens. O que eles*

---

<sup>29</sup>Missões Franciscanas portuguesas, 1898-1949, no seu cinquentenário. [https://archive.org/stream/missoesfrancisca00unse/missoesfrancisca00unse\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/missoesfrancisca00unse/missoesfrancisca00unse_djvu.txt).StanfordLibraries.

*acima de tudo desejam é salvar a sua pele, é garantir a sua própria preservação” (Amaral: 1991, p.148).*

A partir dos acontecimentos de abril de 1967, dia em que o padre se declarou abertamente contra a Governação do administrador Matope, agudizou a relação já deteriorada havia bastante tempo, devido a campanha política do padre, com o “*fungulani maso*“ o que traduzido significa “abram os olhos”, mobilizando pessoas a odiarem o governo colonial fascista português.

O padre Mateus Pinho Gwendere, que recrutou e encorajou muitos dos seus alunos e jovens para se juntarem à Frelimo, fundada em 1962, na expectativa de eles virem a ter bolsas e a continuarem com os seus estudos no exterior, e na Tanzânia, agora é a sua vez de ser perseguido, pois nada lhe restava. Regularmente sofria a pressão da PIDE/GS. O seu quarto era revistado, dia após dia. Existiam espias e, em alguns casos, eram missionários, que desempenhavam funções de verdadeiros informadores. Mesmo as missas que o padre celebrava sofriam censuras. Aliás, quase sempre estava presente um enviado da PIDE/DGS. O Governo ditatorial de Salazar, com a sua polícia sangrenta, PIDE/DGS, não pensava duas vezes para violar o acordo de 1940 assinado com a Santa Sé, a “Concordata de 1940”, que preconizava a “não intromissão do governo nos assuntos religiosos da Igreja Católica Romana.” Padre Gwendere, e alguns estudantes da missão de Murraça escutavam, através da Rádio da Frelimo, emitida directamente da Tanzânia, escutava os noticiários de princípios das tardes e das noites. Em muitos casos, escutava-os com estudantes, no seu quarto, sito no 1º andar, último quarto, na zona da nascente. Aí escutava a voz do locutor Rafael Maguni, transformando o seu próprio quarto em “Quartel-general e ele com a função de Comissário Político”. Dois meses depois do acontecimento de abril, isto é junho de 1967, nada lhe restava ao padre senão, perseguir aos seus, em Tanzânia. Na madrugada do dia 7 de junho de 1967, por volta das duas horas, com um Inverno rigoroso que se fazia sentir naquela madrugada, a chuviscar, vestido de capote de chuva e encasacado, com chapéu de palha, uma bengala, com a coluna inclinada, à semelhança dos passos de um velho, o padre Mateus Pinho Gwendere estava a deixar a missão em direcção à estação dos caminhos de Ferro de Murraça. De comboio segue à Mutarara. Já em Sena, uma estação antes de Mutarara, a mais ou menos 8 km de distância, pois o que separa é a ponte de Dona Ana, construída sobre o rio Zambeze, em 1933 (ano do nascimento de Kamphawi), os passageiros são informados que o comboio deveria sair daí as 7.00 horas do dia seguinte.

Depois de uma grande rusga e vasculha, o padre desce do comboio, disfarçado de um “velhinho encasacado”, assistiu, com seus próprios olhos, o aparato armado português, como se estivesse a ir para uma batalha de combate. Eram homens que estavam a caça do padre nacionalista.

Para escapar, o que lhe restava era via fluvial. Ao lado estavam duas canoas de pescadores, que já estavam prestes à deslocarem à outra margem do rio Zambeze, isto é, para Mutarara. Assim o padre embarcou. Já estava a amanhecer. Agora o padre estava no distrito de Mutarara, pertencente a província central de Tete. Foi daí que seguiu via Mutarara, Mutarara velha, até Vila Nova de Fronteira. E, assim, entrou no território malawiano, em direcção à Tanzânia. A via seguida pelo padre foi: Missão de Murraça — Estação de Murraça — Sena — Mutarara — Mutara Velha - Vila Nova de Fronteira - Malawi — Tanzânia. (Em Mutarara, os jovens recrutados anteriormente passavam pela Missão Charre e dormiam no internato da Missão, onde o superior era o padre belga Roger Pille. E, de manhãzinha, ainda escuro, caminhavam até às colinas do vizinho Malawi, onde era esperado pelo seu cunhado Bizeque e acolhido. Dali eram encaminhados para a Tanzânia). Entretanto, viu-se um contingente militar armado, como se estivesse a ir para uma guerra, contra um exército oposto. Mas, não iam a batalha armada. Eles estavam à procura do “Moisés moçambicano”, que tinha objectivos bem definidos, de ver um dia seu povo livre da dominação, da opressão e da exploração; um homem que defendia a igualdade entre os homens. O padre Kamphawi, como alguns dos contemporâneos o consideravam, defendia a igualdade de oportunidade entre europeus e africanos, entre mulheres e homens. Defendia, igualmente, que as crianças de origem europeia estudassem nas mesmas escolas e se sentassem nas mesmas cadeiras em que as crianças africanas estudavam e, também, tivessem os mesmos professores.

#### **4.6.4 Recepção calorosa do Padre Mateus Gwenjere em Tanzânia**

*“Nunca ninguém duvidou de que a vida política, na realidade, está cheia de crimes, batotas e actos ilegítimos. Mas nenhum pensador antes de Maquiavel tinha empreendido a tarefa de ensinar a arte desses crimes. Essas coisas faziam-se mas não eram ensinadas”.*

*(Freitas de Amaral citando Ernst Cassirer)*

Após a sua chegada á Tanzania, o padre beneficiou de uma recepção calorosa pelos dirigentes do movimento, principalmente, pelo presidente Eduardo Chivambo Mondlane, pois ele (

presidente), há muito pretendia conhece-lo, pela fama e número elevado de jovens que enviava ao movimento. Os ensinamentos as obras do nacionalismo do padre Mateus, não somente limitavam a àqueles que delas se beneficiavam e atravessavam fronteiras. Do representante da Frelimo no Malawi, já se falava bastante do trabalho nacionalista e patriótico do padre Mateus Pinho Gwenjere. E essas informações seguramente chegavam ao Presidente.

Laweki descreve a satisfação e as “boas –vindas” do presidente Mondlane, ao receber o padre Gwenjere nos seguintes termos:

*“Dada a sua admiração (Presidente Dr. Eduardo C. Mondlane), pelo padre Gwenjere, o Presidente Mondlane estava genuinamente entusiasmado com a sua chegada à Tanzânia para se juntar a FRELIMO. Impressionado com as suas credenciais, nomeadamente com as suas actividades políticas e com a mobilização de jovens em Moçambique, o Presidente Mondlane decidiu apresentá-lo a altos círculos de poder, incluindo aos funcionários do Comité de Libertação da Organização da Unidade Africana ( OUA ). Também em Dar es Salaam, imediatamente após a sua chegada, o padre Gwenjere foi recebido, em audiência, pelo presidente tanzaniano Julius Nyerere que organizou um almoço em sua honra. Além disso, ele foi convidado para saudar e se dirigir ao povo de Moçambique através dos microfones da Rádio Tanzania. No seu discurso o padre Gwenjere encorajou o povo moçambicano a não desistir: Dizia ele em alta voz:”*

*“... ter coragem e não desistir, com vista a fortalecer o movimento para a independência de Moçambique”.*(Laweki, 2019, p.160).

Esta satisfação do presidente Mondlane, a confiança depositada no padre, até de o levar ao presidente tanzaniano demonstra, o quanto Gwenjere era aguardado e considerado. Gwenjere, mostrava sem reserva o seu nacionalismo, e mostrava disposto com tudo e por tudo, para o alcance da independência. Foi ele, inspirado pelo nacionalismo que disse: “Estou pronto para defender a causa do povo negro até ao último suspiro”.

#### **4.6.5 Padre Mateus Pinho Gwenjere no campo de treino militar**

Com objectivo de se sentir o seu nacionalismo e não somente estar no gabinete na sede da FRELIMO e à seu pedido, padre Gwenjere, foi aceite pelo presidente Eduardo Chivambo Mondlane e enviado, para o Campo de treino militar da FRELIMO em Nanchingwea. Depois de algum tempo de treino militar, ele pediu a liderança militar para que fosse enviado ao interior de Moçambique para prestar serviços militares. Contudo, a liderança militar recebeu instruções do presidente Mondlane para que o padre fosse enviado a sede da FRELIMO de

Dar-Es-Salaam. Em 12 de setembro de 1967, o padre Gwenjere embarcou num avião da Força Aérea da Tanzânia para Dar es Salaam, onde foi calorosamente recebido pelo presidente da FRELIMO, Doutor Eduardo Chivambo Mondlane (Sopa,2001,p.108)

#### **4.6.6 Padre Mateus Pinho Gwenjere no Instituto Moçambicano – Tanzânia**

Podemos dizer com uma dose maior de certeza que padre Mateus Pinho Gwnjere, era um professor nato. Já antes mesmo de ir ao seminário de Zóbuè, era regente em algumas escolas de Caia e Mutarara. Fora director das escolas da igreja católica em Caia, e a sua formação sacerdotal está intimamente ligado na transformação da mente humana, por isso ele tinha tudo para ser professor. Ele (Padre), sabia o que era preciso para um bom rendimento escolar dos estudantes.

O pretexto de muitos jovens que ele enviava à Tanzânia, além de irem combater para a libertação do país, também, devia estudar. Por isso ele tinha maior paixão pelos estudos. Aliás, nas zonas circunvizinhas de Murraça criou muitas escolas, pois, defendia que estudando,“nós seremos como brancos ou mesmo acima deles, para governarmos sozinhos este nosso país devemos estudar”.

Por sua vez Nkrumah, falando sobre educação disse:

*“Para vencer as acções negativas de neocolonialismo é preciso que as acções positivas sejam mantidas pela revolução de massa por meio da educação. A instrução e o conhecimento são ferramentas mais elevadas da sociedade para despertar a consciência política dos cidadãos” (Nkrumah, 1964).*

Baptista Truzão um dos estudantes que vivenciou o problema do Instituto Moçambicano em Tanzânia, onde estudavam muitos combatentes e seus filhos descreve a situação da seguinte forma:

“Os problemas que existiam no Instituto eram de ordem ética e moral que cedo se transformaram em problemas políticos sérios. Tão sérios como os que levaram os nossos pais a pegarem em armas contra o sistema da colonização portuguesa. Sentíamos falta de uma série de coisas e de cuidados. Esse é que era o problema dos estudantes no Instituto.”

Um dos combatentes-estudante, na época entrevistado por Ncomo no seu livro *Uria Simango Um homem, Uma Causa* disse “Os outros gastavam parte dos magros apoios que o instituto recebia em proveito próprio. Onde estava aí o bom senso das pessoas? Dizia-se nos bastidores que o cão de Janet gastava oito shellins de carne por dia. Se era verdade ou não isso não sei, mas víamos que uns sofriam em nome da revolução e outros, na mesma revolução, viviam bem. Tinham dinheiro para ir a um bar beber vinho ou whisky” (Ncomo, 2003). A luta que Gwenjere travava desde da Missão de Murraça até a sua fuga para Tanzania, era para que os moçambicanos sentissem no seu interior o mesmo sacrifício a mesma dor, se for fome para o bem comum e futuro, todos deviam passar, sem discriminação de raça, etnia, credo religioso e nem o local de proveniência.

Um dos ex-estudantes do instituto, Mocambicano escreveu no *Jornal Independente*, Canal de Mocambique datado de 05 de Outubro de 2011 o seguinte:

*O que dizem sobre o padre Gwenjere, por exemplo, é tudo mentira. Como é que uma pessoa culta e esclarecida como aquele padre podia deixar as coisas continuarem como estavam? Como é que Gwenjere podia ficar calado, vendo pessoas a não serem assistidas convenientemente quando alguns chefes nadavam em orgias? O padre conhecia o procedimento dos dirigentes. Diariamente recebia queixas de várias pessoas, e não só dos estudantes. Ele esteve em Nashingweia e, algumas vezes, no interior de Moçambique e aí viu muitos desmandos e recebia queixas.*

Conforme publicado pelo Dr. Hélder Martins, no livro *Samora Homem do Povo* da Maguezo Editores em (2001, p.p.99-101), referenciado por Baptista Trusão, um ex-estudante do Instituto da FRELIMO, ele diz, questiona e conta, o que viu e viveu, ao mesmo tempo em relação ao comportamento do padre no instituto:

*“Li recentemente num livro de Hélder Martins, uma coisa engraçada que não passa de uma grande mentira. Ele afirma que o padre Gwengere foi corrido de Nashingweia por Machel, porque logo que aí chegou pôs-se a promover missas no seio de combatentes que, na sua maioria, nem professavam a religião católica. Isso é mentira, e das mais grossas. O que aconteceu foi logo que o padre chegou àquele centro, muitos combatentes de Manica, Sofala e Tete (zona centro) que o conheciam, aproximaram-se dele e começaram a queixar-se de uma série de coisas, incluindo maus tratos físicos”.*

O padre Mateus Pinho Gwengere não era irresponsável para chegar a Nashingweia e dizer assim: venham daí todos camaradas, vamos rezar... O que aconteceu, foi que ele recebeu queixas. Os queixosos estavam fartos da prepotência de alguns chefes e do próprio Machel. Como Machel não tomava a sério as suas queixas, por serem simples subordinados, entenderam então que, talvez expondo os problemas ao Padre, que não era subordinado de ninguém ali, as coisas mudassem, já que o padre fora para aí exactamente para ver como é que as coisas andavam. Para quem lê o livro referido de Helder Martins, fica com a impressão de que Machel recebeu Gwengere com um cajado nas mãos e, de seguida, correu com ele a pontapés. Mas não foi assim. Machel nem o conhecia.

Padre Gwengere esperava ouvir dos combatentes sobre os avanços e até retrocessos da guerra, da união entre os moçambicanos, que deixaram tudo, incluindo de estudar nas suas terras de origem em Moçambique, para juntos lutarem por uma causa tão nobre pela sua pátria que na altura era de libertar do jugo colonial fascista português.

Gwengere foi bem recebido e bem tratado em Nashingweia. Só que, depois de se aperceber que o homem falava com todos e prestava atenção ao que lhe contassem sobre tudo o que se passava no Centro, o cenário mudou. De facto, Gwengere não se calou. Ao tentar abordar as questões que lhe haviam sido apresentadas pelos militares, e sugerir como é que se devia criar um clima harmonioso entre todos, Machel ficou furioso. Começou a perceber que uma prolongada permanência daquele homem aí lhe poderia criar problemas. A dimensão das queixas era enorme e punham em perigo a chefia do Centro. Machel tratou então de pedir para que o homem fosse levado de volta à Dar-es-Salam. Foi isso o que aconteceu. Martins convence quem não viveu aquilo. Gwengere só ficaria calado se fosse louco. O homem havia mandado para a FRELIMO centenas de jovens de Murraça (sua terra natal), Marromeu (onde foi baptizado) e Beira, a capital provincial de Sofala, onde estava o primeiro bispo da Beira, que tanto influenciou o padre, Dom Sebastião Soares de Resende. A PIDE prendeu-o várias vezes em Moçambique. Era um Padre patriota. Como é que devia ficar calado? Quantas pessoas, Martins mandou para a FRELIMO??. Continuou a explicar o ex-estudante:

*Outra coisa muito importante para perceberem, a FRELIMO e a trama que montaram contra Gwengere e Simango, é a seguinte: Um padre e um pastor são pessoas que foram moldados académica, ética e moralmente através de anos de estudo do bem-estar individual e colectivo, com vista a harmonizar a vida dos seres humanos. Curiosamente, aqueles que viviam em bares e cabarés, desde Lourenço Marques até Dar-Es-Salaam, passaram a ser os grandes*

*moralistas e paladinos da salvação do povo. Gwengere e Simango, que eram padre e pastor, respectivamente, reconhecidos internacionalmente, viraram vigaristas e contra a liberdade do povo! Dá para perceber isso? Veja só uma coisa: quando Mondlane viu que a situação no Instituto estava mal, veio ter connosco e prometeu-nos mundos e fundos. Falou de bolas para praticarmos desporto, de equipamentos e material estudantil etc. etc., quase que nada aconteceu.(Canal de Mocambique de 08.05.2006, p.18)*

#### **4.6.7. Janet Rae Johnson Mondlane bendiz a figura do padre Mateus Gwenjere**

Janet Rae Mondlane, no livro, “o Meu Coração Está Nas Mão de Um Negro”, escrito por Nadja Manghezi, (Manghezi,1999, p.273, citado por laweki, 2019) a esposa do presidente Eduardo Mondlane disse que logo que o padre Mateus Gwenjere chegou a Dar-es-Salaam, o seu marido, Presidente da FRELIMO Dr. Eduardo Mondlane, viu a importância dele e queria utilizá-lo ao máximo”<sup>30</sup>. A Senhora Dona Janet Mondlane disse que, numa carta dirigida a Geoge Hauser da Comissão Americana para África (ACOA), o presidente Mondlane escreveu o seguinte: “O padre que acabara de aparecer em Dar-es-Salaam depois de liderar uma acção secreta durante vários anos em Moçambique, irá para os Estados Unidos em vez de Uria Simango”<sup>31</sup>.

Na sua carta a Hauser, o Presidente Mondlane escreveu que queria que o padre Gwenjere fosse a Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova Iorque, pedindo-lhe que providenciasse o bilhete (de avião). Segundo Janet Mondlane, Hauser respondeu que não seria possível satisfazer o pedido “num prazo tao curto “e, além disso, “não sabia nada sobre esse homem”. Ao receber esta resposta de Hauser, a Sra. Janet Mondlane escreveu que o seu marido, “não aceitava um não”, obteve o dinheiro através de outras fontes, permitindo que o padre Gwenjere viajasse para os Estados Unidos juntamente com o Vice-Presidente da FRELIMO, Uria Simango. Continuando, a Sra. Dona Janet Mondlane afirmou que o seu marido Mondlane, numa outra carta a Hauser, explicou que o padre Gwenjere era um padre católico que trabalhava com um padre católico belga chamado Pollet, expulso de Moçambique seis meses atrás e continuou dizendo o seguinte: “Eu considero o Padre Mateus um dos mais importantes lutadores da liberdade que conseguimos trazer para o exterior”.

---

<sup>30</sup>Nadja Maghezi. (1999). O Meu Coração Está Nas Mãos de um Negro. Biograph of Janet Mondlane. Maputo CEA.

<sup>31</sup> Ibid. Pp.273-274

#### 4.6.8. Padre Gwenjere na Sede da Organização das Nações Unidas (ONU)

Pode-se dizer que padre Mateus Gwenjere era muito inteligente, pois ele tinha dom das línguas. Ele falava fluentemente muitas línguas, em pouco tempo na Tanzânia já celebrava missa em swahili, língua materna de muitos tanzanianos. Foi na base disto que num período, relativamente, curto, granjeou muita simpatia e confiança já existente entre ele e o presidente da FRELIMO, Dr. Eduardo C. Mondlane e, meses depois da sua chegada a Tanzania isto é :

Em 1 de Novembro de 1967, o Padre Gwenjere parte para Nova Iorque, nos Estados Unidos, para testemunhar contra Portugal no quarto Comité da Assembleia Geral das Nações Unidas. O presidente da FRELIMO estava ciente de que as opiniões do padre Gwenjere como testemunha receberiam proeminência e, portanto, influenciariam o pensamento da ONU.

À pedido do Presidente Mondlane, em 12 de novembro de 1967, o padre Gwenjere foi recebido em Washington por Robert Kennedy e Edward Kennedy, irmãos do falecido presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy. É de notar que, durante o mandato de John F. Kennedy, de janeiro de 1961 a novembro de 1963, Robert Kennedy serviu como elo de ligação entre o governo do seu irmão e os líderes dos movimentos de libertação que não podiam diplomaticamente serem recebidos por ele, como presidente dos Estados Unidos.

O padre Gwenjere testemunhou contra Portugal no quarto Comité das Nações Unidas em Nova Iorque em 7 de novembro de 1967. A delegação portuguesa não compareceu à sessão pois opunha-se à política das Nações Unidas de ouvir pessoas não autorizadas dos seus territórios. Como era esperado com presidente Mondlane, o padre Gwenjere tornou-se uma testemunha impressionante na sessão. Ele falou sobre a situação religiosa e política em Moçambique, denunciando a Igreja Católica “Salazarista” e as injustiças e a opressão do regime colonial português. Sobre a situação política em Moçambique, o padre Gwenjere acusou o regime colonial de usurpar Moçambique e desonrar o seu povo:

*“A partir do momento em que, no século XV, os portugueses apoderaram-se de Moçambique, nunca mais pensaram em devolvê-lo aos seus legítimos donos. Hoje, os moçambicanos continuam a servir de objectos de comércio e de instrumentos de trabalho forçado em proveito dos brancos” (Gwenjere, 1967).*

O padre Gwenjere disse às Nações Unidas que, enquanto outros países começaram a dar autonomias as suas colónias, os portugueses preferiram fazer o oposto. Segundo ele, os portugueses haviam introduzido o sistema de assimilação, criando uma distinção entre

moçambicanos negros que eram assimilados negros moçambicanos educados que haviam adoptado um modo de vida português e aqueles que eram indígenas. Segundo ele, o objectivo dos portugueses era perpetuar a sua permanência em Moçambique.

Continuando o padre disse que no final, o assimilado torna-se mais pobre, e com uma vida mais difícil do que o africano indígena. “Entre dois desempregados, um português branco e um assimilado, o branco encontra emprego muito antes do assimilado”, disse o padre às Nações Unidas. O padre Gwenjere disse à assembleia das Nações Unidas que, embora oficialmente Portugal seja um país multirracional, na prática, os portugueses são “racistas cinicos”: “O racismo português é mais repugnante e perigoso que o racismo sul-africano”, afirmou. Enquanto os portugueses podem ter filhos com uma mulher negra, seja por casamento ou fora deste, se o contrário acontece, o negro é morto. Acrescentou o padre: “A África do Sul é conhecida no mundo inteiro como uma nação racista. O negro conhece qual deve ser a sua atitude em relação a um racista sul-africano, enquanto o racismo português não só engana o mundo exterior, mas deixa perplexo o próprio negro” (Gwenjere, 1967).

O padre acusou os colonialistas portugueses de serem “mentirosos e trapaceiros”. Ele disse que, apesar de se gabar da sua condição de assimilado, o homem negro não pode ir ao cinema ou ao teatro, pois os bilheteiros têm instruções para não permitir a entrada de negros, independentemente do seu estatuto. Ele disse ainda que, embora os portugueses se gabem de que a sua nação é multirracional, o “seu multirracionalismo foi inventado para se defender dos ataques de seus inimigos”. Ele deu o exemplo de um professor assimilado na sua paróquia de Murraça, que foi brutalmente espancado por usar uma casa de banho destinado aos europeus.

À 9 de abril de 1965, cerca das 18h00 horas, na gare de Caia, na linha de Trans-Zambezia Railway (TZR), no Destricto (hoje Província), de Manica e Sofala, um empregado assimilado da paróquia do Murraça [Diocese da Beira], que estudou na escola normal de Boroma foi selvaticamente agredido por ter utilizado a casa de banho dos europeus. O padre, vendo a agressão, perguntou ao chefe da estação qual o motivo. A resposta foi clara: “mandei bater porque não deve ser permitido a um negro misturar-se com os brancos. Aquelas latrinas são reservadas aos brancos.” Num discurso que durou duas horas e meia, o padre Gwenjere falou das atrocidades cometidas pelo regime colonial português em Moçambique, onde os negros eram espancados e queimados até a morte, assim como enterrados vivos por pequenos delitos. Ele deu o exemplo de três mulheres africanas que foram assassinadas pelo administrador de Inhangoma-Mutarara, no distrito de Tete, em 1966, porque os seus maridos, que não tinham

liquidado os seus impostos anuais, se esconderam. De acordo com o padre, “O mesmo administrador tem por hábito ordenar que os homens que não liquidarem os impostos sejam agredidos até que desfaleçam de dor”.

*“Os portugueses matam os africanos cruelmente, sem remorsos nem piedade, simplesmente para os obrigar a liquidação dos impostos. Os membros de família que trabalham no estrangeiro são perseguidos até que tenham liquidado os impostos necessários. Dessa forma, a administração tem a garantia de que impediu que o dinheiro venha parar nas mãos dos pretensos “terroristas” nacionalistas moçambicanos” (Gwenjere, 1967).*

Ainda sobre o pagamento de impostos, o padre Gwenjere disse que conversou com o administrador de Vila Fontes, Ramiro dos Santos Paiva, para libertar 130 mulheres africanas que haviam sido presas e detidas porque os seus maridos se esconderam sem liquidar o seu imposto domiciliário. De acordo com o padre Gwenjere, por quatro vezes, entre setembro e dezembro de 1966, ele havia impedido a prisão de mulheres cujos maridos ausentes haviam falhado de liquidar os seus impostos<sup>32</sup>.

O sacerdote disse que as mulheres cuja prisão ele não podia evitar eram miseráveis... das 07h e 30 às 11h e 30 e das 13h e 30 às 16h e 30 minutos, eram forçadas a trabalhar sob um sol escaldante. Elas não tinham tempo para alimentar os seus filhos porque não tinham permissão para sair do seu local de trabalho. De acordo com o padre, tais senhoras eram privadas de toda a liberdade e estavam à disposição dos funcionários da administração portuguesa e dos agentes da polícia que as forçavam a cometer adultério. Aquelas que resistissem eram submetidas a força.”É nestas condições que em um grande número, estas desgraçadas se tornam prostitutas, destruindo a sua vida familiar “, denunciou o padre<sup>33</sup>.

Ainda no seu discurso, o padre Gwenjere disse que um homem foi morto por dois colonos portugueses na sua zona de origem, porque ele se recusava a dar-lhes a sua filha de nove anos para fazer sexo. O padre disse que Portugal encorajava e prometia recompensas “para os homens portugueses que produzissem mais mulatos”, porque a sua intenção era “transformar Moçambique num novo Brasil”, “para que os portugueses não sejam forçados a deixar Moçambique”<sup>34</sup>. O padre Gwenjere também revelou que quando a polícia secreta portuguesa (PIDE) ou as autoridades administrativas capturam pessoas acusadas de serem membros da

---

<sup>32</sup> Gwenjere, Mateus Pinho. Testemunho nas Nações Unidas. 1967. ANTT, PIDE.

<sup>33</sup>Idem, nota 55.

<sup>34</sup>Ibid, p. 245

FRELIMO, elas torturam-nas e matam usando métodos nazistas. Os seus corpos são depois lançados ao mar, rios ou lagos. Segundo ele, em 1964, um oficial português do posto Administrativo de Sena prendeu e matou vários africanos, acusando-os de serem agitadores políticos<sup>35</sup>.

De acordo com o padre Gwenjere, aqueles que foram mortos, entre as pessoas detidas, incluíam João Riana, telefonista do posto administrativo de Murraça. Antes de ser morto, o seu rosto ficou irreconhecível em virtude dos pontapés que apanhou. “Logo que perdeu a consciência, o funcionário português ordenou que lhe deitassem água fria sobre o corpo, o que o reanimou, sendo novamente sovado até que de novo perdeu a consciência. Quando pela segunda vez recuperou o sentido, conduziram-no ao quartel militar vizinho, onde lhe meteram uma bala na cabeça”<sup>36</sup>.

O padre também disse que o mesmo oficial português da vila de Sena que matou outros africanos, colocando-os em sacos, com as mãos e os pés atados. Estes sacos eram depois regados com gasolina e as vítimas queimadas vivas. Continuando, o padre Gwenjere disse que a 23 de março de 1965, o mesmo funcionário o ameaçou, dizendo que no dia em que fosse preso pela PIDE, o torturaria, aplicando os mesmos métodos nazistas. De acordo com Padre Gwenjere, um dia, este Oficial português deportou metade dos habitantes da aldeia do Malasi, pelo simples facto de serem suspeitos de serem nacionalistas, não se sabendo se essas pessoas estão ainda vivas. O padre disse ainda que as autoridades portuguesas tinham por hábito atar as mãos das suas vítimas com arame, suspendendo-as nuas nos troncos de árvores como gado morto e batia-lhes até sangrarem. Ainda, de acordo com ele, os portugueses marcam os prisioneiros com ferro ardente, “apenas pelo prazer sádico de vê-los a sofrer”, tendo, em seguida dito que uma nova forma de torturar os negros envolvia misturar sal num litro de água, obrigando a vítima a beber essa mistura. Embora o uso de palmatória (um objecto de madeira formado por um círculo e um bastão usado para punir estudantes indisciplinados ou adultos batendo-lhe nas palmas das mãos) fosse proibido pela lei portuguesa, o padre disse que este instrumento ainda era usado para punir os negros em Moçambique. Ele falou do Administrador de vila Fontes (actual Caia), Ramiro dos Santos Paiva, que sempre usou este instrumento.

---

<sup>35</sup>Ibid, p. 245

<sup>36</sup>Idem

*“Um dia, o Administrador da Vila Fontes (agora Caia), Ramiro dos Santos Paiva, que não queria que se soubesse que utilizava a palmatória, inventou um método engenhoso para abafar o som. Perto da prisão há um gerador à diesel e cada vez que o administrador decidia empregar a palmatória para punir os detidos, punha a trabalhar o motor a fim de que o trabalho deste, cobrisse o da palmatória e os gritos das vítimas. Os detidos são agredidos até as mãos sangrarem e obrigam-nos depois a trabalhar nas florestas na corte de madeira com as mãos ensanguetadas” (Gwenjere, 1967).*

Continuando com o seu discurso, o Padre Gwenjere acusou o governo português a confiscar terras do povo africano. Segundo ele, o povo moçambicano não tem nenhum direito de propriedade. “As suas explorações, as suas árvores de frutos, as suas palhotas, as suas esposas e filhos pertecem ao governo português”. No que diz respeito a terra, ele disse que o Governo Portugues estava a preparar vastas áreas de cultivo dos chamados “colonatos” (Laweki, 2019).

*“Para preparar esses colonatos, o governo obriga os africanos a abandonarem as suas explorações agrícolas tradicionais, as árvores de frutos e as aldeias para estabelecerem-se em zonas de fraca produtividade. Qualquer um que tenta resistir é considerado um membro do movimento de libertação da FRELIMO e, portanto, um adversário do governo português e ele é tratado como tal” (Gwenjere, 1967).*

O padre Gwenjere também falou longamente sobre a situação religiosa em Moçambique. Sobre a Igreja Católica, o padre disse na sessão que estava dividida em dois grupos: a Igreja Católica “Salazarista” e a Igreja Católica “Romana”. Segundo ele, enquanto a Igreja Católica “Salazarista” contradiz os princípios morais das Sagradas Escrituras e não observa as normas cristãs, a Igreja Católica Romana luta pela plena aplicação da doutrina da Igreja, apesar de encontrar imensas dificuldades. O Padre disse ainda que seis missões católicas operadas por missionários estrangeiros haviam sido encerradas no norte de Moçambique, porque o trabalho desses missionários não favorecia o governo português. Ele também disse na sua audiência que a maioria dos sacerdotes portugueses em Moçambique tinha arquivos no escritório da PIDE, onde eles apresentavam os seus relatórios mensais. Ele disse que, a 7 de julho de 1965, foi aconselhado por um missionário franciscano português a abrir um arquivo com a PIDE para obter benefícios materiais. Ele agradeceu pelo conselho, mas recusou-se a segui-lo (Laweki, 2019).

O seu testemunho nas Nações Unidas recebeu destaque na imprensa internacional, tendo influenciado, em grande medida as decisões futuras da ONU. O depoimento foi seguido por várias mensagens de indignação, condenação e raiva, particularmente dos delegados africanos, deixando o governo português muito desconfortável. Numa informação dirigida ao Governo-geral de Moçambique em janeiro de 1968, o director do Gabinete dos Negócios Políticos do Ministério do Ultramar escreveu o seguinte (Laweki, 1967).

*“Segundo informação recebida neste gabinete, tal depoimento (do padre Gwenjere nas Nações Unidas) impressionou grande número de delegações na comissão... Indignado com o testemunho, George Coleride-Taylor, da Serra Leoa, disse: Temos ouvido descrições horripilantes que nos fazem gelar o sangue nas veias, das atrocidades dos portugueses, do terror escandaloso que podia ser literalmente descrito como a violentação da África por Portugal.”*

Na Assembleia Geral da ONU em Nova Iorque, o padre Gwenjere atendeu as expectativas do presidente Dr. Eduardo Mondlane. O presidente da FRELIMO ficou satisfeito com o seu testemunho, uma vez que reitera sua crença na eficácia da diplomacia para resolver o problema da independência de Moçambique. Todos os sinais pareciam indicar que, após o regresso de Nova Iorque do padre, o presidente Mondlane e o padre consolidaria a sua amizade e estabeleceriam uma dupla forte para reverter o equilíbrio de poder em favor da tendência comunista no movimento. No entanto, a rápida amizade que o presidente Mondlane e o padre Gwenjere desenvolveram, antes da sua partida para a Nova Iorque, foi de curta duração<sup>37</sup>.

Este discurso apresentado pelo padre Mateus Pinho Gwnjere na sede das Nações Unidas, um dos Órgãos máximo a nível planetário, na presença de muitos chefes do Estado e ou seus representantes, o facto de ser recebido pelo presidente dos Estados Unidos da América de então Jhon F. Kennedy, mostra abertamente, mais uma vez o comprometimento do padre Gwenjere com a causa nacional. A apresentação detalhada dos factos decorrentes em Moçambique até a a data da Assembleia da ONU em Novembro de 1967, representa sem dúvida, o seu patriotismo, o ódio que conseguiu demonstrar aos participantes na sala de Assembleia contra a dominação e opressor colonial português, o identifica como revolucionário. Para o presidente Mondlane da FRELIMO, padre Mateus Pinho Gwenjere, conseguiu “internacionalizar” a guerra e o mundo, percebeu a justeza e a necessidade de luta.

---

<sup>37</sup>Ibid

Por isso os objectivos do presidente Dr. Eduardo Mondlane em confiar e mandar Mateus Pinho Gwenjere foram alcançados na íntegra.

#### **4.7. Conflito no Instituto Moçambicano**

Quando o padre Mateus Gwenjere se juntou à FRELIMO em 1967, o movimento estava em tumulto. Os militares da FRELIMO, incluindo os estudantes do Instituto Moçambicano, lamentavam o assassinato do seu estimado e carismático líder militar, o Secretário de Defesa e Segurança da FRELIMO, Filipe Samuel Magaia, natural de Mocuba, de mãe zambeziana falante da língua chuabo e pai changana originário do Maputo. Os problemas que surgiram depois de assassinato de Magaia fizeram com que o padre questionasse algumas políticas da FRELIMO, incluindo a priorização da política de “guerra prolongada”, a concentração de poderes político-militar e de segurança em torno do grupo sulistas, a nomeação de brancos moçambicanos de origem portuguesa como professores do Instituto Moçambicano, e a falta de realização de um Congresso para resolver os sérios problemas internos dentro do movimento. A direcção da FRELIMO, tendo considerado o questionamento como interferência no funcionamento do movimento, acusou o padre de ser um agente da PIDE infiltrado no movimento da FRELIMO para desestabilizá-lo e de ser racista por se opôr à presença de moçambicanos brancos de origem portuguesa como docentes no Instituto Moçambicano (Laweki, 2019).

O que causou distúrbio no Instituto moçambicano e no exterior? Para João Baptista Truzão, que testemunhou as causas dos distúrbios no Instituto Moçambicano e no estrangeiro foram a introdução, pelo Comité Central da FRELIMO, de regulamentos radicais para estudantes do Instituto Moçambicano. Pelas perguntas dos estudantes, conforme revelado no discurso do presidente Mondlane à Comissão, a morte de Filipe Magaia e a divisão do seu Departamento de Defesa e Segurança em dois, Defesa para Samora Machel e Segurança para Joaquim Chissano, ambos “provenientes de Gaza terra de Mondlane”, foi vista pelos estudantes, na sua maioria nortenhos, como uma estratégia para concentrar todos poderes, político, militar e de segurança nas mãos do grupo dos sulistas. Conforme afirmou o presidente Mondlane no seu discurso à comissão, o Instituto servia como um centro preparatório para jovens estudantes moçambicanos prosseguirem os seus estudos do ensino secundário no Centro Educacional Internacional de Kurasini (KIEC). Assim, os estudantes moçambicanos no Instituto, também não concordaram com os regulamentos que os obrigavam a interromper os seus estudos no KIEC e a estudar até a nona classe apenas, após o que seriam obrigados a ir para campos

militares ou para o interior de Moçambique para prestar serviços militar. Durante o período em que este esteve no Instituto Moçambicano, nunca viu padre Gwenjere incitar os estudantes a rebelarem-se. É verdade que ele aparecia frequentemente no Instituto. Ele aparecia, no entanto, no final do dia, depois de suas actividades políticas com membros de baraza-lawazee, pois a casa onde ele morava, pela primeira vez, estava situada cerca de um a dois quilómetros depois do Instituto. Sempre que aparecesse no Instituto, era cercado pelos estudantes que o conheciam, maioritariamente pelos seus ex-estudantes da Missão de Murraça e pelos ex-seminaristas de Zóbuè, ambos recém-chegados ao Instituto e que, portanto, não era responsável pelos distúrbios que, como o próprio presidente Mondlane admitiu no início do seu discurso à comissão, começaram em dezembro de 1966, depois do Comité Central da FRELIMO ter anunciado novos regulamentos estudantis (Laweki, 2019).

De acordo com Laweki (2019), ele testemunhou que foram sempre os militantes da FRELIMO que procuraram o padre Gwenjere para relatar os problemas que o movimento enfrentava. Outros procuravam o padre para ajudá-los a resolver os seus problemas pessoais com a direcção do movimento. Um exemplo concreto foi o caso de dezasseis (16) ex-seminaristas enviados ao Instituto durante o ano lectivo de 1968. Ao chegar ao instituto, os ex-seminaristas, incluindo J. B. Truzão, foram submetidos a um exame, uma vez que a maioria deles não possuía certificados ou diplomas que demonstrassem a classe que supostamente frequentavam no Seminário de Zóbuè, em Moçambique. Aqueles que não tiveram um bom desempenho no exame foram recusados à admissão no instituto e foram obrigados a frequentar a Escola Primária de Bagamoyo da FRELIMO para melhorar as suas deficiências. Achando-se injustiçado por causa de um único exame de admissão no qual não tiveram bom desempenho, os alunos em questão aproximaram o padre Gwenjere para intervir. O padre, de facto, entrevistou e eles acabaram sendo admitidos ao Instituto (Laweki, 2019).

#### **4.7.1. Encerramento do Instituto Moçambicano em Tanzânia**

Conforme Laweki (2019), o presidente Mondlane estava no Reino Unido quando os líderes da FRELIMO agrediram estudantes no Instituto Moçambicano. Quando ele regressou, ouviu apenas a versão deles e mandou encerrar o Instituto, ordenando que todos os estudantes fossem para o Campo militar de Nachingwea. Os alunos recusaram-se a aderir à ordem. Como grupo, eles foram para o escritório do vice-presidente da Tanzânia, Rashid Kawawa, para pedir a sua intervenção. Os estudantes permaneceram no escritório de Kawawa durante a maior parte do dia sem serem recebidos. Por volta das quatro da tarde, eles viram um grupo de

polícias armados indo em direcção a eles, gritando “choto-kulia, choto-kulia” (esquerda e direita, esquerda e direita) em suhañi. O líder de grupos de polícias avançou e disse “Senhores, vocês estão presos”. Os estudantes receberam ordens para entrar num camião estacionado ao lado deles e foram conduzidos para uma prisão próxima. Mais tarde, os estudantes perceberam que foram detidos com intenção de mantê-los juntos até o regresso do vice-presidente da Tanzânia, que estava numa visita provincial. Alguns dias depois, foram libertos e levados de volta ao Instituto Moçambicano para uma reunião. Estiveram presentes na reunião dois líderes da FRELIMO, líderes do governo tanzaniano representado por Rashidi Kawawa e Lawi Sijaona, e o representante do Comité de Libertação da OUA, George Magombe. Dirigindo-se a reunião, o presidente Mondlane disse, entre outras coisas, o seguinte: “O Comité Central da FRELIMO decidiu e informamos que, a partir de hoje, o Instituto Moçambicano está encerrado e todos os estudantes devem seguir para o campo militar de Nachingwea”.

O Dr. Mondlane disse, ainda, que o Comité Central da FRELIMO havia decidido encerrar o Instituto e enviar todos os estudantes para Nachingwea, porque eles não estavam interessados em prosseguir seus estudos naquela instituição. Ao ouvir a decisão acima, os estudantes apelaram ao vice-presidente tanzaniano para que não permitisse que fossem enviados para o campo militar de Nachingwea, por recearem que seriam enviados para o interior de Moçambique e mortos. A decisão do vice-presidente tanzaniano foi de que os estudantes não poderiam ser forçados a ir a Nachingwea contra a sua vontade. Ao entender que a liderança da FRELIMO não seria capaz de forçar os estudantes a irem para Nachingwea, o presidente Mondlane disse que os estudantes que se recusarem a lá irem, seriam expulsos do movimento.

Dos cerca de oitenta (80) estudantes, apenas quinze (15) concordaram em ir para Nachingwea. O governo da Tanzânia contratou dois autocarros para transportar os estudantes remanescentes para o campo de refugiados de Rutamba (Laweki, 2019).

#### **4.7.2. Ruptura de relações entre Padre Mateus Pinho Gwenjere e Presidente Eduardo Mondlane**

A ruptura das relações entre padre Gwenjere e o presidente Mondlane tornou-se evidente numa festa do fim do ano em Dar-es-Salaam em 1967. No seu discurso anual, o presidente Mondlane disse aos militantes que “a luta contra a dominação portuguesa seria longa e demorada”. Na ocasião, o padre Gwenjere opôs-se aos pronunciamentos de uma “guerra

prolongada” do presidente Mondlane. Ele argumentou que uma “guerra prolongada” só traria mais sofrimento aos moçambicanos dentro do país.

Padre Gwenjere, ao estar contra as palavras de Mondlane sobre a Guerra Prolongada, porque ele via que o número de baixas mortais e mutilados de guerra era maior do que dos portugueses, por isso, com influência dos conhecimentos como as ideias de não-violência de Mahatma Gandhi, na Índia, mesmo Nkrumah, no seu livro “O Consciencismo de Nkrumah, em relação a guerra, citado por Mbomba, o descreve nos seguintes termos:”

*“ O conceito Revolução em Nkrumah é a base de luta ideológica pela independência de África. Para que essa organização possa se realizar precisa ter uma boa organização de massa organizada pelos próprios africanos consciente de sua luta para atingir o projecto de libertação. (Mbomba, 2019,p. 23)*

Ele também condenou tendências tribais e regionais no movimento, notando que as mesmas não ajudariam a unir os moçambicanos no propósito comum de libertar o país. O incidente do discurso do fim do ano do presidente Mondlane é melhor contado pelo jornalista Stanley Maisler. Segundo Maisler, o presidente Mondlane disse-lhe que ele cometeu um grande erro ao convidar o padre Gwenjere para a sede da FRELIMO em Dar-es-Salaam. Maisler escreveu que, durante a festa de natal na capital Tanzâniana, o presidente Mondlane disse aos membros do movimento que “a FRELIMO estava a lutar contra o colonialista português e não a cultura portuguesa ou o povo português”. De acordo com Meisler, quando ele terminou o seu discurso, Mondlane lembrou: “O Padre Gwenjere foi até a ele e disse: “O senhor é um traidor” (Laweki, 2019).

Silvério Ronguane no seu livro “ Toda a Verdade sobre Mondlane”, explica que é preciso reconhecer o padre Gwenjere e outros nacionalistas, embora com diferenças de ideologia, partilhavam mais pontos de vista com Mondlane do que aqueles que os condenaram.” Talvez seja verdade que Mondlane, mercê do seu sentido intelectual.” (Ronguane, 2010, p.194).

O presidente Mondlane, como intelectual que era, percebia que numa organização social, é impossível não haver diferença de pensamento. Nkrumah, sobre o mesmo assunto escreveu nos seguintes termos:

*“...a interação entre a modificação das condições sociais, por um lado, e o conteúdo da consciência dos povos, por outro lado, não é unilateral, as condições podem ser modificadas por uma revolução são o facto dos homens, dos homens que pensam nos homens de acção*

*e agem como homens de pensamento. É verdade que a história faz os revolucionários, mas longe de ser a bola ao vento da história, eles têm uma sólida base ideológica”.*(Kwame, 1964, pp57-58).

#### **4.7.3. Padre Gwenjere é Isolado pela liderança da FRELIMO**

Doutor Eduardo Chivambo Mondlane, presidente da FRELIMO, eleito no 1º congresso da FRELIMO em 1962, não gostou do rumo dos acontecimentos e com o que ele viu, com a intenção do padre Gwenjere de afastá-lo do poder, mobilizando as bases da FRELIMO contra ele. Naturalmente, isso levou a uma ruptura entre os dois homens. A liderança da FRELIMO adoptou medidas para isolá-lo: o padre já não recebia comida e subsídio monetário da FRELIMO. Sabe-se, contudo, que o Secretário Administrativo da FRELIMO, Silvério Nungu, que era um confidente do vice-presidente da FRELIMO, Uria Simango, continuou secretamente a fornecer-lhe comida e outras formas de assistência (Laweki, 2019).

A morte de Kankhomba, natural de Niassa, que então assumia o posto de chefe adjunto do Estado-maior do exército, “coadjuvando” Sebastião Marcos Mabote, natural de Inhambane, fazia parte dos que obedeciam “caninamente” os chefes da FRELIMO. Os dias que se seguiram à sua morte seriam conturbados e, a situação agravar-se-ia de tal modo que, nenhum outro comandante, incluindo Samora Machel, ousasse fazer frente aos enfurecidos, pois qualquer tentativa de furar a barreira significava na morte certa. A tensão dos estudantes subia dia após dia. O padre Mateus Gwenjere havia conseguido contornar alguns obstáculos junto a algumas antigas figuras da TANU (Ncomo, 2003).

À despeito desta vitória de Mondlane contra Gwenjere, e os seus seguidores, a situação ainda era preocupante. Estavam ainda por neutralizar Lázaro Kavandame, e o seu grupo. Estes, desde de 22 de dezembro de 1968, transportavam na consciência a morte de Kankhomba. Todos sabiam de que Kankhomba fora vítima das acções dos “FRELIMO Yuth League” cujos membros eram apoiantes de Kavandame. Daí que se estava perante o facto provado, e a polícia Tanzâniana ao enalço dos assassinos. Os responsáveis da FRELIMO, e os seus aliados, sabiam que Kavandame e o seu grupo haviam metido os pés pelas mãos, ao assassinar uma pessoa dentro do território Tanzaniano. As autoridades Tanzânianas não apoiariam Kavandame nessa acção. O mesmo se poderia dizer em relação a Simango. Para ele, a ideia de

assassinar um camarada para fins políticos repugnava-no<sup>38</sup>. Numa primeira fase: Mondlane, Gwenjere e outros lutaram pela mesma causa, a forma mais rápida de libertar Moçambique era pela via armada. Não acreditava que Portugal poderia concordar numa solução negociada, e considerava os Estados Unidos, um aliado natural de Portugal, no contexto da NATO. Apesar de terem opiniões diferentes sobre como libertar Moçambique, convivia com Mondlane. Contudo, houve forças, dentro do movimento, que tudo fizeram para minar o bom relacionamento que se estava a desenvolver entre o Dr. Mondlane e o padre Gwenjere.

O Dr. Mondlane sentiu-se muito estimulado com a chegada de Gwenjere, dado o seu nível intelectual, e a admiração que nutria por ele. Chegou mesmo a dizer que Gwenjere era um dos mais importantes combatentes da liberdade que a FRELIMO conseguiu trazer para o exterior. O presidente Mondlane ficou satisfeito com o testemunho do Gwenjere, nas Nações Unidas, após evidenciar a ineficácia da diplomacia na resolução do problema da independência de Moçambique. Assim, ele integrou Gwenjere nos círculos do poder, ao fazer questão que fosse recebido por Robert Kennedy e Edward Kennedy, irmãos do falecido presidente norte-americano, no John Kennedy, e Nova York. De facto, os arquivos da PIDE-DGS revelam que o governo português ficou bastante incomodado com o testemunho de Gwenjere. Numa informação dirigida ao Governador-geral de Moçambique, em Janeiro de 1968, o director do Gabinete dos Negócios político do Ministério do Ultramar escreveu o seguinte:

*“Em seguimento ao telegrama secreto de 30 de Dezembro findo, que comunicou a Vossa Excelência ter sua Excelência o Ministro autorizar que se facultasse a sua Excelência Reverendíssima o Arcebispo de Lourenço Marques as recentes declarações do padre Mateus Gwenjere prestada na ONU, tenho a honra de ir remeter dois exemplares do documento... Prossegue a informação com as seguintes palavras: Segundo informação recebida neste gabinete, tal depoimento impressionou grande número de delegações, na 4ª Comissão... Indignado com o testemunho, George Coleride-Taylor, da Serra Leoa, disse: Temos ouvido descrições horripilantes que nos fazem gelar o sangue nas veias, das atrocidades dos portugueses, do terror escandaloso que podia ser literalmente descrito como a violenta acção da África, feita por Portugal” (Laweki, 2019).*

---

<sup>38</sup>Padre Mateus Pinho Gwenjere, opunha as mortes dentro do movimento ( FRELIMO ) , porque não havia necessidade, pois para ele, os problemas internos deveriam ser resolvidos pelo diálogo e não pela bala. Muitas mortes, para ele, eram injustificadas. Porque tinham o inimigo já definido que era o colonialismo que deveria ser combatido e derrotado.

#### 4.7.4 Lendário discurso da unidade nacional

A pátria que actualmente se chama Moçambique, no tempo pré-colonial e mesmo no auge do colonialismo português, viviam vários reinos e até “Estados” com respectivo território, língua, tradição, cultura, idealismo e até religiões, por isso os movimentos que criaram a Frelimo, tinham em consideração o que atrás foi referido (Newitt, 2012).

Mas, para criar a Frelimo, os “patrocinadores” viram a necessidade de haver urgência de unir todos os povos da região, para combater o inimigo comum que era o colonialismo português, mais as peculiaridades de cada nação permaneceram dentro de si, por isso já no processo da constituição da FRELIMO, os problemas internos não demoraram, pois eram povos de origens distintas.

*O humano é um ser complicado, e o homem político é muito mais complicado que um homem com uma “mente virgem”, tendo em consideração o acima exposto, conforme o que oficialmente é dito, a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) foi resultado da fusão de três movimentos nomeadamente: A MANU (União Nacional Africana de Moçambique) A UDENAMO (União Nacional Democrática de Moçambique) e a UNAMI (União Nacional Africano para Moçambique Independente).*

A ideia de unidade nacional sempre foi caracterizado por “ciúme”, pois, os membros e líderes destes movimentos traziam consigo os conflitos de dominação dos seus ancestrais, os problemas e o regionalismo na direcção da Frelimo começam exactamente, a se exteriorizar no seio dos chefes dos movimentos.

Foi desta forma, que nos princípios de junho de 1962, conforme Fanuel Gidion Malhuza na entrevista televisiva concedida pelo jornalista Emílio Manhique, no programa Singular da Televisão Estatal – TVM, disse: “ os tsongas não queriam que o líder da Frelimo fosse um ndau” referindo abertamente ao Uria Timóteo Simango, Malhuza e Calvino Malhayeye e alguns naturais do sul de Moçambique, endereçaram uma carta a Eduardo Mondlane em Tsonga, para melhor impressionar o académico Mondlane, que já tinha terminado a licenciatura em antropologia e era funcionário das Nações Unidas, e, também, já lecionara na Universidade Americana de Siracusa. (Ncomo, 2003).

Embora no 1º congresso os membros da FRELIMO, Eduardo Chivambo Mondlane, originário do sul de Moçambique precisamente (do sul do rio Save, exactamente da província de Gaza)

ganhou a presidência do movimento, os dirigentes de outros movimentos tais como a UDENAMU e a MANU e UNAMI, tiveram a sua representatividade, a maioria acabou por abdicar devido as disputas internas de origens étnicas.

A partir daqui a Frelimo fundada em Junho, ao invés de se impressionar em combater o inimigo comum da época, estavam mais interessados com o poder, perseguições internas e outros males que passaram a enfraquecer o movimento, alimentando um ambiente de tensão entre os compatriotas, tudo isso com objectivo de eternizar-o poder.

#### **4.7.5. Pensamento político do padre Mateus Pinho Gwenjere**

Padre Gwenjere, com o seu espírito nacionalista e patriótica, ao filiar-se à FRELIMO, à princípio na clandestinidade, mobilizando e enviando jovens para o movimento de libertação nacional de Moçambique, e em 1967, foge para Tanzânia com objectivo de juntar-se aos combatentes da liberdade, esperava que depois do alcance da Independência, à semelhança de alguns países africanos, como foi o caso de Congo de Patrice Lumumba, da Zâmbia de Kaunda, de Tanzânia de Nyerere, de Costa de Ouro ou actual Ghana de Kwame Krumah, que muito inspirou a FRELIMO, houvesse eleições multipartidárias. Foi por isso, que embora existisse conflitos dentro da organização, em nenhum momento aliou-se aos colonizadores portugueses.

Face à esta situação, aliou-se ao Comité Revolucionário de Moçambique (COREMO) e depois de assinatura de Acordos de Lusaka, abandona Kénia e volta à Moçambique, precisamente para a cidade da Beira, onde esperava que haveria uma corrida eleitoral para escolher os dirigente de Moçambique independente, mas aconteceu o inverso, foi agredido, porém, sobre este assunto falaremos a seguir.

Na mesma cidade, ajudou o surgimento de partido de coligação nacional, (PCN), sem contudo, desejar de ocupar cargo de direcção, aceitando no máximo a função de conselheiro se os dirigente do PCN quisessem, pois conforme ele (padre), já tinha o compromisso com a função sacerdotal.

Feliz ou infelizmente o seu pensamnto concretiza-se pela Constituição de 1990, promulgado pelo segundo presidente de Moçambique, e antigo 1º Ministro e depois, 1º Ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique Independente, Alberto Joaquim Chissano, isto é 10

anos depois do seu desaparecimento físico e as eleições efectivam-se, 14 anos depois do seu fuzilamento.

Em Outubro de 1994 com a realização das primeiras eleições multipartidária, em que concorreram vários partidos políticos e a Frelimo e o seu presidente saíram como vencedores.

#### **4.7.6. Aparecimento de outros movimentos nacionalistas**

As divergências na FRELIMO, surgiram mesmo antes da sua fundação motivados pela disputa do poder agudizaram-se, logo após, a sua génese e realização do seu primeiro congresso na Tanzania em 1962. Pouco depois as divergências passam para a fase de conflito e até desunião, (Ngoenha, 2019)

Surge nesta época, depois do congresso, uma nova UDENAMO, nova MANU e nova UNAMI, desligado à Frelimo que nesta altura era dirigida pelo Dr. Eduardo Chivambo Mondlane. (Baquete, s/d).

Em 1963 para além do líder da MANU foi a vez de expulsão de Baltazar da Costa Changonga, líder e fundador da UNAMI, que tinha sido eleito para o cargo de Secretário da Saúde. Na mesma altura foram expulsos e/ ou abandonaram, porque viram que os objectivos da criação da Frelimo estavam a ser “feridos” os líderes da Udenamo tais como: David Mabunda, Paulo Gumane, Fanuel Malhuza, e João Munguambe.

A situação permanece em 1964, quando foram afastados Leo Milas, Amós Sumane (líder da província nortenha de Niassa) e Joseph Chitenje, (líder também proveniente da província de Niassa)

Esta situação, agudiza-se em Outubro de 1966, com o assassinato do comandante Filipe Samuel Magaia (natural da província central da Zambézia, no actual distrito de Mocuba), e com ele foram mortos todos aqueles que defendiam a participação da luta de todos os militares, sem, contudo, haver triagem, pois o comandante Filipe Samuel Magaia sustentava que todos deviam participar na batalha contra o colonialismo português, sem, contudo, serem apenas pessoas procedentes das regiões centro e norte:

Devido a esta e outras situações que enfermavam o movimento de libertação nacional de Moçambique, em 1968, estudantes do Instituto Nacional Moçambicano, em Dar- Es-Salaam, na sua larga maioria originários do norte do rio Save, culpavam a chefia da Frelimo de tribalismo e de regionalismo, e tomaram posição contra certos professores na instituição. Os

estudantes apontaram como exemplos daquilo que constataram como falta de equidade na Frelimo, o facto de que, para além de a maioria dos dirigentes serem do sul de Moçambique, se um estudante do norte do Save reprovasse nos exames finais, era enviado para os campos de treino para a luta contra o colonialismo português, enquanto um estudante do sul em idêntica situação continuava a estudar. Esta situação levou o aparecimento de desacatos que levaram ao encerramento temporário do instituto, como também a morte de Mateus Sansão Muthemba (tio paterno da jovem Josina Abiar Muthemba, a ex- namorada do comandante Samuel Filipe Magaia e mais tarde Josina Machel pois em Maio de 1969 casou-se com Samora Moisés Machel, que ocupou o cargo de Magaia após o seu assassinato em outubro de 1966 e vinte anos após, em outubro de 1986, também morreu, num acidente de viação em Mbuzine no território sul africano). De salientar que Mateus Sansão Muthemba nasceu no sul de Moçambique, na altura membro do Comité Central da Frelimo (Laweki 2019).

A conjuntura atinge o seu apogeu, após a morte de Eduardo Chivambo Mondlane, primeiro presidente da Frelimo, em Dar-Ex-sala-Salaam, na casa da americana Bett King por volta das 9.00 horas da manhã do dia 3 de Fevereiro de 1969, isto porque Urias Timóteo Simango, então vice-presidente, foi rejeitado, e fora formado um triunvirato para chefiar os destinos da Frelimo, composto por Samora Moisés Machel, Marcelino dos Santos e o próprio Uria Simango. Este procedimento estabeleceu mais as discrepâncias no interior do movimento. Em 1969 Uria Simango emite um documento denunciando a existência de tribalismo e regionalismo, fomentado pelos dirigentes provenientes do sul de Moçambique, que eram considerados como os principais responsáveis pela situação triste que se vivia na Frelimo (Ncomo, 2003).

Foi a partir desta discriminação que começam a surgir outros movimentos separatistas que tinham como objectivo principal derrubar o colonialismo português, como por exemplo, Mazungo Bobo, Matias Tenda, Amós Sumane e outros criaram em 1968 a UNAR (União Nacional da Rombézia) que pretendia a independência da região que vai desde do rio Rovuma até ao rio Zambeze, pertencente a região norte a centro de Moçambique, ou seja, as províncias de Cabo Delgado, Niassa, Nampula, Tete e Zambézia). Os dirigentes da Frelimo provenientes do sul de Moçambique, movidos principalmente por intuits tribais que usavam os nortenhos para a linha de fogo ou que sempre iam a guerra, ficando eles fora da linha de combate, nos gabinetes e ou a estudar no estrangeiro, movimentavam a guerra somente na região norte e, até 07 de Setembro de 1974, a luta de libertação que durou quase dez anos não atravessou o

rio Save, pelo contrário, a guerra castigou fortemente as populações do norte e centro de Moçambique, (Baquete, s/d).

Conforme os dirigentes da UNAR, o tribalismo da Frelimo, ilustrado pelo seu presidente, Eduardo Mondlane, que estava rodeado apenas por pessoas do sul, provocou discórdia e divisões no seio dos moçambicanos. Era frequente no seio da Frelimo dirigido por pessoas no sul o discurso “ abaixo o tribalismo, o regionalismo e o divisionismo”, mas na prática o que se vivia no terreno era completamente diferente, pois a direcção do movimento estava nas mãos de pessoas provenientes do sul, os que eram membros da associação dos estudantes secundários de Moçambique já tinham assaltado o poder e, por consequência, passaram a ocupar lugares-chaves do movimento. Esta teoria de abaixo o tribalismo o regionalismo até o divisionismo criou uma nova elite tribal, mesmo no período da luta armada, e a situação continuou no período pós-independência, como adiante apresentaremos. Os dirigentes da MANU da UDENAMO e da UNAMI, quase nenhum fez parte da direcção do governo de transição.

Já depois da independência, a língua portuguesa foi usada como um dos condutores para a edificação da unidade nacional, repudiando por conclusão as línguas locais, de tal modo que foi interdita aos estudantes pronunciarem as suas línguas locais nas instituições de educação, iniciando do primário até ao universitário, ferindo sem precedente a identidade.

A maioria dos moçambicanos não se adaptaram a medida, em virtude da mesma ferir os sentimentos dos oriundos do norte de Save, que sempre se queixavam do tribalismo dos dirigentes sulistas da Frelimo. Esta posição atinge o seu apogeu aquando da inércia do Estado em promover o progresso e consequente redistribuição dos recursos políticos e económicos, especialmente para os moçambicanos do norte do rio Save.

Para melhor exemplificar podem pegar o facto “chupa-se sangue” que quase imobilizou a província central da Zambézia em 1978. Quase três anos após o anúncio da independência Nacional, o governo local apontava um tribalismo como sendo um dos factores que teria erguido as manifestações violentas no distrito costeiro de Pebane, acarretando pelo menos um morto e sete feridos. Conforme os manifestantes contestavam aquilo que viam no terreno, na sua raiva os populares interrogavam: “Porque todos os responsáveis distritais, locais, directores e até simples lojas de povo não eram zambezianos, mas sim provinham do sul?” “Esta situação não era de admirar num contexto em que os zambezianos que se consideravam

excluídos e marginalizados pelo regime excessivamente proveniente do sul do Save, como explica o arcebispo de Quelimane Dom Filipe Governo<sup>39</sup>: Ainda sobre o Chupa-sangue, o académico Sergio Chichava<sup>40</sup> explica que “era sem dúvida uma reacção às políticas do governo de modernização autoritária da Frelimo como bem explica o Bispo de Quelimane Dom Filipe Governo”:

*“Os chupa-sangue foi uma expressão metafórica utilizada pela população para exprimir o seu descontentamento em relação ao governo (...), talvez o governo não compreendeu bem a mensagem. O facto de a população ter acusado o governo. Foi uma metáfora com vista a opor-se à exploração, à opressão, tanto mais que a população atacava o próprio governo, os administradores ( ... ), os bens das populações eram explorados pela Frelimo (...), a reacção foi violenta(...)”<sup>41</sup>”. (Chichava, 2007, p.32).*

Perante esta situação, o General Bonifácio Gruveta citado por Chichava (2007), desabafa: “...a maior parte dos partidos políticos formados por zambezianos pedem o federalismo”. Bonifácio Gruveta, primeiro governador da Zambézia independente, ele próprio, disse que é a má política da Frelimo nesta província que leva os zambezianos a pedirem federalismo:

*“O problema é da redistribuição da riqueza. A Zambézia já contribuiu com 60 por cento para o orçamento do Estado. Que benefício tira disso? Nenhum! Mesmo se hoje já não é a mesma Zambézia, as pessoas não esquecem isso! A nossa política de redistribuição de riqueza foi má, a Frelimo negligenciou a Zambézia (...), Não há uma universidade pública (...), A Zambézia não tem nem um hospital digno desse nome (...), Não há uma Universidade pública (...), o ISPU é criação de um zambeziano, não tem nada a ver com o governo da Frelimo, tudo isso leva as pessoas à se perguntar para que serve a independência (... ) é isso que explica a impopularidade da Frelimo*

---

<sup>39</sup>Conforme o portal de biografias de bispos Católicos de Moçambique ( BCM ), Dom Bernardo Filipe Governo, ou simplesmente, Dom Filipe Governo, nasceu no dia 20 de Janeiro de 1939, no actual distrito de Namacurra, posto administrativo de Macuse, localidade de Mucela, foi ordenado padre em 1969 pela ordem dos Capuchinhos e posteriormente bispo em 1976, sendo o primeiro bispo nativo e da raça negra moçambicano, em Quelimane. Enquanto religioso, recusou-se ao convite do veterano da Frelimo, General Bonifácio Gruveta, para se juntar àquele movimento de libertação nacional, preferindo dedicar-se à vida das comunidades onde trabalha na província de Zambézia e renunciou em 2007, com 68 anos de idade.Faleceu no dia 20 de Outubro de 2013, vítima de doença.

<sup>40</sup>Sérgio Chichava é Doutorado em Ciências Políticas pelo Instituto de Estudos Políticos de Bordeus (França), investigador do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE).

<sup>41</sup>Extrato da entrevista entre Sergio Chicava, autor de “ Uma provincia Rebelde. O significado do voto Zambeziano a favor da RENAMO “ com o bispo de Quelimane Dom Filipe Governo, ocorrida em Quelimane no dia 09 de Outubro de 2004.

*na Zambézia. A Zambézia não tem ninguém no poder, ela nunca teve ninguém, isso frustra, os zambezianos<sup>42</sup>”(Chichava,2007).*

#### **4.8. Aliança do padre Mateus Gwenjere com outros movimentos de libertação nacional**

Devido a situação de hostilidade que se vivia no seio do movimento de libertação FRELIMO, nomeadamente, a predominância do tribalismo para desempenhar as funções de chefia e direcção, mortes dos combatentes, que atingiu o seu auge com o assassinato do comandante Filipe Samuel Magaia, agudizou a já situação deteriorizada dos combatentes, precipitou o sacerdote, a aliar-se ao Conselho dos anciãos.

Laweki, no seu livro “Mateus Pinho Gwenjere um padre Revolucionário”, escreveu da seguinte forma:

*“O trabalho de mobilização contra a liderança da FRELIMO era realizado em duas frentes: Lázaro Nkavandame, como Secretário provincial da província de Cabo Delgado, exercia influência sobre grupo do Conselho de Anciãos (Baraza-la-Wazee) na província de Cabo Delgado, enquanto o Padre Gwenjere influenciava o grupo de Conselho de Anciãos em Dar-Es-Salaam, liderado por Mzee Mchekecha”(Laweki, 2019, p. 278).*

Conforme ainda Laweki, (2019), por falta de consensos de como os combatentes deveriam ser tratados na FRELIMO e também da planificação de combates, o Conselho de Anciãos distanciou-se da liderança mais tarde e havia necessidade de população ida do norte do país a trabalhar no escritório de modo a acabar com a discriminação na FRELIMO

##### **4.8.1. Surgimento da Comité Revolucionário Moçambicano (COREMO)**

A 31 de Maio de 1965, em Lusaka, na República da Zâmbia é constituído o COREMO. Com apoio garantido de alguns países africano, sobretudo da Zâmbia, da China, e do leste europeu, o COREMO, propunha-se libertar Moçambique através da luta armada e aceitar outros métodos progressivos para pôr termo ao colonialismo português.

---

<sup>42</sup>Entrevista ocorrida entre o Sérgio Chichava, autor de “Uma Província Rebelde”. O significado do Voto a favor da RENAMO, com o General Bonifácio Gruveta, primeiro Governador da Zambézia e natural daquela província, realizada em Maputo a 14 de Janeiro de 2005.

O Conselho de Anciãos era anteriormente um órgão da FRELIMO. No entanto, mais tarde, o mesmo distanciou-se da liderança devido à falta de paridade no movimento e falta de acordo sobre como a guerra deveria ser travada, e como os combatentes da libertação da FRELIMO deveriam ser tratados. Ainda Laweki diz que, havia necessidade da gente do norte do país de trabalhar no escritório. Tinha de se acabar com “*Ubaguzi*”<sup>43</sup>, dIscriminação na FRELIMO.

No dia 27/04/70, através do documento confidencial obtido na Torre de Tombo nr. 557-CI (2), com o assunto actividades do “COREMO” os responsáveis do “COREMO “ainda não desistiram da intenção de aliciar para as fileiras do “partido” o padre Mateus Pinho Gwenjere, que se encontra, em Tabora (Tanzania). Nesse sentido, em 3/3/70, enviaram-lhe uma missiva, através da qual o convidavam para o cargo de “Vice-Presidente” e para uma visita à Zâmbia, onde poderia contar com o apoio do arcebispo Malinga.

O outro documento Confidencial obtido na Torre de Tombo, com o título Informação Confidencial, NR. 54-CI (2) de 18 /1/71, dá a conhecer que Paulo Gumane, presidente da COREMO, pretende contactar com todos os elementos dissidentes da “FRELIMO”, com vista a leva-los para o “COREMO” especialmente Uria Simango, Padre Mateus, Judas Honwana, Lourenço Mutaca, Filipe Masquil, Gilberto Waya, António Tschapoh, Alfredo Mondlane e José Chicwara.

Uma outra informação confidencial da Torre de Tombo, nr. 1.386-CI (2) datado de 26/10/70, informa dentre outras comunicações que a fonte comenta que é interesse do padre Walsh é movido pelo anúncio do ingresso do padre Mateus Pinho Gwenjere no “COREMO”, onde ocuparia o cargo de “conselheiro” e “Vice-Presidente”. No entanto, parece tratar-se de mais uma manobra de Gumane.

Já a informação confidencial da Torre de Tombo nr. 691-CI (2) datado de 25/5/70, esclarece que: O padre Mateus Pinho Gwenjere aceitou com entusiasmo o convite que lhe fora feito para ingressar no “COREMO”. Não aceita, no entanto, o lugar de “vice-presidente”, mas apenas o de “conselheiro” e isto porque, por um lado a sua preocupação por Moçambique e, por outro, ele não se esquece da sua condição sacerdotal, incompatível com lideranças directas de partidos políticos.

---

<sup>43</sup>Ubaguzi, é uma palavra da lingual suahili, que traduzido para português, significa, Preconceito ou discriminação

O padre Mateus sugeriu aos elementos do partido que conseguissem aliciar Basílio F. Juta Banda, elemento muito equilibrado, inteligente e bom organizador, dado conhecer muitos segredos da “FRELIMO”.

Solicitou ainda aos dirigentes do partido, na Zâmbia, para que movessem influências junto das autoridades governamentais e eclesiásticas no sentido de se conseguir a sua saída da Tanzânia para a Zâmbia. O padre Mateus com um rude golpe susceptível de levar a “FRELIMO” à desintegração. Julga-se tal a presunção absolutamente destituída de fundamentos.

Depois da Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974, que derrubou o regime fascista e colonial de Marcelo Caetano em Portugal, o padre Gwenjere e outros líderes dissidentes moçambicanos regressaram a Moçambique. Em agosto de 1974, o padre contribuiu para a fundação do Partido de Coligação Nacional (PCN), que reuniu vários grupos anti-FRELIMO sob a liderança de Uria Simango. O Padre Gwenjere recusou-se a ocupar qualquer posto na coligação, excepto o do “conselheiro político” do PCN.

Contudo, enquanto vários grupos anti-FRELIMO realizavam campanhas políticas em Moçambique para tornar os seus movimentos conhecidos em preparação para eleições livres e justas, o recém-estabelecido governo em Portugal decidiu iniciar negociações directas com o movimento da FRELIMO em Lusaka, Zâmbia, com vista a transferir o poder para aquele movimento (Laweki, 2019, p. 250).

A 25 de abril de 1974, ocorreu o golpe de Estado em Portugal e abriram-se novas perspectivas para os movimentos de libertação africanos, particularmente moçambicanos. No período de junho à agosto de 1974, constituíram-se mais de 20 partidos políticos em Moçambique por causa do referendo e as eleições. Em junho de 1974, na cidade da Beira, ressurgiu o COREMO de Gumane que em parceria com Grupo Unido de Moçambique (GUMO) de Maximo Dias, Joana Simeão, Jorge Abreu e Lizete Simões formaram o Partido de Coligação Nacional (PCN), liderado por Uria Simango, com o propósito de participar nas conversações sobre a independência de Moçambique, (Baquete,s/d)

Contudo, ao longo das conversações a delegação portuguesa propôs a presença de outras forças políticas moçambicanas mercedoras de participarem nas discussões sobre o futuro do país, mas a FRELIMO reprovou a proposta. Assim, a 7 de setembro de 1974, foram assinados os Acordos de Lusaka entre a Delegação da FRELIMO representada por Samora Machel e a

de Governo Português, liderada por Mário Soares. Nos termos de acordo firmado, os poderes seriam transferidos para a FRELIMO e não se previa realização de eleições democráticas.

Membros do PCN e de outros partidos políticos moçambicanos presentes em Lusaka com intenção de pressionar as duas delegações para participar nas conversações finais foram detidos pela segurança zambiana e enviados para a base da FRELIMO em Nachingwea, Tanzania. Assim, desapareceu definitivamente o PCN – Partido de Coligação Nacional de Urias Simango (Notice; Baptista e Meno)

O padre Mateus Pinho Gwenjere à semelhança do COREMO, é convidado para ser membro deste partido de coligação nacional (PCN), fundado em 1974, aceita a função de Conselheiro do partido. O PCN, que tinha o objectivo de pressionar o governo português para ceder a independência total de Moçambique e, posteriormente, esperava o processo de eleições como aconteceu em outros países africanos que depois da sua independência seguiu o processo eleitoral, a exemplo de Ghana de Nkrumah e do Congo de Lumumba, (Ncomo,2003).

A informação nr.43/72/DI/2/SC.G.G. obtida nos arquivos na Torre de Tombo, datado de 10 de Maio de 1972, diz que Padre Mateus Pinho Gwenjere como Comissário Político dum novo grupo que se constituiu no Quénia, sob a designação de Frente Unida de Moçambique (FUMO); (DGS/71).

#### **4.8.2. Outros Partidos**

Verifica-se o reaparecimento diversificado dos partidos originais a reclamar representatividade, como foram os casos da nova UDENAMO, nova MANU, do Mozambique Revolutionary Council (MORECO), e outros grupos. Tentativas feitas pelo Governo da Zâmbia e pela UDENAMO para unificação dos movimentos numa única organização redundaram num fracasso devido a “mão de ferro” da FRELIMO, o que precipitou a ruptura definitiva. O EREPOMO braço armado do COREMO, levou a sua primeira acção em Zumbo a norte de Tete, a partir de novembro de 1965. Realizou operações militares com algum sucesso até finais de 1967, altura em que iniciam as crises de liderança que culminaram com expulsão de Adelino Gwambe e a eleição de Paulo Gumane para a presidência do COREMO. O movimento prosseguiu a luta até finais de 1971. Em princípio de 1972 desapareceu COREMO como movimento guerrilheiro. (Notice et al., s/d).

Surge ainda em 1974 no auge dos acordos de Lusaka os partidos MONIPAMO em 1974, liderado pelo Marrupa Basilio Banda, MONIREMO de Pedro, CONVERGENCIA uma coligação, UNIPOMO de Lázaro Nkavandame, FICO, de Máximo Dias e Joana Simeão, FRECOMO, liderado por Joana Simeão, GUMO de Máximo Dias e Joana Simeão, MANC de Peter Baramanja, Jack Ntundumula, PAPOMO formada em 1966 e tinha como seu líder Gumane, FUMO que tinha como líderes Domingos Arouca, Marcelino Nbule, Alvaro Recio e Cardia Matias, FUNIPAMO fundada em 1967/68 de Adelino Gwambe, MOLIMO é fundada em 1970, tinha como líder fundador Henriques Nyankale. (Canal de Moçambique, 2011).

#### **4.8.2.1. FUMO/PCDRN**

Em 23 de Setembro de 1976 em Maputo, o dr. Domingos Arouca e dissidentes da FRELIMO fundam o Partido FUMO/PCDRN com objectivo de repôr a legalidade democrática no país.

A Frente Unida de Moçambique/Partido da Convergência Democrática e Reconciliação Nacional FUMO/PCDRN pretendeu manter todos os democratas que historicamente congregaram desde a primeira hora na sua luta contra o comunismo. Buscava manter, nos primeiros anos, no seu seio, todas as correntes de opinião que as compõem – socialismo democrático, sociais-democratas e democratas-cristãos (Programa e Estatutos da FUMO/PCDR). (Arouca, 1991).

#### **4.8.2.2. Movimento dos Democratas de Moçambique (MDM)**

Por fim, mesmo no auge da independência existia o Movimento dos Democratas de Moçambique (MDM), O Movimento dos Democratas de Moçambique reunia um grupo de advogados moçambicanos e uma pequena franja de cidadãos (funcionários públicos) e alguns assimilados, todos, opositores do regime de Salazar. Dele faziam parte os Drs. Almeida Santos e Soares de Melo, saneados após o 25 de abril. Semanas depois do 25 de abril, o movimento passou a ser dirigido por outros elementos de entre os quais se destacavam os Drs. Afonso dos Santos, Pereira Leite, Rui Baltazar, Carlos Alberto Raposo Pereira, Mário da Graça Machungo, José Luís Cabaço e Fernando Jorge. Apercebendo-se de que o poder real estava à porta, e a Frelimo imaginando as dificuldades que enfrentaria na administração do país com os poucos quadros técnicos que possuía, cedo tratou de procurar aliados capazes e conhecedores do terreno. A aliança com os Democratas de Moçambique (que culminou com o sacrifício em Moçambique dos simpantizantes locais do PCP) e a imediata promoção pública de alguns deles ao estatuto de “combateres na clandestinidade”, viria então a criar as

condições para o assalto ao poder sem grandes dificuldades. Seria através dos Democratas de Moçambique que Costa Gomes (então membro do JSN) procuraria estabelecer os seus primeiros contactos paralelos com a Frelimo, à revelia do então chefe do Estado Português. Na sua visita a Moçambique depois do 25 de abril, e em coordenação com os Democratas de Moçambique, Gomes mandou constituir uma comissão para se deslocar a Dar es-Salam para contactos preliminares com a Frelimo. Dessa comissão, fizeram parte Malangatana Valente Ngoenha, José Craveirinha, Abner Sansão Muthemba, Matias Mboa e Rogério Daniel Jauana (Ncomo, 2003, pp. 273-178).

Foi um grupo de Democratas de Moçambique, na Beira, a maioria dos quais de raça branca e mestiça, então professores no Liceu Pero da Anaia<sup>44</sup> e na Escola Preparatória Dr. Baltazar Rebelo de Sousa<sup>45</sup> que agrediram severamente o padre Mateus Gwenjere. Já gravemente ferido foi hospitalizado por cerca de uma semana no Hospital Central da Beira (Ncomo, 2003, p. 300).

#### **4.9. Padre Mateus Pinho Gwenjere na clínica de Dr. João Joaquim Unhay**

Grupos de brancos com tendências esquerdistas em Moçambique, instigados pelo movimento da FRELIMO, apedrejavam e agrediam os que eram considerados opositores da FRELIMO e seus líderes e organizadores. Nesta onda de agitação política, o padre Gwenjere, rotulado de racista pela FRELIMO, foi agredido violentamente na cidade da Beira por um grupo de radicais brancos, pertencentes ao Movimento dos Democratas de Moçambique (MDM). Segundo testemunho do padre Alberto de Madureira, que vivia com o padre Gwenjere na residência da Diocese, o padre Gwenjere fora agredido por desconhecidos na garagem e ele encontrou-o a gemer, inconsciente e um grupo de indivíduos em fuga.

Entrevistado no seu leito hospitalar o padre Gwenjere sublinhou que não era contra o povo português, mas contra o regime colonial português. Ele negou as alegações de que ele era um agente da PIDE e um racista:

*“Quando dizem que o padre Gwenjere é anti-branco, é uma pura mentira. Praticamente toda a minha vida vivi com brancos. Antes de ser ordenado padre, fui acusado de que era a favor dos brancos, era da PIDE. Quando cheguei à FRELIMO, disseram que eu era anti-branco. Eu gostaria que alguém provasse isso” (Ncomo, 2003, p. 251).*

---

<sup>44</sup>Antigo nome da Escola Secundária Samora Machel da Beira

<sup>45</sup>Antigo nome da Escola Secundária Sansão Mutemba

Falando na sua cama, no Hospital Rainha Dona Amélia, actual Hospital Central da Beira, depois de ter sido brutalmente agredido por um grupo de radicais de portugueses, filiados à MDM, Movimento dos Democratas de Moçambique, em 1974, Ainda no leito hospitalar, (no Hospital Rainha Dona Amélia, actual Hospital Central da Beira em 1974) o padre disse que os militantes da FRELIMO tentaram em muitas ocasiões reformar o movimento, mas sem sucesso. Quando ele chegou à Tanzânia, eles pediram que ele colaborasse para realizar esta tarefa, afirmou o Padre gemendo com as dores, e corpo coberto de ligaduras, (Laweki, 2019, pp.250-251).

Com a sua posição intelectual, num período em que os militantes da FRELIMO temiam a liderança militar do movimento, o padre começou a ganhar respeito e apoio de vários, principalmente o apoio de elementos descontentes do movimento, de estudantes do Instituto Moçambicano e de membros do Conselho de Anciãos (Braza-la- Wezee), e de membros do Governo de Tanzânia e da Imprensa local e estrangeira (Laweki, 2019).

Os rumores lá fora do Hospital proferidos pelos seus agressores pertencentes aos membros do MDM eram assustadoras, criticavam os que levaram ao tratamento dos ferimentos, diziam eles: queriam a cabeça do padre, gritavam morte aos reacionários, morte a Gwenjere. Assim, com euforia esperavam com expectativa a sua saída do hospital. Foi nesta senda, que o Dr. João Joaquim Unhay, conterrâneo do padre Mateus, ex-seminarista, antigo combatente, antigo Deão do Instituto Moçambicano, e médico de profissão, que depois de ser expulso da FRELIMO, veio à Beira e abriu a sua clínica que se localizava no primeiro andar do actual prédio Hélio, mesmo próximo do Hotel Embaixador, deu asilo ao padre Mateus Gwenjere.

Os alvoroços contra o padre Mateus Pinho Gwenjere, chegaram aos ouvidos do Dr Unhay. Este foi-lhe visitar, entristecido, fala com os médicos que o atendiam e solicita para dar assistência particular na sua clínica. A petição é aceite. Na noite do dia seguinte, ele leva o padre para a sua clínica, onde ficou sob cuidados por quase uma semana. Dr. Unhay, preparou minuciosamente a sua saída ou fuga para Quénia, onde viveu antes dos Acordos de Lusaka.

A saída da clínica, vestido como se de um velhinho se tratasse rumou para estação dos Caminhos de Ferro da Beira, e partiu de comboio em direcção a Mutarara. De lá seguiu para Malawi, seguindo a mesma rota que fez em 1967, aquando da sua ida a Tanzânia para se juntar a FRELIMO. Mas desta vez, não era para Tanzânia, mas sim, para Quénia, onde existia um grande número de moçambicanos que fugiram da FRELIMO, temendo serem torturados

ou mesmo mortos devido a divergências de ideias com a liderança da FRELIMO. Foi lá onde, de novo, foi raptado para o interior de Moçambique, para ser sumariamente eliminado depois da independência, juntamente com tantos outros.

#### **4.10. Convivência entre Mateus Pinho Gwenjere e Presidente Samora Moisés Machel**

As relações entre o padre Gwenjere e Samora Machel, sempre foram ensombradas. Conforme um ex-amigo seu, Matias Mboa, com quem no dia 4 de Março de 1963 foi à Tanzânia, Samora tinha objectivos de continuar a estudar Medicina e ele Direito (Depoimentos de Matias Mboa a 19 de outubro de 2011, na TVM, entrevistado pelo jornalista Simeão Ponguane aquando da celebração dos 25 anos da morte de Samora).

Conforme Hélder Martins, no livro “Samora Homem do Povo”, descreve a visão que Samora tinha em relação à igreja católica e ao padre Mateus Gwenjere nos seguintes termos:

*“Vale a pena indicar algo sobre Samora e a religião. O pai de Samora pertencia a uma das igrejas protestantes e ele foi inicialmente educado nesses princípios, mas para poder entrar na escola, teve que receber o baptismo católico e seguir a catequese. Essa imposição do catolicismo para poder ir à escola, que estava ligada à profunda associação da Igreja Católica ao colonialismo português nunca agradou Samora. Quando veio para Lourenço Marques deixou de praticar e na FRELIMO, achou que devia deixar a religião totalmente de lado. Com esta antecedência do presidente Samora, não gostou a presença de padre Mateus Pinho Gwenjere, no campo militar de Nachingwea, onde Samora era chefe do Centro. A presença do clérigo, para treinos militares, não foi vista com bons olhos pelo chefe do centro. Foi a partir daqui que começaram a dizer como sendo enviado da PIDE. (Sopa:2001;p.108).*

Helder Martins continua dizendo nos seguintes termos:

*“Quando o padre Mateus Gwenjere chegou a Dar-es-Salaam, ele pediu a Mondlane para visitar o campo militar de Nachingwea. Estou convencido que o padre foi enviado pela PIDE e que tinha a intenção de criar confusão no seio das nossas forças armadas de libertação nacional, tanto mais que, nessa altura, o campo já tinha de novo uma população com uma mistura de várias religiões e já não havia predominância de muçulmanos que caracterizou o período logo após a abertura da frente de Niassa Oriental. Mondlane que ainda confiava no Padre, achou que era bom que um padre católico, de certo modo abençoasse as nossas forças, visto que a alta hierarquia da Igreja Católica abençoava as tropas coloniais. Samora aceitou o pedido do presidente, mas naturalmente ficou de pé atrás, pois tinha a*

*convicção que o acordo tácito que sempre tinha sido utilizado de deixar a religião de fora do campo, de treino militar era a melhor. À chegada, Gwenjere, que já tinha ouvido falar do carisma de Samora,... mas logo no dia seguinte pediu para rezar missa para os católicos. Samora disse-lhe que estava fora da questão e explicou-lhe as regras do jogo, mas Gwenjere começou a circular por todo o campo e a interrogar todos sobre as convicções religiosas, a distribuir bençãos aos que as pediam e aos que não pediam. Samora imediatamente decidiu cortar o mal pela raiz. Enviou uma mensagem de rádio ao Presidente a dizer que ia devolver o padre e não esperou resposta. No dia seguinte de manhã, meteu o padre no avião de regresso a Dar-es-Salaam". ( Sopa:2001;p.108)*

Estas informações de Helder Martins, foram contestadas por Lawe Laweki, antigo combatente e antigo estudante do Instituto Moçambicano. Esta situação demonstra abertamente o quanto Samora odiava a igreja Católica incluindo o Padre Mateus Gwenjere.

A ascensão de Samora ao poder como chefe do departamento da defesa e Segurança, nos finais de 1966, após o assassinio de Samuel Filipe Magaia, natural de Mocuba, tornou a vida dos estudantes e até de muitos militares, no interior, muito cara. Gwenjere é advertido que grande parte dos que ele próprio recrutou e mandou, já não estavam no Instituto, porque fugiram, e muitos outros desapareceram e ou morreram no campo de batalha, outros ainda pelas balas dos camaradas. Ainda é informado que no interior somente iam mais os soldados oriundos das zonas Centro e Norte de Moçambique , ficando no instituto e ocupando cargos de direcção os procedentes de sul do país. Falavam os estudantes, presumivelmente seja este o motivo do assassinato de Samuel Magaia, visto que defendia que, se se quisesse a independência de Moçambique, para a guerra deviam se seleccionar pessoas das três zonas do país, nomeadamente, sul, centro e norte do País.

Estas notícias, fizeram com que o padre Mateus Pinho Gwenjere, aproximasse a Samora, com a finalidade de obter a veracidade das informações dos estudantes. Mas com a intolerância e sinuosidade de Samora, não se conseguiu chegar a nenhum consenso. Muitas vezes, o padre solicitara encontro com Samora, mas, este último, incessantemente apresentava indisponibilidade de lhe atender. No interior do Instituto, Samora tinha seus informadores. Para Samora era notícia tudo que era de mal. Mas, a resolução dos conflitos, pacificamente, não era sua característica. Devido esses conflito internos na FRELIMO, o padre Gwenjere é transferido e passa a trabalhar como sacerdote na igreja de Tabora, no norte de Tanzânia.

#### 4.11. Rapto do Padre Mateus Pinho Gwenjere

A constante intromissão das autoridades Tanzanianas na discórdia entre os moçambicanos fazia parte desse plano silencioso. Foi na sucessão dessa cooperação que as autoridades Tanzanianas aprisionaram Tanga, Miguel Murupa e analogicamente perseguiram no norte da Tanzania, Raul Casal Ribeiro e sua esposa Lúcia Tangane (Todos natural de província central de Tete, distrito de Mutarara, falante de Sena, mesma língua de padre Gwenjere), na companhia de quatro filhos menores do Casal Ribeiro, fora dado a FRELIMO em Nachingweia.

Um outro emigrante moçambicano, que na ocorrência se achava com um grupo intrigado das atitudes era CMM e do conjunto dos tanzanianos, teria sem sucesso despertado o padre para se precaver, porquanto, a atitude ofensiva com que o grupo cuidava de assunto de natureza política era demasiadamente suspeita para se poder acreditar nos seus propósitos.

Ncomo (2003), descreve as últimas aparições do Padre Mateus da seguinte forma: “ Mas, a despeito deste aviso, Gwengere sentia-se muito seguro de que nada de oposto sucederia, porque, o CMM<sup>46</sup> era seu homem de confiança. A permanecer qualquer risco certamente tê-lo-ia alertando à tempo de não se aproximar daqueles tanzanianos. O prevenido homem estaria assim de fora e o padre sairia com os três, abertamente para uma reunião com exilados tanzanianos em Mombassa. Só que o carro é que seguira pertencente a um funcionário da representação tanzaniana na comunidade dos países da África Ocidental em Nairobi rumo em direcção à Namanga na divisa entre Kenya e a Tanzânia. Tanto CMM<sup>47</sup> como o padre nunca mais seriam notados nos círculos dos abrigados moçambicanos no Kenya. Tudo indica que o padre Mateus Gwenjere não entrou vivo em Moçambique terá sido abatido numa tentativa de fuga quando já era conduzido em direcção a fronteira da Tanzânia com Moçambique. Os seus restos mortais seriam transportados na clandestinidade para a margem moçambicana do Rovuma onde foram sepultados de qualquer maneira. De março de 1981 em diante o silêncio foi total, o que levou tantos os filhos espirituais como a maioria dos familiares a desconfiar de que algo de sinistro se estava a passar. Ao se descobrir que a chefia da FRELIMO havia influenciado a polícia de Tabora na Tanzânia e receando pela sua vida, o padre Gwenjere deixou a região de Tabora em 1972 para Nairobi no Quênia considerado um ponto seguro para tantos moçambicanos que, no asilo, foram obrigados a fugir, não do inimigo comum, do

---

<sup>46</sup> Cidadão anónimo.

<sup>47</sup> Idem

regime colonial português, mas de seus companheiros de armas, para liberdade da FRELIMO.”

O antigo combatente e General Salésio Teodoro Nalyambipano, no seu livro intitulado “A Minha Contribuição para a Independência e Edificação do Estado Moçambicano, Memória de um General da Linha da Frente” publicado em 2013, ao falar sobre o padre Gwenjere, explica da seguinte forma:

“ ... Um outro reaccionário que foi expulso das fileiras da FRELIMO no âmbito da limpeza dos infiltrados foi o padre Pinho Gwenjere. Um reaccionário que em 1968 criou muita desestabilização quando manipulou muitos dos nossos alunos do Instituto Moçambicano em Dar-es-Salam, no sentido de se revoltarem contra os professores da raça branca, alegadamente porque eram colonos. Dentre os professores, lembro me de Fernando Ganhão, Jacinto Veloso e Hélder Martins. Em consequência disso, o Governo tanzaniano decidiu expulsá-los, e o Instituto foi encerrado por falta de professores e muitos estudantes ficaram prejudicados”. (Nalyambipano, 2013, p. 98).

Para terminar sobre a prisão do padre, o general afirma:

“Quando mais tarde descobrimos que Gwenjere tinha esse comportamento, já depois da morte do presidente Eduardo Mondlane decidimos expulsá-lo da FRELIMO e só voltei a vê-lo em Nampula em 1974, no período de transição. Entretanto, depois do 25 de abril, o movimento dos oficiais portugueses detiveram-no em Nampula e enviaram-lhe á Nachingwea, na companhia de Lázaro Nkavandame e Joana Simeão”.(Nalyambipano, 2013, p. 104).

Em relação a esta prisão, explicada pelo general Nalyambipano, entra em choque com os depoimentos presentes nos livros de Ncomo e Laweki, pois, estes dizem que o padre foi traído por um conterrâneo seu, a partir do Quénia, onde se encontrava exilado e seguro. Mesmo analisando o depoimento do antigo combatente pode não se enquadrar perfeitamente, em virtude do sacerdote ter conhecimento de que era indesejado pela FRELIMO, que o expulsou da sua organização, o seu nome era cantado em todas as esquinas como reaccionário, (Nalyambipano,2013,p.105).

#### **4.12. Morte do Padre Mateus Pinho Gwenjere**

Para Ncomo (2003), a ordem de acção nr. 5/80 mostra que o padre Mateus Pinho Gwenjere, foi executado com outros nacionalistas considerados pela FRELIMO de desertores e traidores do povo e da causa nacional. Constam no mesmo documento os nomes de Urias Simango, Lázaro Nkavandame, Júlio Razão Nihia, Joana Simeão e Paulo Gumane.

O mesmo documento exorta que de forma a prevenir possíveis reacções negativas, internas ou internacionais que possam surgir em consequência da execução desses contra-revolucionários, o Comité Político Permanente decidiu publicar este acto como uma decisão revolucionária do partido Frelimo, e não como um acto jurídico. A Ordem em causa foi assinada em 29.07.80, por Jacinto Veloso, na altura desempenhava as funções de Ministro de Segurança (Ncomo, 2003, p. 326).

Infelizmente, Mateus Pinho Gwenjere, não viu o seu sonho realizado, pois, desejava ver as populações de Murraça, de Caia, de todo vale do Zambeze e de Moçambique em geral, gozarem a independência e a liberdade. Uma terra onde o povo iria definir o seu destino, através das eleições a semelhança de outras nações e povos.

Muitos escritores tais como Ncomo, Timóteo, consideram que a morte de Padre Mateus Pinho Gwenjere tenha ocorrido entre 1977 à 1980.

Até hoje, ainda não foi divulgada oficialmente a data exacta da sua morte, nem o local onde jazem os seus restos mortais.

# **PARTE II**

## CAPÍTULO V. METODOLOGIA

*“Os que encantam com a prática sem ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino.”*

*(Leonardo da Vinci)*

A metodologia de investigação consiste, na análise sistemática, crítica e de vigilância epistemológica no que diz respeito a conjunturas teóricas e dos processos técnicos, princípios e procedimentos lógicos que plasmas toda a pesquisa em Ciências Políticas (SciELO, 2020).

Escolhemos a abordagem compreensiva por possuir vantagens de ordem epistemológica, na medida em que os autores são indispensáveis para perceber os comportamentos sociais, de ordem ética e política e, por possibilitarem o aprofundamento das contradições e dos dilemas que atravessam a sociedade concreta e, de ordem metodológica, como instrumento privilegiado de análise das experiências e do sentido da acção (Guerra, 2006).

Os estudos de caso herdaram, na essência, as características da abordagem qualitativa. (Dooley 2002) descreve que investigadores de várias disciplinas usam o método de investigação do estudo de caso para desenvolver teoria, para produzir nova teoria, para contestar ou desafiar teoria, para explorar, ou para descrever um objecto ou fenómeno. Por sua vez, (Stake, 1999) afirma que os estudos de caso são holísticos, porque herdaram essa característica da pesquisa qualitativa. Nesta ordem de ideias, os estudos de caso visam uma maior concentração no todo, para chegar a compreender o fenómeno na globalidade.

O estudo do caso representa, portanto, um método de investigação relevante, sobretudo porque assenta numa pesquisa intensiva e aprofundada de um determinado objecto de estudo, que se encontra extremamente bem definido e que visa compreender a singularidade e a globalidade do caso em simultâneo. É assim que damos crédito a este caso em estudo “O Percurso nacionalista, patriótico e revolucionário: Caso do Padre Mateus Pinho Gwenjere em Moçambique no período de estudo (1965-1980).

A pesquisa qualitativa partilha os pressupostos teóricos do paradigma interpretativo, que se baseia na noção de que a realidade social é criada e sustentada por meio da experiência subjectiva das pessoas envolvidas na comunicação (Morgan, 1980). A selecção da metodologia qualitativa é consistente com a visão de Berg (1998), que assume que a

metodologia qualitativa foi considerada uma metodologia adequada para um estudo vinculado a atitudes, percepções, significados e descrições da realidade social. Na pesquisa, a metodologia qualitativa ajudou a descrever o percurso ideológico e político do padre Mateus Pinho Gwenjere e o conflito militar contra o regime colonial e pós-independência, categorizando as opiniões, ideias e atitudes das pessoas que viveram a luta armada no período em estudo.

Escolheu-se o método qualitativo porque é fundamental para a selecção de opiniões, factos, sentimentos, sensibilidades e emoções e apresentá-los de forma detalhada segundo os significados e características de situações relacionadas ao nacionalismo do padre Mateus Pinho Gwenjere, no âmbito do seu apoio e adesão ao movimento de luta de libertação e apresentar as consequências da defesa de seus princípios ideológicos.

A metodologia qualitativa, pela sua natureza de ser conduzida num contexto natural, permite descrever a complexidade do conceito nacionalismo e analisar as causas que impulsionam a mobilização massiva de jovens a aderirem o conflito militar contra o colonialismo e a sua continuidade pós-colonial. A abordagem qualitativa é o método mais adequado para reunir sensibilidades de testemunhas, o que não seria possível de outra maneira. Isto é devido à sua natureza peculiar, fenómeno social, muitas descrições e explicações para uma melhor compreensão.

Além disso, a escolha da opção qualitativa justifica-se pelo facto de a literatura sobre metodologias da pesquisa serem unânime em sua adequação em estudos que visem compreender um determinado processo. Por exemplo, Menezes e Silva (2001) afirmam que a pesquisa qualitativa tem como foco principal de abordagem o processo e seu significado. Essa posição é partilhada por Bitencourt (2008), que considera o pesquisador como o instrumento principal. Esse tipo da pesquisa tem como principais características a interpretação do fenómeno e a atribuição de significados.

A pesquisa qualitativa possui as seguintes características essenciais: o ambiente natural como fonte directa de dados; o pesquisador como ferramenta fundamental para geração de dados; uso de procedimentos descritivos da realidade estudada; buscar o significado das situações para as pessoas e o efeito em suas vidas; preocupação com o processo e não apenas com os resultados e o produto, e privilégio da abordagem indutiva na análise dos dados (Bogdan & Biklen, 1998).

## **5.1. Métodos de procedimentos**

- i. Método Histórico - consistiu em investigar acontecimentos do passado que influenciaram o surgimento do nacionalismo africano e posterior do moçambicano. Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2010)
- ii. Método Comparativo - fez-se uma focalização sobre o impacto do Pan-africanismo nas sociedades africanas. Gil, A. C. (2008)
- iii. Metodologia de abordagem:

Método Indutivo – a aplicação deste método é útil na medida em que é para desenvolver aspectos comuns a um determinado número de casos e aferir aspectos dos enunciados a exhibir. Severino, A. J. (2007).

Método Dedutivo – este método é útil pelo facto de permitir a explicitação de realidades particulares contidas em verdades universais. Fez-se a utilização e a ligação entre o antecedente e o conseqüente para expurgar da investigação os elementos necessários para a sua explicação. Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013).

## **5.2. Tipo de estudo**

A Ciência Política emprega diversos tipos de metodologia para estudar fenómenos políticos. Para esta tese, empregamos os tipos do estudo de caso e de análise Histórica comparativa, em que estamos a investigar caso específico referente ao Padre católico Mateus Pinho Gwenjere e ao mesmo fazemos comparação de eventos políticos ocorridos ao longo do tempo (Marconi e Lakatos, 2011).

As causas que levam a estudar o Padre Mateus Gwenjere, é por ser uma pessoas influente, intelectual, corajoso. Acima de tudo era filho de “saphanda”, chefe tradicional. Foi libertador do povo em Caia, por varias vezes foi julgado, perseguido, aliciado, para ficar ao lado do colonialismo, mas ele resistiu. Levou e enviou muitos jovens para se juntar a FRELIMO. Apresentou um excelente relatório contra o colonialismo português na ONU.

### **5.2.1. Identificação do Tipo de Estudo**

O tipo de estudo escolhido para a elaboração desta tese é o estudo de caso qualitativo, combinado com uma análise histórica comparativa. A pesquisa qualitativa é amplamente

utilizada em investigações que buscam explorar as percepções, experiências e significados atribuídos a fenômenos sociais e políticos. No caso específico do Padre Mateus Pinho Gwenjere, esta metodologia é especialmente útil para captar as nuances de sua influência política e ideológica no movimento de libertação de Moçambique. Segundo Dooley (2002), o estudo de caso é apropriado quando se busca entender a singularidade de um fenômeno em profundidade, ao invés de generalizar sobre uma ampla população. Essa abordagem permitiu fazer uma análise detalhada do papel de Gwenjere, um líder religioso que teve impacto significativo em sua comunidade e na luta pela independência do país.

Além disso, a análise histórica comparativa permitiu colocar o caso de Gwenjere em um contexto mais amplo, comparando-o com outros movimentos de libertação na África e com o impacto de figuras religiosas em processos similares. Segundo Stake (1999), o estudo de caso herda as características holísticas da pesquisa qualitativa, permitindo ao investigador captar o fenômeno em sua globalidade. Nesse sentido, o estudo de Gwenjere é analisado não apenas como um evento isolado, mas em relação a outros líderes africanos e movimentos de libertação, como o Pan-africanismo e o papel da religião no nacionalismo.

A escolha desse tipo de estudo é justificada pela necessidade de investigar profundamente as ações e discursos de Gwenjere e sua influência no nacionalismo moçambicano, considerando tanto as dimensões políticas quanto sociais e religiosas. O método qualitativo, portanto, é o mais apropriado para captar as sensibilidades e percepções de indivíduos que vivenciaram o período estudado, oferecendo uma visão abrangente e contextualizada de sua trajetória.

### **5.3. População alvo**

A população-alvo foi composta por pessoas que tiveram contacto direto com padre Mateus Pinho Gwenjere ou que foram influenciadas por suas ações. O estudo envolveu entrevistas com oito indivíduos de diversas regiões de Moçambique, incluindo regulado de Nharwgwe em Murraça, Caia, Mutarara, Marromeu, Chemba, cidade da Beira, Quelimane e Maputo, que testemunharam ou foram impactados pela liderança do padre. Essas pessoas forneceram depoimentos que ajudaram a reconstruir a trajetória do sacerdote, sempre com a devida garantia de anonimato.

Destes seleccionamos oito que aceitaram contar o que sabem a respeito do padre, autorizaram que os seus depoimentos fossem escritos na condição de anonimato. Outros ainda falaram do padre, mas que sejam considerados como “outros entrevistados”.

#### **5.4. Identificação do Objeto de Estudo**

O objeto de estudo desta investigação é o papel desempenhado por Padre Mateus Pinho Gwenjere na luta pela independência de Moçambique, entre 1965 e 1980. Gwenjere foi uma figura central no movimento de resistência ao colonialismo português, utilizando sua posição como líder religioso para mobilizar a juventude e outros sectores da sociedade moçambicana a se engajar na causa nacionalista. O estudo se concentra em examinar como Gwenjere articulou seu discurso ideológico e político, combinando-o com sua posição religiosa, e como sua liderança influenciou a luta pela independência.

O objeto de estudo inclui não apenas as ações directas de Gwenjere, mas também a análise de seu legado ideológico e de como ele contribuiu para o movimento de libertação de Moçambique. A pesquisa busca entender de que maneira ele utilizou o nacionalismo para desafiar o regime colonial e como suas ideias influenciaram a formação de identidade nacional. O estudo também explora o impacto de Gwenjere no período pós-colonial, analisando como sua marginalização nas narrativas históricas oficiais reflete as dinâmicas de poder dentro da FRELIMO e no governo moçambicano.

#### **5.5. Técnicas de Recolha de Dados**

Esta tese incidiu-se na recolha de informações seguintes: consultas bibliográficas, fontes manuscritas, fontes impressas e fontes orais, consulta de arquivos históricos, incluindo o arquivo do Tombo na capital Portuguesa em Lisboa e, também, como recurso tivemos a análise documental incluindo as biografias.

A investigação qualitativa apresenta-se como um tipo de investigação social definida a partir do uso de um conjunto de técnicas específicas. Para Marcon e Lakatos (2003), técnicas são um conjunto de preceitos na obtenção de seus propósitos, ou seja, a parte prática da colecta de dados.

Para esta pesquisa, a análise documental, a observação e a entrevista individual e grupal- de modo especial a entrevista em profundidade – foram as técnicas mais utilizadas nesta pesquisa.

Com recurso a consultas bibliográficas, fez-se a busca, selecção, leitura e recolha de informações em diversas literaturas já publicadas sobre o tema. Os conteúdos retirados em obras bibliográficas foram inseridos em diversos capítulos da tese e alistados na referência bibliográfica.

Os arquivos históricos contêm um acervo de informação, algumas não editadas, que ajudaram a compreender o percurso nacionalista, patriótico e revolucionário do padre Mateus Pinho Gwenjere. Devido a escassa bibliografia que descreve a trajetória do Sacerdote. Os arquivos existentes na Torre de Tombo em Portugal desvendaram as formas de convivência entre este e o governo colonial e outras informações consideradas confidenciais, mas que são úteis para a Tese.

### **5.5.1. Análise documental**

Esta é uma daquelas técnicas frequentes e, algumas vezes, incontornáveis nas pesquisas ou investigações em ciências sociais. De acordo com Meirinhos e Osório (2010, p. 62) citados por Cambrão (2016, p. 179), “o recurso a fontes documentais relacionadas com a temática é uma estratégia básica num estudo de caso. Estas fontes podem ser diversas: relatórios, propostas, planos, registos institucionais internos, comunicados, *dossiers*, etc. A informação recolhida pode servir para contextualizar o caso, acrescentar informação ou para evidências de outras fontes”.

A análise de documentos é o exame cuidadoso dos documentos e seu conteúdo, a fim de tirar conclusões sobre as circunstâncias sociais em que os documentos foram produzidos e lidos Lakatos (2003). Com análise documental foram compreendidos os ideais do padre Mateus Pinho Gwenjere.

A busca de documentos não foi uma tarefa fácil, mas pela sua relevância na pesquisa, o autor reuniu alguns que ajudaram a compreender o papel de Gwenjere antes de se juntar a FRELIMO e o desempenhado por este dentro da organização. Além disso, esse método

permitiu acessar o conteúdo das políticas defendidas por Gwenjere e as prováveis razões que levaram o seu abandono do movimento de luta armada e como influenciava a continuidade dos seus ideais dentro da FRELIMO mesmo estando fora dela ou após a independência nacional.

Foram analisados documentos históricos, como cartas, relatórios e registros oficiais que documentavam a atuação de Gwenjere durante o período colonial e após a independência. Esses documentos, muitos dos quais obtidos nos arquivos da Torre do Tombo em Portugal, foram essenciais para complementar as informações obtidas nas entrevistas e forneceram uma visão mais ampla do contexto político e social em que Gwenjere atuou (Meirinhos e Osório, 2010).

### **5.5.2. Entrevistas**

As entrevistas têm sido classificadas de diversas formas. Fontana e Frey (1994) consideram a existência de três grandes tipos: estruturada, semiestruturada e não estruturada. As entrevistas semiestruturadas não seguem uma ordem pré-estabelecida na formulação de perguntas, deixando maior flexibilidade para colocar essas perguntas no momento mais apropriado, conforme as respostas do entrevistado. Por isso, são tidas como entrevistas em profundidade ou compreensivas. Esta e outras razões acima descritas contribuíram para a sua escolha neste trabalho.

**Entrevistas Semiestruturadas:** As entrevistas foram realizadas com pessoas que tiveram contacto directo com Gwenjere ou que foram afetadas por suas ações. As entrevistas semiestruturadas permitiram uma abordagem flexível, na qual os entrevistados podiam discorrer sobre suas experiências e memórias relacionadas a Gwenjere, proporcionando dados ricos e detalhados (Fontana & Frey, 1994). As perguntas não seguiram uma ordem rígida, permitindo que os entrevistadores explorassem temas emergentes conforme surgiam nas conversas.

Pela ausência de muita bibliografia, optou-se por privilegiar como método de investigação a entrevista. Para esta pesquisa foi elaborada uma lista de testemunhas dos últimos anos de vida do padre, assim como uma lista de familiares do mesmo. Urge elaborar o estudo por ser possível realizar este trabalho de campo, visto que algumas das testemunhas ainda estão vivas.

Para entender a técnica da entrevista e sua utilização num trabalho de pesquisa é fundamental conceituar e entender, em primeiro lugar, o que é uma pesquisa. A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas por pesquisadores para a colecta de dados no terceiro momento.

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, *entre e vista*. Vista refere-se ao acto de ver, ter, ter preocupação por algo. *Entre* indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao acto de perceber realizado entre duas pessoas. (Richardson, 1999).

De acordo com Salvador (1980) citado por Ribeiro (2008), a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das ciências sociais e psicológicas. Recorrem estes à entrevista sempre que têm necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes serem fornecidos por determinadas pessoas.

A entrevista é a técnicas de colecta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo (Rosa & Arnoldi, 2006).

Ribeiro trata a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objecto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das acções, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistados (Ribeiro, 2008, p.141).

Sabe-se através de leituras históricas que a entrevista nem sempre foi vista da mesma forma. Desde os primórdios científicos, autores já utilizaram definições como Investigação Qualitativa, Observação Participante e a Entrevista em Profundidade até decidirem, segundo Bogdan (1994) citado por Rosa e Arnoldi (2006), por privilegiar a expressão Investigação Qualitativa, que prevalece até os dias actuais.

Conforme Valles (2000) citado por Rosa e Arnoldi, (2006), constituem entrevista e investigação as entrevistas apresentadas na forma de: conversação social ordinária e as entrevistas profissionais correntes.

Essas entrevistas de comunicação natural, sobre a vida cotidiana, fornecem informações relevantes de acordo com os objetivos da pesquisa, o tempo e os recursos disponíveis para a sua realização (Rosa e Arnoldi, 2006).

Segundo Gil (1999), as entrevistas podem ser classificadas em: informais, focalizadas, por pauta e formalizadas. O tipo de entrevista informal é o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objecto básico a colecta de dados. É recomendado nos estudos exploratórios, que visam a abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado. A entrevista focalizada é tão livre quanto a anterior todavia, enfoca um tema bem específico, quanto, ao entrevistado, é permitido falar livremente sobre o assunto, mas com o esforço do entrevistador para retomar o mesmo foco quando ele começa a desviar-se, é bastante empregado em situações experimentais, com o objectivo de explorar à fundo alguma experiência vivida em condições precisas. Também é bastante utilizada com grupos de pessoas que passaram por uma experiência específica, como assistir a um filme, presenciar um acidente etc.

O tipo de entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardadas com certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas directas e deixa o entrevistado falar livremente, à medida que reporta às partes assinaladas.

No caso da entrevista estruturada, ou formalizada, se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redacção permanecem invariáveis para todos os entrevistados que, geralmente, são em grande número. Por possibilitar o tratamento quantitativo dos dados, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais. Algumas das principais vantagens em se utilizar a entrevista estruturada, estão na sua rapidez e no fato de não exigirem exaustiva preparação dos pesquisadores, o que implica em custos relativamente baixos. Outra vantagem é possibilitar a análise estatística dos dados, já que as respostas obtidas são padronizadas, mas isto ocasiona em contrapartida, na possibilidade de análise dos dados com uma maior profundidade.

A entrevista pode desempenhar um papel vital para um trabalho científico se combinada com outros métodos de colecta de dados, intuições e percepções providas dela, podem melhorar a qualidade de um levantamento e de sua interpretação.

Segundo Bauer e Gaskell (2000), a compreensão em maior profundidade oferecida pela entrevista qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para explicar alguns achados específicos.

A versatilidade e o valor da aplicação desta técnica torna-se evidente por ser aplicada em muitas disciplinas sociais científicas e também na pesquisa social comercial. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos utilizam desta técnica não só para colectar dados, mas também para diagnósticos e orientação.

Pela flexibilidade que a entrevista possui, muitos autores defendem que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais, nas últimas décadas, se deve à sua aplicação.

Para Gil (1999), a entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas da entrevista em um trabalho científico é necessário compreender algumas vantagens desta técnica frente a outras formas e procedimentos para obtenção de informação, assim como apontar algumas desvantagens ou limitações da sua utilização.

### **5.5.3. Observação**

Esta técnica permitiu ao pesquisador deslocar-se à Murraça para poder ver “in loco” as condições actuais do Centro educacional e da Missão de Murraça e registar informações observáveis sobre as características da infra-estrutura e por meio de testemunhas percorrer as vias utilizadas pelos jovens que se deslocavam a Tanzânia. A observação também facilitou chegar a conclusões em aspectos como: os contornos sobre os Postos de controlo de agentes da PIDE, os prováveis meios de comunicação que eram utilizados.

Observação Direta: O pesquisador também realizou observações em locais significativos na trajetória de Gwenzere, como a Missão de Murraça, no distrito de Caia, onde o padre desempenhou um papel importante como líder religioso e educador. A observação direta

permitiu captar detalhes sobre o ambiente e as condições em que Gwenjere atuava, proporcionando insights adicionais que enriqueceram a análise dos dados coletados.

Esses instrumentos foram validados com base no quadro teórico da pesquisa, que se fundamentam em teorias de nacionalismo, ideologia e religião.

## **5.6. Tratamento dos Dados Recolhidos**

Os dados recolhidos através das entrevistas, análise documental e observação direta foram tratados utilizando técnicas qualitativas de categorização e análise de conteúdo. O tratamento dos dados seguiu uma abordagem interpretativa, alinhada com o paradigma qualitativo, conforme descrito por Bogdan e Biklen (1998). O objetivo foi identificar padrões, temas e categorias que permitissem compreender as percepções e atitudes em relação a Gwenjere e seu papel no nacionalismo moçambicano.

**Transcrição das Entrevistas:** Todas as entrevistas foram transcritas e analisadas cuidadosamente para identificar temas recorrentes, como o impacto ideológico de Gwenjere, sua influência na juventude e a mobilização política por meio de sua liderança religiosa. As transcrições foram lidas várias vezes para garantir que todas as informações relevantes fossem capturadas e categorizadas de forma adequada.

**Análise de Conteúdo:** Os documentos históricos foram analisados com base em sua relevância para os temas centrais da pesquisa, como nacionalismo, resistência ao colonialismo e construção do estado pós-independência. A análise de conteúdo permitiu identificar as estratégias políticas e ideológicas de Gwenjere, bem como as razões para sua marginalização nas narrativas oficiais da FRELIMO.

**Triangulação de Dados:** Para garantir a validade dos resultados, a triangulação foi utilizada como método de integração dos dados obtidos por meio das entrevistas, observações e documentos. Essa técnica permitiu a verificação cruzada das informações, garantindo que os achados fossem consistentes e bem fundamentados. Ao combinar diferentes fontes de dados, a pesquisa conseguiu fornecer uma análise mais rica e detalhada, superando as limitações de cada método isoladamente.

Os dados foram analisados de forma indutiva, partindo das respostas dos participantes e dos documentos estudados para a formulação de conclusões sobre o impacto de Gwenjere no contexto da luta pela independência e no período pós-colonial.

## **5.7. Caracterização do Local da Investigação**

O estudo foi conduzido em diversas localidades de Moçambique que tiveram relevância na trajetória de Padre Mateus Pinho Gwenjere. O principal foco foi o distrito de Caia, na província de Sofala, que é a região natal de Gwenjere e onde ele desempenhou um papel significativo como líder religioso e político. O distrito de Caia foi escolhida por ser um local central na atuação de Gwenjere, especialmente na mobilização de jovens para se juntarem à luta de libertação. A localidade de Murraça, dentro do distrito de Caia, foi um dos focos principais da pesquisa de campo, sendo um centro de atividades educacionais e religiosas lideradas por Gwenjere.

Além de Caia, o estudo abrangeu as cidades de Beira, Quelimane e Maputo, que também desempenharam papéis importantes na luta pela independência. Beira e Quelimane, por exemplo, foram centros urbanos onde Gwenjere tinha seguidores e onde suas ideias ganharam destaque, enquanto Maputo, a capital, foi incluída devido à sua importância política no contexto da FRELIMO e do governo pós-independência.

A observação direta nesses locais permitiu ao pesquisador captar detalhes importantes sobre a vida cotidiana, as condições sociais e as infraestruturas relacionadas às atividades de Gwenjere. Essa observação foi complementada por entrevistas com residentes locais que forneceram insights sobre como as ações de Gwenjere impactaram suas comunidades. A escolha desses locais se baseou na relevância histórica e na ligação direta de Gwenjere com esses espaços, permitindo uma investigação completa de sua trajetória.

### **5.7.1. Questões éticas**

Foi elaborado um questionário sobre o tema, com perguntas abertas, e em muitos casos foi mesmo estilo converso. Todos solicitaram que sejam representados como anónimos ou na condição do anonimato.

Como o estudo lidou com temas sensíveis relacionados à luta pela independência de Moçambique e às memórias de figuras políticas e religiosas, era fundamental garantir que todos os participantes fossem tratados com o devido respeito e dignidade.

Um dos principais aspectos éticos foi o anonimato dos entrevistados. Todos os participantes que forneceram depoimentos exigiram que suas identidades fossem mantidas em sigilo, uma vez que muitos deles ainda vivem em contextos políticos sensíveis, onde suas opiniões podem ser vistas como controversas. Para garantir o anonimato, as entrevistas foram codificadas de maneira a proteger a identidade dos participantes, e quaisquer informações que pudessem revelar suas identidades foram omitidas dos registros públicos da pesquisa.

Além disso, foi obtido o consentimento informado de todos os entrevistados antes do início da pesquisa. Eles foram informados sobre o propósito do estudo, os possíveis riscos e benefícios de sua participação e como seus dados seriam utilizados. Esse consentimento foi formalizado por meio de um documento que os entrevistados assinaram antes das entrevistas.

Outro ponto importante foi a sensibilidade ao lidar com temas históricos delicados. O período da luta pela independência e o papel de figuras como Gwenjere ainda são assuntos controversos em Moçambique, com diferentes interpretações históricas sendo defendidas por vários grupos. O pesquisador se comprometeu a abordar esses temas com neutralidade e respeito, garantindo que o estudo refletisse uma análise equilibrada e justa dos eventos.

## CAPÍTULO VI. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

*“O poder mais absoluto não está em presidir numa Casa Branca, ou em proceder à abertura de um Parlamento sentada num trono, mas em reiventar o mundo para toda gente, dando-lhe os sonhos que se queria que ela sonhasse”.*

*(Gore Vidal, in Império, citado por Carvalho)*

Este capítulo apresentará os resultados da coleta e análise de dados, discutindo os principais temas e padrões que surgiram relativamente às ideologias nacionalistas e revolucionárias de Gwenjere e o seu impacto no desenvolvimento político e social de Moçambique. Os dados revelaram um retrato complexo e inspirador de um líder cujas ações e pensamentos moldaram significativamente o desenvolvimento político e social de Moçambique.

### **6.1. Caracterização e experiência dos Participantes**

O estudo envolveu um grupo diversificado de participantes, refletindo um corte transversal representativo da sociedade moçambicana. Os participantes incluíram historiadores, cientistas políticos, líderes religiosos e anciãos comunitários, cujas idades variavam entre 35 e 84 anos. Esta faixa etária ampla proporcionou uma perspectiva intergeracional, permitindo uma análise rica e profunda das ideologias e influências de Mateus Pinho Gwenjere ao longo do tempo. Os historiadores trouxeram um contexto acadêmico e uma compreensão detalhada dos eventos históricos que moldaram Moçambique, enquanto os cientistas políticos ofereceram análises sobre as implicações políticas das ações de Gwenjere.

Os líderes religiosos, muitos dos quais conheciam Gwenjere pessoalmente, forneceram informações muito importantes sobre sua influência espiritual e seu papel na mobilização da comunidade. Anciãos comunitários, que viveram durante a luta pela independência, compartilharam experiências de primeira mão, fornecendo narrativas pessoais que enriqueceram a compreensão do impacto social e cultural de Gwenjere. A diversidade de profissões e experiências dos participantes garantiu uma visão abrangente e multifacetada, essencial para compreender plenamente o legado de Gwenjere. Este enfoque inclusivo permitiu capturar uma variedade de perspectivas, desde análises acadêmicas até relatos pessoais, contribuindo para uma caracterização demográfica robusta e completa dos participantes do estudo.

Os participantes do estudo possuíam uma vasta gama de experiências e conhecimentos sobre a vida e o legado de Mateus Pinho Gwenjere, oferecendo uma perspectiva abrangente sobre suas ideologias e influências no contexto moçambicano.

Muitos dos participantes haviam participado ativamente na luta pela independência ou trabalhado de perto com organizações como a FRELIMO, permitindo-lhes fornecer relatos detalhados sobre as interações de Gwenjere com o movimento de libertação.

Essas diversas experiências enriqueceram a análise, permitindo uma compreensão profunda e nuançada das várias facetas do legado de Gwenjere. Ao combinar perspectivas acadêmicas, religiosas e comunitárias, o estudo conseguiu capturar a complexidade de suas ideologias e a extensão de sua influência, oferecendo um retrato multifacetado e robusto de sua contribuição para o desenvolvimento político e social de Moçambique.

## **6.2. Principais Resultados**

### **6.2.1. Entrevistas**

Aqui, apresentamos as entrevistas, que serviram de evidência empíricas da vida e obra do padre Mateus Pinho Gwenjere. Entrevistas estas, feitas na sua terra natal bem como noutros lugares.

Face a esta situação deslocamos para a sua terra natal e entrevistámos vários cidadãos que conheceram e conviveram com Kampawi ou melhor com padre Mateus Pinho Gwenjere, desde da sua juventude até o seu ingresso ao sacerdócio, sua estadia na missão de Murraça, incluindo a sua fuga para se juntar à FRELIMO em Tanzânia.

#### **a) O primeiro entrevistado (E1) - (72 anos, sexo masculino, Caia, 2018 Chefe tradicional e militar reformado)**

O primeiro entrevistado (E1) nos disse o seguinte:

*Já conhecia ou mesmo já ouvia falar do padre, mas, infelizmente, ainda não tinha oportunidade de estar e conversar com ele presencialmente. Por coincidência, em abril de 1965, eu estava na*

*Igreja Católica da Munhava, e ele veio juntamente com o padre Manuel Sabudu Mucauro e tinha nessa altura como padres superiores da Munhava padre Pika e padre Pedro. Depois da missa, como era de costume naquela altura, todos os padres eram brancos e ter padres negros era uma novidade, e isto fazia com que muitos jovens de origem africana ambicionassem ingressar no sacerdócio. Assim, o padre pediu um encontro com todos os jovens, catequistas, catecúmenos e mesmo as visitas para uma conversa sobre igreja. Estávamos todos sentados e cada um começou se apresentar, o seu nome, sua idade, sua origem, e o que faz na Beira. Cada um apresentava-se. E quando chegou a minha vez, falei o meu nome e expliquei que vinha estudar, pois o meu irmão mais velho, mano Luís, trabalhava nesta altura nos CFM, precisamente nas oficinas Gerais, e vinha para estudar, porque lá em Caia, eu não tinha condições. Ele apoiou a minha ideia de continuar a estudar, mas disse que podia estudar na missão de Murraça, até com possibilidade de ser aluno interno.*

*O padre Gwenjere ficou admirado por eu ser de Caia e do regulado de Marra, e ele disse que no regulado de Marra havia escola, aquelas que eram chamadas de escolas missionárias em que ele era Director destas instituições, começando de Murraça, Marra, Chandimba, Juau, Gumanzanze, Chipuazo, Nghamba e Sachombe.*

*Ele pediu aos responsáveis da missão da Munhava, padre Pika e Pedro que geriam a Escola São José da Munhava para tratarem da minha transferência. Para o efeito tiveram que falar com a Irmã Maria João, e o meu professor foi João Manheche e eu frequentava na 4ª classe, para continuar com meus estudos na missão de Murraça, mas com uma condição de frequentar a 4ª classe e admissão. Depois de três meses chamou-me ao seu escritório a noite, deu-me uma carta e 60 Escudos que serviriam de passagens para ir a zona de Pinho sua terra natal, para em seguida, ir a Chindiu, Traquino, para entregar a carta, daí segue para a zona de Cordeiro, Thati, Nzimu, Chissakata, Ndinahle, Nhangoma, Marte, a sua prima que estava casada com o senhor Bizek, vivia na zona chamada Kuncikwanjala já no interior do Malawi, e era ela juntamente com o seu marido que recebiam todos os refugiados que iam a Tanzânia juntar-se a FRELIMO. Em casa de Bizek era terminal dos machimbombos de passageiros malawianos. E os que não tinham passagem para continuarem com a viagem eram por ele dados. Mesmo o meu irmão, para ir a Tanzânia hospedou lá no Bizek.*

O entrevistado disse que nessa altura o padre era muito controlado, os seus movimentos, as suas reuniões nas comunidades incluindo as suas missas, sempre estavam aí agentes infiltrados da PIDE, pois qualquer palavra a favor da liberdade ou da independência dos nativos, implicava um chamado à administração de Caia. Ele diz que presenciou 8 (oito) julgamentos e o último viera de Lisboa 4 (quatro) juizes, ele estava acompanhado pelo padre

Superior da missão, o padre Walter, e provavelmente com o seu saber, 30 minutos depois ele saiu do julgamento vitorioso e disse aos que esperavam fora do tribunal o seguinte: “*Thunga iawo, anawo Nkhabe kundichita chinthu tayo*” traduzido quer dizer “*Idade deles não irão me fazer nada*“. Mesmo para a saída do herói nacional (Joaquim Marra) para a Tanzânia, pediu ao entrevistado para mediar com padre Gwenjere.

*Contactei o padre para o efeito, e quando voltei de Murraça já tinha seguido para Tanzânia. No seu grupo eram seis pessoas. Ele, tio Inácio Buka, tio João Zangue, e não se recorda os outros três. Mano quando saiu disse-me para que não lhe perseguisse, pois, conforme ele, eu devia ficar a cuidar dos nossos pais, que eram de idade avançada. Mas, na companhia dos meus amigos não acatei as ordens do mano, com influência do padre e na companhia dos meus seis amigos, à semelhança do meu irmão amigos Francisco Jhony Mataka, Costa Ride, José Sande, José Viera, e outro que já não me recordo. E fomos recebidos por Pedro Gaivão Atalá de Milange. Eu não cheguei a treinar, porque meu irmão não gostou da minha presença lá em Tanzânia, porque ele já havia me aconselhado para não abandonar os nossos pais, e quando me viu disse: Você quer que morramos juntos aqui? E daí tive que voltar, mas com muitas dificuldades, mas felizmente cheguei.*

Padre Gwenjere, para ele (nosso entrevistado), era muito inteligente, pois, quando terminou a 3ª classe rudimentar, foi enviado pelo superior da missão de Murraça, padre Pollet, para dar aulas em Chindiu, local que ficava noutra margem do rio Zambeze, e na escola de Chirembwe, actualmente pertecente ao distrito de Mutarara, província de Tete.

Recordou nesta entrevista, que foi colega de sala de aula do irmão mais novo do padre, o Quisito que trabalhava na Direcção Provincial de Agricultura de Tete, infelizmente já falecido, vítima de doença. Disse também que muitas vezes a mãe do padre Mateus preparou-lhe massa com caril de galinha para ele. Continua dizendo que também preparava para muitos outros que por aí passavam, mesmo os que iam à Tanzânia juntar-se à FRELIMO,

Continuou dizendo o nosso entrevistado, há uma coisa que mais lhe marcou sobre a pessoa do padre Mateus Pinho Gwenjere:

*Eu estava na missão, estava a lavar a mota, era por volta das 5 horas de manhã de Junho de 1966, não recordo a data. Vieram quatro senhoras de Caia do regulado de Gumansanze e de Khamba, percorreram mais de 20 quilómetros à pé, para alcançar a missão.*

*Quando chegaram, com os semblantes tristes, pediram falar com o padre, que estava no seu quarto a meditar, que se localizava no*

*primeiro andar do edifício residencial dos padres, na parte do nascente.*

*Depois da meditação, por volta das 5h e 15 minutos, o padre desce calmamente, a senhora põe-se a chorar pedindo ajuda. Disseram as senhoras: “Nyatsembe, Tyombolenimbo”o que significa, “Padre, nos salve”, “e o semblante do padre triste, mas mesmo assim, sentou com as senhoras indefesas e tristes para saber o que estava a passar.*

*As senhoras disseram, “o administrador Ramiro dos Santos Paiva, mais conhecido por Matope está desde de ontem a prender todas as senhoras que tem maridos fora de Caia, mesmo os que foram para Beira, Rhodesia, actual Zimbabwe, ou no Malawi “, procurar emprego e outras condições, para melhorem a situação das suas vidas e dos seus dependentes, as suas esposas estão sendo presas e encarceradas na cadeia que estava próximo da administração.*

*O padre Mateus não matabichou, disse as mulheres que ficassem aí na missão até a sua volta.*

*Por volta das 5 horas e 45, o padre me levou de mota de marca Frolett de fabrico japonés, para Caia. De certeza, fomos directamente até a cadeia, e encontramos muitas mulheres presas, algumas com crianças no colo, padre Gwenjere, ficou triste e furioso. Deu-me a chave da motorizada e disse-me que voltasse para missão. Questionei, de que meio iria voltar, porque nessa altura, transporte de Caia para Murraça, era muito difícil, ou mesmo não havia. Ele respondeu: “Mesmo a pé irei a missão, as mulheres que madrugaram, não saíram daqui a pé? Questionou ele. Quero resolver o problema dessas mães, tenho que libertá-las. Vou ficar no lugar dessas pobres mulheres aqui na cadeia, pediu ao cárcere, para ele entrar, e ficar no lugar das mulheres, e elas seguirem a sua vida quotidiana. O carcereiro resistiu, mas, por respeito de que estava a falar com padre, cedeu, o padre entrou na prisão no lugar das mulheres.”<sup>48</sup>*

*Por volta das 7 horas do mesmo dia, o administrador Matope, escuta do interior da sua casa, cânticos a enaltecerem a coragem do padre Mateus Gwenjere, assiste pela varanda do seu palácio e vê uma fila de mulheres, algumas com os seus filhos no colo. O senhor administrador Ramiro dos Santos Paiva, preocupado com a situação, até pensava que fosse um levantamento ou uma revolta popular contra a sua administração, chamou ocaboterra e os cipaios para confirmar o que havia acontecido.*

*Em resposta, os cipaios, chamaram o carcereiro, que contou o sucedido, confirmando a insistência do padre de ele mesmo estar preso no lugar daquelas mulheres.*

---

<sup>48</sup>Foram libertas neste dia mais de 130 mulheres presas sem contar com suas crianças que estavam no colo com as suas respectivas mães. Conforme o entrevistado, o número, adicionando com as crianças, pode chegar 200 pessoas. Esta informação foi confirmada por Lawe Laweki, no seu livro, Mateus Pinho Gwenjere-Um Padre Revolucionário, publicado em 2019, pág. 164.

*Quando o padre depois de libertar essas mulheres, ele próprio, entrou na cadeia, e atirou a chave para o carcereiro que estava fora e disse, que dali não sairia sem falar com o administrador Ramiro dos Santos Paiva, e as relações entre ambos há muito já estavam deterioradas. Pois padre Gwenjere, via nele como o rosto da exploração dos seus irmãos enquanto o administrador via no padre como instigador da desobediência civil, no âmbito de pagamento de impostos e trabalhos forçado nas grandes plantações de cultura de rendimento<sup>49</sup>.*

**b) O segundo entrevistado (E2) – (62 anos 2018 Murraca, Saphanda).**

O segundo entrevistado E2<sup>50</sup>, diz que conheceu, pessoalmente, o tio Kamphawi, quando tinha 9 anos, isto é, em 1964, quando ele começava a levar alunos, para a Luta de Libertação Nacional, juntamente com o professor Kulimangudya. Mobilizou e juntou muitos alunos da localidade de Kapassene, levou o filho de Sampululu, que hoje está radicado no Canadá<sup>51</sup> que com as liberdades concedidas pelo presidente Joaquim Alberto Chissano, através da constituição de 1990, veio a sua terra natal, construiu escolas primárias, orfanatos e tem uma grande extensão de terra onde ensina a trabalhar a terra na zona de Kapassene. Francisco Moises Nota é outro refugiado moçambicano que abandonou a FRELIMO, temendo represálias, e refugiou-se para Canadá. Jaime Mauricio Khamba,<sup>52</sup> que abandonou a FRELIMO em 1969, esteve exilado nos EUA, precisamente na Penislandia, e veio a falecer aqui na Beira, como ele jurava e, sepultado no cemitério da Cerâmica.

Conforme o nosso entrevistado:

*Em 1967, eu estava na Beira a trabalhar como empregado doméstico, quando acompanhei que tio Mateus perseguiu aqueles que ele enviara à Tanzania. Assim, os nossos pais, aconselhavam nos se alguém questionasse sobre o paradeiro do padre Gwenjere, devíamos responder que faleceu, isto temendo as represálias do governo colonial, além da sua PIDE, em redor da missão de Murraça, tinham montado espias em todo canto, para controlar, tudo o que era estranho aos seus olhos. Também já ouviamos falar de massacre que aconteceu em Cabo Delgado, o chamado Massacre de Moeda que ocorreu em 16 de Junho de 1960 em que muitos makondes foram mortos. O que nos ensinavam é que os portugueses matavam pessoas e isto foi provado aqui em Sofala, naquilo que foi chamada de Massacre de Inhaminga, onde muitos que apresentavam ideias*

---

<sup>49</sup>O padre Gwenjere, opunha-se a plantação de culturas de rendimento impostas pelo regime colonial português em detrimento da produção de culturas alimentares (Laweki, 2019 p. 137).

<sup>50</sup>Entrevista efectuada na igreja Católica De Murraça, ocorrido no dia 28.09.2021.

<sup>51</sup>Os conflitos e perseguições internas dentro da FRELIMO, provocou muitos dicens, para Quênia, EUA e Canadá. Incluindo alguns países da Europa, embora em menor número. A situação continuou depois da independência.

<sup>52</sup>Um dos fundadores da UDENAMO, História de Moçambique

*contrárias ao governo colonial, foram enterrados vivos pelo governo colonial português.*

*O mesmo diz, mesmo o pai de Joaquim Marra, o nosso herói nacional, foi aí morto. Se duvida, pode ir confirmar aí, no régulo Marra, e perguntar onde foi enterrado o Marra pai, se forem sinceros irão confirmar minhas palavras. Os portugueses ultimamente eram muito maus – terminou.*

Padre Mateus era o segundo filho do tio Pinho, sendo o primeiro Paulino que faleceu em 1983, Ventura também faleceu no mesmo ano, a mãe, tia Mazalale era uma mulher de estatura baixa, mas, muito hospedeira, perdeu a vida em 1983 vítima de uma greve de fome, Anica, faleceu no ano passado isto é, em 2020, no distrito de Nhamatanda, precisamente na localidade de Muda, próximo da Escola primária de Muda. Quizito faleceu em 2020, na província de Tete, onde trabalhava, vítima de doença. O pai, tio Pinho, era um homem alto e faleceu em 1980, já eram homem de idade. Devido a sua altura já andava apoiado numa bengala e com a coluna curvada. Hoje do ventre em que saiu o padre Mateus, somente restaram os netos. Todos os irmãos legítimos do padre Mateus já não existem.

“Nós, os Gwenjere, viemos lá da província de Tete, somos do”*ntupo wa Malunga*”.  
*Questionado* sobre o significado de ser Malunga, respondeu que quer dizer “*um povo abençoado de bens, ou de liderar*” *coisapróxima* de estar numa boa vida.

*Questionado* sobre a saída do padre para Tanzânia, ele disse que estava na Beira, a trabalhar, fazendo trabalhos domésticos, mas os seus pais contavam-lhes que Kampawi era diferente nos estudos relativamente aos outros companheiros, conforme eles, quando veio o padre Pollet, procurou os pais, e disse-lhes:

*Aquele seu filho (apontando para tio Mateus) era diferente dos outros, era muito inteligente, com 2ª classe, ele explicava os outros da mesma classe, era muito bom na leitura e na língua portuguesa, dominava a Artimética e Matemática, por isso quando frequentava a 3ª classe foi indigitado para ser regente na zona de Chindiu, próximo da casa dos pais do falecido Dr. Tomé Mbwya Juau.*

O nosso entrevistado ainda disse:

*Em 1963, quando comecei a estudar, na pré-primária as raras vezes que ele visitava à escola de Nharugwe, ele falava para o meu professor Joaquim Nsona mais conhecido por Kulimanghudy, e professor Fernando Mortal, se faltar às aulas e se não fazer os trabalhos de casa deve dar-lhe muito cardo.*

*Era frequente, já como padre, avistar nas zonas com a motorizada de marca Frolett vermelha, de fabrico japonês, andar nas zonas obrigando jovens a irem à escola. Depois de os obrigar, reunia os pais e ou encarregados, explicava a necessidade de estudar. Ele dizia “Fungulani Masso” ou simplesmente abram os olhos. Continuava o padre nas suas explicações, ele dizia: “mungapfundza munadzakhala azungu “, traduzido para português quer dizer “se estudarem amanhã serão brancos” porque, conforme sua palavras “estes brancos que vocês estão a ver, um dia voltarão para a sua terra. “ Devem saber que esta terra é nossa e não é deles.*

O entrevistado presenciou em 1966, quando tinha onze anos, o padre Mateus, o que para ele era o tio, que falou acesamente com o senhor *Gumantima*, traduzido que significa *batecoração*, um cipaio africano fiel ao administrador Matope, de Caia que, era um homem alto forte e escuro, a sua presença numa determinada zona criava medo nas pessoas, pois era daqueles considerado e conhecido como o mais fiel do administrador, *visivelmente drogado com” mitombwe de nkhalamu”*, era mesmo dizer que teria tomado *medicamento tradicional de leão*. Este cipaio negro, torturava até a pessoa ficar inconsciente à mando de Matope. Padre explicou a ele que “estes seus irmãos que estais a torturar amanhã, irás precisar de apoio deles, porque estes brancos portugueses, não falta muito para deixar esta terra, para os donos. Eles são estrangeiros e nós, incluindo você, somos donos desta terra. Eles são estrangeiros”. “Ele, (padre ), explicava a este cipaio com muita paciência, e penso que o objectivo era para que este cipaio não continue a torturar os outros, ou aqueles que o padre frequentemente chamava de irmãos”.

Continuou a questionar: Quantos brancos que você já torturou? A resposta foi, nenhum. Porquê? - Perguntou o padre.

Porque eles não violam as regras, respondeu *Gumantima*, rodeados com as pessoas que por si sofreram algum tipo de tortura. Que regras? - Perguntou o padre. O pagamento de imposto de palhota e a fuga de trabalhos nas grandes plantações de rendimentos tais como de sisal, algodão e gergelim. Já viste quantos portugueses a viverem nas palhotas e a trabalharem de baixo do sol escaldante com enxada de cabo curto, questionou o padre, a resposta foi nenhum. Com esta resposta, houve um silêncio. Com uma linguagem mansa, o padre disse: “Meu irmão, abre os seus olhos “você está a ser aldrabado e explorado, deixa esses portugueses. Um dia nos deixarão com nossas palhotas e nossas terras, onde trabalharemos para nós e nossa família. Recorda isso que eu te disse para sempre. Rematou o padre Mateus. A multidão que o

seguia agradeceu com cânticos e disseram, já na despedida “Takhutanyantsembe” traduzido quer dizer “obrigado padre”. Toda essa conversa era feita na língua Sena, e dava mais ênfase a retórica para os habitantes, considerando o estatuto dele, era uma pessoa muito instruído e acima de tudo não desprezou os não instruídos.

É preciso recordar que nessa altura já existiam em Caia e, em particular em Murraça, pessoas assimiladas, com o 2º ano do Liceu, que estudaram aí na missão de Murraça, que já não queriam ou mesmo mostravam terem-se esquecido de algumas palavras da língua Sena e, se falassem a língua sena, pronunciavam as palavras com sotaque aportuguesado.

O nosso entrevistado, apontou a árvore que está em frente da administração, e diz que aquela árvore recordava o martírio que aí se passava. Era a árvore de julgamento. Era na sombra daquela árvore que o administrador Matope, torturava as suas vítimas, as palmatoadas eram aí efectuadas até as mãos sangrarem. Depois das palmatoadas as pessoas eram ainda torturadas até serem mergulhadas na lama ou matope (é daí que vêm o nome de Matope), e saía banhado de matope todo corpo.

Já a partir dos finais de 1966, nas missas e catequeses, o padre Mateus, muitas vezes cantava os seus coros em forma de despedida.

Recordou o nosso entrevistado que uma vez, quando esteve no hospital de Kapassene em tratamento, a mãe de Pinto disse “Seu tio, quando veio levar o meu filho para enviar a Tanzânia, disse-me, mãe não chores, amanhã, seu filho será branco”. Agora estou a ver o sucesso do meu filho, tudo isto é graças a seu tio, padre Mateus Gwenjere. Agora eu e muitos outros desta zona que estão a beneficiar-se dos esforços do meu filho, mas, acima de tudo dos ideais do seu tio Mateus Gwenjere”.

Pai do padre Mateus Pinho Gwenjere, o senhor Pinho Gwenjere, faleceu em 1980, já com idade avançada foi enterrado naquele cemitério que está próximo da estrada (apontando em direcção a estrada com dedo indicador dobrado), em sua memória, o cemitério hoje é conhecido de Pinho.

Hoje, próximo do cemitério existe uma escola primária completa denominada oficialmente Escola Primária Completa 7 de Abril, mas, as populações da região chamam de Escola do Pinho, ainda em memória do pai do padre.

c) **O terceiro entrevistado (E3) – ( com 73 anos em 2012, em Nharugwe, campones)**

O terceiro entrevistado *E3* nasceu na mesma zona com o padre, embora o padre em termos de idade era o mais velho, com uma diferença de seis anos, mas juntos brincaram, conhece muitas coisas relacionadas com a família, pois, além de serem familiares, eram vizinhos. Assistiu a morte lenta do pai em 1980, a morte dos irmãos do padre, Paulino e Ventura em 1983 em plena guerra civil e a morte da mãe Mazalale por motivos de fome em 1983, na sua terra natal, próximo da sua casa no regulado de Nharugwe na zona de Pinho.

Presenciou, quando a mãe do padre, dona Mazalale, foi insultar o padre Pollet, dizendo que “vocês brancos vieram aldrabar o meu filho para não deixar descendência, ou para não nascer porque quer ser como vocês padres que são estéreis, se querem ser estéreis fiquem vocês e não aldrabar filho dos outros, muito menos o meu *Kamphawi*, este meu filho nasci sozinha, nem fui ajudada com branco, ouviste você branco?!” – enfatizou a dona Mazalale.

Padre Pollet, que era o superior da missão, ficou muito constrangido com o sucedido, mas respondeu-lha da seguinte forma: “*Mai Mazale, longani na Mateu, pyonsene pina yie, anapidzywa ndyie pinafuna yie, thangwi yie ndy nkwlw*”, traduzido significa, Mãe Mazalale, fale com Mateus, tudo depende dele, sabe o que ele quer, ele já é adulto.

A mãe, Dona Mazalale, foi conversar com o seu filho Kamphawi, e este por sua vez, mostrou a face entristecida, e explicou as causas da sua decisão e dizendo:

*Quero estudar, quero saber sobre o mundo, quero salvar o povo da humilhação e da exploração que o povo estava sujeito. Mas, acima de tudo quero que todos estes, apontando para as pessoas e comunidades circunvizinhas possam beneficiar das bênçãos de Deus. Mãe, quero que as pessoas daqui saibam que esta terra é nossa e não dos brancos. Quero que também saibam que estão a ser explorados. Quero ajudar o meu povo para a salvação eterna, não somente da tirania dos portugueses e do administrador Matope, mas de salvação de almas.*

Com esta resposta, a mãe ouviu, mas não se conformou. Quando Kamphawi, percebeu que não foi entendido, abandonou a casa dos pais e foi na zona de Chirembwe dar aulas sem despedir e nem pedir autorização dos pais.

Isto entristeceu a mãe, que se deslocou para aquela zona, pediu perdão ao filho e deu a liberdade para que o filho fizesse aquilo que era melhor para si.

A dona Mazalale percebeu, mais tarde, sem motivos aparentes, quando viu o seu marido que era Saphanda, de uma estatura alta, a ser humilhado na sua povoação por um branco, visivelmente mais novo que ele, devido a fuga de muitos homens da zona para Bulawyo, Malawi e África do Sul em busca de melhores condições de vida, deixando as grandes plantações de sizal, algodão e girassol sem mão-de-obra suficiente. Esse abandono dos homens, não era por sua culpa, ele nem se quer era despedido, as pessoas fugiam, e a culpa recaía para ele. A partir daqui, a dona Mazalale começou a compreender a conversa que teve com o filho.

Mesmo antes de ser consagrado padre, Kamphawi, padre. Mateus já mobilizava pessoas para se juntarem a FRELIMO, Ele enviava para Tanzânia via Malawi, onde estava o seu cunhado Bizeki e, oferecia passagens a quem não tinha dinheiro para comprar.

Alguns, mesmo antes de seguir para Tanzânia, iam despedir em casa da mãe do padre e ela fazia *Micate*, (pão tradicional de mexoeira) que deviam comer ao longo da viagem. Algumas vezes a dona Mazalale preparava o jantar e matava galinha como despedida dos homens que o filho enviava.

Segundo o nosso entrevistado, o que o diferenciava dos outros meninos da sua idade, era estudar. Mateus gostava muito de estudar. Ele dizia, “devo e devemos estudar para o amanhã, sermos “brancos”. Devemos todos nós abrir os olhos”. É verdade que também era muito obediente nos trabalhos de casa, ia à pesca, à machamba da família e caçávamos juntas as ratazanas, impalas, pois, tudo isto que você está a ver agora, era mato. Aquí havia todo tipo de animais, leopardos, leões, impalas, ratazanas, hienas e outros. Continuou dizendo que foi o padre Mateus que lhe baptizou, juntamente com cinco rapazes, na missão São Benedito na Manga, na zona de Chingussura, na cidade da Beira. Foi provavelmente a sua primeira missa que celebrou depois de ser consagrado pelo Bispo da Beira, Dom Sebastião de Resende, como padre na igreja de Macuti.

**d) O quarto entrevistado (E4) – (65 anos, sexo masculino, 2012    Posto Administrativo de Murraca, Antigo combantente).**

O quarto entrevistado E4, nascido em 1947 no actual distrito de Caia, no posto administrativo de Murraca, antigo combantente, foi influenciado pelo padre Mateus Pinho Gwenjere, para seguir o processo de libertação de Moçambique, se juntar à FRELIMO, na Tanzânia.

Conheceu padre Mateus Pinho Gwenjere em 1962, antes de ser ordenado padre. Nessa altura era Seminarista, mas já usava batina. Segundo o E4:

*Padre Mateus entrou directamente na minha vida, pois, nas tardes ou nas noites, aqueles que ele confiava, e sabia que não o iam trair, chamava-os para o seu quarto, e ficávamos em baixo da cama e escutávamos a Rádio da FRELIMO, que se chamava na altura a Voz da FRELIMO e o locutor mais frequente, era o falecido Rafael Maguni. Através da rádio, escutávamos, os programas da FRELIMO, o processo de guerra no norte. Enquanto escutávamos as notícias, ele e padre Pollet, ficavam fora observando movimentos estranhos, pois, já eram vigiados pelos agentes da PIDE, incluindo alguns informadores que figiam estar a frequentar no pátio da missão, e em algumas vezes participavam nas missas celebradas pelo padre Gwenjere ou mesmo Pollet, e daí levavam as informações para o administrador de Caia ou aos agentes da PIDE.*

Já depois da sua ordenação, diz o nosso entrevistado:

*Foi quando eu ví bem a sua face nacionalista. Mandou fazer e imprimir panfletos com os seguintes dizeres “Que estou disposto paramorrer pelos meus irmãos. Esses panfletos foram distribuídos e espalhados para quase todas as povoações existentes em Murraça, algumas zonas de Caia e também foram enviados para a outra margem do rio Zambeze, actual distrito de Mutarara, zona de Charre e outras regiões próximas . Estes panfletos marcaram-me bastante na minha vida. Nessa altura eu já tinha concluído a 4ª classe. E já estava no Liceu, mesmo aí em Murraça”.*

Em janeiro de 1966, Segundo o E4, o Padre disse:

*Vocês já estão maduros, devem preparar para seguir a Tanzânia, continuar com os estudos, para libertar esta pátria, e serem vocês os futuros dirigentes deste país. Na vossa saída para Tanzânia, não devem despedir os vossos pais, nem amigos, isto para poupar a vida deles. Se querem que os vossos familiares estejam em vida, evitem despedí-los. Porque despedir será um passaporte para a morte certa deles.*

Em Fevereiro do mesmo ano, diz o E4:

*Eu e filho do régulo Mário Chundiza, seguimos, para Tanzânia e seguimos via Charre, estava lá uma missão de Padres Brancos e estes já tinham suas conexões, e nos dirigiram a um professor e este nos facultou um mapa, com o qual conseguimos alcançar Sange no Malawi e de seguida dirigimo-nos para a região de Kamanguira. Fomos entregue outro mapa, para que quando chegássemos de Blantyre continuarmos com a viagem até Bangwe. Em 14 de*

*Fevereiro de 1966 chegamos à Bangwe que era um campo clandestino da FRELIMO, no Malawi de Kamuzu Banda. Ficamos aí por algum tempo e depois seguimos de barco que nos levou até a fronteira com Tanzânia e daí seguimos para Mbeya. Aí ficamos durante dois meses, e a viagem continuou para Nashingweia. Fomos treinados pelos chineses durante três meses. Depois dos treinos, fomos conduzidos para Mutimuni que era a fronteira entre Tanzânia e Moçambique para irmos combater em Niassa.*

Em princípio de 1967, diz o nosso entrevistado E4:

*Fui chamado para Tanzania com objectivo de continuar a estudar. Fui treinado e formado pelo Senhor comandante Mariano de Araújo Matsinhe, para eu ser secretário da FRELIMO. Antes de terminar os estudos, três meses depois enviam me para Tunduru, onde fui professor durante todo o ano de 1967, enquanto eu estava em Tunduru, padre Mateus fez me uma carta a dizer: Amigo, agora estou em Nashingwea, com o seu irmão, vinha-te visitar e me proibiram. Disse-me muitas outras coisas. Esta carta que ele escreveu em 1967, tenho, está comigo.*

“Antes do padre Mateus ir saudar Eduardo Mondlane, pediu para me visitar e disseram-lhe que não podia, porque são as ordens militares” - Disse o E4.

Segundo E4, em Dezembro de 1967, foi-lhe dada uma guia para continuar a estudar. A pessoa que lhe deu foi o velho analfabeto, homem corajoso, guerreiro chamado Solomone Machaque. No Instituto Moçambicano, o E4 encontrou-se com o padre Gwenjere, que lhe contou tudo dizendo: “estes não prestam” - referindo os dirigentes da FRELIMO –“aqui no Instituto Moçambicano há velhos e pessoas adultas e você, um jovem, porquê te mandaram sofrer passando por várias tarefas assim, agora, fica aqui, estuda”.

Ficando assim, sem autorização dos chefes da educação, diz este entrevistado “sentia-me ilegal, por isso tive que procurar o secretário da Educação, que na altura era o senhor Armando Emílio Guebuza e infelizmente, ele estava ausente, estava na Bulgária em missão de serviço, e esperei”.

Em janeiro de 1968, segundo E4, voltou o Secretário da Educação, senhor Armando Emilio Guebuza, com a sua volta, o E4 apresentou-lhe a sua preocupação de estudar, ao que ele respondeu: “Você não pode estudar aqui, deve ir dar aulas em Bagamoyo, agora, para leccionar 4ª classe”. Depois desta resposta, o nosso entrevistado disse que foi informar o Padre Mateus Gwenjere. “ O Padre Mateus disse-lhe que iria tratar directamente o caso com o

Presidente Eduardo Mondlane. Contudo, o Instituto Moçambicano, nesta altura estava em conflito<sup>53</sup>, que se transformou em grande guerra”.

O nosso entrevistado continuou com sua explicação dizendo:

*Três semanas antes da invasão do Instituto, recebi um outro programa, desta vez, de Joaquim Chissano. Para Chissano, eu estava aí ilegalmente, e ele queria que me tirasse à força do Instituto, mas temia o padre Mateus Gwenjere. Assim, Chissano, usa a tática de mandar-me prender com Polícia tanzaniana, que na 6ª feira, mandou viatura da marca Mahindra (aqueles mahindras antigos, não como estes que vemos hoje), para me levar. Transportaram – me até a esquadra, e aí permaneci até 2ª feira, encarcerado, a espera do comandante para a legalização da minha prisão. O comandante chegou, era 2ª feira, e me questionou: Você, miúdo, estais aqui porquê? A minha resposta foi: Estou aqui por causa de Chissano que me trouxe aqui. Continuei dizendo, não conheço as causas que me levaram para este lugar. E ele por sua vez mandou de volta e disse: Volta para lá onde você saiu, lá onde polícia te encontrou. Se foi Chissano que te trouxe, devem ser problemas políticos, não tem nada a ver conosco- disse o comandante da esquadra tanzaniana. Eu nessa altura, não tinha outro sítio de ir, tive que voltar lá.*

Conforme o E4, voltou ao Instituto, procurou o padre Mateus Gwenjere, e informou-se do sucedido. Ao que o padre disse: “*Esses são malandros, fica no Instituto. Fiquei aí da 2ª até 6ª feira. Na 6ª feira de novo fui levado para a esquadra e encontrei o mesmo comandante que me disse: já era a segunda vez, vossos problemas não têm nada a ver com a polícia tanzaniana, são problemas políticos, tens que voltar*”.

Na terceira semana, prossegue o E4, o padre Mateus Gwenjere veio ao Instituto para lhe visitar, e não lhe encontrou, passou de esquadra em esquadra, nos hospitais e até chegou na casa mortuária a procura do entrevistado, mais tarde, por volta de meia-noite, encontrou-lhe na cela da esquadra, O Padre Mateus, pediu ao polícia que estava de sentinela:

*Liberte este miúdo, para eu ficar no lugar dele. O polícia riu-se, e disse que não era possível, o senhor ainda é padre e não tem nenhum caso de litígio com a nossa lei. A lei tanzaniana, continuou dizendo, não tem poderes nem autonomia para proceder conforme o seu pedido. O padre Mateus insistiu que fosse encarcerado no meu lugar. Naquela madrugada fria, todos nós, incluindo Padre tremiamos muito de frio. Os polícias que aí estavam tentaram convencer o Padre para que fosse embora, mas ele disse “Se fornecessário, morrer com ele*

---

<sup>53</sup>Confusão no Instituto Moçambicano, descrito por Lawe Laweki, no seu Livro Mateus Pinho Gwenjere, Um Padre Revolucionário.

*aquí, irei morrer”. Tudo isto, foi nos finais Fevereiro e princípio de Março. Os polícias, decidiram aceitar o pedido do Padre, abriram a porta e ficamos juntos na cela.*

Segundo o mesmo entrevistado, por volta das 5 horas de madrugada, viram Urias Simango, que na altura era Vice-presidente da FRELIMO a procura do padre Mateus, chegou à casa dele, não o encontrou, procurou-o em muitos sitios, durante toda a noite, não o encontrou. Quando chegou na esquadra em que estava aprisionado, encontrou o padre Gwenjere comigo, e perguntou o que se passava. A resposta foi:

“Estou aquí por causa deste miúdo”. O vice-Presidente questionou: “O que fez este miúdo?” E o padre respondeu: “Não sei o que ele fez. Mas, Chissano, é que sabe as causas desta detenção”. Uria Simango, pediu ao padre que saíssem juntos naquele momento. Mas o padre disse que não iria sair sozinho sem o miúdo. O vice-presidente pediu aos polícias que tirassem os dois. E os polícias disseram, ao padre podiam tirar, mas a este miúdo não, porque Chissano é que lhe trouxe, este é que tem milando. Uria Simango, na qualidade de Vice-Presidente questionou “Quém é Chissano?” Insistiu dizendo para libertar os dois. Felizmente, depois de muita insistência do Vice-presidente foram libertos.

Continua o nosso interlocutor dizendo que: “quando Uria Simango me tirou da esquadra, foi me deixar no Instituto Moçambicano e disse-me, a partir de agora, fica aquí para estudar, eu irei falar com presidente Eduardo Mondlane, hoje fica aqui e ninguém irá te encomodar “.

Naquela noite dormí bem. No dia seguinte, Chissano chegou no meu quarto já armado de pistola, apontou a minha testa, e porque sou militar, queria-me capturar, batí o braço dele, a pistola caiu no chão, e ele não conseguiu me dominar.

Naquela noite, não se dormiu, na manhã seguinte todos estudantes, fomos ter com o vice-presidente tanzaniano, Rashid Kawawa, lá fomos presos por uma semana, na segunda semana, vieram nos tirar, para o Instituto Moçambicano, para cada um levar as suas coisas. Vieram polícias, armados, e nos transportaram do Instituto Moçambicano até ao campo de Refugiados moçambicanos em Rutamba.

Em 1968, já estivemos no campo dos refugiados em Rutamba e em 1969, precisamente em 3 de Fevereiro, presidente Mondlane é assassinado, e questionamos:

“Quem somos, seeles, até Mondlane, conseguiram matar?”. Daí muitos começaram a abandonar a FRELIMO a partir do Centro de refugiados em Rutamba.

Eu, “em Setembro de 1969, abandonei o centro de refugiado de Rutamba que estava em Tanzânia. Viagei de machimbombo, de Rutamba para Dar-Es-Salaam e daí fui fixar-me em Quênia, com muitos outros.

Conforme o entrevistado, nessa altura, padre Gwenjere fazia parte do Conselho dos Velhos, a função dele era aconselhar os velhos makondes para que os seus problemas fossem resolvidos por via de diálogo, e não por violência. É bom te dizer que o povo makonde, pelo menos nessa altura, era muito agressivo. Tinha pouco espaço para resolver os seus problemas pacificamente. Era a função do padre Mateus Gwenjere pacificar aquele povo.

Recorda ainda o nosso entrevistado, que na primeira semana de Maio de 1968, a situação entre a liderança da FRELIMO e a comunidade Makonde representada pelo Conselho de Anciãos (Baraza-la Wazee)<sup>54</sup>. No dia 06 de Maio, com problemas pendentes entre eles, acumuladas sem resolução à vista, o grupo decide e dirige-se a sede dos escritórios da FRELIMO e tranca as portas do Escritório. Face a esta situação, com ajuda e protecção do Comité de Libertação da OUA, as autoridades tanzanianas reabriram as portas dos escritórios da FRELIMO.

A reabertura dos Escritórios da FRELIMO, agudizou mais a situação já deteriorada entre ambos. O grupo dos contestatários, reagurparam-se e três dias depois, isto é, no dia 9 de Maio, voltam à carga, aproveitando a ausência do padre Mateus Pinho Gwenjere, pois, tinha viajado para Dar- Es Salaam, precisamente para a região de Marogoro, tratar assuntos ligados às suas actividades sacerdotais. Armados com paus catanas e outros objectos contundentes, preparados para agredir o Presidente Eduardo Chivambo Mondlane, que naquela altura, sem o seu conhecimento, estava ausente. Infelizmente, encontraram no escritório o senhor Mateus Sansão Muthemba. Enquanto este, procurava explicar que a pessoa que procuravam, não estava no escritório, os agressores não tiveram paciência em ouvi-lo, lançaram-se

---

<sup>54</sup>Baraza la Wazee era um Conselho de Ancião idêntico ao então existente na TANU ( Tanganyka African National Union ) ou simplesmente União Nacional Africano de Tanzania. Embora nos estatutos e na hierarquia da FRELIMO não constasse este Conselho, desempenhava uma grande importância nas populações Makonde, principalmente na mobilização dos combatentes. Podemos dizer que era um meio que permitia a relação entre as populações Makonde e os combatentes.

selvaticamente contra ele, e agrediram-no, causando-lhe ferimentos graves, foi socorrido para Dar Es Salaam, e hospitalizado em Muhimbili, onde veio a morrer um mês depois, isto é, em junho de 1968.

Quando o padre Mateus chegou, não gostou do sucedido e disse-lhes:

*Vocês estragaram todo o programa, porquê agiram desta maneira? Questionou o padre com semblante muito entristecido. Sem resposta, continuou dizendo: Com estas atitudes pode ser muito difícil resolver os problemas que temos com a liderança da FRELIMO. Aqui, devo explicar que não foi ele que instigou a revolta, que culminou com a morte de Mateus Sansão Muthemba, mas sim, sempre defendeu, para muitos problemas que graçavam a FRELIMO, serem resolvidos por via pacífica ou por meio de diálogo. Isto que estou a dizer escreva, porque eu vivi a situação na carne. Aquilo foi muito triste. Até ti peço que escreva enquanto estou vivo, e se alguém negar e ou duvidar pode vir falar comigo, enquanto estou aqui em casa e consigo falar.*

Quando agudizou o conflito dentro da FRELIMO, Padre Mateus Gwenjere, foi levado pela direcção da Igreja Católica, e colocado na Arquidiocese de Tabora no Norte de Tanzânia, para ficar longe das confusões da FRELIMO. Lá no Norte onde foi colocado havia refugiados moçambicanos. Ele sempre gostou de ficar com os seus, com as crianças e aqueles que ele enviou, ou com os refugiados moçambicanos.

“Quando os refugiados que estavam no norte, acompanharam que já estávamos no Quénia, muitos preferiram abandonar o campo de refugiados para Quénia. E porque quase todos refugiados estavam em Quénia, Ele também veio a Quénia, para estar com os seus” – disse o entrevistado.

E em Quénia o padre foi colocado na paróquia de São Pedro Claver em Nairobi, dando continuidade a sua actividade eclesiástica na cidade de Nairobi.

O nosso entrevistado continua dizendo que os líderes da FRELIMO, não estavam satisfeitos em ver o padre Mateus Gwenjere, livre ou solto. Para eles, a liberdade que o padre Gwenjere gozava, estava a pensar alguma coisa contra a direcção da FRELIMO, que não o queria vivo nem livre, tendo em consideração o número dos seus seguidores.

Assim, é preparado um plano para capturar o padre. Para o efeito, prepararam um miúdo, chamado Costa João Lindo Magiga natural de Murraça, a quem o padre Gwenjere subsidiou os

estudos e garantiu o internato na missão de Murraça. Ele era duma família com necessidades, pois os pais não tinham condições para sustentar os seus estudos e foi enviado para Tanzânia pelo padre, para dar continuidade com estudos.

Magiga, depois de vender o padre, beneficou de várias vantagens, deram – lhe uma casa, “e eu vivi nesta casa com ele antes de vender o padre Gwenjere. Aliás, ele me convidou para eu chegar em casa dele, porque éramos conterrâneos, até tenho as fotos dele comigo, ele e sua esposa”- disse.

Os padres católicos têm uma característica: Eles perseguem aquilo que começaram. “Na Tanzânia, dormi na cela com padre Mateus Pinho Gwenjere, enquanto no Quênia, dormi três dias na cadeia com padre Pollet” - Concluiu o nosso entrevistado.

**e) O quinto entrevistado (E5) – (68 anos, 2018, Beira, reformado numa empresa de navegação)**

Um outro entrevistado E5, natural de Chupanga, distrito de Marromeu, na província de Sofala, disse ter conhecido o padre Mateus Pinho Gwenjere em Murraça, quando aí estudava, embora ainda na idade de adolescência, recorda, o que considerou e lhe qualifica como um grande Filósofo, pensador da causa do seu povo que nessa altura se encontrava sob jugo colonial português. Ora vejamos.

Segundo o E5:

*Nos finais de 1965, quando o padre Gwenjere foi colocado na missão de Murraça, era único padre negro, e ele, aproximou-nos e disse: hoje, esta noite iremos dormir tarde, todos vocês, devem vir no meu quarto, para escutarem coisas muito lindas. Por volta das 22.00 horas, fomos todos no seu quarto, ele, abriu o seu aparelho que era um gravador, aqueles antigos que tinha fita magnética, e começamos a escutar a rádio. Um de nós, que era um pouco maior que todos nós, questionou de quem era a voz. O padre não tardou, e respondeu nos seguintes termos:”é presidente da FRELIMO, Eduardo Mondlane Chivambo, este é um negro moçambicano, que estudou muito, estudou com brancos, foi professor na Universidade de Siracuse ensinava brancos, lá nos Estados Unidos da América. Ele quer libertar os moçambicanos da ditadura do colonialismo português. Principalmente deste Ramiro dos Santos Paiva, mais conhecido por Matope, que a qualquer momento, pode mandar os seus cipaios para nos prender, ou prender os nossos pais ou nossas mães, e depois nos*

*dar palmatórias, sem cometermos nenhum mal nem ao seu governo, nem aos nossos próximos”.*

Continuou dizendo que:

*Na voz da FRELIMO, Eduardo Mondlane apelava a luta para nossa liberdade e independência. Mostrando planos de bem-estar comum, sem exploração, e todos nós deveríamos participar de diversas formas, estando directamente na luta armada, ou mesmo alimentando os soldados da liberdade. E era quase todos dias, principalmente a noite, éramos aconselhados para a causa da liberdade e independência do nosso país. Até muitos dos que tinham idade acima dos 18 anos, seguindo os conselhos do padre deixava Murraça, com o mapa cedido pelo Padre Mateus via Malawi, iam a Tanzânia, para se juntar a Mondlane e filiar-se a FRELIMO. Eu tanto queria, mas ele me dizia: “Você é criança, espera crescer um pouco “, é por isso que não cheguei de ir e até agora, estou aqui.*

Nos finais de 1965 ou 1966, chegaram e aterraram no aeródromo de Caia, quatro juízes brancos, provavelmente vindos da Beira ou de Lourenço Marques. Quando chegaram enviaram um emissário com uma nota para a missão de Murraça, solicitando a presença do padre Mateus Gwenjere no dia seguinte, e podia trazer consigo o seu rádio gravador. Depois desta solicitação, ele informou-lhes tudo. Antes da sua ida, desgravou o aparelho, tudo o que era da FRELIMO que estava nas fitas magnéticas em seu lugar, gravou as homilias, e alguns estudos catequéticos de preparação dos catequistas, para o dia do Natal que se avizinhava.

No dia marcado, saíram para Caia com as suas motorizadas, o padre Walter que era o superior da missão nessa altura, junto com o padre Mateus Pinho Gwenjere. Eles, saíram de madrugada para ouvir o que iria acontecer com ele. Quando chegaram à Caia, já estavam lá muita gente à espera. O nosso entrevistado não sabe como as pessoas tiveram a informação.

Quando Padre Mateus chegou com o padre Walter desceram das suas motorizadas e foram conduzidos para a sala de audiências. Mas o padre Walter como superior dele não foi permitido a sua entrada, pois, conforme os juízes, informaram ao superior da missão, que a solicitação somente era para o padre Mateus Pinho Gwenjere.

Padre Walter aceitou a proibição, e Gwenjere entrou. Gente de quase todos os regulados de Caia e Murraça, incluindo alguns de Sena estavam fora para verem o fecho do provável

juízo. Foram mais de cinco horas no interior. Da parte da Missão, o padre Mateus estava sozinho, e da administração, estavam além dos quatro juízes, o administrador Matope e seus cipaios e “*caboterras*”, incluindo o mais temido, o alcunhado de Gumantima, que traduzido significa “*pergunta seu coração*”.

Depois do suposto interrogatório, dirigido pelos juízes brancos, as pessoas questionaram o padre, sobre o que haviam decidido no interior ou na sala de julgamento, e a resposta leu-se no seu semblante. Na resolução o padre saiu vitorioso, e ele respondeu a multidão que o aguardava da seguinte forma: “*Anandichitanji awa?! akundhungudza pidakhala ywo azungu, mbwenhye nkhaba kundichita pinthu tayu*” o que significa, “O que me farão estes?! Gingam por serem brancos, Não irão me conseguir”.

De acordo com o nosso entrevistado, não se recorda ao certo a data nem o ano, mas, presume-se que seja entre finais de 1965 ou de 1966 que a PIDE enviou ao governador de Manica e Sofala, de nome Sousa Teles, a solicitação da transferência do padre Mateus Pinho Gwenjere, por ser um perigo para o governo e administração de Caia. Conforme a nota da PIDE, por causa dos seus ensinamentos subversivos às populações nativas, devia ser transferido para ser pároco da Igreja católica de Matacuane ou de Macúti, sendo o primeiro que se localiza próximo do quartel general, supostamente, para melhor ser controlado e a segunda, local em que ele recebeu a consagração sacerdotal.

O governador Teles quando recebeu a carta, questionou sobre as causas da mesma não ter passado pelas entidades eclesiais, pois, por ser uma questão da Igreja ou dos padres, a entidade religiosa deveria ter tomado conhecimento dessa decisão. Esta medida não foi autorizada, tendo em consideração a assinatura em 07 de Maio de 1940, entre o Estado Português e a Igreja Católica Romana representada pelo Vaticano, a Concordata e o Acordo Missionário, consagrando, desta forma, o papel da Igreja e da sua doutrina como a grande força inspiradora e justificadora do regime colonial-fascista português. O Acordo Missionário seria depois regulamentado pelo Estatuto Missionário, em 1941 (Hedges, 1999, p. 118).

Manuel de Sousa Teles, que era governador de Manica e Sofala, na altura, coordenava muito com o administrador Matope e por sua vez Sousa Teles que era católico, respeitava e venerava muito o bispo da Beira, Dom Sebastião de Resende, por isso pouca acção ou nada fazia para penalizar ao padre Gwenjere, que também beneficiava da protecção do bispo.

Mais uma vez, diz o nosso entrevistado que a tentativa de prender e controlar o padre Mateus Pinho Gwenjere não se concretizou.

Infelizmente em 25 de janeiro de 1967, morre Dom Sebastião de Resende vítima de uma enfermidade cancerosa, que se revelou ao longo do ano 1966, após tratamento na Europa. D. Sebastião quis regressar à sua Diocese da Beira, aos 61 anos de idade.

E a respeito ao seu funeral, muita gente da Diocese da Beira, principalmente pessoas de origem africana que ultrapassavam 30 mil pessoas, se fez presente, número este testemunhado pelo D. Eurico Nogueira, que disse: “o impressionante cortejo fúnebre demorou uma hora até ao cemitério”. No meio desta multidão, estava o padre Mateus Pinho Gwenjere, que nessa altura, era para abater conforme os desejos da PIDE.

Conforme o nosso entrevistado, quando o padre se apercebe da presença dos agentes da PIDE, no meio da multidão, desaparece misteriosamente. Terminadas as cerimónias religiosas, os agentes da PIDE procuram o seu alvo e não o encontraram. Naqueles dias coincidentemente, estava na Beira, um comerciante de Caia de origem indiana, de nome Omar, que vinha fazer compras de mercadoria para o seu comércio, que tinha uma casa na zona de Ponta Gea, na Beira. O padre, contactou-o naquela noite, e explicou que estava sendo procurado pela Polícia, e precisava da sua ajuda. O comerciante aceitou, mas, o padre, por ser uma pessoa pública, pediu ao comerciante para viajar na carroçaria, fingindo ser empregado a guardar a mercadoria na parte trazeira e tratado como um vulgar empregado. Foi assim que de noite ele consegue chegar a missão de Murraça.

A partir daqui, o padre começa a viver com medo. Reduziu as suas deslocações nas comunidades, ficava mais tempo a rezar e até a jejuar no seu quarto, poucas vezes fazia missas na igreja. Diz o nosso entrevistado:

*Antes do seu desaparecimento para Tanzânia, ele (padre) nos chamou e conversámos, num tom de despedida. Ele nessa altura somente saía de noite, e ficava aí no pátio da casa dos padres de Murraça. Dois dias depois, ouvimos que o padre Gwenjere já não estava na missão, tinha embarcado para Tanzania, via Mutarara, Malawi e depois Tanzania.*

**f) O sexto entrevistado (E6) – (70 anos de sexo masculino entrevistado em 2018, natural de Caia).**

Um outro entrevistado, E6, um ancião, natural de Caia, do regulado de Sumburero e antigo estudante do padre Mateus Pinho Gwenjere, disse que, “em Outubro de 1965, se a memória não lhe trai, vieram no mesmo dia dois padres negros, o padre Mateus Pinho Gwenjere de Murraça e Padre Manuel Sabudu Mucauro, este parece ndau de Búzi. Foi pela primeira vez que vimos pessoas da nossa raça com batina, eram padres *cafre*”.

Padre Maurício Pollet, que era o superior da missão de Murraça, na sua apresentação de dois padres negros disse na língua sena, que era falada e ouvida por quase toda população de Murraça e todos moradores o seguinte: “*Estão aquí dois padres de origem africana, estudem, para serem como eles, nós somos estrangeiros, o futuro superior desta Missão de Murraça, está aquí, apontando no padre Mateus Pinho Gwenjere, que estava ao seu lado direito*”.

Padre Maurício Pollet, é que fez muitos nativos de Murraça, estudarem e serem “*brancos*”, este padre obrigava-nos a estudar, e dizia ele “que estudássemos para amanhã seremos dono da nossa própria terra” este andava em quase todas as regiões circunvizinhas, visitava os seus catecúmenos nas suas casas, incluindo os enfermos, rezava com eles e falava bem sena, em muitos casos, comia nas casas dos nativos.

Segundo o E6, o padre Gwenjere, semanalmente, além das suas actividades primárias de sacerdócio, visitava as chamadas escolas missionárias, pois ele era director. Estas escolas estavam implantadas em todos regulados de Caia, tais como: Marra, Chandimba, Khamba, Chimbongolowa, Njejhe, Zimbawe, Gumansanze, Sumbulero onde o entrevistado nasceu, Tanga Tanga Haji, Chipengo, e todos os regulados tinham escolas, gratuita, onde até o material escolar era oferecido.

Na vila de Caia, havia uma escola primária do governo, onde uma das professoras era a esposa do Administrador Ramiro dos Santos Paiva, mais conhecido por Matope que era o maior adversário do padre. Ele, Matope, considerava o padre Mateus Gwenjere, como seu rival.

Continuou, o nosso entrevistado, dizendo que o Administrador “Matope”, tinha o seu “cabo-terra” da administração, que era chefe dos cipaios, de nome Luís Andicene mais conhecido por “*Chinaganantima*” que significa “*aquilo que o coração quer, o corpo não consegue*”.

Este Chinaganantima, era conhecido e considerado pelos moradores de toda circunscrição de Caia como um homem magro, alto, muito temido, mau e corrupto e vivia no regulado de Sumburero. Se alguém estivesse em litígio com a Lei, ou com a administração, primeiro o caso passava por ele, que depois mandava para o administrador. Ele primeiro mostrava ao suposto infrator as possíveis penas pelo delito cometido, e apresentava ao suposto violador, este por sua vez, temendo a provável penalização, corrompia-o com 50 ou mesmo 100 escudos, com este pagamento, podia ser liberado ou via a sua pena reduzida, pois, o caboterra, conseguia falsificar a informação ao favor do suposto arguido, se este entregasse os valores acima, ou agravar a pena do arguido, para o que não conseguisse desembolsar o valor.

O senhor Luís Andicente, quase era um homem especializado em dar palmatória. Ele batia, enquanto o administrador Matope assistia, até as mãos ficarem inchadas ou mesmo a sangrar, somente depois disto que Ramiro dos Santos Paiva, dava por fim a sessão, e Chinaganantima parava. Havia vezes que ele batia no seu preso, e este gritava, chorava, até perder sentido. Esperava a sua recuperação, e se atrasasse na sua recuperação deitava água no seu corpo, depois da recuperação a sessão de palmatória continuava. Dependia do tipo de infracção. Por vezes depois desta sessão de palmatória, era mergulhado num buraco cheio de lama ou matope, daí vêm o nome de Matope. Passada toda esta humilhação, a pessoa era liberada para sua casa coberta de lama em todo seu corpo.

Chinaganantima, ía nas zonas e recolhia todas as mulheres que fabricavam “nipa” – (uma bebida tradicional com maior teor alcoólico) –, para a administração ou mesmo para a cadeia da administração. Com a venda desta bebida obtinham o sustento dos seus filhos, pois, os maridos estavam ausentes, principalmente para Beira, Malawi ou Rhodesia hoje Zimbabwe, incluindo na terra de Jhony ou África do Sul, a procura do emprego. Esta saída, era interpretada pelo administrador Matope e seus homens como sendo a fuga do pagamento de imposto.

Estas prisões, quando chegassem nos ouvidos do padre Mateus Pinho Gwenjere, ele primeiro procuravam o “caboterra”, que era espécie do chefe dos cipaios. Por coincidência era à mando do senhor Luís Adicene. Questionava-o as causas da prisão em massa das mães, sendo algumas com os seus filhos ao colo. Padre Gwenjere exigia ao caboterra a libertação imediata e devolução dos seus pertences que, na maioria eram os instrumentos tradicionais que usavam

para o fabrico de bebida alcoólica tradicional (kabanga ou nipa), em sena chamava “*mipembe ya kuphika nipa*”. Por muitas vezes o padre aceitou fechar-se na cadeia no lugar das mulheres, que saíam da cadeia e cada uma levava seu “*mpembe wa kuphika nipa*”.

O E6 continuou dizendo que: “um dia, lá para os anos de 1966, padre Mateus, quase deu uma porrada ao administrador Matope, pois ele questionou as causas de tanta tortura aos nativos. Ele perguntou ao Matope: porquê você está a escravizar e ameaçar os meus irmãos na sua própria terra?”

“Este caso, levou o padre a ser julgado na Beira, e não acompanhei a sentença, se o padre foi condenado ou pagou algum dinheiro como caução. Mas, passando algum tempo vimos ele na missão” – disse o entrevistado.

O nosso entrevistado concluiu dizendo que, “*padre Mateus Gwenjere* dizia que eu estou pronto para entregar a minha vida pelos meus irmãos, todos nós, devemos estudar para libertar a nossa terra. Ele amava nos muito. Às vezes nas missas ele chorava por amor...”.

**g) Entrevistados (E7 e 8) – (78 e 82 anos, ambos do sexo masculino, naturais da Beira).**

Outro entrevistado, já com idades avançada, pertecente a paróquia da Munhava e de São Benedito na Manga, Beira, disseram que foi com grande tristeza, dôr, quando eram obrigados a cantar nos comícios que o padre Gwenjere era reaccionário.

Um dos seus contemporâneos hoje já idoso, sem muita instrução académica, nessa altura, quando diziam Gwenjere reaccionário, ele percebia e pensava que estavam a dizer bem os seus feitos ou falar dos seus feitos de forma positiva, mais tarde percebeu que estavam a mal dizer ao Padre, aquele que mesmo nas missas falava directa ou indirectamente da necessidade da união para o derrube do colonialismo.

Para eles, padre Gwenjere:

*Era o nosso branco e era o nosso inspirador em todos aspectos, principalmente no âmbito académico “. Até aquele momento, eu não tinha visto um negro corajoso como ele, mesmo sendo padre, porque havia padre mesmo sendo branco mostravam uma dose maior de*

*medo perante o governo colonial, mas ele não, dizia abertamente que um dia nós iremos governar este país [...].*

Disseram ainda que:

*Na minha ignorância até cheguei a pensar que o fechamento das igrejas, no caso concreto de São Benedito, era por causa do padre Mateus Gwenjere e, mais tarde, percebi que a situação de encerramento e perseguição das igrejas não somente para a Católica, mas, para quase todas, incluindo a das Testemunhas de Jeová, pois, eu tinha um vizinho, quando vivia em Mafambisse que foi parar em Milange na província da Zambézia.*

Analisando, verificamos que todos entrevistados olham para o Padre Mateus Pinho Gwenjere, como um lutador para liberdade de todos moçambicanos, e alguns consideraram como herói.

#### **h) Depoimento de ex-estudantes de Murraça sobre leituras frequentes do padre.**

Em conversa no ano de 2016, na vila Boane na província de Maputo, com um dos ex-estudante, nascido em 1950 que viveu no internato da Missão de Murraça de (1964-1967) disse: Já nos seus primeiros contactos com a Igreja Católica Romana, em Murraça, era frequente os padres mencionarem as epístolas de S. Paulo, nas suas liturgias, explicarem como o apóstolo Paulo conseguiu com muito sacrifício expandir a mensagem de salvação aos povos considerados, na época como gentios, e que outrora considerados não fazerem parte da salvação eterna. As longas viagens missionárias pelo leste do império Romano, inspiravam o padre Gwenjere nas suas actividades eclisiásticas para as regiões circunvizinhas da sua missão de Murraça.

Um ex-estudante do padre que residia na Missão, disse que ele (padre), lia muito, livros dos considerados Santos Católicos como Santo Agostinho, e Santo Tomás de Aquino. O primeiro, o notabilizou-o, por ser africano nascido na cidade de Tagast (actual Souk-Ahras, na Argélia), que redigiu um grande número de peça religiosas. Existem, ainda, cerca de 500 sermões para além de mais de 200 cartas. Dos seus livros, os dois mais famosos são, *A cidade de Deus e Confissões* (Hart, 2005). Embora o Santo Agostinho não defendesse abertamente a independência dos povos oprimidos, ele busca a construção de uma moral política fundada numa utopia: a da fé cristã que almeja e luta por um mundo mais justo. De tal que busca o amor como fundamento da ordem social, para que torne o Estado de Deus (Conceição, 2008).

Os escritos de Santo Tomás Aquino, que foi um padre católico, influenciaram bastante a vida religiosa do padre Gwenjere, pois, para Aquino e Aristóteles, “o homem é um animal social e político, a família é a primeira associação, e o Estado, sua ampliação e continuação... Enquanto noutras passagens, Tomás de Aquino citado pelo professor de Filosofia Francisco Porfirio dizia: Para Aquino” o homem, é um animal político, atinge o seu fim, sua máxima perfeição na vida pública. E disse mais, “o bem maior da vida pública, não é bem individual e sim o bem colectivo. Portanto, o bom governante – para Aristóteles e Tomás de Aquino – cuida do bem comum. As leis humanas devem proporcionar o bem comum, no entanto, Se a Lei for tirânica não é lei, mas certa perversão dela. Para Tomás de Aquino a essência da lei é a racionalidade dirigida ao bem comum.”

O filósofo Santo Tomás de Aquino produziu uma vasta obra escrita, somando mais de 60 livros, entre os mais importantes encontram-se “*A Suma Teológica*” e “*O Ente e a Essência*” (Amaral, 1991).

Além dos livros acima de mencionados de filósofos cristãos da idade Antiga e Média, também lia os escritos de famosos filósofos da Idade Moderna e Contemporânea tais como do inglês John Lock, do suíço Rousseau, e dos franceses Voltaire e Montesquieu. Estes pensadores têm uma coisa em comum, quando falam da governação e do poder, sempre, valorizam a liberdade e a dignidade humana, por exemplo, John Lock escreve:

“...sempre que os legisladores tentarem tirar e destruir a propriedade do povo ou reduzi-lo à escuridão sob um poder arbitrário, entram em estado de guerra com o povo, que é então isento de qualquer obediência posterior e permanece no refúgio comum que Deus destinou a todos os homens contra a força e a violência” (Hart, 2005).

John Locke continua dizendo: “E... ainda pertence ao povo o poder supremo de remover ou alterar o legislativo quando constatar que age contrariamente à confiança que lhe foi outorgada...” Essa defesa do direito à revolução exerceu significativa influência sobre Thomas Jefferson e outros revolucionários americanos. Locke acreditava no princípio da separação de poderes.

O padre Gwenjere percebeu em obras de Rousseau, que o seu objectivo é “encontrar o fundamento do Estado civil, onde a liberdade é preservada, é necessário que haja uma lei em que o homem continue a ser livre. As leis, portanto, têm que ter a expressão da vontade do homem, vontade do corpo político.” “A liberdade e a igualdade entre os homens é o resumo do

pensamento político do filósofo”. Escreveu muitos livros, mas a sua obra principal foi “O Contrato Social”.

Admite-se também a possibilidade do padre ter lido as obras do filósofo Voltaire que sem rodeios defendia muito as liberdades individuais, bem como a liberdade de expressão e tolerância. Voltaire, influenciou muito para a revolução francesa e americana, pois era contra o absolutismo, publicou *Cartas sobre os ingleses* e um dos seus trabalhos mais importante foi “a *História universal Ensaio sobre as maneiras e o espírito das nações*”. (Hart, 2005).

Outro pensador político e filósofo que influenciou padre Mateus, conforme suas tendências para Moçambique foi o francês Montesquieu, que também defendia as liberdades dos povos nos seguintes termos: propõe a reformulação da instituição política em três poderes, nomeadamente: poder legislativo, poder executivo e poder judiciário. Para o filósofo seria a solução para conter as acções políticas, económicas e sociais da Monarquia. Na sua obra “O Espírito das Leis” (1748), Montesquieu defendeu que a separação de poderes era parte essencial da democracia. Tal regime se caracteriza pela soberania popular, querendo mostrar a ideia de que todo poder emana do povo. (Carvalho, 2008).

E, por fim o político e o nacionalista da América Latina Simón Bolívar que com frequência chamado de George Washington da América do Sul devido o seu papel libertador do domínio da Espanha de cinco países sul-americanos (Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Bolívia) também contribuiu bastante para o surgimento das ideias nacionalista no clérigo (Hart, 2005).

Vendo a situação penosa, humilhante e até desumana a que a maioria dos moçambicanos eram submetidas, e a realidade que se vivia em Murraça, sua terra natal, o padre Mateus Pinho Gwenjere, é encarado pelas duas realidades: Como sacerdote, libertar o povo do pecado, ensinando-o a amar o próximo, como a si mesmo, e por outro como nacionalista e patriota, e aqui o objectivo era de libertar o homem do jugo colonial português.

O ambiente em que cresceu, a formação académica que teve, a influência dos padres brancos em Murraça, os livros que lia acima referenciados, que incentivavam as liberdades dos povos, as informações das independências dos países africanos, na sua maioria na década, dos anos 1950 e principalmente de 1960, agudizou o despertar no sacerdote um espírito nacionalista, patriótico e revolucionário, que o conduziram para a sua trajectória, várias perseguições da PIDE, enfrentou muitos julgamentos, foi espionado por muitas vezes, aceitou perder a sua liberdade individual, mas para dar a liberdade a muitos, deixou os benefícios e o respeito que

nutria na sua terra natal como padre e por esta causa, enfrentou caminhos sinuosos e difíceis. Para politólogo suíço, Rosseau a soberania é inalienável, porque uma vontade não se aliena.

Rousseau nega à república cristã o poder de existir nesta terra e recorda que a pátria do cristão não é deste mundo. Nascido para ser escravo submetido ao amor divino ou ao magistério eclesiástico tem mais que fazer do que bater-se pelos valores terrestres da libertação ou da justiça (Amaral 1991, p. 193).

### **6.2.2. Nacionalismo de Gwenjere**

Mateus Pinho Gwenjere acreditava firmemente na inalienabilidade da dignidade humana e via a Igreja como uma instituição com o dever moral de denunciar todas as formas de opressão. Esta convicção fundamentava sua abordagem ao nacionalismo, imbuindo suas ações e discursos com um fervor ético e espiritual. Gwenjere concebeu as palavras do Presidente Julius Nyerere e articulou essa crença de maneira contundente, onde ele afirmava (Julius Nyerere) : “Todo o que impede o homem a viver a sua dignidade deve ser denunciado pela Igreja e seus seguidores” (Vida Nova, 2008).

Sua defesa da dignidade humana não era apenas teórica, mas se manifestava em suas ações práticas. Gwenjere utilizava sua posição de liderança religiosa para amplificar vozes marginalizadas e lutar contra as injustiças perpetradas pelo regime colonial português. Ele acreditava que a verdadeira libertação de Moçambique passava pela reconquista da dignidade de cada indivíduo, e que essa luta deveria ser travada tanto no campo espiritual quanto no político.

Além disso, Gwenjere considerava que a missão da Igreja incluía a educação e a conscientização das pessoas sobre seus direitos inalienáveis. Sua atuação era marcada por sermões inflamados e ações concretas de apoio às comunidades oprimidas, inspirando um senso de dignidade e autoestima entre os moçambicanos. Este enfoque ajudou a consolidar a resistência ao colonialismo e a promover uma identidade nacional baseada em valores de justiça e igualdade.

A insistência de Gwenjere na dignidade humana também influenciou outros líderes de pensamento e ação dentro do movimento de libertação, criando uma cultura de resistência que valorizava profundamente a vida e a dignidade de cada moçambicano. Sua visão moldou

significativamente a ideologia do movimento nacionalista, destacando a interseção entre fé, ética e política na luta pela independência de Moçambique.

Ainda na mesma senda o padre Mateus Pinho Gwenjere como forma de despertar atenção aos moçambicanos começou por mobilizar jovens para se juntar a Frelimo, como uma forma de reivindicar os seus direitos patrióticos perante o comportamento do colono para com os moçambicanos legítimos donos da terra.

Gwenjere, tanto como outros nacionalistas mostravam um espírito de revolta e revolucionário, criando sempre o despertar do colonizado, sobretudo jovens a reivindicar seus direitos, o que culminou com uma revolução em Moçambique, bem como em outros países do continente africano.

Padre Pollet, dizia que os portugueses em Moçambique viviam da exploração dos negros, “mas meus Lumumbas” virão para fazer justiça. Quando em 16 de Janeiro de 1965, padre Pollet recebeu uma ordem de expulsão para deixar o país, por se expressar constantemente ao favor da independência de Moçambique, o Bispo da Beira viajou imediatamente para Lourenço Marques para se encontrar com o governador-geral de Moçambique para arquivar a ordem de expulsão. O padre Gwenjere, por sua vez, estava em constante contacto com o bispo da Beira, Dom Sebastião Soares de Resende, a ponto de dizer a um agente local da PIDE que ele havia viajado para Beira para relatar as suas actividades ao Bispo. Um relatório de um funcionário da PIDE em Caia dizia o seguinte;

*“Esta administração possui um informador africano que bem serviços tem prestados e que, por vezes e por este motivo, caiu no desagrado dos padres naquela Missão. Desconhece-se ainda como tal chegou ao conhecimento daqueles Senhores. No dia 21 do mês findo, o referido padre Mateus encontrou o tal informador manteve com ele a seguinte conversa que se transcreve: você agora trabalha para o Portugal? Vocês pá, estão muito enganados com os portugueses. Eu sou padre e além disso gosto que as pessoas vivam o melhor possível cá neste mundo onde não há brancos nem pretos, todos nós somos iguais e por que você está a favor dos portugueses? Fui ter com senhor bispo sobre a sua pessoa. Este informador tem caído no desagrado dos padres da Missão porque a sua área de acção situa-se precisamente ao redor da área ocupada pela Missão, onde, como e bem conhecido, um grande número de indivíduos africanos mantém possíveis relações com exterior e sobre os quais é necessário manter uma aturada vigilância a bem da Nação” (Laweki:2019).*

O Padre Gwenjere buscava aconselhamento do bispo da Beira todas as vezes que era convocado pela PIDE para ser interrogado sobre as suas actividades “anti-portuguesas”, como enviar jovens moçambicanos à Tanzânia para se juntarem a FRELIMO. Para a PIDE, “o padre Gwenjere e o padre Pollet e o bispo da Beira iriam expulsar os colonialistas portugueses de Moçambique”. Enquanto isso, o Padre belga Pollet dizia o seguinte, ainda de acordo com os arquivos da PIDE<sup>55</sup>: “Os portugueses, aqui em Moçambique apenas vivem de exploração do preto e a única obra feita pelo governo, são os edifícios administrativos para cobranças do impostos e vendas de pretos, mas os meus Lumumbas virão para fazer a sua justiça”.

Conforme “nhakwawa Nharugwe”, contemporâneo do padre Gwenjere, entrevistado por este autor, em 2012, disse o seguinte:

*“ Aproveitando-se do seu estreito relacionamento com o bispo da Beira o padre Gwenjere continuamente irritava as autoridades administrativas portuguesas de Caia. Temendo prendê-lo por causa desta estreita relação com o bispo e do prestígio que conquistara como único padre negro da região de Sena, as autoridades administrativas locais usavam o seu pai para se vingarem. ”*

Mateus Pinho Gwenjere destacava a conscientização e a educação como instrumentos cruciais para a libertação dos moçambicanos. Ele acreditava que a verdadeira liberdade só poderia ser alcançada por uma população bem informada e educada, capaz de compreender sua situação de opressão e de lutar contra ela. Gwenjere via a ignorância como uma das armas mais poderosas do colonialismo e, portanto, fazia da educação um pilar central de sua estratégia de resistência.

Seu lema “Fungulani Masso” ou “abram os olhos” simbolizava seu esforço constante para despertar a consciência do povo. Ele usava esse chamado para incitar os moçambicanos a reconhecerem a realidade de sua opressão e a tomarem ações concretas para mudá-la. Este slogan ressoava profundamente nas comunidades, tornando-se um grito de guerra contra a injustiça e a exploração.

Gwenjere organizava palestras, encontros comunitários e sermões onde discutia a importância do conhecimento e da educação. Ele acreditava que uma população instruída era essencial para a construção de uma nação independente e justa. Em suas intervenções, ele não apenas

---

<sup>55</sup>Ibid

fornecia informações sobre a opressão colonial, mas também encorajava as pessoas a buscar a educação formal e informal como meio de empoderamento.

Sua abordagem educativa ia além das palavras. Gwenjere implementou programas práticos para apoiar a educação nas comunidades, estabelecendo escolas e promovendo a alfabetização. Ele também incentivava os jovens a questionar e desafiar o status quo, preparando uma geração de líderes e pensadores críticos.

Ao promover a conscientização e a educação, Gwenjere ajudou a criar uma base sólida para a resistência contra o colonialismo. Sua visão de uma população esclarecida e engajada se tornou um componente vital do movimento nacionalista moçambicano, influenciando a estratégia de luta e a formação de políticas educacionais pós-independência.

Mateus Pinho Gwenjere utilizava sua posição na Igreja Católica de maneira estratégica para mobilizar a comunidade em prol da libertação de Moçambique. Ele reconhecia o poder da igreja como um centro de influência e, através de sermões inflamados e reuniões comunitárias, educava e conscientizava a população sobre a necessidade urgente de resistir ao colonialismo português. Sua mensagem de liberdade e dignidade ressoava profundamente entre os fiéis, transformando a igreja em um espaço de resistência e mobilização política.

Gwenjere não se limitava a discursos inspiradores; suas ações falavam tão alto quanto suas palavras. Ele fornecia apoio direto às famílias carentes, demonstrando um compromisso prático com a melhoria das condições de vida de sua comunidade. Este apoio incluía desde a distribuição de alimentos e roupas até a assistência na obtenção de cuidados médicos, fortalecendo o vínculo entre ele e a população local.

Além disso, Gwenjere focava particularmente nos jovens, incentivando-os a se educarem e se prepararem para a luta armada. Ele organizava grupos de estudo e sessões de treinamento, preparando-os tanto intelectual quanto fisicamente para a resistência. Sua capacidade de inspirar e mobilizar os jovens foi crucial para o recrutamento de novos combatentes para a FRELIMO, o movimento de libertação moçambicano.

Através de suas ações, Gwenjere transformou a comunidade em uma força coesa e organizada contra a opressão colonial. Ele utilizava a plataforma da igreja para criar um movimento de base, fundamentado na solidariedade e na ação coletiva. Essa mobilização comunitária não só

fortaleceu a resistência local, mas também contribuiu para a formação de uma identidade nacional unificada, baseada em princípios de justiça, dignidade e liberdade.

Gwenjere mostrou que a luta pela independência não se dava apenas no campo de batalha, mas também nas ruas, nas igrejas e nas casas das pessoas comuns. Seu legado de mobilização comunitária deixou um impacto duradouro na estrutura social e política de Moçambique, evidenciando o poder da ação coletiva em face da opressão.

Mateus Pinho Gwenjere juntou-se à FRELIMO em um momento crucial da luta pela independência de Moçambique, usou a função do sacerdócio para se dedicar inteiramente à causa libertadora. Sua transição da vida religiosa para o activismo político refletiu seu compromisso profundo com a libertação de seu país. Gwenjere trouxe consigo um fervor moral e ético que reforçou os princípios do movimento, tornando-se uma figura central na mobilização de recursos humanos e materiais.

Dentro da FRELIMO, Gwenjere utilizou suas habilidades organizacionais e sua influência para atrair novos recrutas, especialmente jovens, para a causa da independência. Ele usava sua posição e sua eloquência para inspirar e convencer muitos a se juntarem à luta armada, desempenhando um papel essencial na formação de uma base sólida de combatentes e apoiadores. Suas habilidades em comunicação e liderança foram vitais para galvanizar o apoio popular e manter o moral elevado entre os membros do movimento.

Além de recrutar novos combatentes, Gwenjere foi fundamental na arrecadação de fundos e na aquisição de recursos necessários para sustentar a luta. Ele utilizou sua rede de contatos e sua credibilidade para obter apoio financeiro e logístico, tanto de fontes internas quanto externas. Sua capacidade de mobilizar recursos demonstrou seu valor estratégico para a FRELIMO e sublinhou a importância de sua contribuição para o movimento de libertação.

Gwenjere também se destacou como uma figura inspiradora, cuja paixão e dedicação motivaram muitos a se sacrificarem pela causa. Sua presença dentro da FRELIMO não só fortaleceu a determinação dos membros, mas também ajudou a consolidar a identidade e os objetivos do movimento. Sua habilidade de unir diversos grupos em torno de uma visão comum de independência foi crucial para o progresso da FRELIMO durante um período crítico da luta.

Gwenjere foi uma força motriz dentro da FRELIMO, cuja dedicação inabalável e habilidades de mobilização tiveram um impacto duradouro na luta pela independência de Moçambique. Sua decisão de aliar o sacerdócio e se dedicar à causa nacionalista exemplifica a profundidade de seu compromisso e a importância de seu papel na história do movimento de libertação moçambicano.

### **6.2.3. Impacto no Desenvolvimento Político e Social**

A influência de Mateus Pinho Gwenjere na formação de jovens líderes em Moçambique foi profunda e duradoura. Sua insistência na educação e na conscientização como ferramentas de emancipação foi fundamental para criar uma base sólida de futuros líderes. Gwenjere acreditava que uma nação só poderia prosperar se seus cidadãos estivessem bem educados e conscientes de seus direitos e responsabilidades. Assim, ele dedicou grande parte de seus esforços a mobilizar jovens, não apenas para a luta armada contra o colonialismo, mas também para o desenvolvimento intelectual e moral necessário para liderar a nação após a independência.

Gwenjere organizava encontros e programas educacionais que visavam instalar um forte senso de responsabilidade cívica e ética entre os jovens. Ele incentivava a leitura, o debate e a reflexão crítica sobre questões sociais e políticas, preparando os jovens para enfrentarem os desafios da reconstrução nacional. Seu enfoque na educação criou uma geração de líderes bem-preparados, capazes de tomar decisões informadas e justas em prol do bem-estar do país.

Além de promover a educação formal, Gwenjere também enfatizava a importância da educação prática e comunitária. Ele ensinava habilidades de organização comunitária, planejamento estratégico e liderança, essenciais para a reconstrução de Moçambique após a independência. Sua abordagem holística à formação de líderes ajudou a criar uma base de jovens que estavam não apenas prontos para lutar pela liberdade, mas também equipados para construir uma sociedade justa e equitativa.

O impacto de Gwenjere na formação de lideranças foi evidente nas décadas seguintes à independência, quando muitos dos jovens que ele havia influenciado assumiram papéis de destaque no governo e na sociedade civil moçambicana. Eles trouxeram consigo os valores de

justiça, dignidade e serviço comunitário que Gwenjere havia inculcido neles, ajudando a moldar o desenvolvimento político e social do país.

Gwenjere deixou um legado significativo no desenvolvimento político e social de Moçambique, especialmente no que diz respeito à formação de novas lideranças. Sua influência foi fundamental na preparação de uma geração de líderes capacitados e comprometidos com os ideais de justiça social e liberdade que ele defendia.

Seu papel como mentor e modelo inspirador foi amplamente reconhecido entre aqueles que o seguiram. Ele não apenas incentivava os jovens a se envolverem na resistência armada, mas também os orientava sobre a importância de assumir responsabilidades políticas e sociais na reconstrução do país. Sua abordagem inclusiva e seu compromisso com a igualdade garantiram que esses líderes emergentes estivessem preparados para enfrentar os desafios de um Moçambique independente, promovendo uma governança democrática e participativa.

Assim, o impacto de Gwenjere na formação de lideranças não se limitou apenas à mobilização para a luta armada, mas também se estendeu à construção de uma base sólida para uma sociedade moçambicana mais justa e equitativa. Seu legado continua a ressoar nas instituições políticas e sociais de Moçambique, refletindo-se na persistência de valores de educação, justiça e compromisso com o bem-estar coletivo que ele tão vigorosamente promoveu.

#### **6.2.4. Resistência ao Colonialismo**

Padre Mateus Pinho Gwenjere desempenhou um papel central na resistência ao colonialismo português em Moçambique. Utilizando sua posição na Igreja Católica e sua influência moral, ele desafiou abertamente as autoridades coloniais, tornando-se um símbolo de resistência e coragem. Gwenjere acreditava firmemente na justiça e na dignidade humana, princípios que o motivaram a agir diretamente contra as injustiças perpetradas pelo regime colonial.

Uma das ações mais notáveis de Gwenjere foi sua intervenção em favor das mulheres presas injustamente pelas autoridades coloniais. Demonstrando uma coragem incomum, ele se ofereceu para ser preso no lugar dessas mulheres, um ato de sacrifício pessoal que não só destacou a injustiça do sistema colonial, mas também inspirou seus seguidores a se mobilizarem contra a opressão. Esse gesto heroico minou a autoridade colonial ao expor suas

práticas repressivas e injustas, gerando maior apoio para a causa da independência entre a população local.

Além disso, Gwenjere usava seus sermões e reuniões comunitárias para conscientizar a população sobre a brutalidade e a injustiça do regime colonial. Ele denunciava publicamente as atrocidades cometidas pelas autoridades coloniais e incentivava a resistência ativa. Suas palavras de encorajamento e sua disposição de enfrentar as consequências de suas ações galvanizaram muitos a se juntarem à luta pela liberdade.

A influência de Gwenjere se estendia além das palavras. Ele organizava e apoiava actividades clandestinas que ajudavam a minar o controle colonial. Essas atividades incluíam a distribuição de panfletos, a organização de manifestações e o fornecimento de apoio logístico aos combatentes da FRELIMO. A rede de apoio que ele ajudou a construir foi vital para a resistência e contribuiu significativamente para o enfraquecimento do domínio português em Moçambique.

Gwenjere também desempenhou um papel crucial na construção de uma identidade nacional unificada. Ao enfatizar a luta comum contra a opressão colonial, ele ajudou a unir diversas comunidades moçambicanas em torno de um objetivo comum. Sua visão de uma Moçambique livre, baseada em princípios de justiça e igualdade, ressoou profundamente entre seus compatriotas e foi fundamental para a mobilização popular.

Gwenjere foi uma figura inspiradora e decisiva na resistência ao colonialismo português. Suas ações corajosas e sua capacidade de mobilizar e conscientizar a população contribuíram significativamente para o enfraquecimento do controle colonial e pavimentaram o caminho para a independência de Moçambique.

#### **6.2.4.1. Identidade Nacional**

Mateus Pinho Gwenjere desempenhou um papel fundamental na promoção de uma identidade nacional unificada para Moçambique durante seu envolvimento na luta pela independência. Ele reconheceu a importância de superar as divisões criadas pelo colonialismo português e defendeu uma visão de Moçambique como uma nação coesa e livre.

Gwenjere utilizava sua plataforma na Igreja Católica e suas actividades de mobilização comunitária para enfatizar os valores de dignidade, justiça e igualdade como fundamentais para a identidade nacional moçambicana. Ele argumentava que a libertação do jugo colonial não significava apenas a independência política, mas também a libertação das divisões étnicas e sociais perpetuadas pelo regime colonial. Suas palavras e ações ajudaram a unir pessoas de diferentes origens étnicas e culturais sob um sentimento compartilhado de orgulho nacional e aspirações comuns.

Além de sua retórica inspiradora, Gwenjere promoveu práticas concretas que fortaleceram a identidade nacional. Ele encorajou a celebração de tradições culturais moçambicanas e apoiou iniciativas que destacavam a história e os feitos colectivos do povo moçambicano. Sua abordagem inclusiva e visionária contribuiu para a formação de uma consciência nacional que transcendeu as diferenças regionais e étnicas, unindo o país em sua luta pela autodeterminação e desenvolvimento.

O impacto de Gwenjere na promoção da identidade nacional pode ser visto não apenas durante a luta pela independência, mas também nos anos seguintes. Os valores de dignidade, justiça e igualdade que ele promoveu tornaram-se pilares fundamentais da nação moçambicana, guiando políticas e aspirações sociais que buscavam construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Seu legado continua a inspirar o compromisso comunitário e nacionalista entre os moçambicanos, reafirmando a importância de uma identidade nacional forte na construção de um futuro próspero e unificado para Moçambique.

Ao enfatizar a importância de reconhecer Moçambique como uma entidade nacional unificada, Gwenjere não apenas desafiou a fragmentação imposta pelo colonialismo, mas também incentivou um senso de unidade entre diversas comunidades e grupos étnicos dentro do país. Sua abordagem inclusiva e sua defesa pela igualdade de todos os moçambicanos refletiram-se em suas ações e discursos, que buscavam fortalecer a coesão social e cultural da nação emergente.

Além disso, Gwenjere defendia uma identidade nacional que incorporasse a dignidade de todos os cidadãos, independentemente de sua origem étnica ou cultural. Ele acreditava que a justiça social era essencial para o desenvolvimento harmonioso de Moçambique como uma nação soberana. Seu compromisso com esses ideais ajudou a consolidar uma base sólida de

valores compartilhados que continuaram a guiar o desenvolvimento político e social do país após a independência.

Assim, o legado de Gwenzere na promoção de uma identidade nacional coesa e inclusiva continua a ser um pilar importante na história de Moçambique, destacando-se como um exemplo de liderança visionária que transcendia divisões e buscava a unidade na diversidade.

A contribuição de Gwenzere para a luta de Moçambique por independência não apenas reforça, mas também enriquece essa narrativa histórica. Historicamente, muitos movimentos de libertação no continente africano contaram com o apoio e liderança de figuras religiosas proeminentes. Estas figuras não só forneceram um chamado moral e ético para a resistência contra o colonialismo, mas também mobilizaram efetivamente comunidades inteiras em torno de uma causa comum. Gwenzere exemplifica essa dinâmica ao usar sua posição na Igreja Católica Romana, não apenas para promover a fé cristã, mas também para defender os direitos humanos e a justiça social. Sua convicção de que a dignidade humana é inalienável e sua insistência na educação como um caminho para a libertação refletem princípios encontrados em outros contextos africanos de luta pela independência.

Além disso, a interseção entre religião e política, como evidenciado na vida de Gwenzere, é um tema amplamente explorado na literatura. Sua habilidade de articular uma visão de justiça baseada em valores cristãos e africanos tradicionais não apenas inspirou seus contemporâneos, mas também deixou um legado duradouro que continua a ser estudado e admirado. Portanto, Gwenzere não apenas se alinha com a tradição de líderes religiosos engajados em movimentos de libertação, mas também destaca a complexidade e a riqueza dessas interações no contexto específico de Moçambique.

Este estudo contribui para uma compreensão mais profunda de como as dinâmicas religiosas e políticas se entrelaçam no contexto africano, oferecendo insights valiosos para estudiosos interessados na interseção entre religião, política e movimentos sociais no continente. A análise de Gwenzere não apenas enriquece o entendimento de sua própria história e legado, mas também amplia o conhecimento sobre os padrões globais de mobilização popular e resistência em contextos pós-coloniais.

### 6.3. Análise dos Resultados

A análise aprofundada das entrevistas e dos documentos históricos revela que a defesa da dignidade humana por Mateus Pinho Gwenjere foi um elemento central e inegável de sua atuação como líder e activista em Moçambique. Ao longo de sua trajetória, Gwenjere não apenas proclamou, mas também exemplificou seu compromisso com os direitos fundamentais e a dignidade de todos os moçambicanos, especialmente durante os anos de dominação colonial portuguesa.

Sua habilidade de articular princípios cristãos de justiça social e sua convicção na necessidade de resistência à opressão foram fundamentais para sua capacidade de mobilizar a Igreja Católica e seus seguidores como forças de resistência. Gwenjere entendia que a dignidade humana era uma condição universal e inalienável, e que qualquer forma de opressão ou exploração deveria ser denunciada e combatida activamente pela comunidade religiosa.

Através de suas ações e discursos, Gwenjere não apenas inspirou a população moçambicana a resistir à injustiça, mas também desafiou diretamente as autoridades coloniais portuguesas. Sua posição firme contra as violações dos direitos humanos e sua defesa pública dos oprimidos não só fortaleceram a moral do povo, mas também contribuíram para minar a legitimidade do domínio colonial.

Além disso, a análise dos achados revela que Gwenjere foi mais do que um defensor teórico da dignidade humana; ele agiu de maneira concreta para proteger e empoderar aqueles que eram marginalizados e oprimidos pelo regime colonial. Seu compromisso em defender os direitos das mulheres presas injustamente, por exemplo, não apenas trouxe visibilidade para suas condições desumanas, mas também demonstrou seu compromisso pessoal com a justiça e a igualdade.

A análise dos achados confirma que a defesa da dignidade humana foi não apenas um princípio moral para Gwenjere, mas uma estratégia eficaz de mobilização social e política. Seu legado como defensor incansável dos direitos humanos continua a ressoar em Moçambique, destacando-se como um exemplo de liderança ética e comprometida com a justiça social e a liberdade nacional.

### **6.3.1. Organização dos Dados**

A organização dos dados nesta pesquisa seguiu uma metodologia rigorosa, utilizando técnicas qualitativas para categorizar e analisar as informações coletadas. Os dados foram provenientes de três fontes principais: entrevistas semiestruturadas, análise documental e observação direta. Cada uma dessas fontes foi organizada em categorias temáticas com base nas perguntas de pesquisa previamente estabelecidas. As entrevistas foram transcritas integralmente e, em seguida, organizadas por temas como “mobilização política”, “conscientização religiosa”, “envolvimento na FRELIMO” e “impacto ideológico”. A análise documental envolveu a revisão de cartas, relatórios e documentos históricos que estavam nos arquivos da Torre do Tombo, em Portugal, e em arquivos locais em Moçambique. Esses documentos foram sistematicamente organizados para cruzar informações com as entrevistas.

A análise seguiu o método de análise de conteúdo descrito por Bardin (2011), que permitiu identificar padrões e temas recorrentes nas falas dos entrevistados e nos documentos históricos. Esses padrões foram organizados em categorias analíticas, como “papel da educação religiosa”, “estratégias de mobilização de massas” e “tensões com a FRELIMO”. As observações diretas realizadas nos locais relacionados à trajetória de Gwenjere, como a Missão de Murraça, também foram documentadas e analisadas para oferecer contexto adicional aos dados coletados.

A análise de conteúdo foi realizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. Na pré-análise, foram identificados os objetivos específicos de cada fonte de dados, facilitando a organização temática. Durante a exploração do material, as informações foram categorizadas de acordo com as perguntas da pesquisa, como o impacto de Gwenjere no nacionalismo moçambicano. Por fim, na interpretação, foram estabelecidas relações entre as diferentes categorias, permitindo uma compreensão mais ampla do papel de Gwenjere na luta pela independência de Moçambique. A triangulação dos dados foi fundamental para validar as informações e garantir a robustez da análise.

### **6.3.2. Conscientização e Educação**

A análise detalhada dos dados coletados revela que Mateus Pinho Gwenjere adotou a conscientização e a educação como pilares fundamentais de sua estratégia para fortalecer a resistência moçambicana ao colonialismo português. Ele reconheceu que a verdadeira liberdade só poderia ser alcançada se os moçambicanos estivessem plenamente conscientes de sua situação e capacitados para agir em resposta.

Gwenjere usou sua posição privilegiada na Igreja Católica não apenas para pregar a palavra de Deus, mas também para educar a população sobre seus direitos e a injustiça do regime colonial. Ele acreditava firmemente que o conhecimento era uma arma poderosa contra a opressão, e suas palavras frequentemente incluíam chamados à ação, como “Fungulani Masso” (“abram os olhos”), incentivando o povo a reconhecer e confrontar sua realidade.

Ao promover a educação como uma ferramenta de empoderamento, Gwenjere não apenas aumentou a conscientização política e social entre os moçambicanos, mas também preparou o terreno para uma resistência mais organizada e eficaz. Ele enfatizava a importância da alfabetização e do entendimento crítico das questões que afetavam a vida cotidiana dos moçambicanos, capacitando indivíduos a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades.

Além disso, a análise dos achados sugere que Gwenjere não se limitou a discursos educativos; ele implementou programas práticos para apoiar o acesso à educação e à informação. Suas iniciativas incluíam a organização de encontros comunitários, a distribuição de literatura educativa e o uso de meios de comunicação para difundir mensagens de resistência e conscientização.

Portanto, a estratégia de Gwenjere de utilizar a educação como uma ferramenta de conscientização não apenas fortaleceu a resistência moçambicana ao colonialismo, mas também deixou um legado duradouro de empoderamento e mobilização social. Seu compromisso com a educação como um meio para alcançar a liberdade e a justiça continua a inspirar movimentos de base e iniciativas educacionais em Moçambique, destacando sua visão visionária e seu impacto transformador na história do país.

Os resultados desta pesquisa têm implicações profundas e relevantes para a política pública e para a prática profissional em Moçambique, especialmente no que diz respeito ao

desenvolvimento social e político. A ênfase de Mateus Pinho Gwenjere na educação e na conscientização como instrumentos de empoderamento oferece lições valiosas que podem ser aplicadas de maneira prática nos esforços contemporâneos de transformação social.

Primeiramente, a promoção da educação como uma ferramenta de libertação, como advogada por Gwenjere, pode informar políticas públicas que visam melhorar o acesso à educação de qualidade em Moçambique. Investimentos estratégicos em educação não apenas capacitam indivíduos para participarem plenamente na sociedade, mas também fortalecem a capacidade colectiva de enfrentar desafios socioeconômicos e políticos.

Além disso, a ênfase de Gwenjere na conscientização como um pré-requisito para a ação coletiva pode inspirar estratégias contemporâneas para promover a participação do cidadão e o engajamento político. Iniciativas que visam aumentar a conscientização sobre direitos humanos, justiça social e responsabilidades cívicas podem beneficiar-se diretamente das lições aprendidas com a abordagem de Gwenjere.

O legado de Gwenjere como líder comunitário e político também oferece um modelo inspirador para os atuais e futuros líderes em Moçambique. Sua habilidade de mobilizar comunidades diversas e sua visão de uma nação baseada em dignidade, justiça e igualdade continuam a ressoar como princípios orientadores relevantes para o desenvolvimento nacional.

Por fim, entender e aplicar as lições derivadas da vida e do trabalho de Gwenjere não apenas honra seu legado, mas também oferece um caminho prático e sustentável para fortalecer as instituições democráticas, promover o desenvolvimento econômico inclusivo e construir uma sociedade mais coesa e resiliente em Moçambique. Incorporar esses princípios nas políticas públicas e nas práticas profissionais pode contribuir significativamente para alcançar metas de desenvolvimento sustentável e para a realização do potencial humano em todo o país.

### **6.3.3. Mobilização Comunitária**

A análise dos dados revela que a mobilização comunitária liderada por Mateus Pinho Gwenjere foi não apenas eficaz, mas também distintamente inclusiva e holística. Ele adotou uma abordagem que reconhecia e valorizava a diversidade de perspectivas e experiências dentro da sociedade moçambicana, utilizando isso como um recurso estratégico para fortalecer o movimento de resistência contra o colonialismo português.

Gwenjere demonstrou uma profunda compreensão das dinâmicas sociais e culturais de Moçambique, o que o capacitou a mobilizar apoio de uma base ampla e diversificada. Ele não se limitou apenas aos círculos políticos ou intelectuais, mas também engajou líderes comunitários, anciãos, mulheres e jovens em sua causa. Suas ações foram projetadas para unir diferentes segmentos da sociedade em torno de um objetivo comum de libertação e justiça.

Além de utilizar sua posição na Igreja Católica para organizar reuniões e sermões de conscientização, Gwenjere também se envolveu directamente com as necessidades práticas da comunidade. Ele oferecia apoio direto às famílias carentes, incentivava a solidariedade entre os vizinhos e promovia iniciativas para melhorar as condições de vida das pessoas marginalizadas.

Ao adotar uma abordagem inclusiva e sensível às complexidades da sociedade moçambicana, Gwenjere conseguiu galvanizar um apoio significativo para a causa da libertação. Sua capacidade de inspirar confiança e solidariedade entre diferentes grupos sociais não apenas fortaleceu o movimento de resistência, mas também estabeleceu bases para uma transformação social duradoura após a independência.

Portanto, a mobilização comunitária liderada por Gwenjere não só foi crucial para o sucesso da resistência moçambicana ao colonialismo, mas também exemplificou um modelo de liderança que valoriza a diversidade e promove a participação activa de todos os setores da sociedade na busca por justiça e liberdade. Seu legado como mobilizador comunitário continua a inspirar esforços de desenvolvimento comunitário e engajamento cívico em Moçambique até os dias de hoje.

#### **6.3.4. Envolvimento com a FRELIMO e Divergências**

O papel de Mateus Pinho Gwenjere na FRELIMO foi fundamental e caracterizado por um compromisso profundo e dedicado à causa da independência de Moçambique. Sua decisão de manter-se no sacerdócio e se unir ao movimento revolucionário demonstra não apenas sua convicção pessoal, mas também sua disposição de colocar em prática suas ideologias em prol de um objetivo maior.

Gwenjere trouxe consigo não apenas sua influência como líder religioso, mas também habilidades organizacionais e uma visão estratégica que foram valorizadas dentro da FRELIMO. Ele desempenhou um papel significativo na mobilização de recursos humanos e materiais para o movimento, além de ser uma figura inspiradora para muitos jovens que se juntaram à luta armada.

Apesar de seu compromisso inabalável com a causa da independência, Gwenjere enfrentou divergências internas dentro da FRELIMO. Estas divergências frequentemente giravam em torno de suas ideias sobre governança e a condução da luta armada. Gwenjere defendia uma abordagem mais democrática e inclusiva, enquanto alguns membros da liderança preferiam métodos mais autoritários e centralizados.

Essas tensões internas culminaram em momentos de conflito e desentendimento, levando eventualmente à saída de Gwenjere da organização. Alguns entrevistados interpretaram sua saída como uma deserção forçada devido à frustração de suas tentativas de implementar suas ideias dentro da estrutura da FRELIMO.

No entanto, o legado de Gwenjere dentro da FRELIMO permanece marcado por sua contribuição significativa para os esforços de libertação nacional. Sua capacidade de mobilizar e inspirar, combinada com sua visão de um Moçambique livre e justo, continua a ser lembrada como parte integrante da história moçambicana de resistência e independência.

### **6.3.5. Divergências Internas**

As divergências internas dentro da FRELIMO durante o período em que Mateus Pinho Gwenjere estava activamente envolvido refletem as complexidades típicas de movimentos de libertação. Enquanto o movimento unia-se em torno do objetivo comum de independência, as

diferentes visões sobre como alcançar esse objetivo e como governar após a libertação frequentemente geravam tensões significativas.

Gwenjere era conhecido por sua abordagem mais democrática e inclusiva. Ele enfatizava a importância da participação popular e da consulta na tomada de decisões, vendo esses princípios como fundamentais para a construção de uma sociedade justa e equitativa pós-independência. Sua experiência como líder religioso e sua convicção na dignidade humana influenciavam sua visão de uma governança que respeitasse os direitos e as aspirações do povo moçambicano.

Essa visão, no entanto, contrastava com a inclinação autoritária de alguns líderes dentro da FRELIMO, que favoreciam métodos mais centralizados e decisões unilaterais. Essas diferenças ideológicas e estratégicas muitas vezes levavam a debates acalorados e, em alguns casos, a confrontos diretos sobre o curso da luta armada e a organização interna do movimento.

As tensões resultantes dessas divergências culminaram na saída de Gwenjere da FRELIMO, um evento interpretado de diferentes maneiras pelos entrevistados. Alguns consideraram sua saída como uma deserção forçada, resultado da frustração de suas tentativas de influenciar a direção do movimento. Outros viram sua partida como um reflexo das dificuldades inerentes à gestão de um movimento de libertação com uma base ampla de apoio e diversas ideologias.

No entanto, independentemente das interpretações, é inegável que as divergências internas experimentadas pela FRELIMO durante esse período ilustram as complexidades e desafios enfrentados por movimentos de libertação em contextos de luta pela independência nacional. A história de Gwenjere dentro da FRELIMO continua a ser um estudo de como líderes visionários podem influenciar profundamente o curso dos eventos históricos, mesmo em face de conflitos internos e adversidades externas.

#### **6.4. Limitações do Estudo**

Este estudo enfrentou várias limitações que precisam ser consideradas ao interpretar seus resultados. Uma das principais limitações diz respeito à natureza das fontes utilizadas. Embora tenhamos buscado tanto fontes orais quanto documentais, é importante reconhecer

que essas fontes podem estar sujeitas a vieses e interpretações subjetivas. Por exemplo, entrevistas com indivíduos podem refletir suas percepções pessoais de eventos passados, influenciadas por suas próprias experiências e pontos de vista. Da mesma forma, documentos históricos podem conter lacunas ou distorções, dependendo do contexto em que foram produzidos e preservados.

Outra limitação significativa é a complexidade das relações internas dentro da FRELIMO, o movimento de libertação de Moçambique. Enquanto este estudo explorou as divergências ideológicas entre Gwenjere e outros líderes, é possível que algumas nuances dessas divergências não tenham sido totalmente capturadas. Movimentos de libertação frequentemente enfrentam debates internos intensos sobre estratégias políticas e táticas militares, que podem ser difíceis de documentar de maneira abrangente e objetiva.

Além disso, o contexto histórico em que Gwenjere operava era dinâmico e fluido. Mudanças rápidas nas circunstâncias políticas e sociais podem ter influenciado suas decisões e suas interações com outros atores políticos. Essas nuances contextuais podem não ter sido totalmente exploradas devido às limitações de tempo e recursos disponíveis para o estudo.

É crucial reconhecer que a interpretação dos achados deste estudo pode ser influenciada pela posição e perspectiva do pesquisador. Apesar dos esforços para mitigar vieses através de métodos de pesquisa rigorosos, a interpretação dos dados ainda está sujeita a uma certa dose de subjetividade.

Enquanto este estudo oferece insights valiosos sobre o papel e o impacto de Mateus Pinho Gwenjere, é fundamental reconhecer e considerar essas limitações ao aplicar seus resultados para uma compreensão mais abrangente do período histórico e do movimento de libertação em Moçambique. Futuras pesquisas podem beneficiar-se ao abordar essas limitações com estratégias metodológicas mais robustas e uma análise mais detalhada das dinâmicas internas e externas que moldaram a vida e o legado de Gwenjere.

A existência de pouca bibliografia sobre o assunto em epígrafe, o receio das pessoas questionadas em responder as perguntas, e a distância existente entre Moçambique e Portugal, pois, é na biblioteca portuguesa da Torre de Tombo, onde encontramos vários documentos confidenciais sobre Padre Mateus Pinho Gwenjere.

Como qualquer pesquisa, este estudo enfrentou várias limitações que afetaram o processo de recolha de dados e a análise final. A principal limitação foi a escassez de bibliografia disponível sobre o Padre Mateus Pinho Gwenjere. A figura de Gwenjere, embora importante, não foi amplamente documentada na literatura existente sobre o nacionalismo moçambicano, o que restringiu a quantidade de fontes secundárias acessíveis ao pesquisador.

Além disso, houve resistência por parte dos entrevistados em fornecer informações detalhadas, devido à sensibilidade do tema e às memórias dolorosas associadas ao período colonial e pós-colonial. Muitos dos participantes expressaram receio de falar abertamente sobre suas experiências e suas interações com Gwenjere, temendo repercussões políticas ou sociais. Embora todos os esforços tenham sido feitos para garantir o anonimato dos entrevistados, esse fator afetou a profundidade das informações obtidas.

Outra limitação significativa foi a distância geográfica entre Moçambique e Portugal. Grande parte dos documentos históricos necessários para a pesquisa estavam armazenados nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, dificultando o acesso a essas fontes primárias. O pesquisador teve que lidar com dificuldades logísticas e financeiras para acessar esses documentos, o que impactou a profundidade da análise documental.

Por fim, a morte de várias testemunhas-chave representou uma limitação adicional. Muitas das pessoas que poderiam fornecer informações cruciais sobre o papel de Gwenjere na luta pela independência já haviam falecido no momento da pesquisa, limitando o número de fontes diretas disponíveis para entrevistas.

### **6.5. Perspectivas Futuras**

Para avançar no entendimento do legado e das contribuições de Mateus Pinho Gwenjere, futuras pesquisas podem se concentrar em várias áreas que oferecem oportunidades significativas para expansão e aprofundamento. Uma área crucial é a análise das dinâmicas internas da FRELIMO durante o período em que Gwenjere estava ativo no movimento de libertação. Investigar mais profundamente as relações entre Gwenjere e outros líderes da FRELIMO, assim como as divergências ideológicas e estratégicas que surgiram, pode lançar luz sobre como essas dinâmicas influenciaram a trajetória do movimento e as decisões políticas cruciais.

Além disso, seria proveitoso realizar estudos longitudinais que examinem a evolução das ideologias de Gwenjere ao longo do tempo. Isso poderia ajudar a compreender como suas convicções políticas e sociais foram moldadas por eventos específicos e contextos históricos, e como essas ideologias foram adaptadas em resposta às mudanças nas condições políticas e sociais em Moçambique.

Estudos comparativos representam outra área promissora para futuras pesquisas. Comparar Gwenjere com outros líderes de movimentos de libertação na África pode oferecer insights valiosos sobre as características comuns e distintivas desses líderes, bem como sobre os impactos variados que tiveram nos processos de independência e na subsequente construção nacional. Compreender as estratégias, os desafios enfrentados e os legados deixados por esses líderes pode enriquecer nossa compreensão das complexidades envolvidas nos movimentos de libertação em todo o continente.

Além disso, explorar o impacto de Gwenjere além do período imediato de independência de Moçambique pode revelar suas contribuições duradouras para o desenvolvimento político, social e cultural do país. Investigar como suas ideias e valores continuaram a influenciar as políticas públicas, a identidade nacional e a coesão social ao longo das décadas pós-independência seria particularmente relevante.

Abordar essas áreas de pesquisa oferece não apenas a oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre a vida e o legado de Gwenjere, mas também de contextualizar seu papel dentro de um panorama mais amplo de líderes de movimentos de libertação na África. Essas investigações podem fornecer insights cruciais para acadêmicos, formuladores de políticas e líderes comunitários interessados em entender e fortalecer processos de independência e desenvolvimento nacional.

## **6.6. Visão interventiva do Padre Mateus Pinho Gwenjere em comparação com outros nacionalistas africanos.**

O padre Gwenjere opunha-se a plantação de culturas de rendimento impostas pelo regime colonial português em detrimento da produção de culturas alimentares. Outra política do regime colonial português na época era de que todas as terras baixas, independentemente de serem ou não habitadas, poderiam ser apropriadas por colonos portugueses para cultivarem o algodão. O padre Gwenjere instava os colonos com os seus argumentos a ocupar terras desocupadas e a não remover pessoas das suas áreas de origem. A medida que crescia o número de colonos brancos que ocupavam terras férteis, o padre Gwenjere ia de casa em casa mobilizando o povo para não aceitar ser evacuado das suas terras. Confirmando as informações acima, um relatório da PIDE datado de 1966, dizia que o padre Gwenjere, “além de dizer aos africanos que o governo estava a roubar as suas terras para dar aos brancos, ele aconselhava-os a não cultivar o algodão”.

Quando o administrador de Caia era Ramiro dos Santos Paiva, apelidado de “Matope”, prendia a população local, principalmente mulheres, por se recusarem a cultura de rendimento. O padre Gwenjere visitava prisões pedindo a sua libertação. Em Novembro de 1967, falou na assembleia das Nações Unidas em que ele conseguiu mandar libertar 130 mulheres que haviam sido detidas no posto administrativo de Caia. Algumas dessas mulheres tinham sido presas porque os seus maridos não haviam liquidado os impostos domiciliar, andavam fugitivos, quatro vezes, entre Setembro e Dezembro de 1966, ele inpediu a prisão de mulheres africanas cujos maridos tinham-se escondido para não pagar os impostos. Continuando, o padre Gwenjere disse que os homens negros eram procurados pelas autoridades coloniais portuguesas para “serem vendidos aos Boers sul-africanos para realizar trabalho forçado”. Ao mesmo tempo, os negros eram procurados para cultivarem algodão e pagarem impostos.

O recrutamento dos jovens em Murraça, Mutarara, Tete e Mopeia, Padre Mateus Pinho Gwenjere, com o seu slogan “fungulani maso” em português significa ‘abram os olhos’, com a sua batina, andou em muitos locais, primeiro, pelos distritos banhados pelo rio Zambeze e, posteriormente, por terras longínquas, pregando a mensagem de Deus, a salvação e a libertação pela fé, por meio de Jesus Cristo, mas também explicava a “imperiosidade” dos homens unirem para se libertarem do jugo colonial português. Por que o padre era considerado carismático, muitos jovens lhe questionavam, o que era necessário para alcançar esta libertação. A resposta do padre era: “venham à missão de Murraça” (Caetano, 2015).

Os que escutavam os conselhos, muitos deles eram jovens, incluindo os de Murraça, Mutarara, Tete, Mopeia e Zambézia, iam ao encontro do sacerdote. E era a partir de Murraça onde recebiam instruções para Tanzânia, passando por Malawi, e descansavam em casa do seu cunhado (cunhado do padre Gwenjere) e, às vezes, recebiam dinheiro de viagem. Assim, muitos eram recrutados pelo padre. Em alguns casos, numa família saíam mais de dois membros para se juntarem à FRELIMO.

Conforme um ex-estudante do padre de Murraça, contou a este autor o seguinte: no seu quarto, da missão de Murraça, todos os dias entre 13:00h e 19:00h horas, juntamente com alguns dos seus estudantes, escutavam, clandestinamente, a Rádio A Voz da FRELIMO, cujo locutor era o falecido Rafael Maguni, o programa era uma espécie de Educação Política para os moçambicanos aderirem à revolução e à luta armada contra a dominação colonial estrangeira.

### **6.7. Reflexão Crítica sobre os Dados e Resultados**

A análise crítica dos dados revelou uma série de questões que merecem atenção mais detalhada. Primeiro, o papel de Gwenjere na mobilização política por meio da religião demonstra uma dimensão pouco explorada no estudo dos movimentos de libertação africanos: o uso da fé como mecanismo de resistência. A maioria das narrativas históricas se concentra nas figuras militares e políticas, mas Gwenjere usava uma abordagem espiritual para unir as comunidades em torno de um ideal nacionalista. Isso sugere que a resistência em Moçambique foi muito mais multifacetada do que geralmente se admite, combinando esforços militares com formas sutis de resistência ideológica e cultural.

No entanto, os dados também levantam questões sobre como a historiografia oficial da FRELIMO tratou a figura de Gwenjere. Embora ele tenha sido crucial na mobilização de jovens e na promoção da causa nacionalista, sua contribuição foi marginalizada, provavelmente devido a tensões internas no movimento e à necessidade de consolidar uma narrativa oficial em torno de líderes como Samora Machel. Essa reflexão crítica aponta para a necessidade de reconsiderar as contribuições de outros líderes ideológicos que foram essenciais, mas que não receberam o mesmo reconhecimento. A marginalização de Gwenjere reflete uma tendência comum em movimentos de libertação, onde certos actores são exaltados enquanto outros são esquecidos por razões políticas.

Os resultados da pesquisa mostraram que o Padre Mateus Pinho Gwenjere teve um papel fundamental na conscientização política e na mobilização das massas em Moçambique durante o período colonial. Os dados coletados através das entrevistas revelaram que Gwenjere utilizava a educação religiosa como uma ferramenta de resistência contra o colonialismo português, promovendo a dignidade humana e a justiça social como princípios-chave do movimento de libertação. Os participantes das entrevistas destacaram que Gwenjere usava sua posição na Igreja Católica para organizar e mobilizar as comunidades locais, transformando a Igreja em um espaço de resistência política. Sua influência era sentida não apenas na conscientização política, mas também na forma como ele incentivava a população a se engajar diretamente na luta armada.

A análise documental corroborou essas percepções, revelando que Gwenjere mantinha correspondências com outros líderes religiosos e políticos em Moçambique, nas quais discutia estratégias para mobilizar os jovens e desafiava as autoridades coloniais. Os documentos também mostraram que Gwenjere estava diretamente envolvido na organização de redes de apoio logístico para a FRELIMO, o que reforça sua importância na luta pela independência. Através da análise de conteúdo, foi possível identificar padrões claros de atuação de Gwenjere, como seu foco em educação, sua utilização da religião como plataforma política e seu papel como mobilizador de massas.

Os resultados também apontaram para a marginalização de Gwenjere na historiografia oficial. Os documentos e depoimentos sugerem que, após a independência, sua figura foi gradualmente suprimida das narrativas dominantes da FRELIMO, devido a conflitos internos e divergências ideológicas. Isso levanta questões importantes sobre o processo de construção de narrativas históricas e o silenciamento de vozes dissidentes dentro de movimentos políticos. A interpretação dos resultados reforça a importância de reconsiderar o papel de Gwenjere no contexto da libertação de Moçambique, colocando-o como uma figura central, embora marginalizada, nesse processo.

Por fim, os dados indicam que o impacto de Gwenjere transcende o período da luta pela independência. Sua abordagem para combinar educação e política pode servir de inspiração para movimentos contemporâneos de resistência, tanto em Moçambique quanto em outros contextos. A reflexão crítica sobre os dados sugere que Gwenjere foi um precursor de práticas

políticas que utilizam a religião como base para a mobilização e conscientização social. Isso abre novas perspectivas para o estudo do papel da religião na política africana, bem como para a compreensão da construção de narrativas históricas pós-coloniais.

## **6.8. Triangulação dos Resultados**

A triangulação dos resultados foi realizada para garantir a validade e a confiabilidade das informações obtidas. A triangulação é um método que envolve o cruzamento de diferentes fontes de dados para verificar a consistência dos resultados e minimizar possíveis vieses. Neste estudo, a triangulação foi aplicada integrando os dados obtidos nas entrevistas, nos documentos históricos e nas observações diretas feitas durante o estudo de campo. As entrevistas forneceram percepções pessoais e contextuais sobre o impacto de Gwenjere, enquanto os documentos históricos forneceram uma base factual que ajudou a contextualizar e validar as experiências relatadas pelos entrevistados.

Por exemplo, as entrevistas com antigos membros da comunidade que foram influenciados por Gwenjere indicaram que ele desempenhou um papel crucial na organização de redes de apoio à FRELIMO. Essa informação foi corroborada por documentos encontrados nos arquivos da Torre do Tombo, que mostravam correspondências entre Gwenjere e outros líderes religiosos e políticos, nas quais discutiam estratégias de resistência. Além disso, as observações feitas durante as visitas a locais históricos, como a Missão de Murraça, ajudaram a fornecer contexto adicional, permitindo que o pesquisador verificasse as informações fornecidas pelos entrevistados e os documentos.

A triangulação também foi importante para identificar discrepâncias entre as fontes. Por exemplo, alguns documentos oficiais da FRELIMO minimizam o papel de Gwenjere, enquanto os depoimentos orais sugerem que sua influência foi muito maior do que o reconhecido. A triangulação permitiu uma análise mais equilibrada e crítica desses dados, destacando as possíveis razões políticas para o apagamento de sua figura da narrativa oficial. Dessa forma, a triangulação dos resultados não apenas fortaleceu a validade dos achados, mas também ajudou a revelar as complexas dinâmicas de poder envolvidas na construção das narrativas históricas de Moçambique.

### **6.8.1. Alcance dos Objectivos Específicos**

Os objetivos específicos desta pesquisa foram amplamente alcançados através da análise detalhada dos dados coletados e da triangulação das diferentes fontes de informação. O primeiro objetivo, que buscava examinar o papel de Gwenjere na mobilização política, foi cumprido ao identificar como ele utilizou sua posição como líder religioso para conscientizar as comunidades e incentivar o envolvimento na luta pela independência. As entrevistas e os documentos históricos corroboraram sua influência na mobilização de jovens e adultos para a causa nacionalista. O segundo objetivo, que visava explorar as alianças políticas e ideológicas de Gwenjere, foi atendido ao revelar sua correspondência com outros líderes políticos e sua participação em redes de apoio à FRELIMO.

O terceiro objetivo, que consistia em avaliar a percepção internacional sobre Gwenjere, foi parcialmente atingido. Embora os dados mostrem que sua figura não teve grande projeção internacional, suas estratégias locais e regionais de resistência tiveram impactos duradouros na sociedade moçambicana. Por fim, o quarto objetivo, que buscava investigar a marginalização de Gwenjere na historiografia oficial, foi amplamente explorado, revelando as dinâmicas internas de poder dentro da FRELIMO que contribuíram para o apagamento de sua figura das narrativas históricas dominantes.

Além disso, as questões de pesquisa que guiaram a tese também foram respondidas de forma satisfatória. A pergunta central sobre como Gwenjere influenciou o movimento de libertação foi abordada em todas as etapas da análise, demonstrando que ele desempenhou um papel crucial, embora frequentemente negligenciado, na formação de um movimento nacionalista em Moçambique. As questões auxiliares, relacionadas à sua marginalização e ao impacto de suas ações, também foram respondidas de maneira clara, baseadas na triangulação dos dados.

## CONCLUSÃO

A presente tese, procurou investigar e compreender o Percurso nacionalista, patriótico e revolucionário do padre Mateus Pinho Gwenjere em Moçambique (1965-1980), um sacerdote católico, nascido numa família guerreira, o pai era “Saphanda” – um chefe tradicional, chamava-se Saphanda Gwenjere.

Nascido na machamba, debaixo de chuviscos, no dia 19 de Novembro de 1933. Cresceu como qualquer criança da sua época, fez todos os trabalhos que a sua idade devia fazer. Diferenciava dos outros nos estudos. Ele estudou, ensinou, foi catequista, professor e director nas escolas missionárias pertencentes a igreja Católica no actual distrito de Caia, que estavam instalados nos regulados da mesma circunscrição. Aprendeu muito sobre o nacionalismo com o bispo da Beira, Dom Sebastião Soares de Resende, e seu superior na missão de Murraça o padre Charles Pollet. Dom Sebastião Soares de Resende escreveu sobre Charles Polett no seu diário nos seguintes termos:

*“Recebi um sacerdote chamado Pollet, o melhor dos Padres Brancos em Moçambique. Ele é zeloso, activo, etc. Se eu tivesse uma dezena de padres como ele, revolucionariam a minha diocese em pouco tempo” (Laweki:2019,p.111).*

Além destes dois homens missionários, o padre foi influenciado pela situação que se vivia na sua terra natal e em Moçambique no geral, caracterizada pela exploração no âmbito político, económico e social, a que os nativos eram submetidos. As independências de outros países africanos, precisamente a partir de 1960, contribuíram bastante, adicionado a isto, muitas leituras, de filósofos e politólogos ocidentais, tais como Santo Agostino, Thomas Morus, Jean Bodin, Thomas Hobbes, John Locke, Montesquieu e outros que despertaram ao jovem Sacerdote que acabava de sair do seminário da Namaacha, em Lourenço Marques, actual Maputo, sobre a necessidade da liberdade e da independência.

Por isso, depois de consagrado na igreja católica de Macuti, na cidade da Beira, pelo bispo Dom Sebastião de Resende, foi pelo mesmo, afecto na sua terra natal, em Murraça e foi lá onde começou a demonstrar o seu nacionalismo a sua revolução a favor dos oprimidos. Padre Mateus Pinho Gwenjere, defendeu os direitos do povo nativo, promoveu a língua local, opunha-se a produção de culturas de rendimento em detrimento da produção de culturas alimentares, foi interrogado muitas vezes pela PIDE e também, várias vezes tentou aliciá-lo.

Respondendo a questão principal desta tese, sobre o “Percurso nacionalista, patriótico e revolucionário do Padre Mateus Pinho Gwnjere (1965-1980) e o seu suposto fuzilamento (Ordem de Acção no. 5/80), provavelmente, devido antagonismo com a Direcção do movimento libertadora (FRELIMO), marcadamente pela divergências de ideias, que deveria ser considerada de normal numa organização social e, de carácter partidária e, com objectivo de libertação do jugo colonial fascista português. Foi necessário fazer uma análise dos principais acontecimentos que marcaram a génese da FRELIMO, bem como a sua trajectória desde o período em que iniciaram as suas actividades político-militares até à proclamação da independência nacional.

Daí surgiu, com muita naturalidade, a resposta que esta tese confirma: O fuzilamento do padre Mateus Pinho Gwnjere, teve origem na divergência ideológica, concretamente, o regionalismo e as profundas diferenças conceptuais sobre o tipo de sociedade a instaurar em Moçambique, após a independência que alcançou em 25 de Junho de 1975. Uma das razões era o antagonismo entre a origem dos três movimentos que fundaram a FRELIMO, nomeadamente, a UDENAMO, a UNAMI e o MANU. Sendo o primeiro formado no Zimbabue e nas suas fileiras estavam pessoas oriundas da região sul e centro de Moçambique. A UNAMI, militavam neste movimento a maioria e ou quase todos membros provinientes da região centro e, por fim a MANU, era composta quase na totalidade pelo povo Makonde, seguindo exemplos do Quênia e/ ou da Tanzânia.

Em relação à acção contestária da política colonial portuguesa, conduzida pelos movimentos nacionalistas moçambicanos, como foi o caso da UDENAMO, UNAMI e MANU, que em Junho de 1962 fundiram-se e formaram a FRELIMO. Era única força militar que tinha o objectivo de, expulsar o colonizador fascista português e conquistar a independência nacional. Pouco tempo depois, devido os conflitos na sua maioria de direcção e de sucessão, surge nesta época, uma nova UDENAMO, nova UNAMI e nova MANU, desligando-se da FRELIMO, dirigido nessa altura pelo Dr. Eduardo Chivambo Mondlane. (Diario de Moçambique, 2012).

A conjuntura no seio da Frelimo, agudiza-se após a morte de Eduardo Chivambo Mondlane, primeiro presidente da Frelimo, em 03 de Fevereiro de 1969, por volta das 9.00 horas da manhã, e com a rejeição da sucessão de Uria Timóteo Simango, então vice-presidente não foi

aceite para suceder temporariamente o cargo do presidente, até a realização do congresso para a eleição de novo presidente. Deste modo foi formado um triunvirato para chefiar os destinos da FRELIMO, composto por Samora Moisés Machel, Marcelino dos Santos e o próprio Uria Simango, este procedimento estabeleceu mais as discrepâncias no seio do movimento.

Este acontecimento, veio piorar a ambiente já deteriorada dentro da FRELIMO e, surgem neste período, outros movimentos nacionalistas separatistas. Embora o objectivo de libertar o país estivesse claramente definido no seio dos nacionalistas moçambicanos na Tanzânia, as contradições no seio daqueles movimentos nacionalistas foram uma constante. Padre Mateus, pouco sabia destas contradições, o que mais recebia pela rádio da FRELIMO, era uma propaganda, que mais incetivava a unidade nacional e o desejo da independência, à semelhança de vários países africanos que nessa altura já usufruíam dos benefício de liberdade dos seus povos e da sua terra.

Padre Mateus Pinho Gwenjere, conforme os seus ex-estudantes, afirmaram que ele em alguns momentos, falava do tipo de democracia que defendia, a alternância do poder por meio de Congressos periódicos e regulares e ou eleições dos dirigentes, também, era defensor de federalismo.

A história libertação de Moçambique, apesar de rebuscar e se alimentar dos seus traços culturais, é muito mais recente. Inspirada nas lutas de resistência contra a ocupação estrangeira e colonial, sobretudo nos finais de Século XIX, e início do século XX, na década cinquenta, a luta foi iluminada pelas correntes independentistas, dos pós II Guerra Mundial, particularmente nos países africanos. Na década de 60 do século XX, tornava-se mais clara a estratégia de erradicação do sistema colonial, com a unificação dos três movimentos então existentes, criando-se a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), em 1962.

O surgimento desta Frente estimulou a aderência de muitos moçambicanos à causa da libertação nacional. Com efeito, assistiu-se as movimentações que saíam de todos os cantos de Moçambique, tendo como ponto de concentração, a cidade tanzaniana de Dar-Es-Salaam, onde estava estabelecida a sede da FRELIMO.

Conforme intenção expressa, nesta tese, procurou-se ser tão isenta quanto possível, recorrendo-se para isso, à fontes várias em que transparecem, naturalmente, perspectivas muito diferentes. Tem-se consciência de que o trabalho realizado tende a revelar que o padre Mateus

Pinho Gwenjere lutou para a defesa da liberdade, auto determinação e democracia com objectivo de melhorar as condições de vida das populações moçambicanas, onde almejava uma sociedade constitucionalmente igualitária, que resultasse das urnas e o partido que apresentasse o melhor programa de governação sairia vencedora. Padre Gwenjere sonhava com um país, onde a diferença de ideias não podia ser o motivo da exclusão, mas de fortificação da instituição governativa.

Este tema relacionado com o padre Mateus Pinho Gwenjere, é polémico. Ao longo dos anos, sobre Padre Mateus Pinho Gwenjere, Uria Timóteo Simango, Joana Simeão, Lázaro Nkavandame e tantos outros, que foram apelidados de reaccionários, racistas, tribalistas e contra-revolucionários. Mas, analisando os seus percursos políticos, podemos provar o contrário, pois na sua maioria eram pessoas instruídas, formadas no saber, em especial nas ciências humanas, com condições de vida social e económica e até académicamente estáveis. Estavam preocupadas com o bem-estar da vida da maioria ou mesmo de todos moçambicanos. Mas, isso estava distante da realidade dos ideais dos líderes da FRELIMO, por isso, foram abatidos.

O padre Mateus Pinho Gwenjere pressentiu que a sua vida estava em risco e escreveu uma carta ao seu amigo em língua sena mostrando este desconforto. Infelizmente, ele não escreveu uma obra de realce, mas várias correspondências citadas por Laweki (2019), no seu livro *Mateus Pinho Gwenjere: um Padre Revolucionário*.

Ao longo de quase quatro décadas, isto é de 1975 até 2003, ano em que foi publicada a primeira edição do livro de Barnabé Lucas Ncomo, com o título “Uria Simango Um homem, Uma Causa” em 2015, Baptista Comessário Caetano, na sua Dissertação para obtenção do grau de Mestrado escreveu “A violência Política em Moçambique: Caso do padre Mateus Pinho Gwenjere”, e em 2019 foi a vez de Lawe Laweki publicar o livro “Mateus Pinho Gwenjere: um Padre Revolucionário”, com objectivo único de mostrar a outra face da História da Luta de Libertação de Moçambique.

No livro “A Cura de Memórias” do padre branco anglicano chamado Michael Lapsley<sup>56</sup>, citado por Lawek, explica, “Precisamos de nos lembrar do passado sem sermos prisioneiros do mesmo”.

Tentando seguir o exemplo do presidente tanzaniano Julius Nyerere que em 1977, através do perdão presidencial, libertou a Bibi Titi Mohamed<sup>57</sup>, que tinha sido condenada a prisão perpétua acusada de conspiração para derrubar o governo, Samora Machel, falando no dia do desfile dos prisioneiros, na presença dos presidentes Julius Nyerere e Kenneth Kaunda, disse que, embora as suas actividades anti-revolucionárias tivessem prejudicado e atrasado a vitória final da luta de libertação do povo moçambicano os “reaccionários” não seriam mortos. Segundo ele, eles acabariam sendo libertos e levados pelo país inteiro para verem como a FRELIMO estava a desenvolver Moçambique.

Infelizmente, Machel, não conseguiu cumprir com a sua promessa, de que os “reaccionários” não seriam mortos pelo contrário, os considerados presos políticos ou “reaccionários” foram eliminados, naquilo que foi considerado de julgamento revolucionário e a sentença decretada pelo Tribunal Popular Revolucionário, mais tarde, isto é, através da Lei nr. 2/79, da pena de morte, foi promulgada a 1 de Março e em 29 de Março de 1979, Samora Machel promulga

---

<sup>56</sup>A Cura de Memórias, Testemunho do Padre Michael Lapsley, que chegou na África do Sul, no auge do Apartheid, simpatizou-se e depois tornou membro do ANC, foi um dos membros da Comissão da Verdade e Reconciliação (T.R.C.) sigla em inglês. Em Setembro de 1976, foi expulso da África do Sul e foi viver para Lesoto. Foi lá onde se juntou com ANC, e ficou capelão dos membros, do ANC por 16 anos seguintes. Citado por Lawe Laweki, no seu livro publicado em 2019, com o título *Mateus Pinho Gwenjere-Um Padre Revolucionário*, pág. 19.

<sup>57</sup>Bibi Titi Mohamed, nasceu em 1926 em Dar-Es-Salaam, filha de pais muçulmanos. Estudou até ao quarto ano do ensino fundamental, na escola para meninas muçulmanas Uhuru. Muito além do que a maioria das meninas muçulmanas da época. Casou com Mzee Bin Haji num casamento arranjado pelos seus pais quando tinha 14 anos de idade. Juntos tiveram um filho. Tempos depois, se divorciaram, casou-se por amor com Buku bin Athamani. Em 1955, entrou para o Partido União Nacional Africana da Tanzânia (TANU), se tornando a líder da ala feminina. Neste período, mobilizou mais de 6.000 mulheres para aderir ao movimento nacionalista. Durante a transição da independência, fez parte do Conselho Legislativo, lutando pelo desenvolvimento rural e pela igualdade de acesso ao emprego, a educação e à saúde. Foi líder da Umoja Wawananawakewa Tanzânia (União da Mulheres da Tanzânia). Após formalizada a independência, do país, Nyerere se torna presidente. Em 1961, Mohamed foi a ministra das Mulheres e Assuntos Sociais até 1965, quando perdeu a sua cadeira parlamentar e não pôde ser mais ministra. Continuou como líder da ala feminina do seu partido. Em 1967, o partido emite a Declaração de Arusha, sobre o Socialismo e Autossuficiência, onde Bibi Mohamed se mostrou contra alguns pontos, e renunciou todos os cargos que possuía dentro do Partido. Em 1969 foi presa, mesmo alegando inocência, foi acusada de conspiração contra Nyerere e condenada à prisão perpétua. Em 1972, foi solta com indulto presidencial. Com sua soltura Mohamed se afastou da vida pública e foi viver em Dar-Es-Salaam, com a sua família. No ano de 1991, durante a comemoração do 30º aniversário da independência de Tanganica. O nome de Mohamed foi mencionado e foi reconhecida como heroína da independência. Em sua homenagem baptizaram a principal via de Dar-Es-Salaam com seu nome. Faleceu em 05 de Novembro de 2000, num hospital na África do Sul. (Mwakideu, Chrispin – 17 de Janeiro de 2020) e (Bigrafia de Mulheres Africanas. Instituto Latino-Americano de Estudos avançados-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 26 de Junho de 2020).

adicionalmente a nr. 3/79 de 3 de Março, que instituía o TMR (Tribunal Militar Revolucionário).

Adelino Timóteo (2020), no seu livro *Afonso Dhlakama “A longa luta em Defesa da Democracia”*, publicado em 2020, explica que esta lei tinha efeitos retroactivos, possivelmente para formalizar execuções sumárias, como na famigerada Ordem de Acção 5/80, em que consta padre Mateus Pinho Gwenjere como um dos executados, assinada pelo Ministro da Segurança Jacinto Veloso, que legalizara o assassinio dos mais famosos presos políticos”. Porém, não menciona o local e a data das execuções.

Supreendentemente, na região sul de Moçambique, não houve nenhuma actividade organizada que teve êxito na luta contra a soberania portuguesa neste período. Embora a história oficial descreva a existência do NESAM<sup>58</sup>(Núcleo dos Estudantes Secundários Africano de Moçambique), conforme o livro publicado em 2004, de Renato Matusse (2004), com o título “Guebuza, a Paixão Pela Terra”. Para o Major General na Reserva, Mariano Matsinha ao falar da NESAM diz que “a nossa associação tinha em vista apoiar outros irmãos negros na superação escolar pois os que não tinham recursos não teriam, de outro modo, acesso a um explicador”. Enquanto, no livro “Vidas, Lugares e Tempo”, publicado em 2014, Chissano descreve como principal actividade do Núcleo, quando lá entrou, a ajuda mútua nos estudos. Diz ele, os das classes avançadas davam explicações aos das classes mais atrasadas. Realizavam-se debates sobre vários temas na base das matérias escolares, tais como Literatura, História e aspectos da nossa vida tradicional. As actividades culturais eram realizadas aos sábados e consistiam em teatro, poesia e canção, geralmente, uma canção para mostrar que já tínhamos ascendido à civilização portuguesa. Cantava-se o fado e a música brasileira, tentando imitar ao máximo os cantores originais.

---

<sup>58</sup>Conforme o livro publicado em 2004, de Renato Matusse, com o título “Guebuza A Paixão Pela Terra,” na pág. 28 O NESAM – Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique, foi formado por Eduardo Mondlane em princípio de 1949 durante a sua estadia de férias em Lourenço Marques . Este organização teve como presidentes, além de Eduardo Mondlane como fundador , Joaquim Alberto Chissano que deixou a direcção do NESAM em 1959 e Armando Emílio Guebuza, eleito Presidente do Núcleo em 1963. Por outro lado, no livro intitulado Vidas, Lugares e Tempo de Joaquim Alberto Chissano, publicado em Fevereiro de 2014, na sua 2ª Edicao nas páginas 154-155, apresenta a lista dos dirigentes do NESAM da seguinte forma:: Primeira Direcção: Presidente de 1950-1951 foi Eduardo Chivambo Mondlane, Segunda Direcção : Presidente : Fernando Machungo (Pai do Mário da Graça Machungo que foi primeiro Ministro de Mocambique e depois Presidente do Conselho de Administração do Banco Internacional de Moçambique-Millennium BIM), terceira direcção de 1954-1955 tinha como presidente Americo de Castro Ferreira e a quarta direcção era presidida por Gabriel Simbine e tinha como 1º Secretario Inacio Simbine (Trabalhou como escrivão no tribunal de Maputo e era primo de Sebastião Marcos Mabote, antigo chefe do Estado Maior General das FPLM).

A liderança do novo movimento criado em Junho de 1962 (FRELIMO), a partir de 1967, cinco anos depois da sua fundação, e três anos depois do início da luta armada, foi quase na totalidade das pessoas provinientes da região sul de Moçambique, e isto provocou várias manifestações e revoltas no seio do movimento, que afectou negativamente o desenrolar da guerra no campo de batalha no interior de Moçambique. À exemplo disto, foi a morte de Kankhomba, e tumultos no Instituto Moçambicano que culminou com o seu encerramento.

Os que dirigiram Moçambique depois da independência, mais de 90%, começando pelo presidente, ministros, governantes, administradores distritais, chefes do posto, directores nacionais, directores provinciais e de empresas, incluindo chefes de muitas lojas do povo espalhadas por todo Moçambique, criados na era samoriana, quase todos vinham da região sul. Os provinientes da região centro e norte do país, para a maioria dos combatentes de libertação nacional, passaram a ser considerados traidores, reaccionários e contra-revolucionários. E os que continuaram eram considerados como verdadeiros lutadores, ou tombaram em combate ou mesmo por outras vias. Os restantes valorizados depois da independência desempenharam funções menores, eram considerados obedientes as ordens, pois assumiam-nas tal como eram emanadas.

É evidente que a direcção da FRELIMO, cortava qualquer sistema democrático e, mesmo antes dos acordos de Lusaka, iniciou com prisões, eliminações físicas de opositores, com a benevolência de alguns comandos militares portugueses que ordenaram às tropas portuguesas para que não se misturassem nesses assuntos.

À par da sua formação religiosa, um padre Católico, que passou por dois Seminários, nomeadamente, Seminário Menor de Zómbue, na actual provincia de Tete, no centro de Moçambique e Seminário Maior de Namaacha, na actual provincia de Maputo, padre Mateus Pinho Gwenjere possuía, no mínimo a equivalência do actual nível de Licenciatura.

Da mesma forma, à nível internacional não se sabe quantas personagens, ligados a libertação de África e, em especial de Moçambique, que conviveram ou conversaram com o padre Gwenjere, mas, conhece-se que já jantou com Julyus Nyerere, presidente da Tanzânia, já esteve por várias vezes com o vice-presidente da Tanzânia, com o ministro do interior da Tanzania, Óscar Kambona, com o funcionário da ONU William Sach, com presidente queniano Jomo Kenyata, e com os irmãos presidente dos EUA, J. F. Kenned.

No entanto, as coisas mudaram ligeiramente em 1990, com a introdução da nova Constituição da República. Padre Mateus Pinho Gwenjere continua a ser referência quando se fala de figuras que se sacrificaram muito para libertar Moçambique.

Antes de se juntar à FRELIMO (na clandestinidade), o padre Mateus Pinho Gwenjere despiu-se do sacerdócio e abraçou a causa política. Mobilizou jovens no Centro Educacional de Murraça para aderirem ao movimento de luta de libertação nacional, liderado pela FRELIMO sob o argumento de libertar o povo das injustiças políticas, sociais e raciais pois, em encontros dos bispos na Cidade da Beira, houve a condenação do governo colonial e a restrição de direitos ao povo moçambicano.

A demonstração do seu patriotismo era notável quando regularmente visitava os prisioneiros. Em conversa com eles, procurava saber as circunstâncias da detenção. Quando a causa fosse política, o padre se opunha e, às vezes, dispunha-se a pagar para a soltura dos mesmos.

A pesquisa encontrou elementos suficientes que nos permitem concluir que, o pensamento nacionalista do padre Mateus Pinho Gwenjere se revelou na importância de construir um Estado de direito pluripartidário. Pois, informações confidenciais arquivadas na Torre de Tombo, comprovam que o padre foi contactado por diversos grupos políticos que o aspiravam, como vice-presidente, aliciados pela sua capacidade de persuadir as massas populares a aderirem por via de luta armada para a libertação do país, foram exemplos os partidos FUMO, COREMO e PCN. Ele (padre Mateus Gwenjere), recusou desempenhar qualquer cargo na direcção política, pois, para ele, contrastava com o seu juramento de sacerdócio. Aceitando somente, se os dirigentes desses partidos e a maioria dos seus membros, o inditassem a responsabilidade de conselheiro, pois tinham em vista ajudar os partidos a serem mais diversificados nas suas políticas sociais, pois, a ideia de monopartidarismo que havia vivido na FRELIMO não satisfazia o seu pensamento de aceitação de ideias contrárias vindas de moçambicanos.

Em 1974, aceitou juntar-se ao COREMO e, juntamente com outros partidos civis que se tinham formado naquela altura, pressionaram o governo português e a FRELIMO a aceitarem a sua participação nas negociações dos Acordos de Lusaka de modo a permitir a pluralidade de ideias, que eram ideais para diferentes grupos de população a que eles representavam. Assim, se tivessem sido permitidos estariam criadas as condições de uma base legal para o

pluripartidarismo em Moçambique. Esse pensamento político, provavelmente evitaria o ressurgimento do movimento armado que conduziu a guerra civil pós-independência.

Esperava-se que depois da assinatura dos Acordo de Lusaka, na Zâmbia, em 07 de setembro de 1974, houvesse eleições multipartidária, por isso muitos moçambicanos exilados na diáspora, voltaram ao seu país de origem, que é Moçambique, como foi o caso de Uria Timóteo Simango, exilado no Egito, fundou com outros o Partido de Coligação Nacional (PCN), padre Mateus Gwenjere, que estava em Kénia, passa a função de Conselheiro do PCN.

Além dos partidos mencionados acima, no auge dos Acordos de Lusaka, reaparecem e ou surgem novos partidos, tais como MONIPAMO em 1974, liderado pelo Murrupa Basílio Banda, MONIREMO, de Pedro, CONVERGÊNCIA, uma coligação de UNIPOMO de Lázaro Nkavandame, FICO, de Máximo Dias e Joana Simão, FRECOMO, liderado por Joana Simeão, GUMO de Máximo Dias e Joana Simeão, MANC de Peter Baramanja e Jack Ntundumula, PAPOMO formada em 1966 e tinha como seu líder Gumane, FUMO que tinha como líderes Domingos Arouca, Marcelino Mbule, Álvaro Recio e Cardia Matias, FUNIPAMO, fundada em 1967/68 de Adelino Gwambe, MOLIMO fundada em 1970, tinha como líder fundador Henriques Nyankale. E por fim em 23 de setembro de 1976 em Maputo, o dr. Domingos Arouca, funda o Partido FUMO/PCDRN, por dissidentes da FRELIMO, com objectivo de repor a legalidade democrática. (Arouca, 1991).

A Frente Unida de Moçambique/Partido de Convergência Democrática e Reconciliação Nacional, pretendia manter todos os democratas que historicamente congregaram desde a primeira hora na sua luta contra o comunismo. Buscava manter, nos primeiros anos, no seu seio, todas as correntes de opinião que as compõe – Socialismo democrático, sociais-democratas e democratas-cristãos (Arouca:1991).

Todos estes partidos estavam dispostos à concorrer com a FRELIMO, para obtenção do poder e, infelizmente o desejo da maioria dos moçambicanos, foi negado e, os fundadores e respectivos dirigentes foram presos e outros enviados para centros de reeducação.

Em 1990, quinze anos depois da independência, no auge da guerra civil, que ceifou mais de um milhão de pessoas e mais de quatro milhões de refugiados, interno e externo e, com um número elevado de feridos e mutilados, o segundo presidente de Moçambique independente,

Joaquim Alberto Chissano, promulga a nova Constituição da República, permitindo desta forma, a transição do monopartidarismo para multipartidarismo, dando direito a existência de vários partidos políticos. Até que enfim, o desejo do padre e, de outros moçambicanos exilados, é plasmado constitucionalmente.

Foi permitido a formação de partidos políticos. Alguns antigos partidos ressurgiram, e outros mudaram os seus nomes originais, mas, com mesmo líderes, e ainda se formaram novos partidos políticos.

E em 1994, dezanove anos depois da independência, realizaram-se em Moçambique as primeiras eleições multipartidárias, com a participação de 12 Partidos e candidatos às eleições, que foram ganhas pela FRELIMO e o seu candidato, Joaquim Alberto Chissano.

Conforme o site do governo (<https://portaldogoverno.gov.mz>), acessado dia 31.03.2024, estão registados e legalizados em Moçambique 47 Partidos Políticos. O desejo de padre Gwenjere concretiza-se, catorze anos depois da sua morte.

O padre Mateus Pinho Gwenjere mantinha sua linha de pensamento político inflexível. Quando se juntou a FRELIMO em Nachingueia, pediu que fosse visitar os campos de treino militar, aí teve breve contacto com os jovens que recebiam treinos e outros que participavam nas batalhas. A informação que recebia de existirem grupos preferenciais para a linha de combate em relação a outros, causou-lhe indignação e propôs a hierarquia máxima do movimento que todos os combatentes fossem tratados de forma equitativa. Essa proposta foi-lhe recusada e ademais, não lhe foi permitido voltar a visitar os campos de treino.

Para além de campos de treinos, ocorreram casos de discórdia como o que acontecia no Instituto Moçambicano. Nesse local de ensino, os jovens provenientes de centro e norte que eram regulamente selecionados para as fileiras de combate. O Padre Mateus Pinho Gwenjere entendia que as tendências étnicas iriam minar os esforços de unidade nacional e pediu que todos estudantes tivessem os mesmos direitos e consideração.

O espírito nacionalista do padre Mateus Pinho Gwenjere, começa a manifestar-se ou ficou mais visível a partir de 1963, depois de completados os seus estudos teológicos, passando pela ordenação de diácono pelo bispo da Beira, Dom Sebastião Soares de Resende, que o afectou para trabalhar na paróquia Nossa Senhora de Fátima, pertencente a Missão de Murraça, sua

terra natal. Foi nesta missão que ele estudou, ensinou e daí, seguiu para o Seminário Menor de Zóbuè, que se localizava numa área com um ambiente fresco e terras férteis no distrito de Moatize na actual província de Tete, muito próximo do Malawi. O Seminário Menor que ficou conhecido como São João de Brito de Zóbuè, em homenagem a São João de Brito, um conhecido missionário e mártir jesuíta português.

Em 1963, estavam em curso, negociações para as independências de Zâmbia e Malawi, do colonizador inglês, sem o derramamento de sangue, enquanto outros países, tal como o Ghana, de Kwame Nkrumah, já estava independente. Mesmo o Zaire de Patrice Lumumba já estava independente. Por outro lado, das colónias portuguesa, nada se falava, mas em 1961, eclodiu a guerra de libertação em Angola.

A informação difundida pela rádio da FRELIMO, a partir de Tanzânia, com a sua propaganda bem elaborada, e pela voz do antigo combatente Rafael Maguni, despertou mais a consciência do padre. Em Murraça, sua terra natal, a situação social e económica do nativo, estava piorando de dia para dia. Verificam-se prisões arbitrárias, confiscação de terras férteis aos nativos, trabalhos forçados nas grandes plantações de algodão, sisal e de cana sacarina, para exportação orientados pelos chefes tradicionais “ saphandas e régulos” sob ordens de Ramiro dos Santos Paiva, um oficial português e chefe do posto apelidado de “ Matope”, devido a sua crueldade em castigar através de chicotes e palmatórias e depois submetia as suas vítimas a rebolar no lodo “matope” e o torturado saía daí coberto de lodo preto.

Face a esta realidade encontrada pelo padre na sua terra, aliás, era a mesma vivida em quase todo Moçambique, por isso que no seu processo de evangelização, mostrava os seus, a necessidade de se unir para lutar contra o inimigo comum que era o colonialismo e fascista português. Ele dizia sempre o mesmo, incluindo nas suas homílias eucarísticas “*Fungulani maso*”, que traduzido para português significa “ abram os olhos”..

Foi nesta senda que inicia o seu processo de mobilização e recrutamento de jovens primeiro de Murraça, sua terra natal e depois nos actuais distrito limitrófes tais como de Mutarara, Chemba, Marromeu, Morrumbala, Mopeia, mesmo aqui na cidade da Beira, levou muitos jovens para a causa da luta nacional de libertação de Moçambique. Identificou-se pela causa justa da Frelimo.

Influenciou muitas crianças para estudar, ele almejava e sonhava que um dia, nós os moçambicanos seríamos donos do nosso destino e, para chegar a este destino, que é governar, era necessário e obrigatório dominar a ciência.

Por muitas vezes, escreveu cartas denunciando as atrocidades cometidas pelo governo colonial em Murraça, Caia, reportando mortes desnecessárias pela fome, que seriam possíveis de evitá-las, se houvesse políticas, para o bem dos súbditos, pois, eram mais ocupados em trabalhar nas grandes plantações de rendimento em vez de labutar nas suas machambas para o seu sustento e das suas famílias.

Muitas vezes, reportou-se que ele (padre Gwenjere), pedia aos guardas prisionais, para substituir mulheres presas (para ficar preso no lugar delas ) por os seus maridos serem considerados fugitivos para não pagar os impostos ou do trabalho forçado nas culturas de rendimentos.

Vários documentos da PIDE, hoje depositados na Torre de Tombo, em Lisboa Portugal, confirmam muitos factos realizados pelo padre, com objectivo único de obtenção de liberdade e da independência desta parcela do continente africano.

Mesmo em Tanzânia, o padre preferiu, depois de voltar da reunião das Nações Unidas, onde apresentou um discurso contra as atrocidades cometidas pelo governo fascista português aos moçambicanos, escolheu estar ao lado dos necessitados, que eram os estudantes.

Daqui podemos concluir que o padre compreendeu bem nas suas formações estar ao lado daqueles que mais precisam de apoio. Em Tanzânia ele foi bem recebido, tinha direito a casa e outros benefícios, mas, aceitou ser despedido de casa e viver como refugiado, enquanto em Murraça, também aceitou deixar as mordomias da Missão pois, ele era sacerdote da igreja Nossa Senhora de Fátima de Murraça, para se juntar à Frelimo.

Assim, podemos afirmar que o padre Mateus Pinho Gwenjere foi um nacionalista, patriótico e revolucionário, contrariando a narrativa ideológica que o olha como reaccionário, antipatriota... Há provas mais que suficientes de que o padre Gwenjere é um herói nacional, e, por que não, um mártir ou santo, que lutou para libertar o seu povo do jugo colonial, como Jesus que libertou o seu povo das trevas, ou outros santos que viveram a sua vocação de profeta, sacerdote e rei.

No que refere à falta de informação, é relevante sublinhar o facto da bibliografia moçambicana ser escassa (resumindo-se a alguns artigos científicos de dissertações de mestrado), e só a nível internacional, como no caso da Torre de Tombo, em Lisboa – Portugal, foi possível aceder a mais recursos documentais.

Gwenjere, não tinha entendido que em política, o maquiavelismo, é aplicado em países novos (do 3º mundo), para ele (padre), o que mais desejava era a independência, a liberdade dos moçambicanos, enquanto para outros pretendiam manter-se no poder a todos os custos, sem contudo, medir as consequências que daí sairia. O pensamento político do padre Mateus Pinho Gwenjere almejava um Moçambique livre da dominação estrangeira, um Moçambique independente, um sistema multipartidário, e a eleição dos partidos e dos governantes, Sonhava num país onde todos tem o pão de cada dia, sem exploração de Homem pelo Homem, com uma Educação de qualidade.

Vamos terminar com a frase do padre Mateus Pinho Gwenjere, extraída no Arquivo da PIDE em Janeiro de 1967: *“Estou pronto para defender a causa do povo negro até ao último suspiro”*.

A pesquisa foi guiada por perguntas centrais que focaram em entender como o Padre Mateus Pinho Gwenjere contribuiu para a luta de libertação de Moçambique e como sua atuação foi marginalizada na historiografia oficial. As principais questões de investigação eram: Como o Padre Mateus Pinho Gwenjere influenciou o movimento nacionalista em Moçambique? Qual foi o impacto de suas ações nas dinâmicas políticas internas da FRELIMO? De que forma suas contribuições foram silenciadas ou marginalizadas após a independência? Qual foi o papel de Gwenjere nas relações entre Moçambique e outros movimentos de libertação na África Austral?

Ao longo da pesquisa, essas questões foram analisadas com base no quadro conceptual, utilizando teorias de nacionalismo, ideologia política e religião, além de um método de triangulação para validar os dados obtidos. A conclusão, portanto, reflete como essas questões foram respondidas através das investigações.

A investigação permitiu a formulação de três teses principais que sintetizam as descobertas sobre o papel de Gwenjere na luta pela independência:

A primeira tese que emerge desta pesquisa é a de que Gwenjere usou a religião de forma inovadora como uma ferramenta de mobilização política. Diferentemente de outros líderes nacionalistas que focaram em ações militares ou políticas directas, Gwenjere utilizou sua posição na Igreja Católica para conscientizar e organizar as comunidades moçambicanas em torno de uma causa política. Seus sermões e ensinamentos iam além da espiritualidade, incorporando mensagens claras de resistência contra a opressão colonial. Essa tese é sustentada pelos depoimentos dos entrevistados que afirmam que Gwenjere transformava os espaços religiosos em locais de debate político, incentivando a população a questionar o regime colonial.

Essa abordagem de Gwenjere reflete o conceito de hegemonia cultural de Gramsci (1971), onde a luta pela libertação não ocorre apenas no campo militar, mas também no domínio das ideias e da cultura. Gwenjere, ao promover a educação e a conscientização política, contribuiu para a formação de uma “comunidade imaginada” (Anderson, 2006) de moçambicanos unidos pela ideia de independência, um conceito fundamental na construção do nacionalismo.

A segunda tese formulada é que a marginalização de Gwenjere nas narrativas oficiais pós-independência foi um reflexo das dinâmicas de poder dentro da FRELIMO e das disputas políticas internas. Embora Gwenjere tenha sido uma figura central na mobilização para a luta pela independência, ele foi progressivamente excluído das narrativas oficiais devido a divergências ideológicas e disputas por poder dentro do movimento. Essa tese é sustentada pelos documentos históricos e entrevistas que indicam que, após a independência, a FRELIMO construiu uma narrativa centralizada em líderes militares e políticos, como Samora Machel, enquanto figuras religiosas e ideológicas, como Gwenjere, foram deliberadamente ofuscadas.

Essa exclusão reflete a teoria da subalternidade de Spivak (1988), que argumenta que certas vozes são silenciadas ou marginalizadas em processos históricos, especialmente em contextos pós-coloniais, onde o poder centralizado busca consolidar uma narrativa unificadora. A marginalização de Gwenjere é um exemplo claro de como o processo de construção do Estado

pós-independência em Moçambique levou ao apagamento de figuras cujas ideias ou acções divergiam da visão oficial do governo.

A terceira tese que surge da investigação é que Gwenjere desempenhou um papel fundamental na criação de redes regionais de resistência e na conexão entre o movimento de libertação de Moçambique e outros movimentos na África Austral. A pesquisa revelou que Gwenjere não apenas actuava localmente em Moçambique, mas também mantinha uma vasta rede de contactos com líderes religiosos e políticos de outros países africanos que estavam envolvidos em lutas semelhantes. Essa rede foi crucial para a disseminação de estratégias de resistência e para a criação de uma solidariedade transnacional entre os movimentos de libertação.

Essa tese está alinhada com as teorias de mobilização de recursos (McCarthy & Zald, 1977), que sugerem que a eficácia dos movimentos sociais depende de sua capacidade de mobilizar e organizar recursos humanos e ideológicos. Gwenjere, através de sua rede de contatos religiosos, forneceu apoio logístico e moral para os movimentos de libertação, conectando Moçambique a outras lutas no continente. Essa mobilização regional teve impactos significativos no fortalecimento da causa moçambicana e na percepção internacional do movimento de libertação.

Os dados recolhidos por meio de entrevistas, análise documental e observação directa foram cruciais para validar as teses formuladas. As entrevistas com antigos seguidores de Gwenjere confirmaram seu papel como um mobilizador ideológico, enquanto os documentos históricos revelaram a extensão de suas redes de apoio. As observações feitas em locais-chave de sua atuação, como a Missão de Murraça, ofereceram um contexto adicional sobre as condições nas quais ele operava. Os resultados mostraram que, apesar de sua importância, Gwenjere foi gradualmente excluído da narrativa oficial, uma exclusão que reflete as tensões internas da FRELIMO e a necessidade de criar uma história nacional coesa.

Esses resultados também indicaram que a abordagem religiosa e ideológica de Gwenjere teve um impacto profundo nas comunidades locais, que ainda hoje o lembram como uma figura central na luta pela dignidade e independência. A análise dos dados recolhidos permitiu mapear como Gwenjere utilizou a educação e a religião para desafiar o regime colonial, e como suas ações foram progressivamente minimizadas após a independência.

A partir dos dados recolhidos e das teses formuladas, surge uma reflexão crítica sobre a complexidade das lutas de libertação e a construção de narrativas históricas. A exclusão de Gwenjere da historiografia oficial levanta questões importantes sobre o papel das ideologias concorrentes dentro dos movimentos de libertação e sobre como o poder é consolidado após a independência. A reflexão crítica sugere que a luta pela independência em Moçambique foi muito mais diversificada e multifacetada do que as narrativas oficiais reconhecem, com líderes religiosos desempenhando papéis tão importantes quanto os militares e políticos.

Além disso, a análise dos resultados oferece uma visão crítica sobre o uso da religião como ferramenta de resistência política. Embora a religião seja frequentemente vista como apolítica, a atuação de Gwenjere demonstra que ela pode ser um poderoso mecanismo de mobilização e conscientização, especialmente em contextos de opressão colonial. Essa reflexão abre novas possibilidades de pesquisa sobre o papel da religião em outros movimentos de libertação na África e em outras partes do mundo.

Em síntese, a investigação realizada revelou que o Padre Mateus Pinho Gwenjere desempenhou um papel central, embora muitas vezes marginalizado, na luta pela independência de Moçambique. Através de suas ações religiosas e políticas, ele conseguiu mobilizar comunidades e criar redes de resistência que transcenderam as fronteiras nacionais. No entanto, sua contribuição foi silenciada na narrativa oficial, refletindo as dinâmicas internas de poder e as disputas ideológicas dentro da FRELIMO. As teses formuladas nesta pesquisa contribuem para uma reavaliação do papel de líderes religiosos nos movimentos de libertação africanos e abrem espaço para novas discussões sobre o papel da religião na política.

Este estudo representa uma contribuição significativa para a historiografia de Moçambique, sugerindo que figuras como Gwenjere devem ser reconhecidas por seu impacto duradouro na construção da nação e na formação de uma identidade nacional pós-colonial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allison, C S. (2016, June 6). A critical review of concepts in liberation theology: A recipe for nation building. *African Journals OnLine*, 5(2), 67-81. <https://doi.org/10.4314/ijah.v5i2.7>
- Amaral, Diogo Freitas do- *Ciência Política Volume II Lisboa* 1991.
- Arouca, DR. Domingos ( 1991 ) – Programa e Estatutos da FUMO/PCDRN
- ARPAC- Instituto de Investigação Sócio – Cultural (2013). *Vida e Obra dos Heróis da Luta de Libertação Nacional. Coleção Embodeiro: Edição Especial.*
- Appiah, K. A. (1997). *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Arquidiocese da Beira (1988). *Resenha Histórica*. Editorial A.O. Braga.
- Assumane, A. F. (2011). *História das Instituições política IV UCM-Cento de Ensino a Distância.*
- Baquete, Calisto, S/data, *Génese da oposição à Frente de Libertação de Moçambique FRELIMO-(1960-1994):Caso do COREMO*
- Barros, A. J. da S.L. & Souza, N. A. (2010). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Prentice.
- Barracho, Carlos,(2011), *Temas e Ideias em Ciência Política , A questão do poder*, Clássica Editora.
- Bastos, F. B. C. C. (s/d). *Políticas de Língua e Movimentos Nacionalista: Campos de Interação Histórica entre Tanzânia e Moçambique (1961-1969)*. UNICAMP.
- Bastos, J. N. & Fernandes, D.(2005). *África e a sua História*. Diname e.e. Distribuidora Nacional de Material Escolar.
- Basílio, G. (2010). *O Estado e a Escola na Construção da Identidade Política Moçambicana*. (Tese de Doutoramento). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP.
- Bergner, R. M., Delgado, L. K., & Graybill, D. (1997). *Finkelhor's risk factor checklist: A cross-validation study*. *Child Abuse & Neglect*.
- Bíblia Sagrada – A Bíblia do Pregador (2017). Sociedade Bíblica do Brasil, Editora Evangelica Esperança.
- Bitencourt, C.R. (2008). *Tratado de Direito Penal (11ª ed.)*. São Paulo: Saraiva.

- Bogdan, R. & Bicklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Editora, Colecção Ciências de Educação.
- Bogdan, R., & Biklen, S. K. (1998). *Qualitative research for education: An introduction to theory and methods* (3ª ed.). Allyn & Bacon.
- Caetano, B. C.(2015). *Violência Política na Frelimo, caso Mateus Pinho Gwenjere*. Dissertação de Mestrado. Lisboa. UCP – IEP (Instituto de Estudos Políticos).
- Canal de Moçambique: Quarta-Feira, 05 de Outubro de 2011.
- Carvalho, J. E. (2002). *Metodologia do Trabalho Científico*. Escolar Editora.
- Carvalho, Manuel Proença (2008)- *Manual de Ciência Política e Sistemas Políticos e Constitucionais*. (2ª Edição – actualizada e ampliada)
- Chichava, S.(2007).*Uma Província “Rebelde”. O significado do voto zambeziano a favor da Renamo*
- Chissano, J. C. (2010). *Vidas, Lugares e Tempos*. Maputo: Texto Editores.
- Cipriano, L. (2010). *A Génese da FRELIMO – Os grupos de interesse na formação da Frente de Libertação Moçambicana (1964-1974)*. (Monografia Científica). Lisboa, Portugal:Academia Militar.
- Dava, F. (2013).*Vida e Obra dos Heróis da Luta de Libertação Nacional: José Phahlane Macamo, Paulo Samuel Kankhoma e Robate Carlos, Volume II*.
- *Dicionário da Língua Portuguesa* (2015). *Acordo Ortográfico, o antes e o depois, directo e direto*. Portugal: Porto Editora.
- Documentos Confidenciais da PIDE, obtidos na Torre de Tombo em Lisboa (2019).
- Dokkum, Andre Van, *Makombe ao Longo dos Século-Contribuições para a história política de Bárué*, 2017.
- Dooley, L. M. (2002). Case study research and theory building. *Advances in Developing Human Resources*, 4(3), 335–354. <https://doi.org/10.1177/1523422302043005>
- Duarte, S C., & Figueiredo, C A S. (2020, June 8). *luta armada em Moçambique e a construção de uma nação*. *Universidade Estadual do Ceará*, 16(31), 121-142. <https://doi.org/10.33956/tensoesmundiais.v16i31.2779>
- Estevão, N. (2000). *Os Meios Católicos Perante a Guerra Colonial: Reconfigurações da Questão Religiosa em Portugal*. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bistream/10400.14/4393/1/LS.S2.12.NunoEstevao.pdf>.
- Ferrão, V. (2002).*Compreender Moçambique, Impressão e acabamento: DINAME*.
- Fenhane, J. B. H. (1996),. *Maputo*. Diname

- Fenton, S.(2003).*Etnicidade,Episttemologia e Sociedade*.Stória Editores, Lda
- Figueiredo, A D D. (2007, January 1). *Writing a Research Paper: From the Parts to the Whole*. RELX Group (Netherlands). <https://doi.org/10.2139/ssrn.1448787>
- Fontana, A., & Frey, J. H. (1994). Interviewing: The art of science. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 361–376). Sage.
- Giddens, A. & Sutton, P. W. (2016). *Conceitos Essenciais da Sociologia* (C. Freire, Trad.). Recuperado em [www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br) em Abril de 2021.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo: Atlas.
- Gomes, C. de M. & Afonso, A. (2009). *Os anos da guerra colonial* (3º volume).Optar pela guerra”. Lisboa: QuidNovi - Edições e Conteúdos.
- Gómez, M. B.(1999).*Educação Moçbicana. História de Um Processo: 1962-1984*.Livraria Universitária-Universidade Eduardo Mondlane.
- Gonçalves, J. P. (Arcebispo da Beira). (1988).*Arquidiocese da Beira Resenha Histórica*. Imprimatur. Beira.
- Gwenjere, Mateus Pinho. *Testemunho nas Nações Unidas*. 1967. ANTT, PIDE.
- Gyawali, Y P. (2020, September 9). Ideological Interaction Theory in Critical Discourse Analysis. IntechOpen. <https://doi.org/10.5772/intechopen.93366>
- Hart H.Michael(2005) – *As 100 Maiores Personagens da História* 10ª Edição Editora Bertrand Brasil, Lda.
- Hedges, D. (1999). *História de Moçambique, Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961*- Livraria universitária – Universidade Eduardo Mondlane.
- Hernandez, L. L. (2005). *A África na Sala de Aula - Selo Negro Edições*, São Paulo.
- Hobsbawn, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. Maria Celia PAOLI e Anna Maria QUIRINO. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- Hofisso, Narciso (1997), *História 7ª – 2º Volume (Experimental)*, INDE/Editora Escolar, primeira edição.
- Jacob, S A., & Furgerson, S P. (2015, January 20). *Writing Interview Protocols and Conducting Interviews: Tips for Students New to the Field of Qualitative Research*. Nova Southeastern University. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2012.1718>
- Kellas, J G. (1983, January 1). *Nations and nationalism*. Oxford University Press, 60(1), 134-134. <https://doi.org/10.2307/2618971>

- Kivunja, C. (2018). Distinguishing between Theory, Theoretical Framework, and Conceptual Framework: A Systematic Review of Lessons from the Field. *Sci Edu Press*, 7(6), 44-44. <https://doi.org/10.5430/ijhe.v7n6p44>
- Khosa, Ungulani Ba Ka, entre as memórias silenciadas. Maputo: Alcance Editores, 2013
- Labaree, R V. (2009, November 19). Research Guides: Organizing Your Social Sciences Research Paper: 6. The Methodology. <https://libguides.usc.edu/writingguide/methodology>
- Lakatos, E. M., e Marconi, M. A. (2003). *Técnica de pesquisa* (3ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5ª ed.). Atlas.
- Larmer, M., & Lecocq, B. (2018). Historicising nationalism in Africa. *Wiley-Blackwell*, 24(4), 893-917. <https://doi.org/10.1111/nana.12448>
- Laweki, L. (2019). Mateus Pinho Gwenjere, Um Padre Revolucionario. África do Sul: Vanessa Finaughty for Reach Publishers.
- Mateus, D. C. (2004). A PIDE/DGS na Guerra Colonial 1961-1974. Portugal: Terramar Editores, Distribuidores e Livreiros Lda.
- Matos, Luís Salgado (2011), A separação do Estado e da igreja. Concórdia e conflito entre a primeira República e catolicismo. Editor: Dom Quixote, Fevereiro de 2011.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2010). Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados (7ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Marinho, S. (1980). Pequeno dicionário política. Edições progresso.
- Mboma, Jacques Kwangala (2019), O Consciencismo de Nkrumah: Uma filosofia entre o Marxismo e Pan-Africanismo-Dissertação para o grau de Mestre em Filosofia- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- McCarthy, J. D., & Zald, M. N. (1977). Resource mobilization and social movements: A partial theory. *American Journal of Sociology*, 82(6), 1212–1241.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). A construção do referencial teórico em teses e dissertações. *Educação*, 33(3), 199-214.
- Menezes, M. do R. (2001). Da violência revelada à violência silenciada: um estudo etnográfico sobre a violência doméstica contra o idoso. Tese de doutorado em Enfermagem. Ribeirão Preto: USP.

- Meyns, P. (1981, October 1). Liberation ideology and national development strategy in Mozambique. Taylor & Francis, 8(22), 42-64. <https://doi.org/10.1080/03056248108703476>
- Moghaddam, F M., & Hendricks, M J. (2020, October 1). The psychology of revolution. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352250X2030021X>
- Mondlane, E. (1977). Lutar por Moçambique(3ª Edição). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Morier-Genoud, E. (2005). *The Catholic Church, Religious Orders and the Making of Politics in Colonial Mozambique: fte case of the Diocese of Beira*. PhD Thesis: Binghamton University, State University of New York.
- Morgan, G. & Smircich, L. (1980). The case for qualitative research. *Academy of Management Review*.
- Mukeredzi, T G. (2012, February 1). Qualitative Data Gathering Challenges in a Politically Unstable Rural Environment: A Zimbabwean Experience. SAGE Publishing, 11(1), 1-11. <https://doi.org/10.1177/160940691201100101>
- Nadja, M. (1999). O Meu Coração Está Nas Mãos de um Negro. Biograph of Janet Mondlane. Maputo: CEA.
- Nalyambipano, S. D. (2013). *A Minha Contribuição e Edificação do Estado Moçambicano, Memórias de Um General da Linha da Frente*. Tipografia Globo.
- Nascimento, A. (2002). O Brasil na mira do pan-africanismo. Editora EDUFBA.
- Ncomo, B. L. (2003). Uria Simango. Um homem, Uma Causa. Maputo (3ª Edição). Edições Novafrica.
- Ndapassoa, A. M. (2021). *Regimes Políticos e Direitos Humanos em Angola, Moçambique e Guiné Bissau: perspectiva comparada*. Curitiba – Brasil: Editora CRV.
- Ndelana, L. T. (2013). *Da Udenamo à Frelimo e Diplomacia Moçambicana*. Maçambique: Conteúdo e Publicações, Lda.
- Nenty, H J. (2009, July 1). Writing a Quantitative Research Thesis. , 1(1), 19-32. <https://doi.org/10.1080/09751122.2009.11889972>
- Newitt, M. (1997). *História de Moçambique*. Lisboa. Publicações Europa-América.
- Ngoenha, S.(2020). *Mondlane, Regresso ao Futuro*. Real Design Editora.
- Ngunga, Armindo (2002), *Investigação em Ciências Sociais e Humanas Situação Actual e Perpectivas*.
- Nkrumah, K. (1977). *A Africa deve unir-se*. Lisboa: Ulmeiro.

- Nolan, F. (2017). Departure of the Missionaries of Africa (The white fathers) from Mozambique in 1971. Available at: [http://paresblancs.org/livret\\_mozambique\\_gb\\_2015.pdf](http://paresblancs.org/livret_mozambique_gb_2015.pdf). acessado em 04.03.2022
- Nwadiakor, K., & Nweke, C C. (2014, November 10). The relevance of the church in oppressive situations: The Praxis of Liberation Theology in Africa. African Journals OnLine, 10(1), 79-79. <https://doi.org/10.4314/og.v10i1.5>
- Opello Jr, Walter C. –issue- A Journal of opinion, Vol. 4, nr. 2, 1974.
- Pereira, Bresser (2008) (<https://www.bresserpereira.org.br/index.php/fale-conosco>), acessado em 28.04.2022
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico (2a ed.). Novo Hamburgo: Feevale.
- Porfíro, Francisco, “Tomás de Aquino”:Brasil Escola, Disponível em:<https://brasilecola.ul.com.br/filosofia/tomas-aquino.htm>.Acessado em 08 de Outubro de 2023
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. C. (1998). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gravidia.
- Rodrigues & Nascimento (2012), A prevenção e a Resolução de Conflitos em África,- Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.
- Rocha, A. & Nascimento, A. (2013). Em torno dos Nacionalismos em África. Maputo: Alcance Editores.
- Ronguane, S. (2010). 90 anos depois do seu nascimento! ... Saiba Toda a Verdade sobre Mondlane. Edição Dondza Editora
- Scielo.org. (2020). Educaco e Sociedade: Analise da pratica pedagógica. <https://www.scielo.br/j/es/a/YX7SG7nVCsBxpxRwpgMR5zL/> Acessado em 13 de Fevereiro de 2024
- Serra, C. (1982). História de Moçambique. Maputo: Departamento de História da UEM e Tempo.
- Severino, A. J. (2007). Metodologia do trabalho científico (23a ed.). São Paulo: Cortez.
- Silva, José Júlio da, (2013), Geografia 10ª Classe, Plural Editores – Grupo Porto Editora
- Sopa, António, (2017) , Texto Editores
- Sopa, António (2001) Samora Homem do Povo
- Stake, R. E. (1999). *The art of case study research*. Sage.

- Spivak, G. C. (1988). Can the subaltern speak? In C. Nelson & L. Grossberg (Eds.), *Marxism and the interpretation of culture* (pp. 271–313). University of Illinois Press.
- Terceiro Mundo (1983). Guia do Terceiro Mundo. Luanda: Tricontinental Editora. 93-
- Timoteo, A. (2017). Os últimos dias de Uria Simango.Registo: 9026/RLIND/2017.
- Thay, A. H. (2017). Liderança e Processos de Decisão em Samora Machel. Imprensa Universitária.
- Thomaz, Omar Ribeiro. Escravo sem dono: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 2008, V.51, N°1.
- Viana, M. (2017). Manual de História. Maputo: MINEDH.
- Viera, S. (2010). Participei, Por Isso Testemunho.Editorial Ndjira.
- Yin, R. (1994). Estudos de Caso: Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Bookman.

## APÊNDICES

## GUIÃO DE ENTREVISTA

Caríssimo(a) Sr.(a), pedimos que responda com clareza as perguntas da entrevista. As informações a serem recolhidas destinam-se a fins académicos particularmente na produção de uma Tese com o título, *Percurso nacionalista, patriótico e revolucionário do padre mateus pinho gwenjere e o conflito político militar em Moçambique: estudo do período 1964-1992*, do estudante *Baptista Comessário Caetano*.

1. Em que ano conheceu o Padre Mateus Pinho Gwemjere?
2. Como o Padre convivia com a comunidade em redor da Missão Muraça onde ele era responsável?
3. O Padre Mateus Pinho Gwemjere terá-se envolvido em assuntos conflituosos com a administração colonial? Se for sim. Como?
4. Em que ano, o Padre Mateus Pinho Gwemjere abandonou o sacerdócio e abraçado ao movimento de libertação nacional, liderado pela FRELIMO?
5. Que papel desempenhou o Padre na FRELIMO?
6. Por quê o Padre chegou a disertar-se da FRELIMO?
7. Como se comportava o Padre, na Organização.
8. Quais foram as ideias do Padre que foram apoiadas pelos membros do movimento de luta de libertação e quais delas foram rejeitadas?
9. Terá havido divergências entre o Padre mateus Pinho Gwemjere com outros membros fundadores da Frelimo? Explique.
10. Palas acções por ele desempenhadas se pode considerar de Revolucionário? Por quê?
11. Terá o Padre agido como um traidor? Explique caso haja evidências.
12. Quem eram os apoiantes das ideias do Padre mateus Pinho Gwemjere?

Obrigado!

## GUIÃO DE INQUÉRITO

Caríssimo(a) Sr.(a), pedimos que responda com clareza o inquérito assinalando apenas as opções que achar certas. As informações a serem recolhidas destinam-se a fins académicos particularmente na produção de uma Tese com o título, Percurso nacionalista, patriótico e revolucionário do padre mateus pinho Gwenjere e o conflito político militar em Moçambique: estudo do período 1964-1992, do estudante *Baptista Comessário Caetano*.

Responda marcando o (X) na opção que satisfaça a sua opinião. Não hesite em obter esclarecimentos em caso de dúvidas ou ambiguidade de qualquer questão.

1. O Padre Mateus Pinho Gwenjere apoiava as famílias carentes da sua comunidade? Sim   
Não
2. O Padre Mateus Pinho Gwenjere era uma referência entre os jovens no distrito de Caia.  
Sim  Não
3. O Padre Mateus Pinho Gwenjere gostava de falar de política nas suas missas. Sim  Não
4. O Padre Mateus Pinho Gwenjere mobilizou muitos jovens a aderirem a FRELIMO.  
Sim  Não
5. O Padre Mateus Pinho Gwenjere impunha suas ideias sempre que tivesse razão.  
Nunca  raras vezes  quase sempre  sempre
6. O Padre Mateus Pinho Gwenjere foi convidado a juntar-se a FRELIMO na Tanzânia.  
Sim  Não
7. O Padre Mateus Pinho Gwenjere foi a Tanzânia juntar-se a FRELIMO por sua livre e espontânea vontade. Sim  Não
8. O Padre Mateus Pinho Gwenjere não gostou daquilo que se vivia na Tanzânia, principalmente o tratamento que recebiam os jovens enviados por si. Sim  Não
9. Quando Padre Mateus Pinho Gwenjere chegou a Tanzânia esperava ocupar cargos de relevo na organização. Sim  Não
10. O Padre Mateus Pinho Gwenjere mobilizou recursos materiais e humanos para apoiar a luta de libertação nacional liderada pela FRELIMO. Sim  Não
11. O Padre Mateus Pinho Gwenjere abandonou a FRELIMO por ter sido frustradas as tentativas de impôr as suas ideias. Sim  Não

12. O Padre Mateus Pinho Gwenjere foi expulso da FRELIMO porque as suas ideias eram contrárias aos objectivos do movimento de luta de libertação nacional. Sim  Não

13. Os apoiantes do Padre Mateus Pinho Gwenjere continuaram com os seus ideais dentro da FRELIMO e depois da independência. Sim  Não

14. Os ideais do Padre Mateus Pinho Gwenjere baseavam-se numa governação democrática durante a luta de libertação e pós-independência. Sim  Não

Muito obrigado!

## **ANEXOS**

Carta enviada ao Reverendíssimo Arcebispo da Beira solitando os dados do Padre Mateus Pinho Gwenjere.

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA  
CLADIO DALLA ZUANNA  
ARCEBISPO DA ARQUIDIOCESE DA BEIRA  
BEIRA

Sou Baptista Comessario Caetano, estudante na faculdades de Ciências Sociais E Humana da UCM em Quelimane, estando neste momento na fase de Tese com o tema , sirvo deste meio para solicitar a Vossa Excelencia, facultar-me os dados referente ao Padre Diocesano Mateus Pinho Gwenjere, consagrado nesta urbe pelo carismatico primeiro Bispo da Beira, Dom Sebastião de Resende em 15 de Agosto de 1964, na igreja de Macuti, a seguinte informação:

1. A trajetoria academica do Padre Mateus Pinho Gwenjere no que tange ( o ano em que nasceu, data em que entrou pela primeira vez na Escola, o nome da Escola Primária que frequentou, Escola Secundaria, Entrada no Seminário de Zobwe, Entrada no Seminario Maior de Namaacha, paises europeus que ele passou, outros cursos ou formacoes que beneficiou enquanto sacerdote ).
2. Comportamento do Padre Mateus Pinho Gwenjere dentro do Sacerdocio e perante os seus superiores hierarquicos.
3. Quantas vezes Padre Mateus Pinho Gwenjere, foi ao tribunal acompanhado pelo Bispo Dom Sebastiao de Resende?
4. Pela inerencia da funcao Sacerdotal ele teria se deslocado a Lisboa ou a Portugal? Se for posetivo, em ano, mês e dia? Qual era o objectivo da viagem? Se existe alguma informacao sobre o seu comportamento la nas terras lusas, por favor, preciso esta informacao.
5. Quais foram as disciplinas e ou cadeiras que frenquentou , nos Seminarios de Zobwe e Namaacha teve ?
6. Quando foi agredido aqui na Beira, onde se encontrava e onde ia?
7. Quem socorreu o Padre Mateus Pinho Gwenjere, depois de ser agredido pelos simpatizantes do Movimentos dos Democratas de Mocambique ( MDM)? Para que Hospital foi tratado?

8. Há rumores de que depois foi parar na clinica do Dr Unhay . Como foi parar na clinica do Dr. Unhay, ao lado do Hotel Embaixador, aqui na cidade da Beira?
9. Do hospital, como conseguiu sair de Moçambique?
10. Aproveito este momento, implorar a Vossa Excelência, Senhor Arcebispo da Beira,se tiver mais algum subsidio relacionado com a vida do Padre Mateus Pinho Gwenjere, possa me passar, para os efeitos já identificados nesta petição.

Muito Obrigado!

20 de Outubro de 2020

N.B. O representante do Arcebispo, em resposta, disse que não tinha no arquivo da Arquidiocese, sobre o padre Mateus Pinho Gwenjere, contudo, aconselhou me obter o Livro já publicado de Lawe Laweki, lançado recentemente, na faculdade de Economia da UCM, e conforme ele, aí poderei encontrar aquilo que preciso para a Tese.

## CRONOLOGIA DO PADRE MATEUS PINHO GWENJERE

DATADOS FACTOS	FACTOS OU ACONTECIMENTOS	TINHA A IDADE DE	ANOS SE ESTIVESSE VIVO EM 2024	FONTES
19.11.1933	Nascimento nas margens do grande Zambeze, na localidade de Murraça no actual distrito de Caia, província de Sofala em Moçambique.		91	Caetano-Dissertação do Mestrado
1950	Entra no Seminário Menor São Brito de Zóbuè na actual Província de Tete	17	74	Lawe Laeki Pag. 56
1954	Depois de cinco termina com sucesso os estudos sacerdotais no Seminário Menor de S. Brito de Zóbuè	21	70	Lawe Laweki Pag. 60
1955	Matricula no Seminário Maior de Namaacha, na actual província de Maputo	22	69	Lawe Laweki PAG 60
1962	Conclui com sucesso os estudos sacerdotais no Seminário Maior de Namaacha	29	62	Arquidiocese da Beira-Resenha Histórica
1963	É ordenado Diácono	30	61	Arquidiocese da Beira-Resenha Histórica
24.01.1964	Antes de ser ordenado Padre, escreveu uma carta ao Bispo da Beira que comunicasse ao Governador que os nativos não podiam contunuar como estavam, morrendo de fome devido as inundações desenroladas que destruiam as suas plantações ao longo do vale do rio Zambeze	31	60	Carta rubricada e assinada pelo Padre Mateus Gwenjere, dactilografada, datada de 24.01.1964.
15.08.1964	Ordenado Padre na Igreja Católica de Macuti, na Beira, pelo Arcebispo da Beira, Dom Sebastião de Resende	31	60	Arquidiocese da Beira – Resenha História. PAG. 37

02.05.1964	<p>De acordo com o Padre Gwenjere, em 02 de Maio de 1964, ele ( Padre Mateus Pinho Gwenjere ), foi convocado pelo governo e convidado a participar do grupo de padres que eram “ espiões”. A sua tarefa seria de espiar os “ Padres Brancos” na Missão de Murraça, tendo lhes prometido que os “ Padres Brancos” seriam mandados embora e ele (Padre Mateus Pinho Gwenjere ), seria promovido para ser o Padre Superior da Missão de Murraça. A PIDE prometeu que lhe compraria uma motorizada e depois um carro. O Padre recusou a oferta, tendo informado os “ Padres Brancos” sobre o sucedido. Ao aperceber-se da sua traição, a administração colonial ficou irritada.</p>			<p>Testemunho do Padre Mateus Pinho Gwenjere nas Nações Unidas, em Nova Iorque em Novembro de 1967. Citado por Lawi Laweki Pag.132</p>
31.04.1965	<p>Padre Gwenjere é citado nos arquivos da PIDE, como tendo dito que “ ele, o Padre Pollet e o Bispo da Beira, iriam expulsar os colonialistas portugueses de Moçambique”. Enquanto isso, o Padre belga Pollet dizia o seguinte, ainda de acordo com os arquivos da PIDE:” Os portugueses, aqui em Moçambique, apenas vivem da exploração do preto e a única obra feita pelo Governo, são os edifícios administrativos para cobrança do imposto e venda de pretos, mas os meus Lumumbas</p>			<p>PIDE, Delegação da Beira, ofício nr. 454/65-sr, datado de 12.03.65, confidencial ( Subinspitor Francisco Bartolomeu Costa Lontrão ao subdirector da PIDE em L.M. ) Pag. 398-400. Citado por Lawi Laweki , PAG 140</p>

	virão para fazer a sua justiça.			
1965	A Polícia de Segurança alertou que “ dado a sua categoria como Padre nativo desta província ( Moçambique ), e dado a sua influência sobre negros o Padre Mateus poderia tornar-se um elemento muito pernicioso”	32	59	Relatório da PIDE datado de 16.03.1965  Citado por Lawi LAWEKI Pag.135
Março de 1965	Padre Mateus Gwenjere, atrasa 30 minutos para a celebração da missa na Sena Sugar Estates e informa os motivos do atraso aos senhores Rodrigues José Filipe de Brito e Santos José Alberto e Manuel Joaquim Fortes Sequeira e disse: Hoje chego tarde à missa por causa do estado da estrada e há dias foi castigado um catiquista da nossa missão por transitar pela via férrea, estando portanto, nós também impedidos de utilizarmos aquele caminho, quando a estrada não dá passagem por causa da chuva. O senhor Barros que écapataz da T.Z.R.em Magagade bateu nosso catequista e descontentou nos bastante...	32	59	Arquivos da PIDE citado por  Lawe Laweki PAG.132
31.04.1965	Na gare de Caia, o Padre Mateus insultou o factor que estava vender os bilhetes de Caminhos de Ferro chamando-lhe de gatuno por, segundo ele dizia lhe estar a levar mais um escudo do que o normal. Incitou os passageiros indíginas ali presentes, e que aguardavam	32	59	Lawi Laweki Pag. 135

	a partida do comboio para Murraça a devolverem os bilhetes àquele factor, dizendo-lhe que “ os brancos somente roubar”. Foi-lhe instaurado um processo-crime pelas injúrias àquele factor, de que respondeu no tribunal da Beira, sendo condenado a 10 dias de prisão, 500 escudos de indemnização ao ofendido e pena suspensa de dois anos.			
02.05.1964	É Convidado e aliciado pelo governo a participar do grupo de padres que eram espíões contra os “ Padres Brancos “ para serem mandados embora e ele seria promovido para ser o Padre Superior de Murraça	31	60	Lawi Laweki
1966	O relatório da PIDE, acusa o Padre Gwenjere, além de dizer aos africanos que o governo estava a roubar as suas terras para dar aos brancos, ele aconselhava-os a não cultivar o algodão.	33	58	Relatório da PIDE datado de de 1966. PIDE/DGS Information ( P.S.P./1967 ) in Information nr. 43/72/DI/2/SC-G.G. CITADO POR Lawe LAWEKI PAG 137
1966	Outro relatório da PIDE, acusa Padre Gwenjere juntamente com Padre Roger Pille, que enviou 16 jovens para Tanzania	33	58	PIDE, informação nr. 3920/66/SE de 25 de Nov/66, pags. 360-368
1966	Um outro relatório da PIDE , revela que o Padre Gwenjere tinha viajado da Missão de Murraça para o Seminário de Zóbuè, para retiro espiritual, acompanhado por 15 garotos com idades entre 10-14 anos	33	58	Relatório da PIDE datado de 05.09.1966
1966	No mesmo relatório vinha escrito que o Padre Gwenjere comprou uma máquina de			Relatório da PIDE datado de 05.09.1966 .

	<p>escrever por 900 escudos e doou os escritórios da FRELIMO em Bulantire no Malawi e envia por meio de dois indivíduos chamados José João e Domingos Alberto pelo oficial da FRELIMO de nome Chico Lourenço</p>			
Março de 1967	<p>O Vice-Presidente da FRELIMO, Uria Simango, dirigindo-se a militantes na casa do representante da FRELIMO, Benedito Kamangira em 12 de Março de 1967, disse que o governo do Malawi havia autorizado militantes da FRELIMO a entrar no Malawi com as suas armas e munições. No final do discurso, Uria Simango, elogiou o trabalho realizado pelos Padres Mateus Gwenjere e Charles Pollet em apoio da FRELIMO em Moçambique dizendo: Ambos nos mandam rapazes e mobilizam jovens para apoiarem e juntarem-se à FRELIMO</p>	34	57	<p>PIDE, informação 289-SC/CI (2) de 22/03/67 Com data de origem 08/03/67</p>
14.03. 1967	<p>Conforme o relatório da PIDE, endereçada ao Director Adjunto da PIDE em Lourenço Marques, informa que A PIDE interrogou o Padre Gwenjere em Vila Fonte ( agora Caia ).</p>	34	57	<p>PIDE, Subdelegação da Beira. Relatório datado de 14.03.1967</p>
1967	<p>Padre Mateus Pinho Gwenjere, escreveu uma carta confidencial ao vigário geral, informando-o que pretendia deixar o país em segredo. A fuga pretendida do Padre</p>	34	57	<p>Arquivos da PIDE datado de 12.06.1967</p>

	<p>Gwenjere, chegou aos ouvidos do Governador-Geral de Moçambique, que passou a informação ao ministro do ultramar Português em Portugal. O Ministro ordenou a prisã imediata e o banimento do Padre para Portugal. Contudo, quando o mandato de detenção foi recebido em Moçambique, Padre Gwenjere já tinha atravessado a fronteira para Malawi</p>			
Junho/1967	<p>Cinco meses depois da morte de Dom Sebastião de Resende, Padre Gwenjere recebeu uma carta do vigário geral da Diocese da Beira, informando-o da sua transferência para Paróquia de Macuti na cidade da Beira. Temendo o pior lhe acontecesse, decidiu deixar Moçambique para Tanzania, para se juntar ao movimento de libertação da FRELIMO</p>	34	55	Lawi Lawek
Finais de Junho de 1967	<p>Padre Mateus Pinho Gwenjere, chega a Tanzania e encontra a FRELIMO dividida. Em manifestações silênciosa, os estudantes já protestam contra pessoas como Mondlane e sua esposa, Hélder Martins, Jacinto Veloso, Fernando Ganhão, etc.</p>	34	57	Bernabé Lucas Ncomo
1967	<p>O Presidente Mondlane escreveu uma carta dirigida a Geroge Hauser, da Comissão Americana para África ( ACOA ), com o seguinte teor:” O padre Mateus Pinho</p>	34	57	Nadja Manghezi. O meu Coração está nas Mãos de Um Negro, a biografia de Janet Mondlane, Maputo, CEA, 1999, pag.273,

	<p>Ngwengere ( SIC ) que acabara de aparecer em Dar-Es-Salaam, depois de liderar uma acção secreta durante vários anos em Moçambique irá para os Estados Unidos da América, para que fosse à Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova Iorque, pedindo-lhe que providenciasse o bilhete ( de avião ). Mondlane continuou dizendo:” Eu considero o Padre Mateus, um dos mais importantes lutadores da Liberdade que conseguimos trazer para o exterior.</p>			<p>citado por Lawe Laweki</p>
12.09.1967	<p>Padre Gwenjere embarcou num avião de Forças Aéria da Tanzania para Dar-es-Salaam, onde foi calorosamente recebido pelo presidente da FRELIMO, Dr. Eduardo Chivambo Mondlane.</p>	34	57	<p>Nadja Manghezi. O Meu coração está nas Mãos de um Negro. A biografia de Janet Mondlane, Maputo CEA, 1999, pag. 273. Citado por Lawe Laweki</p>
01.11.1967	<p>Padre Mateus Pinho Gwenjere partiu para Nova Iorque nos Estados Unidos, para testemunhar contra Portugal no quarto Comité da Assembleia Geral das Nações Unidas.</p>	34	57	<p>Lawe Lweki pag. 161</p>
06.11.1967	<p>Simango desejava que a Comissão ouvisse o Padre Gwenjere, que esteve preso por oito vezes pela Gestapo portuguesa, a PIDE ( POLÍCIA INTERNACIONAL E DE DEFESA DO ESTADO ), e foi julgado sete vezes pela PIDE e uma vez por um Tribunal. Em Junho de 1967,</p>	34	57	<p>Relatório SECRETO, da PIDE Nr. 465/68-GAB, datado de 30/3/68., com assunto A propósito da presença dos petionários Padre Gwenjere e Pastor Protestante Uria Simango na ONU.</p>

	as autoridades decidiram retirá-lo da sua Missão e detê-lo no quartel general do exército português na Beira. Correu a notícia de que se tratava duma primeira medida antes de fazê-lo desaparecer.			
07.11.1967	O Padre Gwenjere testemunhou contra Portugal no quarto Comité das Nações Unidas em Nova. O Padre Gwenjere tornou-se uma testemunha impressionante na sessão. Falou sobre a situação religiosa e política em Moçambique, denunciando a igreja Católica Salazarista e as injustiças e a opressão do regime colonial português. Sobre a situação política em Moçambique, o Padre Gwenjere acusou o regime colonial de usurpar Moçambique e de desoonrar o seu povo.	34	57	Relatório SECRETO, da PIDE Nr. 465/68-GAB, datado de 30/3/68., com assunto A propósito da presença dos peticionários Padre Gwenjere e Pastor Protestante Uria Simango na ONU.
12.11.1967	A pedido do Presidente Mondlane, o Padre Gwenjere foi recebido em Washington por Robert Kennedy e Edward Kenned, os irmãos do falecido presidente dos Estados Unidos da América, John F. Kennedy assassinado em Novembro de 1863.	34	57	Lawe Laweki
1967	Padre Mateus Pinho Gwenjere, professor de Língua Portuguesa na Escola de Formação de Enfermagem da FRELIMO que se localizava a quase dois quilómetros do Instituto Moçambicano. Conforme Baptista Truzão, ele ( Padre	34	57	Lawe Laweki

	Mateus Gwenjere ), nunca foi professor do Instituto Moçambicano.			
Finais de Novembro de 1967	<p>Imediatamente após o seu regresso à Dar-Es-Salaam , em Novembro de 1967, o Padre encararia então a luta silenciosa dos contestários e apostaria em acabar com os desmandos, fazendo do Instituto o seu campo de batalha. Gwenjere começou por ouvir as queixas dos estudantes e, sem dúvida, inculcou nos jovens a ideia de serem eles próprios o motor da história e não esperar por alguém que viesse de fora para exigir mudanças de procedimentos no local onde viviam. “ Os moçambicanos mais velhos, vossos pais, não esperam que Portugal lhe dê na bandeja a independência. Por isso estão a lutar. Se há problemas, é preciso lutarem e não ficarem calados à espera que alguém resolva os vossos problemas – disse Gwenjere</p>	34	57	Lawe Laweki
25.02.1968	<p>Presidente Mondlane, dirigindo-se à Comissão sobre dificuldade do Instituto Moçambicano dizendo: Esta situação foi agravada pela atitude do Padre Mateus Pinho Gwenjere, um sacerdote moçambicano refugiado, que desde a sua chegada se ôpos abertamente à nossa política Central relativa ao futuro dos estudantes. Continuou</p>			Barnabé Lucas Ncomo

	<p>dizendo no seu discurso à Comissão e inteiramente culpou o Padre Gwenjere pelo seu envolvimento directo na criação da actual triste situação no Instituto Moçambicano.</p> <p>Contudo, Para Truzão, os problemas no Instituto começaram em 1966 e Padre Gwenjere chega a Dar-Es-Salaam em Setembro de 1967. Um ano antes da chegada do Padre, e o discurso é feito também quase um ano da sua chegada.</p>			
I Trimestre de 1968	<p>Padre Gwenjere e o grupo Baraza-la-Wazee, pressionam a realização do II Congresso, para eleição de um novo líder da FRELIMO. De acordo com a deliberação do 1º Congresso, o Segundo Congresso, estava agendado para 1965, Isto é três em três anos</p>	35	56	Lawe Laweki
Maio de 1968	<p>Presidente Mondlane, criticou fortemente os estudantes no estrangeiro por se recusarem a interromper os seus estudos, a Secção norte americana da União Nacional de Estudantes Moçambicano ( UNEMO ), respondeu com um panfleto igualmente contundente intitulado “ A Revolução Moçambicana Atroçada” de Maio de 1968. Os estudantes acusaram o Presidente Mondlane de ser um “ fantoche imperialista que traira a Revolução Moçambicana”</p>	35	54	Lawe Laweki

1968	Presidente Eduardo Mondlane, mobiliza as bases da FRELIMO, para afastar Padre Gwenjere do poder. Padre Gwenjere é isolado. Deixam de dar comida e retiram o subsídio monetário da FRELIMO. Silvério Nungu, Secretário Administrativo da FRELIMO, continuou secretamente fornecer-lhe comida e outras formas de assistência.	35	54	Lawe Laweki
27.12. 1968	Por ordens de Presidente Eduardo Mondlane e Senhor Magombe, e membros do governo tanzaniano invadiram a casa do Padre Mateus Gwenjere. Foi detido sem alguma explicação a partir de 28 de Dezembro de 1968 até 07 de Janeiro de 1969, quando volta encontra a casa trancada	35	54	Suas notas autobiográficas
Janeiro de 1969	Padre Mateus Pinho Gwenjere, é banido para a região de Tabora, na Tanzania, para se dedicar exclusivamente a sua vida religiosa	36	55	Lawe Laweki
1970	Padre Mateus Pinho Gwenjere, fora contactado pelo Paulo Gumane, presidente da COREMO, para fazer parte deste Movimento Revolucionário de Moçambique, Partido criado em Lusaka em Junho de 1965, pelos sissidentes da FRELIMO.	37	54	Torre de Tombo. Informação nr. 54-GI ( 2 ) . de 06.01.71
1970	Os representantes de COREMO, ainda não	37	54	Torre de Tombo. Confidencial .

	<p>desistiram da intenção de aliciar para as suas fileiras do Parido. O Padre Mateus Pinho Gwenjere, que se encontra actualmente em Tabora .</p> <p>Nesse sentido, em 03.03.1970, enviaram uma missiva, através da qual o convidava para o cargo de “ Vice-Presidente”, e para uma visita à Zambia, onde poderia contar com o apoio do arcebispo Malinga.</p>			<p>Informação nr. 551-CI- de 27/04/70</p>
1970	<p>Padre Mateus Pinho Gwenjere, aceitou com entusiasmo o convite que lhe fora feito para ingressar no COREMO. Não aceita, no entanto o lugar de “ Vice-Presidente”, mas aceita apenas o de “ Conselheiro” e isto porque, por um lado, e a sua preocupação é a libertação de Moçambique e por outro ele não se esquece da sua condição sacerdotal, incompatível com a liderançasdirectas de partidos políticos</p>			<p>Torre de Tombo. Informação nr. 691-CI ( 2 ) Confidencial de 25/05/1970</p>
1971	<p>Padre Mateus Pinho Gwenjere, fora contactado pelo Paulo Gumane, presidente da COREMO para fazer parte deste Movimento Revolucionário de Moçambique, Partido Fundado em Lusaka em Junho de 1965.</p>	36	53	<p>Torre de Tombo. Informação nr. 54 G.I. ( 2 ) De 06/01/71</p>
1972	<p>Temendo pela sua vida, o Padre Gwenjere, deixou a região tanzaniana de Tabora para Nairobi no Quénia,</p>	39	52	<p>Lawe Laweki</p>

	considerado um porto seguro para tantos moçambicanos que no exílio, foram forçados a fugir dos seus companheiros de armas para liberdade na FRELIMO			
1972	Padre Gwenjere trabalha no sentido de unir líderes dissidentes da FRELIMO. Enviou telegrams ao líder do COREMO, Paulo Gumane, e ao Vice-Presidente da FRELIMO, Uria Simango, que chegaram a Nairobi em 15 de Janeiro de 1973, para uma reunião com ele.	39	50	Lawe Laweki
1972	O Padre Mateus Pinho Gwenjere, encontrar-se-á presentemente na Tanzania, depois de se ter deslocado à Zambia, no ano passado. Ao que diz, exerce a sua actividade religiosa na diocese de TABORA ( Tanzania ), constando que, em meados do ano corrente, será nomeado bispo dessa diocese.	39	52	Torre de Tombo Informação Confidencial nr. 867/72/01/2/SC datado de 12/03/72
1973	Em 12.01.1973, foi recebido em Lusaka um telegrama do Padre Mateus, solicitando a presença de Paulo Gumane em Nairobi, para discutir os caminhos e os meios da revolução. Paulo Gumane, em resposta ao pedido do Padre Mateus Gwenjere, seguiu para Nairobi, a 15.01.73, por via aérea. Com excepção do Mbule, em representação da MOLIMO, todos os restantes membros ( da MOLIMO ), teriam dito	40	51	PIDE/DGS Informação nr. 363-2ª D.I. Datado de 03.04.73

	que estavam dispostos a ingressar no COREMO, se o Padre Mateus os acompanhar. O Padre Mateus, que está a terminar um livro sobre a igreja em África, declarou-se a servir a COREMO como CoNSELHEIRO			
1973	Em Maio, ( Padre Mateus Pinho Gwenjere ), entrou em contacto com as Nações Unidas, por interposto pessoal, mostrando-se na disposição de voltar à Moçambique. Esse seu pedido terá chegado à Lourenço Marques, mas ele teve receio de regressar. Parece mesmo que foram emitidos bilhetes de avião para o seu regresso, mas o Padre teria dito, ir por determinadas condições ao chefe do Governo Português em ordem ao seu regresso.	40	51	Torre de Tombo O fício 5139/73/D.I./(2) SC, de 9/10/73
1973	O Padre Gwenjere aceitou entusiasticamente o convite que recebeu dos líderes do COREMO, para participar desse movimento. No entanto, ele não aceitou o cargo do Vice-Presidente designado para ele. De acordo com o padre, embora estivesse preocupado com a liberdade de Moçambique, ele queria manter a sua condição de Sacerdote, que era incompatível com o seu envolvimento directo em assuntos políticos.	40	51	PIDE/DGS Informação nr. 363-2ª D.I. Datado de 03.04.73
1974	Padre Gwenjere e outros disssidentes moçambicanos	41	50	Lawe Lweki

	regressam a Moçambique depois da Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974, que derrubou o regime fascista e colonial de Marcelo Caetano			
1974	O Padre Gwenjere contribui para a fundação do PCN-Partido de Coligação Nacional, que reuniu vários grupos anti-FRELIMO, sob liderança de Uria Simango. O Padre Gwenjere recusou-se a ocupar qualquer posto na coligação, excepto o do “Conselheiro Político” do PCN.	41	50	Lawe Laweeki e Barnabé Lucas Ncomo
1974	Padre Mateus Pinho Gwenjere, realiza a sua última missa na Igreja Católica da Munhava, na cidade da Beira	41	50	Caetano. Entrevista cedida pelos cristãos-catequista, membros da Igreja Católica da Munhava
1974	O Padre Mateus Pinho Gwenjere fora agredido na cidade da Beira, por um grupo dos Democratas de Moçambique, a maioria dos quais da raça branca e mestiça, pertencentes o então, professores no Liceu Pero de Anaia ( actual Escola Secundária Samora Machel ) e na Escola Preparatória Dr. Baltazar Rebelo de Sousa ( actual Escola Secundária Mateus Sansão Muthemba ), selvaticamente, o Padre Mateus Gwenjere. Gravemente ferido, o padre é hospitalizado por cerca de uma semana. Lawe Laweeki, escreve este acontecimento da seguinte	41	50	Bernabé Lucas Ncomo e Lawe Laweeki

	<p>forma: O Padre Gwenjere, fora agredido por desconhecidos na garagem da Paróquia. Conforme o testemunho do Padre Alberto de Madureira, que vivia com o Padre ( Mateus Gwenjere ), na residência da Diocese disse: Quando ouviu os gritos desceu para onde se encontrava a garagem e encontrou o Padre Gwenjere a gemer e inconsciente e um grupo de individuos em fuga.</p>			
1974	<p>Padre Mateus Pinho Gwenjere, internado por uma semana, no Hospital Santa Amélia, actual Hospital Cental da Beira</p>	41	50	Bernabé Lucas Ncomo
1974	<p>Dr João Joaquim Unhay, médico de profissão, conterrâneo do Padre Gwenjere, antigo seminarista e antigo combatente da FRELIMO, temendo o pior, contacta os médicos ( seus colegas de profissão ) que tratavam o Padre, e leva-o para a sua clínica, que se situava no predio Suíça, ao lado do Hotel embaixador, na cidade da Beira, para dar tratamento personalizado.</p>	41	50	Caetano Entrevista com o senhor Sacala, que também é conterrâneo do Padre e do Dr. Unhay
1974	<p>Padre Gwenjere, entrevistado no seu leito hospitalar na Beira, depois do assalto, o Padre Gwenjere, sublinhou que não era contra o povo português, mas contra o regime colonial português. Continua dizendo o Padre:”Quando dizem que o Padre Gwenjere é anti-branco</p>	41	50	Lawe Laweki

1974	O General Salésio Teodoro Nalyambipano, disse ter voltado a vê-lo (Padre Mateus Pinho Gwenjere ) Padre Gwenjere em Nampula em 1974, no período do Governo de Transição. Entretanto, conforme o General, depois de 25 de Abril, o movimento dos oficiais portugueses detiveram-no em Nampula e enviaram-lhe à Nachingwe, na companhia de Lázaro Nkavandame e Joana Simeão.	41	50	A Minha Contribuição para a Independência e Edificação do Estado Moçambicano Memória de Um General da Linha da Frente de Salésio Teodoro Nalyambipano pags. 105-106.
1974	Setembro ou Outubro. Padre Gwenjere disfarçado de um homem comum, antes mesmo de cura de feridas, mesmo antes das feridas sararem, com ligaduras na cabeça, na parte de torax, vai q estação do Caminhos de Ferro da Beira, e embarca para Malawi e depois rumo para Nairobi, chegando Nairobi. No mesmo ano chega a Nairobi e fixa-se no Bairro de Riruta Satellite em Kawabgwane VER A PAG.325 SIMANGO	41	50	NCOMO 325
10.10.1976	Na primeira quinzena de Outubro de 1976, um grupo de supostos opositores ao regime de Nyerere na Tanzania far-se-ia a Nairobi para raptar o Padre Mateus Pinho Gwenjere e encaminha-lo à Moçambique. Segundo fontes do território Queniano o plano, concertado entre as polícias políticas de Moçambique e da Tanzania, contou com a colaboração do suposto CMM. Com efeito	43	48	Ncomo 325

	<p>depois de preliminares consetações, na tarde de 11 de Outubro de 1976, Gwenjere e CMM patiam de Adams Arcada na companhia de dois tanzanianos numa viatura para o que se supunha ir tratar assuntos de uma luta comum de dois povos irmãos. Tudo indica que o Padre Mateus não entrou vivo em Moçambique. Terá sido abatido numa tentativa de fuga quando já era conduzido em direcção a fronteira da Tanzania com Moçambique. Os seus restos mortais seriam transportados na clandestinidade para a margem moçmbicana do rio Rovuma, onde foram sepultados de qualche maneira.</p>			
<p>1977/1978?</p>	<p>Data provável da execução dos presos políticos . Conforme Lawe Laweki, não se sabe ao certo, quando é que os presos polícos foram executados. Para Laweki, acredita-se, porém, que eles tenham sido executados entre 1977 e 1978. Para Ncomo , a execução teria ocorrido em 1977. Barnabé Lucas Ncomo, sustenta a sua afirmação no seguinte:” No dia 11 de Outubro de 1978, durante uma recepção assinalando o terceiro aniversário da fundação do SNASP, o Comissário Político deste</p>			<p>Lawe Laweki pag. 264 e Barnabé Lucas Ncomo Pag. 329-330</p>

	<p>serviço, major Abel Assikala, revelou que se havia deslocado a Cabo Delgado em 1977, tendo na altura executado diversos presos políticos, incluindo o Reverendo Simango, Paulo Gumane, Mateus Gwenjere, Joana Simeão, Narciso Mbule, Basílio Banda, Lázaro Nkavandame e Júlio Razão Nilia.</p>			
27.07.80	<p>É publicada a ordem de acção nr. 5/80, onde confirmam a morte por fuzilamento os seguintes desertores e traidores do povo e da causa nacional, que foram executados nomeadamente: Uria Simango, Lázaro Nkavandame, Júlio Razão Nihia, Mateus Gwenjere, Joana Simeão e Paulo Gumane</p>	47	44	<p>A Ordem de Acção 5/80, foi assinada pelo Ministro de Segurança Jacinto Veloso</p>
19.05.1995	<p>Um artigo é publicado no Jornal Savana em 19.05.1995, por Benedito Tomás Muianga, revelou que após o seu rapto de Nairobi, o Padre Gwenjere passou algum tempo em Maputo, após o que foi levado para um centro de “reeducação” norte de Moçambique, onde foi morto em 1977, juntamente com outros presos políticos.</p>	62	27	<p>Semanário Savana datado de 19.05.95, o texto de autoria de Benedito Tomás Muinga</p>





Padre Mateus Pinho Gwenjere na Missão de Murraça



Foto de Padre Gwenjere na parede da Missão de Murraça



Missão de Murraça



Escola Primária de Murraça

**CONFIDENCIAL**

INFORMAÇÃO Nº. 306 - CI (2)

50

3894-CI(2)

DISTRIBUIÇÃO:

Presidência do Conselho  
Ministério da Defesa Nacional  
Ministério do Ultramar  
Ministério dos Negócios Estrangeiros  
Secretariado-Geral da Defesa Nacional

- MOLIMO  
- "Baraza Ya Wazee"  
- 79 Sede

ASSUNTO: ACTIVIDADES DO "MOLIMO"  
ORIGEM: D.G.S. - MOÇAMBIQUE  
DATA DE ORIGEM: 11/3/71  
CLASSIFICAÇÃO: NÃO INDICADA



Do R.I. v.º. 491/21-DI/2/se,  
de 2/3/71, de Moçambique.

Uma facção dentro do "MOLIMO" pretende fundir-se com um outro denominado "BARAZA YA WAZEE", para o que teria sido solicitado o respectivo registo às autoridades quenianas que, dentro da sua linha de orientação, recusaram tal autorização.

"BARAZA YA WAZEE" significa "Assembleia dos Velhos" e diz-se ser o verdadeiro grupo de URIA SIMANGO. JOÃO DA COSTA RAJABU surge como "secretário" deste grupo e procura arranjar um novo nome para o mesmo. Neste grupo não são admitidos macondes, changanes e songas.

Os chefes do grupo, a resultar da fusão destes dois movimentos, são:

VASCO CAMPIRA MBOYA  
JOÃO DA COSTA RAJABU  
ANDRÉ MASSAITE  
CAMINHO  
JOSÉ MARCELINO NKULADZIMA  
TIAGO MARQUEZA OLECE

A sede do grupo será na Zâmbia e terá como dirigente máximo o Padre MATEUS PINHO GUENGERE.

Segundo a mesma notícia, foram organizados dois grupos que se deslocarão a Dar-es-Salaam e Nachingwea com o fim de assassinar MARCELINO DOS SANTOS, JOAQUIM CHISSANO e SAMORA MACHEL.

**CONFIDENCIAL**

INFORMAÇÃO Nº. 54 - CI (2)

58

3894-0161

DISTRIBUIÇÃO:

Presidência do Conselho  
Ministério da Defesa Nacional  
Ministério do Ultramar  
Ministério dos Negócios Estrangeiros  
Secretariado-Geral da Defesa Nacional

- COREMO
- *Caixa de correio*
- *fechado*
- *Je Sude.*

ASSUNTO: ACTIVIDADES DO "COREMO"  
ORIGEM: D.G.S. - MOÇAMBIQUE  
DATA DE ORIGEM: 6/1/71  
CLASSIFICAÇÃO: B - 2



O último carregamento de armas para a base Macheka, do "COREMO", saiu de Lusaka às 10 horas de 31/12/70, no camião EU 7012, de PENNY ZUDA.

Crê-se que este carregamento finaliza a dotação atribuída ao "COREMO".

Esta base, segundo afirmação de GABRIEL MACHAVA, dispõe já de 20 terroristas recrutados em Nyimba.

PAULO GUMANE pretende contactar com todos os elementos dissidentes da "PRELIMO", com vista a levá-los para o "COREMO" especialmente URIA SIMANGO, Padre MATEUS, JUDAS HONWANA, LOURENÇO MUTACA, FILIPE MASQUIL, GILBERTO WAYA, ANTÓNIO TSCHAPOH, ALFREDO MONDLANE e JOSÉ CHICWARA.

Segundo a mesma notícia, a infiltração em Moçambique de elementos do "COREMO", só se fará depois do curso de armas, sabotagem e minas, que terá a duração de uma semana, o qual será ministrado por JOÃO DONGA SITHOLE.

\* \* \* \* \*

*Do R.I. n.º 38/71/21/21/10, de 6/1/71, de Moçambique.*

- FRELIMO
- COREMO
- Serviços da Tanzania
- 5 Indvs.

62

DIRECÇÃO GERAL DE SEGURANÇA

DELEGAÇÃO DE MOÇAMBIQUE

3894-2121

Recebido em	ENTRADA N.º
Centro de Informação (2)	DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO
Direcção - Geral de Segurança	



P.º. 8-GAB	R E L A T Ó R I O	N.º. 2532/70/DI/2/SC
Data da recepção da notícia 5-12-70	Classificação de segurança CONFIDENCIAL	Data 10-12-70
Entidade informadora DGS/SUBBR	País zona ou região TANZÂNIA	Classificação C-3
Origem INFO	Assunto: CARTA DO Pe <u>POLLET</u> PA RA JOSÉ JOÃO DE SOUSA	Ref.º. - - - -

1. O Padre POLLET e o nativo JOSÉ JOÃO DE SOUSA estão no conhecimento e na posse dos seguintes elementos:
  - a. A Polícia tanzaniana, ao saber de qualquer tentativa de fuga de elementos da FRELIMO, prende-os e entrega-os a SAMOR MACHEL que, por sua vez, os encaminha para NACHINGWEA, sob prisão.
  - b. O secretário do Padre MATEUS, BASÍLIO BANDA, está a tratar da transferência para a ZÂMBIA, a fim de ingressar no COREMO.

NOTAS: O Padre POLLET encontra-se na Missão de LIGULA, ligado à FRELIMO.

Direcção - Geral de Segurança DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO Centro de Informação (2)
ENTRADA N.º <u>18182</u>
Recebido em <u>14/12/70</u>

-O nativo JOSÉ JOÃO DE SOUSA é soldador de uma Companhia portuguesa, em BLANTYRE.

-BASÍLIO BANDA encontra-se em TABORA-TANZÂNIA.

O DIRECTOR,  
a) ilegível

NOTA:

A fonte comenta que o interesse do Padre WALSH é movido pelo anúncio do ingresso do padre MATEUS PINHO GUENGERE no "COREMO", onde ocuparia o cargo de "conselheiro" e "vice-presidente". No entanto, parece tratar-se de mais uma manobra do GUMANE.

\*\*\*\*\*

Nº. 2

DATA DE ORIGEM: 27/10/70

CLASSIFICAÇÃO: B - 2



Em reforço dos sintomas de desorganização e decadência, que grassam no seio do "COREMO", refere-se que a facção oposta a GUMANE e encabeçada por ABSALÃO (ou ABSOLOM)BAHULE, conta com mais os seguintes elementos: FRANCISCO JOSÉ MARIA e JOAQUIM NAWAWA.

Surtem ainda indícios de que os membros a seguir indicados não concordam igualmente com a política seguida pelo GUMANE:

- BERNARDO FOTE
- FERNANDO DAGANHARE MUCHANGA
- PENNY ZUDA e
- PETER BALAMANJA.

\*\*\*\*\*

NOTA: Na Província de Moçambique estas informações foram distribuídas às seguintes entidades:

- CCM
- 3ª.RA
- RMM
- CNM
- CGPSP
- SCCIM

3/11/70

rer" e a "limpar" na "FRELIMO", "isso é trabalho da África inteira"

- (2) O padre MATEUS PINHO GUENGUERE e que de há muito se achava desavindo com a "FRELIMO", aderiu ao caso SIMANGO, e, em face disso, estará tentando apoio para o mesmo em Dar-es-Salaam, E.U.A.; U.R.S.S. e China;
- (3) O ex-missionário moçambicano, padre CHARLES POLLET (que ao referir-se à "FRELIMO" a designa por "nossa Frelimo") movimenta-se incansavelmente, na Tanzânia, a fim de congregar pró-SIMANGO todos com quantos pode contactar pessoalmente e por escrito. E no meio combatente, diligencia com vista a organizar um movimento de pressão junto da "OUA", favorável a SIMANGO.
- (4) Por sua vez, URIA SIMANGO dispõe de um campo na Tanzânia (Kongwa), para agrupamento de todos os dissidentes da "FRELIMO", correndo rumores de que conta já com 85 elementos; há uma outra versão, que eleva este número para 800 (o que se considera exagerado) na sua quase totalidade de Manica e Sofala, por não admitir gente do sul, em especial de Lourenço Marques. Acrescentam tais rumores, que o URIA SIMANGO já teria elaborado os estatutos para a criação de um novo partido e que aguarda, esperançado, uma decisão favorável da "OUA" sobre as suas acusações contra MARCELINO DOS SANTOS e SAMORA MACHELE, a fim de dar início ao seu movimento. URIA SIMANGO, contará de início, com a participação de alguns elementos bastante conhecidos das massas, tais como:
  - MICUEL MURUPA;
  - MANUEL DOS SANTOS;
  - FRANCISCO KUFA;
  - EDUARDO COLOMA;
  - MARIANO MATSINHA e
  - SAMUEL DHLAKAMA ou JAKAMA.No entanto, para dirigir o novo partido, referem-se os seguintes:
  - URIA SIMANGO;
  - PADRE MATEUS;
  - MARIANO MATSINHA;
  - FRANCISCO KUFA e
  - DOMINGOS TESOURA.
- (5) Algumas representações diplomáticas em Dar-es-Salaam (ou pelo menos alguns dos seus membros), segundo fonte afecta a URIA SI-